



O MAGO

A SENHORA DO IMPÉRIO

RAYMOND E. FEIST
& JANNY WURTS

Tradução de José Remelhe e Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



*Este livro é dedicado a Kyung e Jon Conning,
com gratidão pelas ideias e pela amizade*

AGRADECIMENTOS

Ao longo de cinco anos, em que escrevemos três romances juntos, ficamos em dívida para com as seguintes pessoas cujo contributo foi fundamental para que o trabalho se revelasse tão gratificante, tanto para nós como para os leitores. O nosso obrigado:

Aos *Friday Nighters*, que estiveram na origem de tudo quando R.E.F. perguntou onde ficava Midkemia, levando a que se tornasse impossível não escrever a história.

Aos nossos editores, que nos acompanharam desde o início, Adrian Zackheim, Jim Moser, Pat LoBrutto e Janna Silverstein, por nos darem toda a liberdade.

A Elaine Chubb pela continuidade e aperfeiçoamento.

A tantas pessoas nas nossas editoras, que se interessam mais do que lhes seria pedido no desempenho das suas funções e que trabalham muito mais do que lhes seria exigido, aqueles que já foram para outros locais e aqueles que permanecem connosco.

A Jonathan Matson, por ser muito mais do que um agente.

A Mike Floerkey, pelas sugestões técnicas e por espalhar a palavra.

E a Kathlyn Starbuck e Don Maitz, por aturarem R.E.F. e J.W., respetivamente, quando se tornou impossível viver connosco durante os últimos seis anos. O facto de ainda estarmos casados revela imenso quanto à vossa paciência e amor.

Raymond E. Feist
Janny Wurts
San Diego, CA/Sarasota, FL
Junho de 1991

TRAGÉDIA

O sol da manhã raiou.

O orvalho cobriu de joias a relva das margens do lago e o chamamento das *shatra* nos ninhos foi levemente transportado pela brisa. A Senhora Mara dos Acoma saboreou o ar, que rapidamente iria dar lugar ao calor do dia. Sentada na sua liteira, com o marido ao seu lado e o seu filho de dois anos, Justin, a dormir no colo, ela cerrou os olhos e, satisfeita, inspirou profundamente.

Fez deslizar os dedos pela mão do marido. Hokanu sorriu. Era inegavelmente belo e um guerreiro com provas dadas, e os tempos de acalmia não haviam suavizado o seu porte atlético. Apertou possessivamente a mão sobre a dela, com a sua força mascarada por ternura.

Os últimos três anos tinham sido bons. Pela primeira vez desde a infância, ela sentiu-se segura, a salvo das mortíferas e intermináveis intrigas políticas do Jogo do Conselho. O inimigo que lhe matara o pai e o irmão já não a podia ameaçar. Já não passava de pó e de recordações, a sua família desabara com ele: o Imperador tinha concedido a Mara as suas terras ancestrais e a herdade magnificamente equipada.

Diz a superstição que a má sorte infeta a terra de uma família caída em desgraça; numa manhã maravilhosa como aquela, o infortúnio parecia ausente. Conforme a liteira avançava lentamente junto à margem, o par partilhou da paz do momento enquanto observavam a casa que, juntos, tinham edificado.

Aninhado entre colinas íngremes e rochosas, o vale que inicialmente pertencera aos Senhores Minwanabi não era somente defensável por natureza, mas tão belo como se tivesse sentido o toque dos deuses. O lago refletia um céu plácido, com as águas onduladas pelas remadas rápidas de um esquife mensageiro que transportava despachos para agentes na Cidade Sagrada. Lá, barcas de cereais, impulsionadas por escravos com varas que entoavam cânticos, entregavam as colheitas desse ano a entrepostos para armazenar até que as cheias da primavera permitissem o transporte rio abaixo.

O vento seco outonal encrespou a relva dourada e o sol matinal iluminou os muros da herdade como alabastro. Do outro lado, numa cavidade natural, os Comandantes das Forças Armadas Lujan e Xandia treinavam uma força militar conjunta de guerreiros acoma e shinzawai. Dado que

Hokanu um dia herdaria o título do seu pai, o casamento com Mara não fundira as duas Casas. Guerreiros envergando o verde dos Acoma marcharam juntamente com outros ostentando o azul dos Shinzawai, com as fileiras salpicadas de negro por divisões de insetos cho-ja. Juntamente com as terras dos Minwanabi, a Senhora Mara conquistara uma aliança com duas colmeias adicionais, e com elas a força lutadora de mais três companhias de guerreiros criados pela sua Rainha para combater.

Um inimigo suficientemente louco para lançar um ataque estaria a pedir uma rápida aniquilação. Mara e Hokanu, com leais vassalos e aliados, comandavam entre eles um incomparável e prestigiado exército no seio das Nações. Apenas os próprios Brancos Imperiais, com soldados recrutados a outras Casas sob a sua soberania, poderiam rivalizar com estes dois exércitos. E se tropas de excelência e uma fortaleza praticamente inexpugnável não bastassem para assegurar a paz, o título de Serva do Império, conferido a Mara pelos seus serviços aos Tsuranuanni, facultava-lhe a adoção honorária na própria família do Imperador. Os Brancos Imperiais estavam também prontos a marchar em defesa dela, pois pela honra essencial à cultura tsurani, insultos e ameaças a ela eram uma ofensa a toda a família de sangue da Luz do Céu.

— Pareceis tremendamente satisfeita esta manhã, esposa — disse-lhe Hokanu ao ouvido.

Mara apoiou a cabeça no ombro dele, com os lábios abertos para acolher o seu beijo. Se, no fundo do seu coração, ela sentia a falta da paixão selvagem que conhecera com o ruivo escravo bárbaro que gerara Justin, acabara por aceitar essa perda. Hokanu era uma alma gémea que partilhava a sua argúcia política e tinha uma tendência para a inovação. Era perspicaz, amável e devoto a ela, assim como tolerante com a sua teimosia, algo pouco comum entre os homens da sua cultura. Com ele, Mara falava com um igual. O enlace originara um profundo e duradouro contentamento e apesar de não ter esmorecido o interesse dela no Grande Jogo do Conselho, agora já não jogava com medo. O beijo de Hokanu aqueceu o momento como se fosse vinho, até que um grito agudo abalou a tranquilidade.

Mara endireitou-se, abandonando o abraço de Hokanu, com o seu sorriso espelhado nos olhos negros do marido. — Ayaki — concluíram em simultâneo. Logo a seguir, ecoou pelo caminho junto ao lago o som atoador de cascos a galopar.

Hokanu apertou o braço em volta do ombro da esposa quando os dois se inclinaram para ver as brincadeiras do filho mais velho e herdeiro de Mara.

Um cavalo negro como o carvão irrompeu por entre as árvores, com a crina e a cauda a esvoaçar ao vento. Tinha borlas verdes a enfeitar as rédeas e uma couraça debruada a pérolas impedia a sela de deslizar para trás ao

longo da barriga e lombo esguios. Agachado sobre os estribos lacados, estava um rapaz, com doze anos recentemente completados, e com o cabelo tão preto como o da sua montada. Controlou o cavalo para que desse a volta e fê-lo correr na direção da liteira de Mara, com o rosto congestionado devido à excitação da velocidade e com a sua esplêndida túnica decorada com lantejoulas a esvoaçar para trás como se fosse uma bandeira.

— Está a tornar-se um cavaleiro bastante arrojado — comentou Hokanu, com admiração. — E o presente de aniversário parece estar a ser bem apreciado.

Mara olhou, com um prazer radioso estampado no rosto, enquanto o rapaz dirigia a montada para o carreiro. Ayaki era a sua alegria, a pessoa que mais amava na vida.

O cavalo negro encrespou a cabeça em protesto. Era fogoso e ansiava por correr. Ainda não completamente à vontade com os enormes animais importados do mundo bárbaro, Mara, apreensiva, susteve a respiração. Ayaki herdara um traço rebelde do seu pai e nos anos que se seguiram a ter escapado por um triz à faca de um assassino, era dominado amiúde por um espírito algo irrequieto. Por vezes, parecia desafiar a morte, como se desafiar o perigo servisse para lhe reafirmar a vida que lhe corria nas veias.

Mas, naquele dia, não era um desses momentos e o cavalo fora escolhido pela obediência e pela rapidez. Resfolegou de modo irascível e submeteu-se às ordens, e seguiu a passo ao lado dos transportadores da liteira de Mara, que dominaram a tentação de se afastarem do enorme cavalo.

A senhora ergueu a cabeça quando o rapaz e o cavalo lhe encheram o campo de visão. Ayaki iria ter os ombros largos, legado de ambos os seus avôs. Herdara a tendência dos Acoma para a magreza e toda a teimosia corajosa do seu pai. Apesar de Hokanu não ser o seu verdadeiro pai, os dois partilhavam uma camaradagem e um respeito mútuos. Ayaki era o tipo de rapaz que deixaria qualquer pai orgulhoso e já estava a demonstrar a coragem de que necessitaria quando chegasse à idade adulta e acesse por direito próprio ao Jogo do Conselho na qualidade de Senhor dos Acoma.

— Jovem fanfarrão — gozou Hokanu. — Os nossos transportadores deverão ser os únicos no Império a quem é concedido o privilégio de usar sandálias, mas se achais que vamos convosco correr para os prados, de certeza que teremos de recusar.

Ayaki riu-se. Os seus olhos escuros fixaram-se na mãe, que estava a apreciar toda a alegria do momento. — Para ser sincero, era capaz de ir pedir ao Lax'l se poderia testar a nossa velocidade contra um cho-ja. Seria interessante perceber se os guerreiros dele conseguiriam bater um grupo de cavalaria dos bárbaros.

— Isso se estivéssemos em guerra, o que felizmente de momento não acontece, os deuses sejam louvados — comentou Hokanu, num tom levemente mais sério. — Tratei de controlar os vossos modos e, ao pedi-lo, nada de ofender a dignidade do Comandante das Forças Armadas Lax'l.

O sorriso de Ayaki tornou-se ainda maior. Tendo crescido junto dos estranhos Cho-ja, não se sentia de forma alguma intimidado pelo bizarro modo de ser deles. — O Lax'l ainda não me perdoou por lhe ter dado um fruto *jomach* com uma pedra dentro.

— Ele perdoou — interpôs-se Mara —, mas depois disso ficou mais atento às vossas partidas, o que é inteligente. Os Cho-ja não têm o mesmo apreço por partidas que os humanos. — Ela olhou para Hokanu antes de prosseguir. — Na verdade, acho que nem percebem o nosso sentido de humor.

Ayaki fez uma careta e o cavalo negro curvou-se debaixo dele. Os transportadores da liteira mudaram de direção face aos seus cascos irrequietos e o safanão perturbou o jovem Justin, que despertou com um choro de irritação.

O cavalo negro assustou-se com o ruído. Ayaki dominou o animal com mão firme, mas o cavalo irrequieto recuou umas passadas. Hokanu manteve o rosto impassível, embora tenha sentido uma grande vontade de rir face à feroz determinação e controlo do rapaz. Justin aplicou um enérgico pontapé na barriga da mãe. Ela dobrou-se para a frente, erguendo-o rapidamente com os braços.

E então algo passou velozmente junto à orelha de Hokanu, vindo de trás dele, levando a que as colgaduras da liteira esvoaçassem. Surgiu um pequeno buraco na seda no local onde estivera pouco antes a cabeça de Mara. Hokanu lançou precipitadamente o seu corpo contra os da sua mulher e do seu filho e rodopiou para olhar para trás. Por entre as sombras dos arbustos junto ao carreiro, algo preto se mexeu. Instintos ganhos em batalha levaram Hokanu a agir sem pensar.

Empurrou a mulher e o filho mais novo para fora da liteira, mantendo o seu corpo à frente para servir de escudo. O seu salto abrupto fez com que a liteira se voltasse, proporcionando-lhes mais cobertura. — O silvado! — gritou, enquanto os transportadores tombavam.

Guardas desembainharam prontamente as espadas para defenderem a sua senhora. Mas hesitaram, ao não verem um alvo claro para atacar.

— Mas o que... — exclamou Mara, confusa por detrás de um amontoado de almofadas e cortinas rasgadas, sobre o pranto de Justin.

Hokanu virou-se para os guardas e gritou:

— Atrás dos arbustos das *akasi*.

O cavalo bateu com as patas no chão, como se tentasse pisar um mos-

quito irritante. Ayaki sentiu a sua montada a estremecer debaixo de si. As orelhas do cavalo retesaram-se e este agitou a espessa crina, enquanto ele tentava controlá-lo com as rédeas. — Calma, amigo. Quietos. — O alerta do padraço não lhe chegou aos ouvidos, tão concentrado que estava em controlar o seu corcel.

Hokanu espreitou por cima da liteira. Os guardas estavam já a vasculhar os arbustos que ele indicara. Assim que se voltou para verificar a possibilidade de um atacante oriundo do outro lado, viu Ayaki a tentar freneticamente acalmar um cavalo cada vez mais perigosamente assustado. Um reflexo de lacado sob a luz do sol revelou um pequeno dardo cravado no flanco do cavalo. — Ayaki! Saltai!

O cavalo deu um violento coice. O dardo na pele desempenhara a sua tarefa e um veneno que afeta os nervos percorreu os vasos sanguíneos do animal. Revirou os olhos exibindo grandes anéis brancos. Empinou-se e ergueu as patas dianteiras e da sua garganta jorrou um grito penetrante quase humano.

Hokanu saltou para longe da liteira. Agarrou as rédeas do cavalo, mas os cascos duros obrigaram-no a recuar. Agachou-se, tentou deitar-lhe a mão outra vez, mas falhou quando o cavalo deu a volta. Já suficientemente habituado aos comportamentos equinos para saber que aquele animal tinha enlouquecido, gritou para o rapaz que estava agarrado com ambas as mãos ao seu pescoço.

— Ayaki! Saltai daí! Já, rapaz!

— Não — gritou a criança, não para o desafiar, mas sim por bravura. — Eu consigo acalmá-lo.

Hokanu saltou de novo para agarrar as rédeas, terrivelmente aterrado com a sua própria segurança. A preocupação do rapaz poderia ser justificável se o cavalo estivesse meramente assustado. Mas Hokanu já antes vira os efeitos de um dardo envenenado; reconheceu o significado do estremecer da carne do cavalo e da súbita falta de coordenação: eram os sintomas de um veneno de ação rápida. Se o dardo tivesse atingido Mara, a morte ter-se-ia apossado dela em poucos segundos. Num animal com um tamanho dez vezes superior ao seu, o fim seria mais lento e brutalmente doloroso. O cavalo urrou de agonia e um espasmo abalou o seu enorme corpo. Expôs uns dentes amarelos e debateu-se com o bridão, enquanto Hokanu mais uma vez não conseguia agarrá-lo. — Veneno, Ayaki! — gritou sobre o ruído provocado pelo cavalo frenético. Hokanu atirou-se para a frente para tentar apanhar o estribo, na esperança de agarrar o rapaz. As patas dianteiras do cavalo enrijeceram-se, esticando para a frente quando os músculos se retesaram. E então os seus quartos cederam e tombou, apanhando e esmagando o rapaz sob o seu peso.

O baque produzido pelo corpo pesado a embater na terra misturou-se com o grito de Mara. Ayaki resistiu até ao fim a libertar-se do cavalo. Ainda montado no animal, foi atirado de lado, e o seu pescoço chicoteou para trás conforme a força da queda o projetava por cima do carreiro. O cavalo estremeceu e rebolou para cima do rapaz.

Ayaki não abriu a boca. Hokanu evitou à tangente ser atingido pelos cascos quando correu precipitadamente em volta do animal em sofrimento. Chegou num ápice perto do rapaz, mas já era demasiado tarde. Entalado debaixo do peso do cavalo moribundo e tremente, a criança pareceu demasiado pálida para ser real. Os seus olhos escuros incidiram em Hokanu e a sua mão livre esticou-se para agarrar a do seu padraсто uma fração de segundo antes de a morte chegar.

Hokanu sentiu os dedos pequenos e sujos ficarem frouxos dentro da sua própria mão. Agarrou-se a uma raiva de pura negação. — Não! — gritou, como que apelando aos deuses. Ouviu os gritos de Mara a soarem nos seus ouvidos e apercebeu-se dos soldados da guarda de honra dela a empurrarem-no para tentarem erguer o cavalo morto. A montada foi rodada para o lado, com o sopro de ar libertado pelos pulmões a gemer através das suas cordas vocais. No que tocava a Ayaki, não haveria tal manifestação na terrível e precoce morte. A cernelha da montada esmagara-lhe o peito e as costelas haviam perfurado a carne esmagada como se fossem pedaços de espadas partidas.

O rosto jovem, com as suas faces demasiado brancas, continuava de olhos fixos, abertos e espantados, no céu pacífico lá no alto. Os dedos com que tentara agarrar o seu padraсто em quem tanto confiava para evitar o horror das trevas estavam vazios, abertos, com a crosta de sangue num polegar a servir de último testemunho do treino intensivo com uma espada de madeira. Aquele rapaz nunca conheceria as honras ou os horrores de uma batalha, ou o beijo terno da sua primeira namorada, ou o orgulho e a responsabilidade do manto de senhor que um dia estaria destinado a ser seu.

O caráter definitivo de um fim súbito deixa uma dor semelhante a um ferimento que sangra. Hokanu ficou pesaroso e sem querer acreditar no sucedido. A sua mente só conseguiu contornar o choque graças à experiência nos campos de batalha. — Cobri a criança com o seu escudo — ordenou. — A mãe não o deve ver neste estado.

Mas as palavras saíram demasiado tarde dos lábios entorpecidos. Mara apareceu repentinamente atrás dele e ele sentiu a agitação das suas vestes de seda na barriga da perna quando ela se deixou cair de joelhos junto ao filho. Esticou os braços para o abraçar, para o erguer do chão de terra, como se, pela mera força do amor, lhe pudesse devolver a vida. Mas as mãos dela detiveram-se no ar sobre os pedaços de carne rasgada que em tempos ti-

nham constituído o corpo de Ayaki. A boca dela abriu-se, mas de lá não saiu qualquer som. Algo se quebrou dentro dela. Instintivamente, Hokanu agarrou-a por trás e aconchegou-a ao ombro.

— Partiu para os salões do Deus Vermelho — murmurou. Mara não respondeu. Hokanu sentiu a batida acelerada do coração dela sob as suas mãos. Só tardiamente ele reparou no tumulto no silvado ao lado do carro. A guarda de honra de Mara atirou-se com sede de vingança sobre o corpo vestido de negro do assassino. Antes de Hokanu conseguir recompor-se para ordenar contenção — pois vivo o homem poderia ser obrigado a revelar qual fora o inimigo que o contratara —, os guerreiros puseram um ponto final no assunto.

As suas espadas ergueram-se e tombaram, num vermelho-vivo. Em poucos segundos, o assassino de Ayaki jazia golpeado como um vitelo de *needra* esquarterado na banca de um talhante.

Hokanu não sentiu pena do homem. Por entre o sangue, reparou na camisa curta e nas calças pretas, nas mãos sanguinolentas enquanto os soldados o voltavam. A cobertura para a cabeça, que ocultava tudo exceto os olhos do homem, foi puxada para o lado para mostrar uma tatuagem azul sobre a face esquerda. Aquela marca só poderia ser usada por um membro da Seita dos Hamoi, uma irmandade de assassinos.

Hokanu ergueu-se vagarosamente. Não interessava que os soldados tivessem eliminado o assassino: ele teria morrido com agrado antes de divulgar qualquer informação. A seita operava respeitando um rigoroso código de sigilo e de certeza que o assassino não saberia quem pagara ao seu líder por aquele ataque. E o único nome que interessava era o do homem que contratara os serviços da irmandade Hamoi.

Num recanto insensível da sua mente, Hokanu compreendeu que a tentativa de matar Mara não saíra barata. Aquele homem não poderia ter a esperança de sobreviver à sua missão e um ataque suicida valeria uma fortuna.

— Vasculhai o corpo e procurai o rasto que deixou através das herdades — ouviu-se a dizer numa voz endurecida pelas emoções que fermentavam dentro dele. — Vede se conseguis descobrir quaisquer pistas relativas a quem possa ter contratado o assassino da seita.

O Líder de Ataques dos Acoma que estava em comando fez uma vénia ao amo e debitou ordens severas aos homens.

— Deixai uma guarda ao corpo do rapaz — acrescentou Hokanu. Dobrou-se para confortar Mara, não se surpreendendo por ela continuar muda, combatendo o horror e a descrença. O seu marido não a culpou por não lograr manter a compostura e mostrar a apropriada impassibilidade tsurani. Ayaki fora durante muitos anos a única família que ela conhecera;

não tinha outros parentes de sangue. A vida dela antes do nascimento dele já fora atormentada por demasiadas perdas e mortes. Hokanu aninhou o pequeno e trémulo corpo dela contra o seu enquanto acrescentava as instruções necessárias relativas ao rapaz.

Mas quando os preparativos se completaram e Hokanu ternamente tentou afastar Mara, ela debateu-se. — Não! — disse, com uma voz estrangulada pela dor. — Não vou deixá-lo aqui sozinho!

— Minha senhora, já nada podemos fazer pelo Ayaki. Já está nos salões do Deus Vermelho. Apesar da tenra idade, enfrentou a morte com coragem. Será bem acolhido. — Afagou o cabelo escuro dela, ensopado pelas lágrimas, e tentou acalmá-la. — Ficareis melhor lá dentro junto daqueles que gostam de vós, e o Justin ao cuidado das amas.

— Não — repetiu Mara, num tom de voz que ele instintivamente optou por não contrariar. — Não saio daqui.

Apesar de passado algum tempo ter consentido que o agora seu único filho fosse enviado para a casa senhorial sob a proteção de uma companhia de guerreiros, ela sentou-se, sob o calor matinal, no solo poeirento, a olhar fixamente para o rosto do seu primogénito.

Hokanu nunca saiu de junto dela. O cheiro fétido da morte não o afastou, nem sequer as moscas que enxamearam, zumbiram e sugaram os olhos do corpo perfurado da montada. Controlado como se estivesse num campo de batalha, enfrentou o pior e fez-lhe frente. Em voz baixa enviou um escravo mensageiro para ir buscar criados e uma pequena tenda de seda para proporcionar sombra. Mara nunca desviou o olhar quando o toldo foi colocado por cima dela. Ignorando a presença das pessoas em redor dela, joeirou terra por entre os dedos, até que uma dúzia dos seus melhores guerreiros chegou com armaduras cerimoniais para transportar dali o seu filho falecido. Ninguém discutiu a sugestão de Hokanu de que o rapaz merecia honras de campo de batalha. Ayaki perecera devido a um dardo inimigo, tão certo como se o veneno se tivesse infiltrado na sua própria carne. Ele recusara-se a abandonar o seu adorado cavalo, e tal coragem e responsabilidade em alguém tão novo mereciam toda a consideração.

Mara observou, com uma expressão rígida como porcelana, enquanto os guerreiros levantavam o corpo do seu filho e o colocavam num féretro ornamentado com flâmulas do verde dos Acoma, uma única escarlate, em honra do Deus Vermelho presente na vida de todos.

A brisa da manhã deteve-se e os guerreiros começaram a transpirar ao desempenhar a sua tarefa. Hokanu ajudou Mara a levantar-se, desejando que ela não soçobrasse. Ele tinha noção do esforço que necessitava de fazer para manter a sua própria compostura e não apenas por causa de Ayaki. O seu coração sangrava igualmente por Mara, cujo sofrimento ele mal con-

seguia imaginar. Ajudou-a a caminhar quando ela se colocou ao lado do fêretro e o lento cortejo desceu o declive, em direção à casa senhorial que apenas umas horas antes parecera um lugar abençoado pela felicidade.

O facto de os jardins se mostrarem tão luxuriantes e as margens do lago tão verdejantes e belas, enquanto o rapaz no fêretro se apresentava tão ensanguentado, destroçado e imóvel, parecia um crime antinatura.

Os transportadores de honra detiveram-se diante da porta de entrada da frente, utilizada em ocasiões cerimoniais. Os mais leais servos da casa senhorial estavam à sombra da enorme portada de pedra. Um a um, curvaram-se perante o fêretro, para homenagear o jovem Ayaki. Eram liderados por Keyoke, Conselheiro Principal para a Guerra, com o cabelo grisalho devido à passagem do tempo e transportando embrulhada na sua capa de cerimónia, para não incomodar, a bengala que lhe permitia movimentar-se, depois de ferimentos de guerra lhe terem custado uma perna. Conforme entoava as palavras rituais de pesar, ergueu o olhar para Mara, exibindo uma dor equivalente à de um pai, encastrada em olhos escuros e numa expressão que se assemelhava a uma tábua de madeira velha. Atrás dele, aguardava Lujan, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma, já sem o seu habitual sorriso jovial e com o olhar fixo atormentado por um pestanejar que lhe sustinha as lágrimas. Guerreiro até ao âmago do seu ser, só a custo conseguiu manter a compostura. Ensinara o rapaz que seguia no fêretro a defender-se com uma espada e ainda naquela manhã elogiara a sua crescente perícia.

Tocou na mão de Mara à passagem desta. — O Ayaki poderia ter apenas doze anos, minha senhora, mas era já um guerreiro exemplar.

A senhora mal assentiu em resposta. Conduzida por Hokanu, prosseguiu para o *hadonra*, a presença seguinte na fila. Pequeno, e tímido, Jican mostrava um ar destroçado. Conseguira recentemente fazer despertar o interesse do inconstante Ayaki nas artes das finanças da herdade. Os jogos deles com recurso a conchas para representar os bens dos Acoma que poderiam ser comercializados já não desestabilizariam o recanto da copa reservado ao pequeno-almoço. Jican atrapalhou-se com as palavras formais de compaixão para com a sua senhora. Os seus circunspectos olhos castanhos pareceram refletir a dor dela quando esta prosseguiu, acompanhada pelo esposo, na direção do seu jovem conselheiro Saric e do assistente dele, Incomo. Ambos tinham engrossado recentemente as fileiras do pessoal da casa senhorial, mas Ayaki conquistara o afeto deles tanto como de quaisquer outros. As condolências que apresentaram a Mara eram sentidas, mas ela mostrou-se incapaz de reagir. Apenas a mão de Hokanu no seu cotovelo a impediu de soçobrar ao subir as escadas para aceder ao corredor.

O súbito passo na direção da sombra levou Hokanu a arrepiar-se. Pela

primeira vez, a cantaria maravilhosamente coberta com azulejos não lhe proporcionou uma sensação de abrigo. Os belos biombos pintados que ele e Mara haviam encomendado não o deixaram tolhido de espanto. Em vez disso, sentiu uma torturante incerteza; a morte do jovem Ayaki teria sido uma manifestação do desagrado dos deuses, por Mara ter reclamado como despojos as propriedades dos seus inimigos derrotados? Os Minwanabi que em tempos tinham caminhado por entre aquelas paredes haviam jurado uma vingança de sangue contra os Acoma. Olvidando a tradição, Mara não enterrara o *natami* deles, a pedra talismã que assegurava aos espíritos dos mortos a Roda da Vida, desde que permanecesse sob a luz do sol. As sombras duradouras de inimigos subjugados projetariam má fortuna sobre ela e os seus filhos?

Temendo pela segurança do pequeno Justin, e repreendendo-se intimamente por ceder à superstição, Hokanu concentrou-se em Mara. Se a morte e a perda sempre a tinham enrijecido, tornando-a mais corajosa e pronta a entrar em ação, desta vez ela pareceu-lhe tremendamente devastada. Ela viu o corpo do rapaz no salão grande, e os seus passos mais pareceram os de um boneco animado por via do feitiço de um mago. Sentou-se imóvel na lateral do féretro enquanto a criada lavava a carne rasgada do seu filho e o vestia com as sedas e as joias que lhe pertenciam enquanto herdeiro de uma grande Casa. Hokanu passou por perto dela, sofrendo por se sentir completamente inútil. Mandara vir comida, mas a sua senhora não comera. Pedira a um curandeiro que preparasse um soporífero, desejando, esperando até, que isso provocasse uma reação irada.

Mara mal abanou a cabeça e afastou a taça.

As sombras no chão estenderam-se conforme o sol cruzava o céu e as janelas no teto deixaram entrar ângulos de luz cada vez mais inclinados. Quando o escriba enviado por Jican bateu discretamente pela terceira vez à porta principal, Hokanu tratou finalmente do assunto e disse ao homem que procurasse Saric ou Incomo, para elaborar a lista de Casas nobres que deveriam ser informadas da tragédia. Nitidamente, Mara não estava em condições de ser ela a decidir isso. O único movimento dela em horas fora pegar nos dedos frios e enrijecidos do filho.

Lujan chegou por altura do anoitecer, com as sandálias empoeiradas e os olhos mais fatigados do que alguma vez mostrara, mesmo em terreno de batalha. Fez uma vénia à sua senhora e ao consorte dela e aguardou por permissão para falar.

Os olhos de Mara permaneceram apaticamente assentes no seu filho.

Hokanu estendeu a mão e tocou-lhe no ombro tenso. — Meu amor, o vosso Comandante das Forças Armadas tem novidades.

A Senhora dos Acoma agitou-se, como se tivesse regressado de repente

de algum lugar bem longínquo. — O meu filho morreu — disse ela, debilmente. — Pela piedade de todos os deuses, deveria ter sido eu.

Com o coração despedaçado devido à dor, Hokanu afastou-lhe para trás uma madeixa de cabelo que saíra do seu lugar. — Se os deuses fossem gentis, o ataque nunca teria ocorrido. — A seguir, ao aperceber-se de que a sua senhora tornara a cair no torpor, voltou-se para o oficial.

Os olhares de ambos os homens cruzaram-se, angustiados. Já tinham visto Mara enfurecida, magoada, mesmo temendo pela sua vida. Sempre reagira com vivacidade e empenho. Aquela apatia não era típica dela e todos os que a amavam temeram que parte do espírito dela tivesse perecido juntamente com o filho.

Hokanu tentou amparar o mais possível aquele fardo. — Dizei-me o que descobriram os vossos homens, Lujan.

Se o Comandante das Forças Armadas de Mara fosse um homem mais fiel às tradições, teria recusado falar; embora Hokanu se tratasse de um nobre, não era Senhor dos Acoma. Mas a facção Shinzawai da casa senhorial estava unida por juramento numa aliança com os Acoma e Mara não estava em condições de tomar decisões sérias. Lujan soltou um suspiro de alívio quase impercetível. A veemência do herdeiro dos Shinzawai era considerável e as novidades trazidas por Lujan não eram animadoras. — Meu senhor, os nossos guerreiros vasculharam infrutiferamente o corpo. Os nossos melhores batedores juntaram-se às buscas e, num buraco onde o assassino aparentemente terá dormido, encontraram isto.

Passou-lhe um símbolo redondo em concha, pintado de escarlate e amarelo, e com uma incisão da chancela triangular da Casa dos Anasati. Hokanu pegou no objeto com um toque que revelou repulsa. O símbolo era daqueles que um Lorde Regente poderia dar a um mensageiro como prova de que lhe fora confiado um recado importante. Não era apropriado a um inimigo confiar tal emblema a um assassino; mas, na verdade, o Senhor dos Anasati não escondia o seu ódio por Mara. Jiro era poderoso e um aliado declarado de Casas que desejavam abolir as novas políticas do Imperador. Era, mais do que um homem de guerra, um erudito, e embora fosse demasiado inteligente para ceder a atos grosseiros, Mara em tempos ofendera-lhe a virilidade: escolhera o irmão mais novo dele para seu primeiro marido e desde então Jiro revelara abertamente a sua animosidade.

Ainda assim, o objeto em concha era ostensivamente pouco subtil para se tratar de uma jogada do Jogo do Conselho. E a Seita dos Hamoi era uma irmandade demasiado astuciosa para permitir o disparate de transportar provas do senhor ou família que os teria contratado. A história deles era secular e as suas condutas protegiam-se no secretismo. Encomendar-lhes

uma morte trazia a garantia de discrição absoluta. O símbolo poderia ser um ardil destinado a lançar as culpas sobre os Anasati.

Hokanu ergueu um olhar de preocupação na direção de Lujan. — Achais que o Senhor Jiro foi o responsável por este ataque?

A sua pergunta era mais uma expressão de dúvida implícita do que uma interrogação. Ao responder expirando ar, tornou-se notório que Lujan também tinha reservas quanto à colocação do símbolo.

Mas o nome do Senhor dos Anasati espicaçou a letargia de Mara. — Foi o Jiro que fez isto? — Ela desviou o olhar do corpo de Ayaki e viu o disco vermelho e amarelo na mão de Hokanu. O seu rosto contorceu-se numa máscara de raiva assustadora. — Os Anasati têm de ser reduzidos a pó que siga ao sabor do vento. O *natami* deles será enterrado em pedaços e os espíritos deles condenados às trevas. Mostrarei por eles menos piedade do que a que demonstrei pelos Minwanabi! — Cerrou as mãos em dois punhos trementes. Fixou o olhar, absorto, entre o marido e o seu Comandante das Forças Armadas, como se o seu odiado inimigo fosse visível através da força do ódio dela. — Nem isso servirá para compensar o sangue do meu filho. Nem isso.

— O Senhor Jiro poderá não ser o responsável — comentou Lujan, com a sua voz habitualmente firme embargada pela dor. — Vós éreis o alvo, e não o Ayaki. Afinal de contas, o rapaz é sobrinho do Senhor dos Anasati. O assassino da seita poderá ter sido enviado por qualquer um dos inimigos do Imperador.

Mas Mara pareceu não ter escutado. — O Jiro irá pagar. O meu filho será vingado.

— Achais que o Senhor Jiro poderá ser o responsável? — repetiu Hokanu para o Comandante das Forças Armadas. Que o jovem herdeiro Anasati o pudesse ser, mesmo depois de ter herdado o manto e o poder que haviam pertencido ao pai, revelaria teimosia e orgulho infantil. Uma mente amadurecida não alimentaria tal rancor; mas com uma arrogância presunçosa, o Senhor dos Anasati poderia muito bem desejar que o mundo soubesse quem fora o responsável pela queda de Mara.

Só que uma vez que Mara era Serva do Império, a sua popularidade espalhara-se por todo o lado. O louco do Jiro poderia ser dominado pela virilidade ofendida, mas de certeza que não de maneira a incitar a ira do Imperador.

Lujan voltou os seus olhos escuros para Hokanu. — Este pedaço de concha é a única prova de que dispomos. O seu caráter óbvio pode afinal ser subtil, como se, ao chamar as atenções para a Casa dos Anasati, a pusessemos de imediato de parte, para procurarmos culpados noutra lado qualquer. — A fúria imiscuiu-se por entre as suas palavras. Também ele de-

sejava reagir furiosamente à atrocidade cometida. — Pouco interessa aquilo que penso — concluiu, de modo severo. A honra exigia que fizesse aquilo que a sua senhora desejasse, sem dúvidas nem hesitações. Se Mara lhe pedisse que reunisse a guarnição dos Acoma e marchasse de forma suicida para a guerra, obedeceria com todo o empenho.

O anoitecer enfraqueceu a luminosidade que atravessava as claraboias no grande salão. Entraram criados, em silêncio, e acenderam as candelas dispostas em redor do féretro de Ayaki. Fumo aromatizado adocicou o ar. O efeito de luzes acolhedoras suavizou a palidez da morte e a sombra cobriu os edemas disformes por debaixo das vestes de seda. Mara estava sentada, sozinha, a velar o corpo do filho. Fitou o seu rosto oval e o cabelo escuro como carvão que, pela primeira vez desde que ela se lembrava, permanecera penteado por mais de uma hora.

Ayaki representara todo o futuro dela, até àquele momento em que o corcel tombara e o esmagara. Representara as suas esperanças, os seus sonhos, e mais: o futuro guardião dos antepassados dela e a continuidade do nome dos Acoma.

A complacência dela custara-lhe a vida.

Mara cerrou os seus dedos brancos no colo. Nunca, nunca, se deveria ter deixado aquietar na crença de que os seus inimigos seriam incapazes de lhe tocar. A sua culpa na lacuna na vigilância seguiu-la-ia até ao fim dos seus dias. E como se tornara tão lúgubre qualquer contemplação do futuro! Ao lado dela jazia uma bandeja com os restos de uma refeição que ela depenicara; a comida não tinha sabor, tanto quanto conseguia lembrar-se. A solicitude de Hokanu não servira para a confortar; conhecia-o demasiado bem e o reflexo da dor e da raiva dela que conseguia sentir nas palavras dele levaram a que se recriminasse ainda mais profundamente.

Apenas o rapaz não demonstrou censura pela tolice dela. Ayaki estava para lá dos sentimentos, fora do alcance do sofrimento ou da alegria.

Mara conteve um espasmo de dor. Desejou intensamente que o dardo tivesse acertado nela, que as trevas que punham fim a tudo pudessem ser dela, e não do filho. O facto de ter outro filho ainda vivo não serviu para diminuir o seu desespero. Dos dois, Ayaki conhecera menos da completude da vida, apesar de ser o mais velho. O pai dele fora Buntokapi dos Anasati, cuja família fora inimiga dos Acoma, numa união que trouxera a Mara muita dor e pouca felicidade. Expedientes políticos levaram-na a encetar artimanhas ardilosas que, apreciadas sob um ponto de vista mais amadurecido, agora lhe pareciam nada menos do que assassínio. Ayaki fora o expiar dela face ao devastador suicídio do pai dele, que teve origem nas próprias maquinações de Mara. Embora pelos princípios do Jogo do Conselho ela

tenha obtido uma vitória memorável, intimamente encarava a morte de Buntokapi como uma derrota. Não fazia diferença que tivesse sido a negligência da família dele a transformá-lo numa ferramenta à disposição dela. Ayaki oferecera-lhe uma oportunidade de atribuir uma derradeira honra à sombra do seu falecido esposo. Ela mostrara-se determinada a que o seu filho ascendesse à grandeza que fora negada a Buntokapi.

Mas agora, todas as esperanças estavam irremediavelmente perdidas. O Senhor Jiro dos Anasati era irmão de Buntokapi e o facto de a conspiração dele ter falhado o alvo e resultado na morte do sobrinho alterara de novo o equilíbrio da balança política. Pois, sem Ayaki, os Anasati estavam livres para retomar a hostilidade, em repouso desde a época do pai dela.

Ayaki crescera rodeado pelos melhores professores e sob total proteção dos seus soldados; mas pagara pelos privilégios da sua posição. Aos nove anos, quase perdera a vida por via da adaga de um assassino. Duas aias e uma adorada antiga servidora da casa foram assassinadas à frente dele e aquela experiência levou a que fosse assolado por pesadelos. Mara resistiu ao desejo intenso de lhe afagar a mão para o reconfortar. A carne estava fria e os olhos dele nunca se abriam refletindo alegria e confiança.

Mara não teve de combater as lágrimas; a raiva face à injustiça serviu para lhe travar a mágoa. Os demónios pessoais que tinham revirado a natureza do pai dele na direção da crueldade inspiraram a melancolia e um espírito sonhador em Ayaki. Apenas nos três derradeiros anos, desde o casamento de Mara com Hokanu, o sol mais brilhante da natureza do rapaz se tornara ascendente.

A fortaleza dos Minwanabi, orgulhava-se Ayaki de realçar, nunca estivera tão protegida; as defesas ali eram inexpugnáveis ao inimigo. Além do mais, Mara era uma Serva do Império. O título transportava consigo a proteção dos deuses e sorte suficiente para manter ao largo o infortúnio.

Agora, Mara repreendia-se por se ter deixado influenciar pela sua ingénua e cega fé. Aproveitara-se suficientes vezes no passado das tradições e das superstições. Fora estupidamente presunçosa para não reparar que as mesmas coisas poderiam ser utilizadas contra ela.

Pareceu-lhe injusto que tivesse sido o filho, e não ela, a pagar por isso.

O pequeno meio-irmão dele, Justin, ajudara a aliviar o espírito lúgubre de Ayaki. O segundo rebento de Mara era filho do escravo bárbaro que ela ainda amava. Bastou-lhe fechar os olhos por uns instantes e surgiu-lhe de pronto na mente o rosto de Kevin, quase sempre a sorrir de alguma piada ridícula, com o seu cabelo e barba ruivos a brilhar como cobre sob o sol de Kelewan. Na companhia dele, não partilhara nenhuma da harmonia que agora gozava com Hokanu. Não, Kevin revelara-se tempestuoso, impulsivo e por vezes arrebatadamente ilógico. Ele não teria escondido dela a sua dor,

teria, isso sim, libertado os seus sentimentos numa tempestade explosiva; o modo intenso como ele vivia a vida poderia ter ajudado Mara a encontrar coragem para enfrentar aquela afronta. O jovem Justin herdara a natureza despreocupada do pai. Era de riso fácil, estava sempre a pregar partidas e já evidenciava ter a língua solta. Tal como o seu pai antes de si, Justin demonstrava um jeito especial para arrancar Ayaki da melancolia. Punha-se a correr com as suas pernas gordas, ou tropeçava e caía a rir-se, ou fazia caretas até se tornar impossível permanecer junto dele em silêncio.

Mas, agora, não haveria mais risos partilhados com Ayaki.

Mara estremeceu, consciente apenas naquele momento da presença de alguém ao seu lado. Hokanu entrara na divisão no modo sinistramente silencioso que aprendera com os habitantes das florestas do mundo bárbaro.

Consciente de que ela reparara nele, pegou-lhe na mão fria, para a colocar na sua, quente. — Minha senhora, já passa da meia-noite. Far-vos-ia bem descansardes um pouco.

Mara desviou-se levemente do féretro. Os seus olhos escuros fixaram-se nos de Hokanu e a compaixão patente no olhar dele levou-a a esvair-se em lágrimas. As belas feições dele turvaram-se e ele puxou-a para si, levando-a a encostar-se ao seu ombro. Era forte, no jeito escassamente musculado do seu pai. E se não revelava a paixão ardente ao modo de Kevin, com ele Mara partilhava um entendimento natural. Era o marido que o pai de Ayaki nunca fora e a sua presença quando a dor se apossava dela era tudo o que a mantinha longe da insanidade. O toque que procurava suavizar a dor dela era o de um homem com capacidade de comando no campo de batalha. Preferia a paz, tal como ela, mas quando a espada se impunha, dispunha da coragem dos tigres que habitavam a selva do outro lado da Brecha.

Agora, tardiamente, os Acoma iriam precisar desses talentos em batalha.

Conforme as lágrimas encharcavam as faces de Mara, ela provou uma amargura sem limites. A culpa que a corroía por dentro tinha um nome que ela poderia transformar em bode expiatório. Jiro dos Anasati assassinara o filho dela; por esse motivo, ela destruiria a Casa dele de um modo inimaginável.

Como que presentindo a reviravolta nas ideias dela, Hokanu sacudiu-a gentilmente. — Senhora, sois precisa. O Justin chorou durante toda a ceia, a perguntar o que aconteceu à mamã. O Keyoke de hora a hora pedia instruções e o Comandante das Forças Armadas Lujan precisa de saber quantas companhias devem ser chamadas de volta do serviço nas herdades junto a Sulan-Qu.

No seu modo subtil inimitável, Hokanu não abordou a necessidade de se iniciar uma guerra. Isso revelou-se um alívio. Se tivesse colocado ques-

tões ou se a tivesse tentado dissuadir de se vingar de Jiro alegando que um simples símbolo em concha era uma prova pouco credível, ela ter-se-ia virado para ele tomada pela fúria. Quem naquele momento não estivesse com ela, estaria contra ela. Tinha sido desferido um golpe contra os Acoma e a honra exigia uma resposta.

Mas o vulto do seu filho assassinado abalou-lhe a determinação; qualquer tipo de vida parecia sugado até ao tutano.

— Senhora? — chamou Hokanu. — Tendes de tomar decisões para que a vida na casa siga em frente. Vós sois os Acoma.

Mara começou a franzir as sobrancelhas. O seu marido estava certo. Por ocasião do casamento deles, ficara estabelecido que o jovem Justin seria o herdeiro dos Shinzawai, sucedendo a Hokanu. Furiosamente, e de repente, Mara desejou que fosse possível desfazer essa promessa. Nunca ela teria acedido em tal coisa se tivesse a noção da mortalidade de Ayaki.

O círculo fechou-se de novo. Fora negligente. Se não se tivesse tornado perigosamente complacente, o seu filho de cabelos negros não estaria deitado imóvel dentro de um círculo de candeias fúnebres. Andaria a correr, como seria próprio de um rapaz, ou a treinar os seus dotes de guerreiro ou a cavalgar nas colinas o seu corcel negro, mais rápido do que o vento.

Mais uma vez, Mara apercebeu-se mentalmente do arco da traseira do animal e do terrível golpe dos cascos quando se abateu...

— Senhora — ralhou Hokanu. Ternamente, abriu os dedos dela e tentou afastar a tensão. — Acabou. Temos de continuar a tratar dos vivos. — Com as mãos, limpou-lhe as lágrimas do rosto. Mais brotaram de entre as pálpebras para as substituir. — Mara, os deuses não foram bondosos. Mas o meu amor por vós mantém-se, e a fé do vosso pessoal no vosso espírito é como uma luz nas trevas. O Ayaki não viveu em vão. Era valente e forte e não se encolheu face às suas responsabilidades, mesmo no momento da sua morte. Tal como ele o fez, também o devemos fazer, ou o dardo que derrubou o cavalo desferirá mais do que um golpe fatal.

Mara cerrou os olhos e tentou negar a presença do fumo aromatizado das candeias fúnebres. Não necessitou que lhe lembrassem que milhares de vidas dependiam dela, enquanto Governatriz dos Acoma; hoje revelara que não merecia a confiança deles. Já não governava a vida de um rapaz em crescimento. Aparentemente, já não lhe restava força de vontade e, no entanto, tinha de se preparar para uma grande guerra e obter vingança para manter a honra da família, e então gerar um novo herdeiro.

Contudo, a esperança, o futuro, o entusiasmo e os sonhos que tanto sacrificara tinham-se esboroadado em pó. Sentiu-se entorpecida, castigada de uma forma que não teria cura.

— Meu senhor e meu esposo — disse, numa voz rouca —, recebei os

meus conselheiros e eles que sigam as vossas indicações. Não tenho espírito para tomar decisões e os Acoma devem preparar-se para entrar em guerra.

Hokanu mirou-a com um olhar ferido. Sempre admirara a força dela e ver a sua bela intrepidez subjugada pela dor fazia-lhe doer o coração. Apertou-a contra si, ciente da profundidade da dor dela. — Senhora — sussurrou suavemente —, vou poupar-vos ao que for possível. Se marchardes contra o Jiro dos Anasati, estarei ao lado do vosso Comandante das Forças Armadas. Mas, mais cedo ou mais tarde, tereis de envergar o manto da vossa Casa. O nome dos Acoma está nas vossas mãos. A perda do Ayaki não deve implicar um fim, mas sim uma renovação da vossa linhagem.

Findo o discurso, e irracionalmente, Mara virou a cara para o ombro do marido e durante muito tempo as suas lágrimas encharcaram silenciosamente a preciosa seda azul da túnica dele.

CONFRONTO

Jiro franziu o sobrolho. Apesar de a túnica simples que vestia ser leve e o pórtico em redor do pátio adjacente à biblioteca ainda se manter fresco àquela hora da manhã, um suor fino perlou-lhe a testa. Uma bandeja com um pequeno-almoço parcialmente ingerido jazia abandonada junto ao seu cotovelo, enquanto ele tamborilava com dedos tensos o coxim bordado onde se sentara; os seus olhos estudaram com firmeza o tabuleiro de jogo pousado junto aos seus joelhos. Avaliou a posição de cada peça e tentou adivinhar o resultado provável de cada jogada. Uma escolha errada poderia não ser imediatamente óbvia, mas, contra o oponente de hoje, as consequências revelar-se-iam ruinosas uns quantos movimentos mais à frente. Havia sábios que consideravam que o jogo de *shäh* aguçava os instintos de um homem em termos de batalha e de política, mas Jiro, Senhor dos Anasati, apreciava mais quebra-cabeças mentais do que confrontos físicos. Considerava hipnóticas as próprias complexidades do jogo.

Ainda jovem, ultrapassara precocemente o talento do seu pai e de outros mestres. Quando era um rapaz, o seu irmão mais velho, Halesko, e o mais novo, Buntokapi, sovaram-no amiúde devido à facilidade insolente que ele demonstrava a derrotá-los. Jiro procurara outros adversários e até competiu contra negociantes de Midkemia que, com uma frequência cada vez maior, visitavam o Império, à procura de mercados para os seus artigos do outro mundo. Eles chamavam ao jogo xadrez, mas as regras eram idênticas. Jiro encontrou entre estes poucos que o conseguissem desafiar.

O único homem que nunca derrotara estava sentado à sua frente, a vasculhar distraidamente um batalhão de documentos meticulosamente empilhados em volta dos joelhos. Chumaka, Conselheiro Principal dos Anasati desde os tempos do pai de Jiro, era extremamente magro e tinha o rosto estreito com um queixo pontiagudo e uns olhos pretos inescrutáveis. Olhou de passagem para o tabuleiro de jogo, uma e outra vez, detendo-se para reagir aos movimentos do seu amo. Em vez de se irritar com o modo ausente com que o Conselheiro Principal rotineiramente o derrotava, Jiro sentia orgulho por ter uma mente tão desenvolva a servir os Anasati.

O dom de Chumaka para, por vezes, antecipar jogadas políticas complexas parecia roçar o mistério. A ascensão do pai de Jiro no Jogo do Conselheiro devera-se em grande parte aos conselhos sábios daquele conselheiro.

Apesar de Mara dos Acoma ter humilhado os Anasati no início da ascensão dela à grandiosidade, Chumaka dera sábios conselhos que protegeram os interesses da família de reverses no conflito que se seguiu entre os Acoma e os Minwanabi.

Jiro mordeu os lábios, dividido entre dois movimentos que proporcionavam pequenos ganhos e um outro que mantinha a promessa de uma estratégia de longo prazo. Enquanto ponderava no assunto, os seus pensamentos recuaram ao Grande Jogo: a eliminação da Casa dos Minwanabi poderia ter sido um motivo de regozijo, dado que eram rivais dos Anasati — só que a vitória fora obtida pela mulher que Jiro mais odiava no mundo dos vivos. A hostilidade persistia desde que a Senhora Mara anunciara a sua escolha de esposo e escolhera o seu irmão mais novo, Buntokapi, como consorte, no lugar de Jiro.

Não interessava que, para evitar tal golpe no seu ego, tivesse sido Jiro a morrer em virtude das maquinações da Senhora, em vez de Bunto. Cativado como era pelo pensamento erudito, o último sobrevivente de entre os filhos da linhagem Anasati permaneceu, neste ponto, cego perante a lógica. Alimentou o seu rancor através de uma meditação profunda. Que aquela cabra tivesse conspirado com grande sangue-frio a morte do seu irmão era motivo para uma vingança de sangue, esquecendo que Bunto tinha sido desprezado pela sua família e que renunciara a todos os laços com os Anasati para aceitar a Suserania dos Acoma. O ódio de Jiro era tão profundo e gélido que ele preferiu uma cegueira obstinada a reconhecer que herdara o seu próprio posto de Lorde Regente precisamente por Mara o ter rejeitado. Com o passar dos anos, a sua sede de vingança ensombrecera-se até se transformar numa obsessão permanente, própria de um rival perigoso e astuto.

Jiro lançou um olhar furioso para o tabuleiro de *shäh*, mas não ergueu a mão para movimentar qualquer peça. Chumaka reparou nisso enquanto vasculhava a correspondência. As suas espessas sobrancelhas arquearam-se para cima. — Estais de novo a pensar na Mara.

Jiro pareceu ficar ofendido.

— Já vos avisei — prosseguiu Chumaka com a sua voz granulosa e impassível. — Albergar a vossa inimizade servirá para irritar o vosso equilíbrio interior, o que acabará por vos custar a derrota no jogo.

O Senhor dos Anasati demonstrou o seu desprezo ao optar pelo lance mais arrojado de entre os dois movimentos de curto alcance.

— Ah. — Chumaka, relutantemente, mostrou satisfação ao remover a sua peça pouco importante. Com a mão esquerda ainda ocupada com papelada, fez prontamente avançar o seu sacerdote.

O Senhor dos Anasati mordeu o lábio, contrariado; porque é que o seu

Conselheiro Principal fizera aquilo? Enredado na tentativa de perceber a lógica por detrás do movimento, Jiro mal reparou no mensageiro que entrou apressadamente na divisão.

O recém-chegado fez uma vénia ao seu amo. Logo após ter sido brindado com uma lânguida vénia que lhe permitiu que se endireitasse, entregou a Chumaka o embrulho selado que transportava.

— Com a vossa permissão, senhor? — murmurou Chumaka.

— A correspondência está codificada, certo? — perguntou Jiro, não pretendendo ser interrompido enquanto ponderava na jogada seguinte. A sua mão pairou sobre as peças enquanto Chumaka aclarava a garganta. Jiro entendeu isso como uma afirmação. — Achei que sim — disse. — Abri então as vossas mensagens. E que as novidades lá contidas façam com que a vossa concentração no jogo se embote de vez.

Chumaka soltou uma breve gargalhada. — Quanto mais vil for a coscuvilhice, mais atento estarei ao jogo. — Seguiu a indecisão de Jiro com um divertimento que quase, mas não totalmente, se aparentou a desdém. Depois, abriu a saqueta e recorreu à unha do polegar que deixara por cortar para abrir o laço.

Conforme manuseava os documentos no interior, foi arqueando as sobancelhas. — Não estava nada à espera disto.

A mão do Senhor dos Anasati deteve-se no ar. Olhou para cima, intrigado pela novidade de ver o seu Conselheiro Principal surpreendido. — O que foi?

Servidor de duas gerações de governantes, Chumaka raras vezes era apanhado de surpresa. Fitou o seu amo, com um olhar especulativo. — Perdão, meu senhor. Referia-me a isto. — Tirou um documento da bolsa. A seguir, quando a sua visão periférica se apercebeu da peça sob a mão suspensa de Jiro, acrescentou:

— O vosso movimento é precoce, senhor.

Jiro recolheu a mão, sentindo-se simultaneamente irritado e divertido. — Precoce — murmurou. Recostou-se nos seus coxins para assentar as ideias. Com esta nova posição vantajosa, o tabuleiro de jogo mostrou-lhe uma diferente perspetiva: um truque aprendido desde novo com o seu pai.

Chumaka bateu na face enrugada com o documento que causara a interrupção e sorriu do seu modo enigmático. Tipicamente, ele realçaria um erro; mas no *shāh* não avisaria. Esperaria que Jiro pagasse pelas consequências dos seus atos. — Este — murmurou, colocando uma marca no pergaminho com uma pequena pena.

Jiro reviu furiosamente a estratégia. Por muito que tentasse, não detetou qualquer ameaça. — Estais a fazer *bluff*. — Preparou-se para movimentar a peça em disputa.

Chumaka pareceu levemente desapontado. — Não necessito de fazer *bluff*. — Fez avançar uma outra peça. — O vosso senhor da guerra está agora a ser vigiado — disse.

Jiro apercebeu-se da armadilha que lhe fora montada pelo seu Conselheiro Principal: a sua subtileza enfureceu-o. Ao amo restaria ceder o centro do tabuleiro e ser forçado a optar por um jogo defensivo ou perderia o seu senhor da guerra, a peça mais forte, passando a deter uma posição de débil capacidade ofensiva. Jiro enrugou a testa ao considerar as várias alternativas que se lhe afiguravam. Por muitas combinações que imaginasse, não descobriu qualquer forma de triunfar. A sua única esperança era tentar a jogada do senhor da guerra afogado.

Moveu o único sacerdote que lhe restara.

Chumaka estava agora embrenhado em leituras. Ainda assim, face à resposta do seu senhor, olhou para baixo, capturou o sacerdote com um soldado e, paradoxalmente, permitiu ao seu amo a libertação do seu senhor da guerra.

Avisado para permanecer alerta devido à suspensão, Jiro tentou extrapolar o mais à frente possível. Só demasiado tarde a sua mente lá chegou: percebeu, desapontado, que fora manipulado a fazer o movimento desejado pelo seu Conselheiro Principal. O desejado afogamento do senhor da guerra era agora impraticável, e a derrota apenas uma questão de tempo. Prolongar o jogo nunca servia de nada; Chumaka por vezes parecia imune a erros humanos.

Suspirando de frustração, o Senhor dos Anasati resignou-se, derrubando o seu próprio imperador. — Ganhastes, Chumaka. — Esfregou os olhos, sentindo dores de cabeça em resultado da tensão.

Chumaka lançou-lhe um olhar penetrante por cima da sua carta. — O vosso jogo está a desenvolver-se solidamente, Senhor Jiro.

Jiro permitiu que o elogio amenizasse a estocada de mais uma derrota. — Questiono-me muitas vezes como sois capaz de jogar tão brilhantemente tendo a vossa mente ocupada com outras questões, Chumaka.

O Conselheiro Principal dobrou o documento. — O *shäh* é apenas uma das áreas de uma mente treinada, meu senhor. — Captando a atenção do seu amo com olhos semicerrados, acrescentou:

— Não recorro a qualquer tipo de truque estratégico, além de conhecer bem o meu adversário. Observei-vos durante toda a vossa vida, amo. Desde a vossa terceira jogada que pressenti o que sondáveis. À vossa sexta jogada, já eliminara mais de quatro quintos de todas as possibilidades em jogo.

Jiro deixou a mão tombar inerte no colo. — Como?

— Porque sois igual à maioria dos homens criados pelo deus, meu senhor. É suposto que agis segundo um padrão determinado pela vossa

personalidade. — Chumaka aconchegou o pergaminho num amplo bolso da sua túnica. — Tivestes uma noite tranquila. Comestes bem. Estáveis descontraído. Enquanto permanecestes concentrado, não tivestes... fome. À terceira jogada, extrapolei que o vosso jogo seria direto... pondo de parte a ousadia e o risco. — Chumaka, tal como Jiro, concentrou-se em absoluto na conversa e prosseguiu: — O segredo consiste em procurar as pistas que revelarão os pensamentos do nosso adversário. Compreendei as motivações dele, conheci as suas paixões. E não necessitareis de esperar para ver o que ele faz: podeis antecipar a jogada seguinte dele.

Jiro reagiu com um sorriso seco. — Espero um dia receber a visita de um mestre de *shäh* que vos dê uma lição de humildade, Chumaka.

O Conselheiro Principal soltou uma risada. — Já fui humilhado muitas vezes, meu senhor. Muitas vezes. Mas nunca o vistes. — O seu olhar incidiu sobre as peças ali espalhadas, envolto em recordações agradáveis. — Jogai com aqueles que não vos conhecem tão bem como eu vos conheço e saireis vitorioso. Na verdade, tendes um dom invejável para a estratégia. Não sou melhor jogador de *shäh*, amo. — O Conselheiro Principal retirou outro papel da bolsa assim que terminou os seus comentários. — Mas sou um melhor estudante de vós do que alguma vez o fostes de mim.

Jiro sentiu-se desconfortável por alguém, mesmo um servo tão leal quanto Chumaka, o ter sujeito a um escrutínio tão detalhado. Depois, ato contínuo, recompôs-se: era abençoado por ter aquele homem como alto funcionário. O trabalho de Chumaka consistia em agir como conselheiro, confidente e diplomata. Quanto melhor ele conhecesse o seu amo, melhor serviria os Anasati. Odiá-lo pelo seu talento superior era uma medida tresloucada, o erro de um amo demasiado vaidoso para admitir as suas lacunas. Jiro puniu-se a si próprio pelo seu egoísmo e por suspeitas vãs e disse:

— O que vos preocupa tanto esta manhã?

Chumaka vasculhou a bolsa, selecionou diversas outras cartas e afastou para o lado o tabuleiro de *shäh* de modo a ter espaço para dispor as missivas em volta dos seus joelhos. — Tenho andado a seguir aquela pista facultada pela rede de espiões dos Acoma e vigiado os contactos, tal como pedistes. Acabaram de chegar novidades que estou a tentar enquadrar. — O seu tom de voz baixou para um murmúrio que só ele conseguia ouvir enquanto reorganizava as suas pilhas de papéis, e depois tornou-se mais nítido ao pensar em voz alta. — Ainda não estou bem certo... — Passou mais um papel de um monte para o outro. — Perdoai a desarrumação, amo, mas esta disposição permite-me entender as ligações. É frequente a tendência para encarar os acontecimentos numa linha plana, numa ordem em particular, quando na verdade a vida é bastante... caótica. — Coçou o queixo com o polegar e o indicador. — Pensei muitas vezes em fazer um quadro

com pauzinhos, para poder colocar notas a diferentes alturas, para assim realçar melhor as interligações...

A experiência ensinara a Jiro a não se deixar enredar pelas idiossincrasias do Conselheiro Principal. Ele até podia resmungar por causa do seu trabalho, mas parecia ser mais produtivo nessas ocasiões. A rede de espiões dos Anasati, na expansão da qual Jiro gastara toda a riqueza que tinha disponível, a cada ano que passava providenciava informações mais proveitosas. Outras grandes Casas poderiam recorrer a um mestre espião para gerir tal operação como lhe aprouvesse; no entanto, Chumaka opusera-se à possibilidade de permitir que fosse outro a supervisionar o seu trabalho. Insistira no controlo direto dos agentes que colocara nas outras Casas, sedes de guildas e centros de comércio. Mesmo quando Tecuma, o pai de Jiro, governara a Casa dos Anasati, Chumaka por vezes deixara a herdade para supervisionar pessoalmente um ou outro assunto.

Apesar de Jiro mostrar a impaciência de um jovem face aos silêncios do seu Conselheiro Principal, sabia quando não deveria interferir. Então, enquanto Chumaka observava atentamente as informações compiladas pelos seus agentes, o Senhor dos Anasati reparou que alguns dos relatórios nas pilhas datavam já de há dois anos. Alguns pareciam não passar de anotações feitas pelo secretário de um agente de comércio de cereais que usava as margens para fazer contas. — Que informações novas são essas?

Chumaka não levantou a cabeça. — Alguém tentou matar a Mara.

Eram notícias grandiosas! Jiro sentou-se muito direito, irado por não ter sido de pronto informado, e enlouquecido por outra façção, sem ser os Anasati, ter incomodado a senhora. — Como é que sabeis?

O astuto Chumaka retirou o papel dobrado da sua túnica e entregou-o ao amo. Jiro arrancou-lhe a mensagem da mão e leu as primeiras linhas. — O meu sobrinho Ayaki morreu! — exclamou.

O Conselheiro Principal interrompeu-o antes que o seu amo começasse a vociferar. — Oficialmente, isso apenas amanhã nos será transmitido, meu senhor! Temos hoje e amanhã para pensar na forma como devemos reagir.

Distraído da sua pretensão de repreender o seu funcionário por desnecessariamente manter informações só para si, Jiro seguiu a linha de pensamento pretendida por Chumaka: pois, politicamente, os Anasati e os Acoma tinham sido inimigos fígadais até ao casamento de Mara com Buntokapi; desde o suicídio ritual de Bunto, o herdeiro dela, Ayaki, representava um laço de sangue entre as duas Casas. O dever familiar fora a única razão que motivara a suspensão das hostilidades.

Agora o rapaz estava nos salões de Turakamu. Jiro nada sentiu, a nível pessoal, com a notícia da morte do sobrinho. Deixava-o enraivecido o facto de o seu parente masculino mais próximo ter nascido com o nome Acoma;

sempre se sentira irritado por causa do acordo que o obrigava, enquanto Anasati, a aliar-se aos Acoma de modo a proteger essa criança.

A obrigação finalmente conhecera um fim. Mara nitidamente fracassara nos seus deveres de guardiã. Permitira que o rapaz fosse morto. Os Anasati tinham a desculpa pública, não, o honroso dever de exigir represálias devido à morte prematura do rapaz.

Jiro quase não conseguiu disfarçar o desejo de finalmente poder vingar-se de Mara. — Como é que o rapaz morreu? — perguntou.

Chumaka lançou ao seu amo um olhar claramente reprovador. — Tivésseis lido até ao fim a carta que tendes na mão e já o saberíeis.

O Senhor Jiro sentiu a necessidade de se afirmar enquanto Lorde Regente. — Porque não me dizeis? A vossa função é aconselhar-me.

Os olhos negros e intensos do Conselheiro Principal voltaram a incidir nos seus papéis. Não demonstrou qualquer tipo de irritação face à reprimenda de Jiro. Na verdade, respondeu com uma complacência untuosa. — O Ayaki morreu ao cair de um cavalo. Isso foi tornado público. O que não é amplamente sabido, aquilo que os nossos agentes junto à herdade lograram saber, é que o cavalo também morreu. Caiu e esmagou a criança depois de atingido por um dardo envenenado.

A mente de Jiro recordou excertos pertinentes de conversas prévias. — Um assassino de uma seita — concluiu —, cujo alvo principal era a Senhora Mara.

A expressão de Chumaka manteve-se implacavelmente branda. — Tal como explica claramente o papel que tendes nas mãos.

O Senhor Jiro inclinou a cabeça, rindo-se com uma boa disposição magnânima. — Aceito a lição, Conselheiro Principal. Agora, em vez de usardes estas novidades como um chicote para me ensinar, gostaria de ouvir a que conclusões chegastes. O filho da minha inimiga era, de qualquer maneira, sangue do meu sangue. Estas novidades enfurecem-me.

Chumaka roeu a unha do polegar que não mantinha afiada. Os seus olhos deixaram de observar a mensagem cifrada na folha que tinha na mão enquanto ponderava na declaração do seu amo. Jiro não mostrou qualquer emoção, tal como era típico dos Tsurani; se ele se afirmou zangado, ter-se-ia de acreditar no que dizia. Exigia a honra que um servo acreditasse no seu amo. Mas Jiro estava mais excitado do que enfurecido, concluiu Chumaka, o que não era um bom presságio para Mara. Ainda jovem em termos de governação, Jiro não compreendeu os benefícios a longo prazo de permitir que a aliança entre os Anasati e os Acoma se diluísse num estado de *laissez-faire*.

O silêncio que se manteve enquanto o seu conselheiro matutava pôs em franja os nervos de Jiro. — Quem? — quis ele saber, num tom aborreci-

do. — Quem de entre os inimigos da Mara deseja a morte dela? Se formos audaciosos, poderemos aproveitar para estabelecer uma aliança.

Chumaka recostou-se e permitiu-se um profundo suspiro. Por detrás da sua postura de penosa paciência, Jiro apercebeu-se de que ele estava intrigado com aquela inesperada reviravolta. O Conselheiro Principal dos Anasati apreciava tanto a política tsurani quanto uma criança se babava por doces.

— Sou capaz de antever diversos cenários — acabou por dizer Chumaka. — Apesar de às Casas com coragem para agir lhes faltarem os meios e às que dispõem dos meios lhes faltar a coragem, tentar causar a morte de uma Serva do Império é... algo sem precedentes. — Mordeu o seu fino lábio inferior, e depois acenou a um dos criados para que ordenasse os documentos em pilhas de modo a serem reunidos e levados para os seus aposentos privados. Face à impaciência de Jiro, acabou por dizer:

— Atrevo-me a dizer que a Mara terá sido atacada pela Seita dos Hamoi.

Jiro mostrou um ar de desprezo ao passar a folha ao criado. — A seita, naturalmente. Mas quem pagou o preço da morte?

Chumaka levantou-se. — Ninguém. É o que torna isto tão requintado. Penso que a seita terá agido de moto próprio.

Jiro, espantado, franziu o sobrolho. — Mas porquê? O que teria a seita a ganhar com a morte da Mara?

Apareceu um criado mensageiro no anteparo que dava acesso à casa principal da herdade. Fez uma vénia, mas, antes de conseguir falar, Chumaka adivinhou a razão da sua presença. — Amo, a corte está reunida.

Jiro dispensou o criado com um gesto enquanto se erguia dos coxins. Assim que amo e Conselheiro Principal iniciaram a caminhada até ao grande salão onde o Senhor dos Anasati tratava dos seus assuntos, Jiro conjecturou em voz alta. — Sabemos que o Tasaio dos Minwanabi pagou à Seita dos Hamoi para matar a Mara. Achais que também lhes terá pago para se vingar dela caso ela soçobrasse?

— Possivelmente. — Chumaka contou pelos dedos, um hábito que tinha quando estava a ordenar os seus pensamentos. — A vingança dos Minwanabi pode explicar por que razão, aparentemente do nada, a seita resolveu agir depois de meses de tranquilidade.

Detendo-se à sombra de um corredor que dava para a porta dupla do salão grande, Jiro disse:

— Se a seita agiu devido a algum juramento feito a Tasaio antes da morte deste, será que vai tentar de novo?

Chumaka encolheu os ombros, com as suas costas vergadas a erguerem-se como os esteios de uma tenda sob a sua túnica de seda cor de tur-

quesa. — Quem poderá dizê-lo? Apenas o *Obajan* dos Hamoi poderá saber; só ele tem acesso aos registos com os nomes das mortes contratadas e pagas. Se a seita jurou a morte da Mara... não vai desistir. Se concordou, somente, em tentar tirar-lhe a vida, já cumpriu a sua obrigação. — Mostrou uma admiração pesarosa. — A Boa Serva beneficia da sorte dos deuses, poder-se-ia dizer. Se fosse com qualquer outra pessoa, um acordo para enviar um assassino é uma garantia virtual de sucesso. Outros houve, em tempos, que escaparam à seita, uma ou duas vezes; mas a Senhora Mara, que eu tenha conhecimento, sobreviveu a cinco assassinos. Já o seu filho não teve tanta sorte.

Jiro deu um passo em frente, embatendo ruidosamente na tijoleira. As suas narinas dilataram-se e mal deu pelos dois criados que saltaram dos seus postos para lhe abrir as portas da sala de audiências. Caminhando em passadas largas em frente às servis vérias dos criados, Jiro fungou. Dado que tentar levar o seu Conselheiro Principal a agir com a subserviência apropriada era uma perda de tempo, voltou a fungar. — Raios, é uma pena que o assassino tenha falhado o alvo. Ainda assim, podemos tirar partido da situação: a morte do filho dela irá gerar muita confusão naquele lar.

Chumaka aclarou delicadamente a garganta. — Os problemas vão acabar por nos apanhar por tabela, amo.

Jiro deteve-se de pronto. As suas sandálias chiaram quando rodopiou para encarar o seu Conselheiro Principal. — Não pretendeis antes dizer que serão os Acoma a ter problemas? Perderam a nossa aliança. Não, cuspiram nela ao permitirem que fizessem mal ao Ayaki.

Chumaka aproximou-se do seu senhor, para que o aglomerado de agentes que aguardava pela presença de Jiro na extremidade mais distante do salão não os conseguisse escutar. — Falai baixo — admoestou-o. — A não ser que a Mara arranje provas convincentes de que por detrás desta matéria está presente a mão do Tasaio dos Minwanabi vinda dos salões da morte, é lógico que deitará a culpa para cima de nós. — E acrescentou amargamente:

— Sofrestes quando o Senhor Tecuma, vosso pai, deu a vida para acalmar a vossa hostilidade face à Casa dela.

Jiro ergueu o queixo. — Talvez.

Chumaka não se mostrou severo. De novo assoberbado pelo seu fascínio inato pelo Jogo, disse:

— A rede dela é a melhor que alguma vez vi. Tenho uma teoria: dado que ela se apossou de toda a casa senhorial dos Minwanabi...

Jiro enrubesceu. — Mais um exemplo do comportamento blasfemo dela e do desprezo pela tradição!

Chumaka ergueu uma mão de modo apaziguador. Havia alturas em

que o raciocínio de Jiro se turvava; tendo perdido a mãe, assolada por uma febre, quando tinha apenas cinco anos, em rapaz cedera irracionalmente à rotina, à tradição, como se essa ligação à ordem pudesse manter à distância as inconsistências da vida. Sempre tivera a propensão de se proteger da dor atrás da lógica ou da devoção inabalável ao ideal de nobreza dos Tsurani. Chumaka não gostava de encorajar aquilo que considerava uma fraqueza do seu senhor. As implicações de permitir que tal comportamento se tornasse norma eram demasiado restritivas para o seu gosto. Os riscos, na realidade, eram bem maiores; numa jogada arrojada, Chumaka tomara ao serviço mais de duzentos soldados que anteriormente haviam prestado juramento aos Minwanabi. Eram homens sem Casa cujo ódio por Mara perduraria até morrerem. Chumaka não os acolhera apenas para se entreter; não era desleal. Acomodara os guerreiros em segredo numa caserna longínqua e secreta. Uma inquirição diplomática revelara que Jiro seria inflexível na sua recusa em ponderar a possibilidade de eles prestarem juramento aos Anasati; a tradição indicava que tais homens eram um anátema, sem honra e a serem evitados, caso contrário o desagrado dos deuses que tinham testemunhado a queda da Casa tombaria sobre o benfeitor deles. Ainda assim, Chumaka contivera-se e não dispensara os homens. Não tinha qualquer esperança de que o seu amo mudasse de ideias; mas uma ferramenta seria sempre uma ferramenta, e aqueles antigos minwanabi poderiam um dia vir a revelar-se úteis, caso não fosse possível levar o Lorde Regente dos Anasati a esquecer o seu ódio pueril por Mara.

Se as duas Casas estavam destinadas à inimizade, Chumaka encarou tais guerreiros como uma vantagem a sustentar, a pensar no dia em que os serviços deles poderiam ser precisos. Mara provara a sua sagacidade. Destruíra uma Casa maior do que a sua. Para combater a astúcia seria necessária astúcia, e Chumaka não era homem de deixar passar uma oportunidade.

Na verdade, encarou o seu segredo como um gesto de lealdade, e o que Jiro não sabia não poderia ser proibido.

Os guerreiros não eram tudo. Chumaka teve de se conter no desejo de esfregar, na expectativa, as suas mãos delgadas. Também dispunha de espões. Alguns agentes que anteriormente serviam os Minwanabi estavam já a trabalhar para os Anasati, e não para os Acoma. Chumaka obtivera igual prazer em cooptar estas pessoas para servirem o seu senhor, ao que ganharia em isolar a fortaleza ou um sacerdote de um adversário num tabuleiro de *shäh*. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, os Anasati iriam daí retirar lucro. E então o seu amo teria de reconhecer a sabedoria de algumas das opções de Mara.

E, portanto, o Conselheiro Principal dos Anasati sorriu e nada disse; sabia muito bem até onde poderia ir no que tocava a contrariar Jiro.

Instigando o seu senhor para que se reunisse com os seus agentes, disse, calmamente:

— Senhor, a Mara pode ter escarnecido da tradição ao responsabilizar-se pelos servos dos seus inimigos derrotados, mas em vez de meramente remover o seu grande inimigo, ela obteve recursos imensuráveis. A força dela incrementou-se. De uma jogadora perigosa no Jogo do Conselho, com um único golpe a Mara tornou-se a governante mais poderosa da História do Império. As forças dos Acoma, por si só, contam hoje em dia mais de dez mil espadas; superiorizam-se a diversos pequenos clãs. E o Clã Hadama e os seus aliados, em conjunto, rivalizam com os Brancos Imperiais do Imperador! — Chumaka assumiu uma postura pensativa. — Ela, se tiver tal ambição, pode governar pela força. O Luz do Céu não dispõe certamente de talento intelectual para contrariar os desejos dela.

Desagradado por lhe ser lembrada a rápida ascensão da senhora, Jiro ficou ainda mais irritado. — Não importa. Que teoria é essa?

Chumaka ergueu um dedo. — Sabemos que o Tasaio dos Minwanabi contratou a Seita dos Hamoi. A seita continua a procurar a morte da Mara. — Elevando um segundo dedo, prosseguiu: — Os factos podem estar ou não relacionados. O Incomo, o antigo Conselheiro Principal do Tasaio, foi eficaz a desvendar alguns ou todos os agentes dos Acoma que se infiltraram na casa senhorial dos Minwanabi. Depois disso, houve uma interrupção e permanece um mistério: a nossa própria rede relatou que alguém matou todos os agentes dos Acoma imiscuídos na casa principal dos Minwanabi e na cidade de Sulan-Qu.

Jiro fez um aceno brusco. — Então, o Tasaio eliminou todos os agentes dela que conseguiu desmascarar.

O sorriso de Chumaka tornou-se predatório. — E se não o fez? — Ergueu um terceiro dedo. — Eis mais um facto: a Seita dos Hamoi matou os criados na casa senhorial dos Minwanabi que eram agentes dos Acoma.

O tédio do senhor tornou-se mais evidente. — O Tasaio ordenou à seita...

— Não! — interrompeu Chumaka, no limite do desrespeito. De pronto corrigiu os seus modos, transformando a sua erupção num prelúdio para ensinamento. — Por que razão o Tasaio teria de contratar a seita para matar o seu próprio pessoal? Porquê pagar pela morte de pessoas, quando lhe bastaria ordenar isso aos guardas dos Minwanabi?

Jiro pareceu pesaroso. — Não pensei direito. — O seu olhar incidiu para a frente, para o local onde os seus agentes estavam a agitar-se por causa do atraso, enquanto o senhor e o conselheiro continuavam a conversar de forma ambígua logo à entrada.

Chumaka ignorou a inquietação deles. Afinal de contas, eram subalter-

nos e cabia-lhes esperar pelo seu senhor. — Porque não há uma explicação lógica, meu amo. Contudo, podemos tentar adivinhar: se eu fosse a senhora, e desejasse insultar tanto a seita como o Tasaio, que melhor forma do que ordenar à seita, sob cores falsas, para matar os espiões dela?

A expressão de Jiro ganhou vida. Era capaz de seguir a linha de raciocínio de Chumaka, agora que lhe fora dado conhecimento do primeiro passo. — Achais que a Seita dos Hamoi terá razões para reclamar uma dívida de sangue face à Mara?

A resposta de Chumaka foi um sorriso com todos os dentes.

Jiro retomou o passo. As suas passadas ecoaram pelo amplo salão, com os seus biombos de papel encerrados de ambos os lados, e as traves do teto com empoeiradas relíquias de guerra penduradas e uma coleção venerável de estandartes capturados a inimigos. Estes artefactos recordavam uma era em que os Anasati estavam na linha da frente das batalhas históricas. Eram senhores de uma antiga tradição de honra. Iriam voltar a ascender a tal posição, jurou Jiro; não, ainda mais alto. Pois seria ele a orquestrar a derrota de Mara, um triunfo que seria comentado por todo o Império.

Ele, sozinho, provaria que Mara incorrera no desagrado dos deuses ao conceder perdão aos servos dos inimigos derrotados. Sem a ajuda de ninguém, iria obter vingança por ela esquecer as velhas tradições. Mara iria fitar os olhos dele ao morrer, e perceber: cometera o seu maior erro no dia em que escolhera Buntokapi para seu esposo. Ao contrário do sumptuoso grande salão dos Minwanabi que Mara herdara, o dos Anasati era tão reconfortante na sua conceção tradicional quanto um ritual honrado num templo. Jiro deleitou-se com isso; sendo igual aos salões de uma centena de outros governantes, esta câmara era, no entanto, única; era anasati. De ambos os lados de um corredor central ajoelhavam-se petiçãoários e servidores dos Anasati. Omelo, o seu Comandante das Forças Armadas, estava em sentido de um dos lados do dossel sobre o qual Jiro conduzia os negócios da sua corte. Posicionados atrás dele, estavam outros oficiais e conselheiros da casa senhorial.

Jiro subiu ao seu dossel, ajoelhou-se nos seus coxins de senhor e depois apoiou-se nos calcanhares enquanto ajustava a túnica de cerimónia. Antes de fazer sinal ao seu *hadonra* para que iniciasse a sessão do dia, dirigiu a palavra ao Conselheiro Principal. — Descobri, sem lugar para dúvidas, se a seita persegue a Mara por iniciativa própria. Quero saber, para podermos planear melhor quando se tornar oficial a novidade sobre a morte do Ayaki.

Chumaka bateu palmas e um criado colocou-se ao seu lado. — Tende dois mensageiros a postos nos meus aposentos assim que eu lá chegar. — Enquanto o criado se curvava e se apressava a partir, ele próprio fez a sua vénia ao amo. — Senhor, devo começar imediatamente. Tenho algumas

fontes novas que poderão facultar-nos melhores informações. — Depois, apercebendo-se do brilho implacável no olhar do Senhor Jiro, Chumaka tocou na manga do seu amo. — Devemos mostrar contenção até o mensageiro da Mara cá chegar com o anúncio formal da morte do Ayaki. Falai agora e o vosso pessoal vai coscuvilhar. Não nos seria útil indicar ao nosso inimigo que dispomos de espões em lugares sensíveis.

Jiro afastou abruptamente o toque de Chumaka. — Compreendo, mas não me pedis que seja complacente! Todos os que servem os Anasati irão fazer o luto. Ayaki dos Acoma, o meu sobrinho, foi assassinado e todos os nossos homens que não sejam escravos irão envergar uma faixa no braço simbolizando a nossa perda. Quando este dia de negócios terminar, tende a postos uma guarda de honra para rumar a Sulan-Qu.

Chumaka reprimiu a sua irritação. — Vamos marcar presença no funeral do rapaz?

Jiro mostrou os dentes. — Ele era meu sobrinho. Permanecer em casa enquanto são honradas as cinzas dele seria admitir responsabilidades ou cobardia, e não somos culpados de nenhuma. Ele pode ter sido o filho do meu inimigo, e posso agora destruir inapelavelmente a mãe dele, mas corria nele sangue dos Anasati! Merece o respeito votado a qualquer neto do Tecuma dos Anasati. Levaremos uma relíquia da família para ser sepultada com ele. — Os olhos de Jiro brilharam quando terminou. — A tradição exige a nossa presença.

Chumaka manteve para si as suas reservas face àquela decisão enquanto se curvava perante os desejos do amo. Apesar de caber ao Conselheiro Principal orientar o seu senhor em termos de decisões que afetassem a linha de conduta da Casa, Chumaka estava acostumado a irritar-se com as responsabilidades mais mundanas do seu cargo. O Jogo do Conselho alterara-se drasticamente desde que Mara dos Acoma entrara na arena; no entanto, não deixava de ser um jogo, e nada na vida fascinava mais o conselheiro do que o quebra-cabeças da política tsurani. Tenso como um cão de caça, ergueu-se excitado com a caçada.

Quase feliz apesar da perspectiva no horizonte de desenvolvimentos infelizes, o Conselheiro Principal abandonou o salão grande, resmungando com a lista de instruções que teria de despachar com os seus mensageiros. Seriam necessários subornos consideráveis para obter a informação que desejava, mas se os fragmentos de dados recolhidos conseguissem provar a sua teoria apresentada de manhã, os ganhos seriam bem mais valiosos. Enquanto esperava que os criados lhe abrissem a porta para sair, os lábios de Chumaka refletiram um sorriso ímpio.

Já tinham decorrido anos desde que testara o seu talento contra um oponente de valor. A Senhora Mara iria proporcionar-lhe muito entreteni-

mento se a obsessão do Senhor Jiro não pudesse ser refreada, e os Anasati condenassem a sua Casa à ruína.

Mara dormiu um sono irregular. A sua inquietação audível despedaçou o coração de Hokanu e ele desejou poder fazer algo, tocar-lhe, dizer-lhe palavras doces, aliviar-lhe a dor. Mas ela dormira muito pouco desde a morte de Ayaki. Até a agitação dos pesadelos proporcionava algum alívio. Acordá-la era obrigá-la a tomar consciência da sua perda e da esmagadora necessidade de suportar a tensão.

Hokanu suspirou e observou os padrões que o luar projetava pelos biombos. As sombras nos cantos pareciam ainda mais escuras do que antes; nem sequer a presença do dobro das sentinelas em todas as portas e janelas permitira a reconquista da sensação de paz. O herdeiro dos Shinzawai e esposo da Serva do Império sentia-se agora um homem só, restando-lhe nada mais do que o seu engenho e o seu amor por uma mulher perturbada. O ar que antecedia a madrugada era fresco, algo pouco habitual em terras da Província de Szetac, talvez devido à proximidade da casa face ao lago. Hokanu levantou-se e vestiu a túnica leve que largara na noite anterior. Atou a faixa e depois, com os braços cruzados firmemente sobre o peito, deixou-se ficar a observar a liteira de dormir.

Manteve-se atento enquanto Mara puxava para cima a roupa do leito, com o cabelo dela a parecer uma porção da noite, persistente naquele ambiente que aos poucos se ia iluminando. O luar acobreado desvaneceu-se, varrido pelo cinzento matinal. O biombo que se abria para o terraço privado passou suavemente do negro para um tom pérola.

Hokanu conteve a necessidade premente de andar de um lado para o outro. Mara acordara durante a noite, a soluçar nos braços dele e a chorar o nome de Ayaki. Ele agarrara-a bem junto a si, mas o seu calor de nada servira para a reconfortar. Ao pensar nisso, Hokanu ficou com o maxilar tenso. Se se tratasse de um inimigo, ele teria todo o gosto em enfrentá-lo no campo de batalha, mas aquela dor... uma criança morta quando ainda tinha tanto para dar... Não havia remédio debaixo daqueles céus que um marido pudesse facultar. Apenas o tempo conseguiria suavizar a dor.

Hokanu não era homem dado a praguejar. Controlado e tenso como a corda mais aguda de uma harpa, não se permitiu a qualquer complacência que pudesse, de alguma forma, perturbar a sua esposa. Em silêncio, perigosamente gracioso, fez deslizar a porta para o lado o suficiente para a atravessar. O dia estava bastante ameno, pensou ao observar o céu verde-claro. Deveria haver tempestades, ventos fortes, ou até trovoada ou chuva; a própria natureza deveria insurgir-se no dia do funeral de Ayaki.

Do outro lado da colina, na depressão diante da margem do lago, es-

tavam em curso os preparativos finais. A madeira empilhada da pira erguia-se num zigurate. Jican, sob as ordens de Hokanu, não teve de se conter no recurso à riqueza dos Acoma, e tratou de assegurar que apenas seriam adquiridas madeiras aromáticas. O odor a carne e cabelos queimados não iria incomodar as pessoas presentes na cerimónia ou a mãe do rapaz. Hokanu cingiu a boca. Não haveria privacidade para Mara naquela ocasião tão pesarosa. Ela ascendera demasiado alto e o funeral do filho seria um ritual de Estado. Iriam aparecer governantes oriundos de todos os cantos do Império para prestar homenagem — ou para dar azo às suas intrigas. O Jogo do Conselho não se detinha por causa da dor, ou da alegria, ou devido a alguma calamidade da natureza. Tal como o caruncho que não se vê na madeira pintada, as circunstâncias que haviam originado a morte de Ayaki iriam repetir-se vezes sem conta.

Uma nuvem de pó ergueu-se na linha de horizonte a norte: convidados já a chegar, calculou Hokanu. Espreitou de novo para a sua esposa, convicto de que os sonhos dela tinham acalmado. Avançou silenciosamente para a porta, falou com o rapaz mensageiro e deu indicações para que as aias da senhora estivessem presentes quando ela despertasse. Depois, deitou para trás das costas as inquietações e saiu em passadas largas para o terraço.

A herdade começava a agitar-se. Viu Jican a atravessar em passo acelerado a ligação entre a ala da cozinha e os aposentos da criadagem, onde as raparigas que tratavam da roupa já se atarefavam junto aos aposentos dos hóspedes com cestos de lençóis lavados equilibrados sobre a cabeça.

Preparados para receber visitas de Estado, guerreiros em armaduras de gala marcharam para substituir o turno da noite. No entanto, no seio daquele ambiente geral de determinação, dois vultos caminhavam junto ao lago, em passo acertado, mas aparentemente sem um destino definido, a não ser uma caminhada matinal. Desconfiado, Hokanu deteve-se; olhou com mais atenção e identificou o par. A curiosidade levou-o a atravessar o terraço e desceu as escadas de acesso aos terrenos mais abaixo.

Avançando silenciosamente por entre as fileiras de flores *akasi*, Hokanu confirmou a sua impressão inicial: Incomo e Irrilandi seguiam à sua frente em passo vagaroso, aparentemente perdidos nos seus pensamentos. O antigo Conselheiro Principal e o antigo Comandante das Forças Armadas de Tasaio dos Minwanabi não vagueavam sem rumo.

Hokanu seguiu-os em silêncio, intrigado com o que poderiam andar a fazer tão cedo, num dia tão triste, estes dois antigos inimigos transformados em leais servidores.

O par chegou junto da orla do lago e o conselheiro frágil como junco e o enrugado e musculoso guerreiro ajoelharam-se numa pequena elevação. Para lá de uma abertura entre os beirais enrolados da casa principal e a

colina defronte, as primeiras nuvens rosa deslizavam pelo céu, com as faces inferiores a tornarem-se cor de laranja conforme os raios de um sol ainda invisível lhes abrihantavam as pontas.

Ambos os homens se sentaram como se estivessem a rezar. Hokanu, sem fazer barulho, aproximou-se mais. Durante uns minutos, senhor e os dois servos pareceram ficar ali paralisados. O nascer do sol rompeu então a escuridão e um raio de sol cruzou o céu, detendo-se numa formação cristalina no cume da elevação. Surgiu então um clarão ofuscante. O calor e a primeira luz banharam a quietude isolada e o orvalho cintilou, tocado por um brilho próprio de uma joia. E então, Irrilandi e Incomo curvaram-se até tocarem com as testas no solo, repetindo palavras em voz baixa que Hokanu não conseguiu entender.

Durante esse breve momento, o filho dos Shinzawai quase cegou devido ao inesperado clarão; depois desapareceu conforme se alterou o ângulo de ascensão do sol.

Os dois homens concluíram o seu estranho ritual e levantaram-se. Os olhos batidos pela guerra de Irrilandi foram os primeiros a detetar uma discrepância no sossego da manhã. Apercebeu-se do senhor que aguardava ali perto, e fez uma vénia. — Senhor Hokanu — disse. Apanhado de surpresa, Incomo imitou-o.

Hokanu, dirigindo-se a ambos os servos, apontou para trás na direção da casa. — Não conseguia dormir — explicou num tom lamentoso. — Vi-vos a passar e vim ver o que vos trouxe aqui.

Irrilandi encolheu os ombros, bem à maneira dos Tsurani. — Todos os dias, antes do alvorecer, vimos aqui agradecer.

O silêncio de Hokanu foi indicativo de que aguardava por mais explicações, embora ele não tivesse olhado para os dois homens mas sim observado os seus próprios pés descalços ao pisar a relva humedecida pelo orvalho.

Incomo aclarou a garganta, no que poderá ter sido um sinal de embaraço. — Vimos aqui todos os dias para testemunhar o início do dia. E para agradecer, dado que a Boa Serva veio até nós. — Olhou para a casa principal, com os seus espigões altos e afiados, pilares de pedra e as divisórias de lintel agora atadas com decorações a vermelho em honra a Turakamu, o Deus Vermelho, que acolheria a alma de Ayaki nos rituais do dia. Incomo explicou melhor, para que Hokanu entendesse. — Quando a nossa senhora desencadeou a ruína do Tasaio, esperámos a morte ou a escravidão. Em vez disso, foi-nos outorgada a dádiva dos dias: uma outra oportunidade de servir e reconquistar a honra. Assim, a cada nascer do sol, oferecemos uma oração de agradecimento por esta comutação, e pela Boa Serva.

Hokanu assentiu com a cabeça, nada surpreendido com a devoção

daqueles altos funcionários. Enquanto Serva do Império, Mara era amada pelas massas. O seu próprio pessoal servia-a com um afeto que raiava a reverência. Na realidade, ela necessitaria desse apoio para recuperar a sua perda. Um governante mal-amado pelo seu povo pode esperar que um golpe desta magnitude gere hesitação entre o seu pessoal, pois todos, desde os servidores de mais altas posições até ao mais insignificante dos escravos, se interrogariam, assustados, se o céu teria retirado a sorte à Casa. Mesmo sem desaprovação divina, os inimigos mortais aproveitariam a oportunidade para atacar quando as fileiras estivessem mais confusas. E assim a superstição se alimentava das consequências, dado que uma Casa debilitada sofreria reverses, parecendo ter caído em desgraça perante os deuses.

Hokanu sentiu-se irritado. Muitos acontecimentos no Império voltaram-se contra eles próprios, até séculos de tradições inflexíveis terem encaminhado a sociedade para a estagnação e a entropia.

Foi esse ciclo inato que ele, Mara e Ichindar, o Imperador das Nações, se dedicaram a contrariar.

A morte de Ayaki era algo mais do que mágoa e sofrimento; poderia transformar-se num tremendo revés e servir de grito de revolta para todos os governantes desagradados com as recentes mudanças. Se os Acoma revelassem qualquer sinal de indecisão, haveria luta e, no coração da facção que iniciara uma rígida colagem às velhas tradições, a voz dos Anasati seria a que mais alto se faria ouvir.

Os convidados do funeral não estariam presentes para ver as cinzas do falecido a subir em espiral na sua ascensão fumosa aos céus; estariam a olhar uns para os outros como cães esfomeados e a Senhora Mara seria sujeita ao mais apurado dos escrutínios. Abatido pelo temor, pois sabia que a sua senhora estava demasiado perdida na sua dor para poder lidar com questões periféricas, Hokanu abriu o portão decorativo e começou a atravessar o jardim. Esqueceu os dois homens que o acompanhavam até Incomo falar. — O Conselheiro Principal Saric tem tudo a postos, senhor. Já foram arrançados entretenimentos para distrair os convidados e as guardas de honra de todos, exceto as dos mais poderosos governantes, serão aquarteladas na guarnição do outro lado do lago. A pira foi embebida em óleos e tudo foi tratado para que a cerimónia seja o mais breve possível.

Hokanu não se sentiu reconfortado com as palavras de Incomo; o facto de o conselheiro ter sentido a necessidade de realçar tais pontos revelava que partilhava da sua preocupação. O Jogo iria prosseguir, quer a Senhora Mara fosse ou não capaz de se restabelecer e lidar com isso.

— Não nos devemos restringir nas honrarias ao nosso falecido jovem amo — acrescentou Irrilandi —, mas sugiro que permaneçais junto à vossa senhora, e preparai-vos para interpretar as sugestões dela.

Educadamente, e com tato, os altos funcionários da Casa dos Acoma reconheceram que a sua senhora permanecia incapacitada. Hokanu sentiu uma grande gratidão por aqueles homens, que tranquila e firmemente se preparavam para cobrir as lacunas dela. Ele tentou assegurar-lhes que a Casa dos Acoma não vacilaria nas correntes amaldiçoadas como uma qualquer embarcação à deriva. — Permanecerei com a minha senhora. Ela está sensibilizada com a vossa devoção e pediu-me que vos dissesse que não deveríeis hesitar caso tivésseis algumas dificuldades ou preocupações.

Um olhar de entendimento passou entre senhor e servos. E depois Irri-landi fez uma vénia. — Mais de um milhar de soldados oraram a Turakamu para que os levasse no lugar do jovem amo.

Hokanu assentiu respeitosamente. Esses soldados usariam armas durante a cerimónia fúnebre simbolizando o seu voto, algo bastante intimidatório para qualquer senhor de visita que pudesse contemplar a possibilidade de causar problemas, desrespeitando a hospitalidade dos Acoma.

Aquela quantidade era uma grande honra para Ayaki; a dedicação dos homens também demonstrou que os rumores da caserna reconheciam as ramificações políticas daquilo que era algo mais do que uma tragédia pessoal. Os senhores que iriam comparecer nesse dia reunir-se-iam e circulariam como *jagunas*, devoradores de carne morta, para ver a que troféus poderiam deitar a mão, arrancando-os dos dentes da desgraça.

Hokanu aceitou as vénias de despedida dos dois oficiais e depois olhou por cima do ombro para o lago, onde agora se viam barcas a rumar rapidamente na direção das docas. No alto dos seus mastros esvoaçavam pavilhões e os cânticos dos remadores ecoaram por cima das águas. Não demoraria muito até que a tranquila herdade se transformasse numa arena política. Hokanu observou a grande casa de pedra que durante séculos acolhera os Minwanabi. O lugar fora concebido como fortaleza, mas nesse dia até os inimigos deveriam ser convidados a entrar. Os sacerdotes de Chochocan, o *Bom Deus*, tinham abençoado a herdade e Mara vira o *natami* dos Minwanabi ser colocado numa pequena clareira, para que fosse recordada aquela que em tempos fora uma grande Casa. No entanto, apesar destas medidas e das garantias dos sacerdotes de que os atos da Boa Serva tinham obtido os favores divinos, Hokanu tentou deter uma sensação de medo. As profundezas dos beirais pareciam esconder sombras onde os espíritos dos inimigos espreitavam, num riso silencioso, para a dor de Mara.

Hokanu desejou por momentos ter passado por cima da ousada escolha dela e optado por respeitar a tradição das conquistas, que teriam levado a que aquela casa fosse destruída, e todas as pedras levadas para o lago para serem lançadas nas profundezas e todos os arvoredos e terrenos incendiados, e o solo de todos esses acres viçosos polvilhado com sal. Solo desditoso

nada geraria, de acordo com tradições respeitadas ao longo de séculos, para que o ciclo de atos malditos fosse quebrado para a eternidade. Apesar da beleza daquela herdade, e da localização praticamente inexpugnável dos seus campos e propriedades, Hokanu reprimiu a premonição de poder estar amaldiçoado a nunca encontrar a felicidade com Mara enquanto vivessem debaixo daquele teto.

Mas era uma má altura para matutar, estando os convidados de Estado já a chegar. O consorte da Serva do Império endireitou os ombros e preparou-se para o suplício que se avizinhava. Mara deveria exhibir a adequada postura tsurani face à sua dor esmagadora. A morte do seu pai e irmão, ambos guerreiros, fora uma coisa; a perda do seu próprio filho revelara-se algo bem pior. Hokanu sentiu intuitivamente que esse era o pior destino que poderia ter tombado sobre a mulher que amava mais do que a própria vida. Por ela, hoje deveria ser forte, uma armadura face à desonra pública, pois enquanto ele era ainda o dedicado herdeiro dos Shinzawai, abraçara a honra dos Acoma como se fosse a sua.

Determinado e firme, regressou ao terraço no exterior dos aposentos de dormir da sua esposa. Como os biombos ainda não estavam abertos, percebeu que a criadagem não perturbara o descanso dela. Fez deslizar o painel silenciosamente para o lado sobre as suas calhas e entrou. Não falou, mas permitiu que o suave calor da luz do dia tombasse sobre o rosto de Mara.

Mara mexeu-se. Agarrou com força os lençóis retorcidos e os seus olhos tremeram ao abrir. Sobressaltou-se e levantou-se. Aterrorizada, varreu o quarto com o olhar, até Hokanu se ajoelhar e a abraçar.

Ela tinha aspeto de pouco ter dormido. — Está na hora?

Hokanu afagou-lhe o ombro, enquanto as criadas que aguardavam no exterior entraram rapidamente assim que escutaram a voz da sua senhora. — O dia começa — disse.

Gentilmente, ajudou a sua senhora a levantar-se. Quando a equilibrou, recuou e fez sinal aos criados para que desempenhassem as suas tarefas. Mara deixou-se ficar com uma expressão apática enquanto as aias se atarefavam a preparar-lhe o banho e a roupa. Hokanu suportou a visão dos modos frouxos dela sem revelar a raiva que lhe ia na alma. Se Jiro dos Anasati fosse o responsável por causar aquele sofrimento à sua esposa, o herdeiro dos Shinzawai jurou que haveria de ver o homem a penar. Depois, quando constatou que também ele ainda não se vestira ao aperceber-se do espanto de uma das aias de Mara, pôs de lado os pensamentos vingativos. Bateu palmas para chamar os seus próprios criados e aguentou em silêncio a agitação deles enquanto o vestiam com as túnicas cerimoniais exigidas para o funeral de Ayaki.

Amultidão cobriu as colinas envolventes da casa senhorial dos Acoma, envergando as cores de um milhar de Casas, com faixas vermelhas, laços vermelhos ou fitas vermelhas usadas em homenagem ao Deus Vermelho, irmão de Sibi, *a Morte*, e senhor de todas as vidas. A cor simbolizava igualmente o sangue do coração do rapaz que já não fluía para animar a alma. Seis mil soldados formavam fileiras flanqueando a depressão onde aguardava o féretro. À frente, com armaduras verdes a brilhar, estavam os guerreiros acoma que dedicaram as suas vidas; atrás destes, as fileiras com o azul do consorte shinzawai de Mara; e a seguir a estes, o branco com bordas douradas da Guarda Imperial enviada por Ichindar para transportar as condolências do Imperador. Junto estava Kamatsu dos Shinzawai, pai de Hokanu, e depois as famílias que compunham o Clã Hadama, todos os que tivessem laços de sangue com o falecido rapaz. A seguir a estes, numa grande e crescente multidão, viam-se as Casas que tinham aparecido para dar as suas condolências ou para participar na jogada seguinte do Grande Jogo.

Os guerreiros estavam imóveis como estátuas, de cabeça curvada, segurando os escudos com as bordas assentes no chão. Defronte de cada um deles jazia uma espada com a ponta virada para o féretro, com a bainha vazia pousada por baixo de través. Atrás dos soldados, na encosta da colina, membros da casa senhorial mantinham uma distância respeitosa face à linha de marcha, pois o Império em peso aparecera para se despedir do rapaz.

Soaram trombetas para anunciar o início da procissão. À sombra do pórtico exterior, onde os conselheiros e os funcionários dos Acoma se reuniram para marchar, Mara combateu a fraqueza nos seus joelhos. Sentiu no cotovelo o aperto de Hokanu, mas nem sequer se apercebeu do significado do gesto. Os olhos semicultados atrás do seu véu vermelho de luto estavam fixos na liteira onde repousava o filho inerte. O corpo dele apresentava-se envolvido por uma elegante armadura; as suas mãos brancas agarravam o punho de uma rara espada de metal. A mão esmagada na queda fora decentemente enfiada num guante; o peito esmagado, escondido atrás de uma couraça e de um escudo com um brasão de uma ave *shatra* em rara folha de ouro.

À primeira vista, parecia um guerreiro adormecido, preparado para se erguer de pronto e combater na glória e na honra da sua juventude.

Mara sentiu um aperto na garganta. Nenhum acontecimento prévio, colocar as recordações do pai e do irmão na clareira da família ao fazer o luto por eles, suportar a brutalidade do seu primeiro marido, perder o homem com quem descobrira a paixão do amor, a morte da sua amada

mãe adotiva — nada disso seria comparável ao presente momento de puro horror.

Não era capaz de crer, ainda agora, muito menos aceitar, a perentoriedade da morte do seu primogénito. Uma criança cuja vida tornara a sua suportável, ao longo do seu infeliz primeiro casamento. Uma criança cuja gargalhada fácil a afastara do desespero, quando enfrentou inimigos maiores do que as possibilidades de defesa da sua Casa. Ayaki proporcionara-lhe a coragem para seguir em frente. Com grande obstinação e um desejo feroz de o ver viver para dar seguimento ao nome Acoma, Mara conseguira o impossível.

Naquele dia, tudo seria reduzido a cinzas. Naquele dia maldito, em que um rapaz que deveria ter sobrevivido à sua mãe se transformaria num pilar de fumo para atacar as narinas do céu.

Um passo atrás de Mara, Justin, rabugento, pediu para ser levado ao colo. A sua ama convenceu-o a aguentar, silenciando-o. A mãe pareceu não se aperceber do incómodo dele, compenetrada como estava em pensamentos obscuros. Conduzida por Hokanu, ela moveu-se como uma marioneta, quando a comitiva se pôs a postos para avançar.

Rufaram tambores. O rufo ecoou pelo ar. Um acólito vestido de vermelho enfiou nas mãos inertes da senhora uma cana de *ke* pintada de vermelho; os dedos de Hokanu cingiram os dela, ajudando-a a erguer a cana para que Mara não deixasse cair o símbolo religioso.

A procissão avançou. Hokanu apertou-a para junto de si e ajudou-a a aguentar-se firme na marcha lenta. Para honrar a perda dela, ele esquecera a armadura azul dos Shinzawai em detrimento do verde dos Acoma e de um elmo de oficial. Mara apercebeu-se vagamente de que ele sofria e conseguiu sentir, até, a dor dos outros — o *hadonra*, que tantas vezes gritara com o rapaz por despejar tinta no escritório; as aias e os tutores, todos eles com hematomas por causa dos acessos de fúria dele; os conselheiros, que por vezes desejaram dispor de uma espada de guerreiro para poderem enfiar juízo na cabeça travessa do rapaz dando-lhe com a lateral da lâmina nas costas. Criados, aias e até escravos apreciavam o espírito rebelde do rapaz.

Mas não passavam de sombras e as palavras de consolo deles era apenas ruído. Nada que alguém tenha dito ou feito pareceu penetrar a desolação que havia envolvido a Senhora dos Acoma.

Mara sentiu a mão de Hokanu a pousar suavemente no braço dela, ajudando-a a descer os poucos degraus. Ali, aguardava-a a primeira das delegações estatais: a de Ichindar, envergando um ofuscante branco e dourado. Mara inclinou a cabeça quando o majestoso contingente se inclinou diante de si; permaneceu em silêncio atrás dos seus véus enquanto Hokanu murmurava palavras de ocasião.

Foi levada a prosseguir, até ao Senhor Hoppara dos Xacatecas, desde há muito um forte aliado; nesse dia, ela apresentou-se diante dele como o faria uma estranha, e apenas Hokanu escutou a graciosa expressão de compreensão do jovem. Ao lado deste, elegante como sempre, a viúva Senhora dos Xacatecas fitou a Boa Serva com um sentimento mais amplo do que compaixão.

Quando Hokanu lhe dirigiu uma vénia, a Senhora Isashani pegou-lhe demoradamente na mão. — Mantende-vos próximo da vossa senhora — avisou, mantendo o ar de quem estaria apenas a expressar as suas condolências. — Ela ainda está em choque. O mais provável é não reconhecer o impacto dos seus atos durante os próximos dias. Há cá inimigos capazes de a provocar apenas para poderem tirar partido disso.

A delicadeza de Hokanu foi substituída por um ar implacável ao agradecer o aviso à mãe do Senhor Hoppara.

Estas nuances passaram despercebidas a Mara, assim como a perícia com que Hokanu afastou os insultos velados dos Omechan. Ela fez as suas vénias seguindo as indicações do seu senhor e não quis saber dos cochichos gerados à sua passagem: por mostrar mais reverência do que a necessária ao Senhor Frasai dos Tonmargu; por o Senhor dos Inrodaka ter reparado que aos gestos dela faltava o seu habitual ardor e graciosidade.

Ela não tinha objetivos na vida além do pequeno e frágil vulto que jazia na liteira no seu repouso final.

Passos lentos seguiram ao ritmo da batida surda dos tambores. O sol ergueu-se lá no alto conforme a procissão circulava pela depressão onde a pira havia sido instalada. Hokanu murmurou palavras polidas ao último dos governantes merecedor de reconhecimento pessoal. Entre a liteira e a pira um último contingente aguardava-os, envergando vestes negras sem adornos.

Com profundo respeito, Hokanu obrigou-se a dar mais um passo, apertando Mara com a mão. Se se apercebeu de que estava diante de cinco Grandiosos, magos da Assembleia, não deu sinais disso. O facto de aqueles vultos estarem acima da lei e de terem achado apropriado enviar uma delegação à cerimónia não serviu para a deter. Foi Hokanu quem ponderou em todas as implicações, nomeadamente esta recente, de os Mantos Negros parecerem mais interessados do que era habitual nos assuntos políticos. Mara curvou-se perante os Grandiosos tal como o fizera diante de qualquer outro senhor, sem prestar atenção aos pêsames do roliço Hochopepa, que ela conhecera por ocasião do suicídio ritual de Tasaio. O momento sempre embaraçoso em que Hokanu encarou o seu verdadeiro pai passou despercebido a Mara. O olhar glacial do mago ruivo diante do mais taciturno Shimone não a perturbou. Hostis ou benignas, as palavras do mago não

lograram penetrar a apatia dela. Nenhuma vida que o poder deles pudesse ameaçar tinha mais significado do que aquela que Turakamu e o Jogo do Conselho já conseguira levar.

Mara entrou no círculo ritual onde estava colocado o féretro. Fitou com um olhar empedernido quando o seu Comandante das Forças Armadas pegou na forma demasiado imóvel do seu rapaz e o pousou gentilmente na madeira que seria o seu derradeiro leito. Com as mãos, arranjou a espada, o elmo e o escudo, após o que recuou, com toda a sua libertinagem ausente.

Mara apercebeu-se de uma cotovelada gentil de Hokanu. Algo entorpecida, deu um passo em frente enquanto em redor dela os tambores soavam e se silenciavam. Ela passou o junco *re* sobre o corpo de Ayaki, mas foi Hokanu quem proferiu a habitual proclamação:

— Estamos aqui reunidos para celebrar a vida de Ayaki, filho de Buntokapi, neto de Tecuma e Sezu!

A frase foi demasiado curta, achou Mara, com o sobrolho levemente franzido. Onde é que estava a listagem dos feitos obtidos em vida pelo seu filho primogénito?

Impôs-se uma incómoda quietude, até que Lujan avançou em reação a um olhar aflito de Hokanu e deu uma leve cotovelada a Mara para que se voltasse para leste.

O sacerdote de Chochocan aproximou-se, envergando o branco, símbolo da vida. Deixou cair a túnica e começou a dançar, despido como veio ao mundo, celebrando a infância.

Mara não viu as suas gravitações; não se sentou aliviada do sentimento de culpa motivado por saber que a sua lassidão estivera na origem da tragédia. Quando o dançarino se curvou diante do féretro até embater com a cabeça no chão, ela olhou para oeste quando instigada a tal e ficou ali parada, com um olhar vazio, quando os assobios dos seguidores de Turakamu cortaram o ar, no momento em que o sacerdote iniciou a sua dança em benefício da passagem em segurança de Ayaki para os salões do Deus Vermelho. Ele nunca antes necessitara de representar uma fera bárbara e a sua ideia de como um cavalo poderia mover-se quase deu vontade de rir, não fora o facto de ter terminado com a queda que esmagara uma esperança tão jovem.

Os olhos de Mara permaneceram secos. O seu coração empederniu-se de uma forma que pareceu praticamente irremediável. Não curvou a cabeça em oração quando os sacerdotes avançaram e soltaram o cordão vermelho que cingia as mãos de Ayaki, libertando o seu espírito para o renascimento. Não chorou nem implorou pelos favores dos deuses quando a ave *tirik* de plumagem branca foi libertada em representação da renovação do renascimento.

O sacerdote de Turakamu entoou a sua oração por Ayaki. — No final, todos os homens comparecem perante o meu deus. O Deus da Morte é um senhor amável, pois põe fim ao sofrimento e à dor. Ele julga aqueles que se apresentam diante dele e recompensa os justos. — Fez um amplo aceno de mão e aquiesceu com a sua máscara de caveira. — Ele compreende os vivos e conhece a dor e o pesar — acrescentou o sacerdote. A mão vermelha apontou para o rapaz de armadura colocado na pira. — Ayaki dos Acoma era um bom filho, seguindo firmemente o caminho que os pais teriam desejado que percorresse. Só nos resta aceitar que Turakamu o achou merecedor e o convocou para que pudesse ser-nos devolvido, com um fado ainda mais grandioso.

Mara cerrou os dentes para não desatar a chorar.

Que oração poderia ser dita que não fosse manchada pela raiva e que renascimento, além de ser filho do próprio Luz do Céu, seria mais honrado do que ser herdeiro dos Acoma? Quando Mara estremeceu de fúria reprimida, os braços de Hokanu cingiram-na. Murmurou-lhe algo que ela não escutou quando as tochas foram erguidas dos seus suportes em redor do círculo e a madeira aromática foi acesa. Uma tira gelada retorceu-se em redor do coração dela. Ela observou as chamas vermelhas e amarelas a erguerem-se, com os seus pensamentos bem distantes do presente.

Assim que o sacerdote de Juran, *o Justo*, se aproximou para a abençoar, apenas o abanão sub-reptício de Hokanu evitou que ela o amaldiçoasse, exigindo saber que espécie de justiça havia num mundo onde rapazinhos morriam perante os olhos das próprias mães.

As chamas crepitaram na direção dos céus e depois cobriram a pira com um rugido perturbador. A madeira tratada poupou a visão do corpo do rapaz a retorcer-se e a enegrecer quando foi engolido pelo fogo. No entanto, Mara observou a cena com todas as fibras do seu ser assoladas pelo terror. A sua imaginação traçou o que jazia no seio do brilho demasiado ofuscante; a sua mente gerou os gritos que o rapaz nunca soltara.

— Ayaki — sussurrou ela. O abraço de Hokanu tornou-se ainda mais forte, de modo a que ela tivesse consciência de que deveria comportar-se de modo adequado: mostrando o rosto empedernido que, enquanto Serva do Império, deveria exibir ao sofrer em público. Mas o esforço de manter as suas feições imóveis foi o suficiente para a levar a tremer.

Durante demorados minutos, o crepitar das chamas rivalizou com as vozes dos sacerdotes que entoaram os seus variados cânticos. Mara debateu-se para controlar a sua respiração, para evitar a horrorosa realidade do seu filho morto a desaparecer num fio de fumo.

Se fosse um ritual de morte de alguém de posição inferior, seria chegada a hora de os presentes partirem, deixando os mais próximos do falecido

para um momento de luto mais privado. Mas, na despedida dos grandiosos, tais cortesias eram postas de parte. Não foi dada privacidade a Mara. Permaneceu diante do escrutínio público, enquanto os acólitos de Turakamu lançavam óleo sagrado sobre as chamas. Ondas de calor rolaram desde a pira, enrubescendo a pele de Mara. Se ela albergou quaisquer lágrimas, secaram nas suas faces diante daquela cruel fornalha. Sobre cortinas de chamas em contorção, o fumo negro e espesso espiralou rumo às alturas para chamar a atenção dos céus de que partira uma alma de grande honra.

O sol uniu-se às labaredas e Mara sentiu-se indisposta e desorientada. Hokanu voltou o seu corpo para a tapar o melhor possível. Não se atreveu a olhar muitas vezes para ela com ar preocupado, temendo trair a fraqueza dela, enquanto o tempo se arrastava de forma tortuosa. Decorreu quase uma hora antes de as chamas esmorecerem; seguiram-se mais orações e mais cânticos enquanto era espalhada a lenha carbonizada para que arrefecesse. Mara vacilou quando o sacerdote de Turakamu entoou:

— O corpo já não está presente. O espírito cresceu. Aquele que era Ayaki dos Acoma agora está aqui — disse ele, tocando no coração — e nos salões de Turakamu.

Os acólitos desafiaram as brasas fumegantes ao abrirem caminho rumo ao núcleo do montículo de lenha dizimada. Um usou um quadrado de couro grosso para embrulhar a espada deformada de Ayaki, passando rapidamente a trouxa para um outro que aguardava para arrefecer o metal quente em trapos húmidos. Ergueu-se vapor que se misturou com o fumo. Mara aguentou com um olhar mortiço enquanto o sacerdote de Turakamu utilizava uma pá ornamentada para encher uma urna com cinzas. Mais lenha do que rapaz, os restos representariam a inumação do corpo na clareira dos seus antepassados. Os Tsurani acreditavam que, enquanto a verdadeira alma viajava para os salões do Deus Vermelho, uma pequena parte da mesma, o espírito, permaneceria juntamente com os respetivos antepassados no interior da pedra que era o *natami* da Casa. A essência da criança regressaria então noutra vida, enquanto aquilo que fazia dela Acoma permaneceria para vigiar a sua família.

Hokanu segurou a sua esposa quando dois acólitos se posicionaram diante dela. Um entregou-lhe a espada, na qual Mara tocou. E então Hokanu pegou naquele pedaço de metal retorcido enquanto o outro acólito entregava a urna. Mara, com as mãos trementes, aceitou as cinzas do seu filho. Os seus olhos não reconheceram o que tinha nas mãos, mantendo-se antes fixos na lenha espalhada e carbonizada que permanecia no círculo.

Hokanu deu-lhe um ligeiro toque no braço e viraram-se em simultâneo. Os tambores ecoaram conforme a procissão dava a volta e retomava a marcha em direção à clareira da meditação dos Acoma. Mara nada reteve

da caminhada além do frio glacial da urna nas suas mãos, aquecido na base pelas cinzas presentes no interior. Ela pôs um pé diante do outro, mal se apercebendo de que chegara às coiceiras em voluta que assinalavam a entrada da clareira.

Os criados e Hokanu detiveram-se em consideração por ela; pois o único sem ser de sangue dos Acoma autorizado a passar por debaixo do arco e a percorrer o caminho de pedra lá existente era o jardineiro cuja vida fora dedicada a tratar da clareira. Ali, nem mesmo ao esposo dela, que ainda era um Shinzawai, era permitida a entrada, sob pena de morte. Autorizar a presença de qualquer estranho seria ofender os espíritos dos antepassados acoma e lançar a desarmonia eterna sobre a paz que acompanhava o *natami*.

Mara libertou-se do abraço de Hokanu. Não se apercebeu do murmúrio dos nobres que estavam a observar, com pena ou prontos a atacar, até desaparecer de vista atrás das sebes. Já por uma vez, no passado, na velha herdade da família, se entregara à terrível tarefa de consagrar ao *natami* os espíritos de familiares próximos.

A dimensão do jardim desorientou-a. Deteve-se, profundamente espantada, com a urna cingida contra o peito. Não era a clareira a que se habituara na sua infância, onde fora em criança falar com o espírito da sua mãe; não era o carreiro já conhecido onde escapara por pouco à morte às mãos de um assassino de uma seita enquanto fazia o luto pelo seu pai e pelo seu irmão. Este era um lugar estranho, imenso, um amplo parque, por onde corriam diversos ribeiros. Por um segundo, sentiu o coração ensombrado ao pensar se aquele jardim que durante muitos séculos albergara os espíritos dos Minwanabi poderia rejeitar o seu filho.

Mais uma vez recordou o cavalo a tombar, uma negritude demoníaca a derrubar uma vida inocente. Sentindo-se perdida, engoliu em seco. Escolheu um caminho à sorte, recordando apenas vagamente que todos eles davam para o mesmo local onde a pedra ancestral, o *natami* da sua família, repousava junto a uma enorme lagoa.

— Não enterrei o vosso *natami* bem fundo sob o dos Acoma — disse ela em voz alta, para o ambiente que a rodeava; uma vozinha dentro de si alertou-a de que estava a agir como uma louca. A vida era uma loucura, concluiu ela, ou então não estaria ali a fazer movimentos vagos sem sentido sobre os restos mortais do seu jovem herdeiro. A sua extraordinária mostra de bondade ao insistir que o *natami* dos Minwanabi fosse levado para uma clareira distante, onde seria bem tratado, para que os espíritos dos Minwanabi vivessem em paz, pareceu-lhe naquele momento uma loucura sem sentido.

Não tinha forças dentro de si que lhe permitissem rir.

Mara recurvou os lábios ao sentir o sabor amargo na boca. O seu cabelo cheirava a óleos doces e a fumo gorduroso. O cheiro nauseabundo revirou-lhe o estômago quando se ajoelhou no solo aquecido pelo sol. Junto ao *natami*, tinha sido escavado um buraco, com a terra húmida amontoada de um dos lados. Mara colocou na cavidade a espada deformada pelo calor que fora o objeto mais estimado pelo seu filho, e depois desfez a urna para permitir que as cinzas se escoassem. Com mãos despidas voltou a tapar o buraco com a terra, tendo depois alisado o solo.

Fora-lhe ali depositada, junto à lagoa, uma túnica branca. Nas dobras de seda jazia um frasquinho de vidro e, ao lado, o braseiro e a adaga tradicionais. Mara ergueu o frasquinho e retirou a tampa. Despejou óleos fragrantes na lagoa. Ela não viu beleza nas luzes trémulas fracionadas que dançaram à superfície, mas somente o rosto do seu filho, a boca aberta em sofrimento enquanto se debatia para respirar pela derradeira vez. Os rituais não lhe serviram para a aliviar, antes lhe parecendo um desperdício de sons sem sentido. — Repousai, meu filho. Vinde para o solo natal e dormi com os nossos antepassados.

»Ayaki — sussurrou ela. — Meu filho.

Agarrou o peito da sua túnica e puxou, arrancando a roupa do corpo, mas, ao contrário do sucedido uns anos antes, quando executou o ritual para o pai e o irmão, não se seguiram lágrimas à intempestividade. Os seus olhos permanecerem dolorosamente secos.

Mergulhou a mão no braseiro praticamente extinto. A pontada das poucas brasas ainda quentes não bastou para que se concentrasse nos seus pensamentos. O sofrimento manteve-se uma dor entorpecedora no interior dela conforme untava com as cinzas os seios e a barriga destapados, para simbolizar que também o seu coração estava reduzido a cinzas. Na verdade, sentia o seu corpo tão sem vida quanto a lenha queimada da pira. Ergueu lentamente a adaga de metal de família, mantida afiada durante séculos para aquelas cerimónias. Pela terceira vez na vida, retirou a arma da bainha e cortou o seu próprio braço esquerdo, mal sentindo, no entorpecimento gerado pelo seu desespero, a dor intensa que provocou.

Susteve o pequeno ferimento sobre a lagoa, deixando que gotas de sangue pingassem e se misturassem com a água, tal como exigia a tradição. Permaneceu imóvel durante mais de um minuto, até que o corrimento de sangue estancasse por si. Formou-se praticamente uma crosta antes de ela distraidamente apertar a túnica, mas faltou-lhe a determinação para manter as vestes devidamente apertadas. No final, limitou-se a enfiá-la por cima da cabeça. Caiu ao chão, com uma manga a ensopar-se em óleos e água da lagoa.

Maquinalmente, Mara soltou os alfinetes do cabelo, libertando os seus caracóis escuros para que tombassem sobre os ombros. Fúria e raiva, dor

e sofrimento tê-la-ão incitado a puxar as tranças, arrancando cabelos. Os seus sentimentos consumiram-se sombriamente, como uma chama que se apaga por falta de oxigénio. Não era suposto os rapazes morrerem; sofrer por eles com todo o ardor era ser cúmplice da aceitação de tal morte. Mara retorceu algumas madeixas, aparentemente apática.

Depois, apoiou-se nos seus calcanhares e observou a clareira. Tanta beleza imaculada e somente ela, entre os vivos, poderia apreciá-la. Ayaki nunca iria executar os rituais da morte em honra da sua mãe. Lágrimas escaldantes emergiram livremente e ela sentiu-se a libertar alguma da dureza que sentia dentro de si. Mara soluçou, deixando-se levar por um acesso de dor.

Mas, ao contrário de ocasiões anteriores, quando tal libertação originou clarividência, desta feita ela deu por si embrenhada ainda mais profundamente em pensamentos caóticos. Quando fechou os olhos, na sua mente formou-se um turbilhão de imagens de Ayaki a correr, e depois de Kevin, o escravo bárbaro que lhe ensinara o que era o amor e que vezes sem conta arriscara a sua vida em benefício da dela. Viu Buntokapi, estatelado sobre a espada coberta de sangue, com os seus enormes punhos cerrando-se a tremer conforme a vida se ia esvaindo do seu corpo. Mais uma vez reconheceu que a morte do seu primeiro esposo iria para sempre ficar-lhe gravada na memória. Viu rostos: o pai e o irmão, e a seguir Nacoya, a sua aia e mãe adotiva.

Todos lhe proporcionaram dor. O regresso de Kevin ao seu mundo revelara-se tão doloroso quanto uma morte, e nenhum deles morreria seguindo o curso normal da natureza; todos tinham sido vítimas de jogos políticos e das cruéis maquinações do Grande Jogo.

Nunca a iria abandonar a horrível certeza de que Ayaki não seria o derradeiro rapaz a morrer devido às ambições vãs dos governantes da nação.

Aquela constatação revelou-se uma verdadeira tortura: o facto de Ayaki não ser o último. Gritando de uma histeria gerada pela dor, Mara lançou-se precipitadamente para a lagoa.

A humidade engoliu-lhe as lágrimas. O seu soluçar foi subitamente interrompido por um arquejo quando a água fria se infiltrou pelas suas narinas e ela retornou à vida. Arrastou-se de novo para a terra seca, engasgada. Jorrou-lhe água da boca e do cabelo. Inspirou grosseiramente e depois, mecanicamente, deitou a mão à sua túnica, com a brancura desta maculada por terra e óleos doces.

Como se fosse um fantasma num corpo de um estranho, viu-se a ela própria a puxar o tecido para cima da sua pele molhada. Quanto ao cabelo, deixou-o em cachos sob a gola. Depois, o corpo, que sentia como uma prisão com vida, recompôs-se e arrastou-se penosamente em direção à entra-

da da clareira, onde milhares de pessoas a aguardavam com olhares hostis ou amistosos.

A presença deles apanhou-a de surpresa. No sorriso imbecil deste senhor e no interesse mal-intencionado daquele outro, confirmou o que já esperava: a morte de Ayaki iria repetir-se vezes sem fim, e outras mães a seguir a ela iriam gritar inutilmente de ultraje contra as injustiças do Grande Jogo. Mara olhou para baixo para afastar o reconhecimento da futilidade. Uma das suas sandálias desaparecera. Lama e pó recobriram o seu pé descalço e ela hesitou, debatendo-se entre procurar o calçado desaparecido ou lançar a outra sandália por cima da sebe.

O que interessa isso?, ouviu uma voz longínqua questionar dentro dela. Mara fitou o seu pé descalço com um distanciamento sombrio conforme a pessoa que ela era abandonava a clareira. Passando por entre as sebes protetoras, não olhou para cima quando o seu esposo se apressou a colocar-se ao seu lado. As palavras dele não serviram para a reconfortar. Ela não quis abandonar o seu ensimesmamento para procurar entender o significado do que ele dissera.

Hokanu sacudiu-a levemente, forçando-a a olhar para cima. Um homem de armadura vermelha estava parado diante dela; magro, elegante, sério, mantinha o queixo num ângulo arrogante. Mara olhou abstraidamente para ele. A mão que segurava algo moveu-se e revelou-se nos modos dele algo semelhante a um desprezo mordaz.

O olhar de Mara endureceu. Os olhos dela focaram-se na divisa patente no elmo do jovem e ela foi percorrida por um profundo arrepio.

— Anasati — disse ela, com um tom de voz que mais pareceu o estalar de um chicote.

O Senhor Jiro reagiu com um sorriso glacial. — Vejo que a senhora se digna a reconhecer-me.

Despertada para uma raiva lenta e espiralada, Mara endireitou-se.

Nada disse. Os dedos de Hokanu agarraram discretamente o pulso dela, alerta a que ela não prestou atenção.

Nos seus ouvidos, ela escutou o que lhe pareceu o som de um milhar de *sarcats* enfurecidos e desafiadores, ou torrentes de rios tempestivos a esmagarem-se sobre rochas denteadas.

Jiro dos Anasati ergueu o objeto que tinha nas mãos, um pequeno quebra-cabeças meticulosamente cortado num padrão de argolas de madeira entrelaçadas. Ele inclinou a cabeça numa vénia formal. — O espírito do meu sobrinho merece uma recordação dos Anasati — disse.

— Uma lembrança! — exclamou Mara, num sussurro audível e atormentado. Na sua mente, o seu espírito uivou: a lembrança dos Anasati enviara o seu primogénito para um leito de cinzas.

Ela não se lembra de se ter mexido; não sentiu os tendões a retesarem-se quando se libertou do aperto de Hokanu. O seu grito de raiva percorreu as pessoas ali reunidas como se fosse uma espada de metal desembainhada, e as suas mãos ergueram-se como garras.

Jiro saltou para trás, deixando cair o quebra-cabeças, aterrorizado. E então Mara saltou para cima dele, arranhando-o para lhe chegar à garganta por entre os fechos da armadura.

Os senhores que estavam mais próximos não silenciaram o seu espanto ao verem aquela pequena mulher, desarmada, suja e molhada, a lançar-se ao seu antigo cunhado numa pura raiva.

Hokanu agiu com toda a sua destreza de guerreiro, suficientemente rápido para deter Mara antes que ela derramasse sangue. Acalmou o corpo dela, que se debatia, com um abraço.

Mas os danos já eram irrevocáveis.

Jiro olhou em redor para o círculo de presentes espantados. — Todos vós testemunhastes! — gritou ele, com uma indignação onde era patente um tom de feroz alegria. Agora tinha a justificação que há tanto tempo desejava, para ver a Senhora Mara no chão sob o seu calcanhar, completamente derrotada. — Os Acoma insultaram os Anasati! Que todos os presentes fiquem a saber que findou a aliança entre as nossas Casas. Reclamo o meu direito de expurgar esta vergonha à minha honra, e como paga será exigido sangue.

GUERRA

Hokanu não tardou a agir. Enquanto Mara lhe batia furiosa e intempestivamente com os punhos na couraça, os guerreiros da sua guarda de honra apertaram-se em volta dela para que a histeria da sua senhora não fosse testemunhada por todos os presentes. Hokanu mandou chamar com urgência Saric e Incomo.

Um olhar para a sua perturbada senhora bastou para convencer os dois conselheiros: a dor e os nervos haviam-na subjogado. Não estava em condições de reconhecer ninguém, e obviamente seria incapaz de pedir desculpas em público ao Senhor Jiro. Fora o facto de o ter visto que lhe provocara um ataque de nervos. Mesmo que recuperasse a razão antes da partida dos convidados, não seria sensato encorajar um encontro entre as partes em litígio para que ela pudesse pedir perdão. Daí poderiam advir danos ainda maiores. Os dois conselheiros, um velho e experiente e o outro jovem e talentoso, perceberam de imediato que a abrangência dos problemas causados pelo lapso dela estava a tornar-se cada vez maior. Já era demasiado tarde para remediar o passado.

Hokanu percebeu que deveria ter prestado mais atenção ao aviso de Isashani, mas não poderia permitir que o arrependimento pelo seu erro o impedisse de tomar decisões rápidas. — Saric — disse num tom seco —, preparai um comunicado. Nada de falsidades, mas seleccionai as palavras para insinuar que a nossa senhora se sentiu mal. Necessitamos de um plano imediato para suavizar as acusações de insulto do Jiro, que por certo chegarão num período de horas, e para descobrir uma forma sensata de dispensar os nossos convidados de Estado.

O Conselheiro Principal, com o seu cabelo escuro, fez uma vénia e esquivou-se rapidamente, já a ordenar as palavras da declaração formal.

Sem que lho solicitasse, o Comandante das Forças Armadas Lujan avançou um passo. Apesar dos governantes que se amontoavam contra os guerreiros dele, para observar a prostrada Mara, não virou a cara à vergonha dela, antes libertando-se dos anteparos das mãos, espada e cinto, para depois se debruçar e ajudar a controlar a agitação de Mara sem a magoar. Com um olhar de profundo alívio, Hokanu continuou a distribuir instruções a Incomo. — Regressai depressa à casa senhorial. Reuni as aias da Mara e encontrai um curandeiro que saiba preparar um soporífero. Depois,

tratei dos convidados. Necessitamos da ajuda dos aliados que nos restam para evitar um espoletar de hostilidades armadas.

— O Senhor Hoppara e as forças dos Xacatecas estão do vosso lado — anunciou uma voz rouca feminina. As fileiras cerradas da guarda de honra afastaram-se para o lado para permitir o acesso do elegante vulto, vestido de amarelo e púrpura, da Senhora Isashani, que recorrera ao quase místico efeito da sua beleza e postura para conseguir passar por entre os guerreiros. — E posso ajudar com a Mara.

Hokanu vislumbrou naqueles exóticos olhos escuros uma preocupação sincera. — Que os deuses nos perdoem a minha falta de compreensão — murmurou ele em jeito de desculpa. — A vossa Casa tem toda a nossa gratidão. — A seguir, entregou a responsabilidade de tratar a sua senhora à sabedoria feminina da viúva dos Xacatecas.

— Ela não enlouqueceu — respondeu a Senhora Isashani, enquanto a sua mão delicada confortava Mara. — Com sono e sossego vai ficar bem, e o tempo curará a sua dor. Tendes de ser paciente. — E então, retornou de imediato à implacável urgência da política. — Instruí os meus dois conselheiros a intercetarem os Omechan e os Inrodaka — acrescentou. — A minha guarda de honra, sob as ordens de Hoppara, encontrará formas de os deter onde eles mais possam causar problemas.

Menos dois inimigos com quem se preocupar; Hokanu retribuiu com um perturbado aceno de cabeça. Mara dispunha de amigos fiéis contra as fações mal-intencionadas que ansiavam por a derrubar. Era adorada por muitos nessas nações. Despedaçou-lhe o coração não poder permanecer ao lado dela estando Mara naquele terrível estado. Forçou o seu olhar a desviar-se do pequeno cortejo que se formara para transportar a sua perturbada senhora para o conforto da grande casa. Deixar-se guiar pelo coração nessa altura seria uma jogada arriscada. Teria de ser forte, como se estivesse prestes a entrar num combate mortal. Havia bastantes inimigos que tinham marcado presença nos rituais de despedida de Ayaki, precisamente para se aproveitarem de uma oportunidade como aquela. O insulto de Mara a Jiro já não poderia ser perdoado. Que dali iria resultar um banho de sangue era algo que já todos sabiam — mas apenas um louco iniciaria um ataque no coração da herdade de Mara, com o exército dela reunido para prestar tributo a Ayaki. Uma vez para lá das fronteiras das terras dos Acoma, os inimigos de Mara entabulariam a resposta.

Hokanu tentava agora protelar uma guerra imediata. Os Acoma seriam arruinados se ele desse um passo em falso; não apenas isso, como os guerreiros e recursos dos Shinzawai poderiam ser arrastados para um conflito infrutífero. Tudo o que fora conquistado nos últimos três anos para

salvaguardar a governação centralizada do Imperador poderia ser desperdiçado num abrir e fechar de olhos.

Teria de ser reunido o Conselho, para ver o que poderia ser feito para impedir que o desastre assumisse proporções ainda maiores. Os senhores que não estavam aliados nem a Mara nem a Jiro teriam de ser galanteados, adulados ou ameaçados, para que os que se opunham frontalmente a ela pensassem duas vezes antes de desafiar a Boa Serva.

— Lujan — chamou Hokanu pelo Comandante das Forças Armadas, impondo-se ao crescente tumulto —, preparai a guarnição e convocai os vossos oficiais mais serenos. Não interessa qual seja a provocação, as vossas patrulhas devem manter a paz a todo o custo.

As altas plumas verdes do elmo do oficial assentiram em reconhecimento, sobranceiras a todo aquele caos. Hokanu gastou uns momentos a agradecer aos deuses por Mara ter selecionado o seu pessoal em virtude da inteligência e da sensatez. Cabeças frias eram a única esperança deles de evitar a devastação dos Acoma.

Triste com aquela reviravolta nos acontecimentos, Hokanu orientou a guarda de honra para que marchasse de regresso à casa senhorial. Se Mara fosse menos de si própria e mais a esposa maleável em que se tornava a maioria das mulheres do Império em consequência de uma educação tradicional, ela nunca teria sido suficientemente forte para aguentar um funeral de Estado de um filho eliminado por assassinos. Enquanto Governatriz, e Serva do Império, estava demasiado exposta, sendo-lhe negadas até as fraquezas que a qualquer mãe seriam perdoadas.

Apanhada no seio de uma intensa conjugação de intrigas, a Senhora Mara fora forçada a representar um papel que a transformara num alvo.

Após uma hora frenética, Mara estava deitada na sua liteira de dormir, entorpecida por poções administradas pelo sacerdote de Hantukama, que aparecera como que por magia para oferecer os seus préstimos. Isashani tratou de deitar a mão ao pessoal doméstico e o pequeno *hadonra*, Jican, desempenhava o trabalho de três homens, reprimindo os rumores mais absurdos entre a criadagem.

Hokanu deu por si sozinho a lidar com as decisões que teriam de ser tomadas na Casa dos Acoma. Escutou os relatos dos servidores dos Acoma. Tomou notas para que Mara as apreciasse, assim que recuperasse e se sentisse capaz. Assinalou os convidados que permaneceram junto dela e os que se insurgiram contra ela. A maioria teve a dignidade de se manter em silêncio, ou então ficaram demasiado chocados para compor alguma resposta hostil. Todos tinham esperado passar um dia de tranquila meditação, para depois serem recebidos pela Serva do Império numa ceia formal. Em vez

disso, já estavam de regresso a casa, horrorizados com um ato imperdoável protagonizado por uma mulher detentora do cargo mais importante da terra, próxima do trono do Imperador. Mais de um representante de grandes Casas apareceu para apresentar ostensivamente os seus cumprimentos, mas a não ser pelo Senhor dos Keda, Hokanu murmurou agradecimentos aos homens ansiosos por vislumbrar um qualquer sinal de que a Casa dos Acoma estaria enfraquecida. O Senhor Hoppara e os senhores do Clã Hadama estavam a fazer um excelente trabalho movimentando-se no seio da multidão de hóspedes de partida, minimizando os danos do ato de Mara contra os Anasati através de todos os expedientes a que pudessem recorrer. Muitos dos que estavam prontos a sentirem-se ofendidos pela quebra no protocolo mostraram-se mais inclinados a fechar os olhos à explosão de uma mãe em dor depois de escutarem um dos senhores dos Hadama ou o Senhor Hoppara.

Outro nobre frustrado por não ter conseguido acesso aos aposentos mais interiores foi o Senhor dos Anasati. Jiro insistira com veemência que o insulto à sua pessoa era irreparável. Um grupo de apoiantes juntara-se nos seus calcanhares assim que ele virou costas à porta de Mara. Tinha encontrado um ponto de união e mesmo os que encaravam Mara como amiga seriam fortemente pressionados a ignorar um ataque pessoal; para um inimigo, isso era impossível. Na cultura tsurani, o perdão era simplesmente uma forma menos vergonhosa de fraqueza face à capitulação. Num ápice, a senhora transformara adversários políticos em aliados de inimigos mortais.

Jiro não solicitara um pedido de desculpas público; na verdade rodeara-se de senhores cujo desgosto com os reformados poderes de Ichindar era mais notório. Saric e Incomo concordaram que o Senhor dos Anasati estava deliberadamente a desencorajar aberturas conciliatórias, optando por lançar as culpas do escândalo diretamente sobre os Acoma. As bem audíveis queixas de Jiro chegaram a quem estivesse por perto: que ele fora ao funeral do sobrinho sob o que era considerado por todos os presentes uma trégua tradicional e sofrera um ataque físico e humilhação às mãos da anfitriã, assim como uma acusação pública. Por muito que qualquer governante compreendesse ou simpatizasse com a origem do ato irrefletido de Mara, ninguém poderia negar que fora lançado um insulto mortal, sem pedido de desculpas. Qualquer tentativa de minorar a acusação destacando a incapacidade presente de Mara de oferecer uma desculpa racional foi ignorada pelo anasati.

O salão dos Acoma ficou cada vez mais abafado, com os seus biombos cerrados contra os olhares curiosos, as portas guardadas por veteranos experientes de guerras passadas. Estes homens não envergavam as armaduras protocolares com lacados brilhantes, mas sim as vestes de combate já bem

gastas de confrontos passados. Sentado num dossel mais baixo e menos formal que não era utilizado na ausência de Mara, Hokanu tranquilamente pediu opiniões sobre os acontecimentos do dia.

O facto de os oficiais mais chegados e leais dos Acoma terem decidido responder perante um consorte que não era o senhor que prestara juramento na Casa deles demonstrou um imenso respeito pela opinião de Hokanu. Mesmo não cabendo a ele comandar a honra dos votos destes homens, demonstraram confiar absolutamente nele para agir como fosse necessário em nome da senhora. Impressionado como estava com tal devoção, Hokanu ficou igualmente perturbado, pois isso significava o quão profundamente estavam cientes do risco que Mara corria. Hokanu rezou para estar à altura da tarefa que tinha em mãos.

Escutou em profundo silêncio quando o Líder de Forças Militares, Irilandi, e Keyoke, Conselheiro para a Guerra, avaliaram a força da guarnição, enquanto o Comandante das Forças Armadas Lujan preparava as forças acoma para a guerra. Para dar mais ênfase, o velho Keyoke bateu com a muleta no coto da sua perna perdida. — O Jiro, mesmo tendo a noção de que será derrotado, não tem opção: a honra exige que responda publicamente com um derramamento de sangue. Duvido que opte por um duelo de campeões. Pior do que isso, se os gritos acusatórios da Mara foram escutados por outros além dos que estavam próximos, a insinuação dela de que o Jiro contratara a Seita dos Hamoi para matar o Ayaki pode ser tomada como um insulto aos Ionani, que resultará inevitavelmente numa Convocação do Clã.

Após este comentário, impôs-se um silêncio absoluto, o que levou a que se ouvisse no salão o eco das passadas dos criados. Diversos dos presentes à mesa voltaram-se para ouvir os chamamentos de oficiais de Casas, a reunir as famílias dos seus amos em liteiras pessoais para que partissem rapidamente, e uns poucos entreolharam-se e partilharam um entendimento comum: uma Guerra de Clãs iria despedaçar o Império.

Face a tão sombrio cenário, Saric arriscou-se a dizer:

— Mas quem poderia encarar tão seriamente tal ideia? Nenhuma seita se atreve a revelar os seus contratantes e quaisquer provas que encontremos que liguem os Anasati ao ataque não serão muito convincentes, dadas as práticas clandestinas da Irmandade dos Hamoi. Estou mais inclinado a suspeitar de que se trata de uma pista falsa lançada intencionalmente.

Incomo assentiu com a cabeça, agitando um dedo revirado. — A prova de haver mão do Jiro na morte do Ayaki é demasiado perfeita. Nenhuma seita sobrevive e conquista clientes abastados sendo assim tão imprudente. E os Hamoi são a seita mais poderosa, por os seus segredos nunca terem sido comprometidos. — Observou atentamente os rostos em volta da mesa.

— Depois de... quê?, cinco tentativas para matar a Mara, de repente permitem que um deles seja apanhado com provas da participação dos Anasati? É pouco provável. Sem dúvida questionável. Pouco convincente.

Hokanu observou os conselheiros com um lampejo no olhar tão intenso quanto a luz refletida pelo aço bárbaro. — Precisamos que o Arakasi regresse. — Os talentos do Mestre Espião dos Acoma eram imensos e a capacidade que tinha para ler nas entrelinhas do emaranhado da política e da ganância pessoal da miríade de governantes das Nações chegava a ser inquietante. — Precisamos dele para que investigue esta prova que incrimina o Jiro, pois por detrás dela estará o assassino do rapaz. — Hokanu suspirou. — Entretanto, a especulação não nos leva a lado nenhum. Com a partida do Tasaio dos Minwanabi, quem se atreve a desejar a morte da Serva do Império?

Saric, na escuridão, coçou o queixo. — Amo, estais cego de amor pela vossa esposa — disse, sem deixar de mostrar compreensão. — Qualquer pessoa comum das Nações pode encará-la como um talismã, mas a posição elevada dela convida à inveja de outros. Muitos apreciariam ver a Boa Serva percorrer o seu caminho pelos salões de Turakamu, apenas por quebrar as tradições e por ter ascendido a uma posição até então nunca ocupada por um Senhor da Guerra. Além disso, muitos há também que viram enfraquecido o estatuto das suas Casas, e as suas ambições cerceadas, por ela ser a preferida do Ichindar. Se pudessem... buscariam a caída em desgraça da Mara.

Hokanu deu mostras de impaciência. — Então, quem se atreveria a tal?

— De entre todos nós, o Arakasi será o mais bem informado. — Olhando de soslaio para Incomo, Saric, muito sabiamente, colocou a questão que bailava na sua mente inquieta. — Há alguma razão para pensar que o vosso antigo senhor possa ter escapado da terra dos mortos para lançar um golpe de vingança?

Quando o olhar de Keyoke endureceu face a tal possibilidade, o antigo Conselheiro Principal do Senhor dos Minwanabi, agora Segundo Conselheiro da Senhora dos Acoma, aclarou a garganta. Sem vacilar, enfrentou a desconfiança que incidiu sobre ele. — Se assim foi, não participei em tal conspiração. Mas o Tasaio era um homem cheio de segredos, e perigoso. Muitas vezes estabeleceu acordos sem o meu conhecimento. Fui frequentemente dispensado quando muitos senhores pediriam a minha presença. O *Obajan* da Seita dos Hamoi foi visto a visitar pessoalmente o Tasaio. Na altura, fiquei com a impressão de que isso estaria relacionado com perguntas sem resposta relativas ao assassinio de espiões dos Acoma que então estavam ao serviço dos Minwanabi. — O rosto comprido de Incomo revelou então uma genuína repugnância. — Houve uma troca de ameaças e

estabeleceram um acordo. Mas ninguém escutou a troca de palavras entre o *Obajan* e o Tasaio. Só posso dizer que nunca na vida vira o Senhor dos Minwanabi tão frustrado com os seus planos, a ponto de ter um acesso de fúria. O Tasaio tinha muitos defeitos, mas raramente perdia o controlo.

Ao ouvir isto, Saric resolveu especular. — Se o antigo Conselheiro Principal dos Minwanabi não consegue ter a certeza se o Tasaio deixou ordens de vingança caso fosse derrubado, penso que estaremos a perder tempo com conjecturas. Indo diretamente ao assunto, o Tasaio não era um homem que alguma vez equacionasse a derrota; enquanto estratega, era incomparável. Dado que acreditou até ao fim que poderia esmagar a nossa senhora numa guerra aberta, por que razão deveremos partir do princípio de que ele optou pela via da cobardia e pagou pela morte da Mara quando nunca encarou seriamente a possibilidade de ela lhe sobreviver? Deveríamos, isso sim, observar mais atentamente as fileiras dos inimigos do Jiro. A Mara é um dos poucos governantes entre as Nações com poder suficiente para o enfrentar sem arriscar ficar num beco sem saída; dispondo do apoio imperial, a contenda entre os Acoma e os Anasati iria mais provavelmente causar perda ao Senhor Jiro.

— E, todavia, o Senhor dos Anasati parece suficientemente ansioso para aproveitar o que o destino e o nosso azar lhe ofereceram — interrompeu Hokanu. — Ele não se encolhe perante um conflito. Isso de pouco serve para o ilibar de culpas na questão da morte do Ayaki. Até a minha esposa se mostrar capaz, será esta a minha decisão. Ordenai à guarnição que se prepare para marchar. Haverá guerra e não nos atreveremos a ser apanhados de surpresa.

Keyoke inclinou silenciosamente a cabeça. Não iria dar o seu acordo em voz alta, pois isso era algo que só poderia fazer diante da sua senhora. No entanto, a sua aquiescência no assunto demonstrou o seu apoio inabalável. Saric, que era mais jovem e menos atado às velhas tradições, inclinou a sua cabeça num gesto muito parecido à vénia que um conselheiro ofereceria ao seu senhor ajuramentado. — Farei uma declaração de guerra formal aos Anasati. Quando o Jiro responder, marcharemos.

Keyoke olhou de relance para Irrilandi, que assentiu para indicar que compreendera o que iria acontecer em breve. A maioria do derramamento de sangue dos Minwanabi era feita sub-repticiamente, com emboscadas e ataques, e sem o reconhecimento público de responsabilidades. Mas as batalhas formais entre Casas eram um acontecimento desde há muito honrado e protocolar. Dois exércitos encontrar-se-iam num campo numa data acordada e um sairia de lá vitorioso. Não seria concedido, nem solicitado, quartel, a não ser em raras circunstâncias, e mais uma vez seguindo as normas de conduta formais. Havia o registo, na História, de batalhas que se

prolongaram durante dias; não era incomum que, em consequência disso, resultasse a destruição de ambas as Casas.

Hokanu resolveu então dar mais um passo. — Peço que notifiquemos o Clã Hadama.

Saric ergueu as sobrancelhas, profundamente preocupado, mas também intrigado com as subtilezas da sugestão. — Provocais uma Convocação do Clã dos Anasati?

Hokanu suspirou. — Tenho um pressentimento...

Mas Keyoke impôs-se numa rara interrupção que apoiou o palpite de Hokanu. — O Jiro não é guerreiro. Ele tem o Omelo como Comandante das Forças Armadas, que embora seja um bom general no campo de batalha, não se distingue em combates em larga escala. Uma Convocação do Clã é a melhor esperança de que o Jiro dispõe para manter intacta a sua Casa e o seu exército. Não provoquemos o que será provavelmente inevitável.

— Mais do que isso — acrescentou Incomo. — O Senhor Jiro é um verdadeiro erudito. Despreza as grosserias do conflito armado. Deseja ter uma razão para declarar guerra à Mara e alimentou um ódio por ela que já vem desde a juventude. É um mestre no *shäh*. Nunca vos esqueceis disso. Procurará destruir com recurso a subterfúgios e não pela força bruta. Se convocarmos uma Guerra de Clãs, há a possibilidade de o Clã Ionani não permitir que os interesses dos Anasati os arrastem para a destruição. Estamos mais do que à altura do Jiro em confronto aberto. Se os membros do seu clã apoiam os desejos obsessivos do Jiro o suficiente para aceitar como deles a sua desonra, o Clã Hadama vai reagir.

Hokanu sopesou tudo aquilo sem grande esperança ou entusiasmo. Quer o Clã Ionana avançasse, ou não, contra eles, o Senhor Jiro lograra colocar-se como ponta de lança de outras fações com motivos para minar o poderio de Mara. Que não fora ele o único a perceber que tudo ia além de uma questiúncula pessoal até algo mais profundo, a uma discórdia mais duradoura, tornara-se evidente pela quantidade de governantes que compareceram ao funeral de Ayaki. O Conselho Supremo poderia ter sido abolido, mas a sua tradição de debate permanecera em segredo, com grande fervor, sempre que havia um pretexto para que a nobreza se reunisse. O facto de os Mantos Negros terem enviado um grupo de cinco dos seus membros aos rituais demonstrou que a inclinação deles para intervir na arena da intriga estava longe de terminada desde a ascensão de Ichindar ao poder centralizado.

Hokanu finalmente concluiu. — Podemos dispor de força e aliados suficientes para esmagar os Anasati, mas a que custo? No final, tudo pode permanecer igual. Podemos apenas esperar que um confronto rápido e sangrento no campo de batalha contenha os estragos e divida os tradicio-

nalistas antes que convoquem os seus aliados e se organizem numa facção política unida.

— Senhor Hokanu — interrompeu Saric face ao puro olhar de amargura que surgiu no rosto do consorte dos Acoma —, o caminho que escolheste é o melhor dos que dispomos. Podeis ter a certeza que a vossa senhora não seria capaz de fazer melhor, caso estivesse em condições de ouvir os nossos conselhos. Agora ide, reconfortai-a, pois ela precisa de vós ao seu lado. Darei instruções aos escribas para que preparem documentos e organizem os mensageiros para que partam para as terras do Senhor Jiro.

Parecendo assustado apesar do alívio gerado por aquela declaração de apoio incondicional, Hokanu abandonou o salão. A sua passada era a de um guerreiro, determinada e rápida; as suas mãos as de um esposo preocupado, cerradas em punhos impotentes.

Saric deixou-se ficar, quando os outros oficiais desfizeram o círculo e abandonaram o salão. Ali a sós nas sombras sufocantes, bateu com o punho numa mão agora sem calosidades, desde que fora promovido e abandonara as fileiras de guerreiros. Sofreu pelos seus amigos que deixou na caserna e pela mulher que fora chamado a servir, que conquistara todo o seu apreço. Se os Acoma reagissem com rapidez para pôr fim àquela disputa, seria um milagre divino. Demasiados senhores ressentidos tinham ficado com poucas responsabilidades desde que o Conselho Supremo fora desmantelado. A paz deixara-os com demasiado espaço para lançarem a discórdia. As velhas facções políticas tinham-se separado, com a sua razão de viver extinta pelo novo tipo de governação de Ichindar.

O Império estava calmo, mas longe de estar bem assente; o clima de desassossego que desde há três anos estava suspenso amadurecera para dar lugar a uma renovada guerra civil.

Embora Saric apreciasse o brilhantismo da sua senhora na alteração que impusera na única sociedade que ele alguma vez conhecera, lamentava a extinção do cargo de Senhor da Guerra e o fim do poder do Conselho Supremo, pois pelo menos os acontecimentos poderiam ser interpretados em função de séculos de precedentes estabelecidos pelo modelo do Grande Jogo. Presentemente, apesar de o antigo estilo continuar a ser seguido pelas Casas do Império, as regras haviam tido de ser alteradas.

A especulação tornara-se demasiado incerta, concluiu Saric com um esgar de descontentamento. Abandonou o salão deserto, dirigindo-se aos aposentos que escolhera quando Mara ocupara a antiga propriedade dos Minwanabi. A caminho do seu aglomerado de quartos, ordenou ao mensageiro de Mara que fosse chamar um escriba. Quando o homem chegou com a sua sacola com tinta e penas, as instruções do Conselheiro Principal dos Acoma revelaram-se curtas e grossas:

— Esboçai uma comunicação para os nossos agentes. Se o Arakasi for avistado algures nas Nações, deverá ser informado de que necessita de regressar de imediato a casa.

O escriba sentou-se no chão sem fazer comentários, mas pareceu perturbado ao apoiar no joelho a mesa de colo em madeira. Levando rapidamente uma pena ao pergaminho, começou a escrever o primeiro documento.

— Acrescentai o seguinte, e utilizai a cifra número sete — terminou Saric, enquanto andava de um lado para o outro, numa agitação sem remédio. — A nossa senhora corre perigo de morte.

Ouviu-se o carrilhão e um irrequieto sopro de ar varreu as colgaduras que tapavam as paredes da grande sala de reuniões na Cidade dos Magos. Sombras projetadas por chamas tremeluzentes das lanternas a óleo agitaram-se à passagem de um mago que se posicionou sobre um padrão desenhado no meio do chão. Ele saiu abruptamente. Muito apressados, apareceram sucessivamente dois colegas. Atrás destes surgiram outros, até que uma multidão de vultos vestidos de negro ocupou os bancos em frente às paredes. As enormes portas com charneiras de couro abriram-se amplamente, com um rangido, para permitir o acesso de outros que optaram por não transportar os respetivos corpos por meios arcanos.

O salão da Assembleia encheu-se rápida e tranquilamente.

Os delegados convergiram de todos os passeios da Cidade dos Magos, um complexo de edifícios e terraços cobertos, torres e galerias que transformavam toda uma ilha numa espécie de formigueiro labiríntico. Localizada no meio de um grande lago no sopé da Cordilheira Elevada, as montanhas nortenhas do Império, a Cidade dos Magos era inacessível por qualquer via que não fosse a magia. Mantos Negros de províncias longínquas teleportaram-se para o local, respondendo ao chamamento para a Assembleia lançado nessa manhã. Reunidos em número suficiente para haver quórum, os magos constituíam o corpo mais poderoso de Tsuranuanni, pois viviam para lá da lei. Ninguém, nem sequer o Imperador, se atrevia a contrariar a liderança deles, que, ao longo de milhares de anos de História, sempre fora absolutamente privilegiada.

Em poucos minutos, os bancos ficaram repletos. Hodiku, um homem de meia-idade magro com nariz recurvado, que por opção ocupava quase todo o seu tempo a estudar na Cidade Sagrada, dirigiu-se ao lugar de Primeiro Orador, no centro do salão, decorado com motivos em mosaico. A sua voz difundiu-se pelo imenso salão aparentemente sem esforço. — Fomos aqui convocados hoje para que eu possa falar pelo Bem do Império. — A saudação de rotina foi acolhida com silêncio, pois todos os assuntos que

requeriam a convocação da Assembleia dos Grandiosos eram relativos ao Império. — Hoje foi quebrado o Selo Vermelho colocado sobre o sacrário secreto do Templo de Jastur!

O anúncio gerou uma profunda agitação de espanto, pois apenas quando era anunciado formalmente estado de guerra entre Casas ou clãs é que se abriam as portas em arco da câmara central do Templo do Deus da Guerra para permitir o acesso de público. Hodiku ergueu os braços para fomentar o regresso à ordem. — Mara dos Acoma, enquanto Senhora da sua Casa e Chefe de Guerra do Clã Hadama, declarou guerra ao Senhor Jiro dos Anasati!

Exclamações de espanto varreram o espaço. Apesar de um grupo de magos mais novos estar ao corrente do sucedido, não constituía a maioria. Os que tinham prestado juramento recentemente haviam-se juntado à Assembleia durante as convulsões geradas pela força conhecida por Inimigo, que ameaçara tanto o mundo deles em Kelewan como o de Midkemia, para lá da Brecha. A enorme ameaça às duas civilizações necessitou de uma ajuda dos Magos ao Imperador Ichindar, para que este fosse o líder absoluto das Nações, de modo a que conflitos internos não fragilizassem a terra perante uma crise maior. Os magos mais novos poderiam apreciar o recurso aos seus poderes para influenciar o curso dos acontecimentos. Mas para os mais velhos da Assembleia, assentes nas suas crenças individuais e em estudos eruditos, a intervenção na política tsurani não era encarada com agrado; era, sim, um recurso enfadonho apenas utilizado em caso de extrema necessidade.

Para uma facção ainda mais pequena, liderada por Hochopepa e Shimone, em tempos próximos do mago bárbaro Milamber, as recentes divergências face ao domínio tradicional interessavam-lhes por razões mais profundas. O contacto com o modo de pensar midkemiano incitara-os a encarar os assuntos de Tsuranuanni sob uma perspectiva diferente, e dado que a Senhora Mara era presentemente a cavilha de segurança do apoio de Ichindar, estas notícias sobre guerra geravam particular preocupação.

Hochopepa, há muito especialista em políticas tsurani de toda a espécie, levou uma mão rechonchuda ao rosto e cerrou os olhos, num gesto de indulgência. — Tal como previstes — murmurou para o magríssimo e ascético Shimone. — Problemas, quando as Nações estão em pior posição para pagar tal custo.

Taciturno como sempre, Shimone não respondeu, mas observou com um escrutínio de falcão enquanto diversos dos magos mais impulsivos se levantavam, indicando a sua pretensão de falar. Hodiku seleccionou um jovem Manto Negro chamado Sevean e apontou. O eleito avançou até ao centro enquanto os outros voltavam a sentar-se.

Ainda mal tendo decorrido um ano desde a sua iniciação, Sevean era despachado, loquaz e com tendência para ser impulsivo. Era capaz de referir sem papas na língua as suas conclusões enquanto outros colegas, mais experientes, esperariam para escutar os pensamentos de membros mais inexperientes antes de revelarem as suas opiniões. Falou demasiado alto para a acústica sensível do salão. — Todos creem que o Jiro deitou a mão ao pescoço do filho da Boa Serva.

Aquilo não era nenhuma novidade; Shimone virou a boca para baixo num débil esgar de descontentamento, enquanto Hochopepa murmurava suficientemente alto para que metade dos presentes o escutasse. — O quê? Ele esteve outra vez na sala de estar da Isashani, a ouvir os mexericos sociais?

Shimone não reagiu; tal como muitos dos magos mais velhos, encarava o recurso aos poderes para observar os assuntos particulares dos nobres como o mais grosseiro dos comportamentos. Sevean ficou envergonhado com o comentário de Hochopepa e com os olhares severos de diversos dos membros mais velhos. Sem palavras, encurtou o seu discurso, repetindo:

— Todos creem.

Mais magos competiram pela atenção do Primeiro Orador. Hodiku escolheu outro entre eles, e dado que um iniciado, lenta e demoradamente, apresentou com ponderação o seu irrelevante ponto de vista, mais magos veteranos começaram a conversar calmamente entre eles, ignorando por completo os assuntos essenciais do discurso.

Um mago dois lugares atrás de Hochopepa e Shimone, cujo nome era Teloro, inclinou a cabeça para os outros. — O que é que está efetivamente em causa, Hocho?

O mago roliço suspirou e parou de brincar com os polegares. — O destino do Império, Teloro. O destino do Império.

Teloro refreou-se face àquela incerteza. Depois, corrigiu a sua impressão inicial. A postura do mago corpulento poderia não indiciar preocupação, mas o seu tom de voz revelou uma profunda convicção.

Tanto Shimone como o seu imponente companheiro pareceram concentrados numa discussão no outro lado do salão, onde diversos magos estavam reunidos, conversando entre si. Quando o presente orador se sentou e se levantou um homem de ombros largos daquele grupo onde sussurravam, Teloro ouviu Hochopepa murmurar:

— Agora vamos começar a perceber como vai ser executada esta rodada do Jogo.

Hodiku fez sinal ao homem, que era magro e tinha o cabelo castanho cortado acima das orelhas num estilo que entre os Tsurani era conhecido por corte de guerreiro. O estilo era uma vaidade estranha para um Man-

to Negro, mas nem por isso Motecha poderia ser considerado, de modo algum, um mago estranho. Mantivera amizade com os dois irmãos que tinham ativamente apoiado o antigo Senhor da Guerra, mas quando Elgoran morreu e Elgohar partiu para servir no mundo midkemiano, Motecha conspirou para manter uma aparência de distanciamento em relação aos dois irmãos.

A atenção de Shimone e Hochopepa intensificou-se quando Motecha iniciou o seu discurso. — A ambição da Senhora Mara não tem limites? Convocou uma Guerra de Clãs devido a um insulto pessoal de que foi alvo enquanto Senhora dos Acoma.

Hochopepa assentiu com a cabeça, como se confirmasse um palpite. — Portanto, o Motecha estabeleceu alianças com os Anasati. Que estranho. Ele não é propriamente um pensador. Quem estará por detrás dele?

Shimone ergueu a mão. — Não me distraís com tagarelices. Quero ouvir isto.

Motecha acenou com uma mão com anéis, como se convidasse os colegas a refutar. Mas não se revelou tão magnânimo no seu convite quanto o gesto pareceu sugerir, pois rapidamente tratou de impedir qualquer interrupção. — Obviamente que não tem. A Boa Serva não se satisfaz em zombar da tradição ao cooptar as forças do seu antigo inimigo.

— Algo que considerámos uma jogada brilhante — observou Hochopepa, mais uma vez suficientemente alto para levar o orador a atrapalhar-se. Telero e Shimone disfarçaram o seu divertimento. O mago corpulento era um mestre a embaraçar colegas que achava que necessitavam de refrear a respetiva afetação. Quando Motecha pareceu pronto a retomar o seu discurso ensaiado, Hochopepa voltou a falar. — Mas, por favor, não pretendo interromper; rogo-vos para que prosseguis.

Motecha, apesar disso, ficou outra vez meio perdido. A custo tentou ultrapassar a sua hesitação. — Ela irá esmagar os Anasati... — disse.

Fumita levantou-se, em representação dos elementos mais experientes da Assembleia. Face ao assentimento de Hodiku, começou a falar. — Perdoai-me a interrupção, Motecha, mas não está assegurada, nem é provável, uma derrota dos Anasati. Dado o bem documentado conhecimento que se tem das forças disponíveis de ambos os lados, é adquirido que o Jiro deverá contra-atacar com uma Convocação do Clã. Sozinhas, as hostes militares dos Anasati não se equiparam às da Senhora Mara e ela revelou-se ousada convocando o Clã Hadama. Isto, politicamente, já implicou custos para ela. Irá perder aliados poderosos — na verdade dois serão forçados por laços de sangue a combatê-la no terreno ao lado do Jiro — e apesar de os Acoma serem espantosamente ricos e fortes, os dois clãs são muito equivalentes.

Hochopepa sorriu abertamente. A tentativa levemente dissimulada

de Motecha para agitar a Assembleia em prol dos Anasati fora derrubada. Em vez de se sentar, Fumita prosseguiu: — Há outra questão que deve ser abordada.

Motecha levantou o queixo e, contrariado, cedeu o seu lugar. Ao afastar-se, e não tendo nenhum outro Grandioso requerido a palavra, Hodiku limitou-se a acenar a Fumita para que prosseguisse. — Apesar de as questões de honra serem supostamente invioláveis, há que considerar isto: poderá este conflito de clãs enfraquecer a estrutura interna do Império a ponto de pôr em causa a estabilidade?

Um murmúrio agitou a Assembleia, mas ninguém avançou para debater o assunto. O Clã Ionani e o Clã Hadama eram fações enormes, é verdade, mas nenhum contava com suficientes seguidores para perturbar irremediavelmente a ordem pública. Hochopepa sabia que o seu aliado Fumita estava a ganhar tempo; a preocupação subjacente por detrás daquela tática era mais ampla do que o restabelecimento da honra pessoal de uma Casa após um insulto. O pior cenário já ia a meio caminho: o facto de o conflito dos Anasati e dos Acoma gerar uma polarização das fações que se opunham a Ichindar. Dissidentes desorganizados já estavam a juntar-se à causa de Jiro, formando uma facção tradicionalista capaz de fazer uma oposição séria à nova ordem do Império. Apesar de ainda não estarem suficientemente inflamados para causar um banho de sangue, de restar ainda um Conselho Supremo com poder para agir, não haveria dúvidas de que se naquele momento fosse efetuada uma votação, o Senhor Jiro obteria apoios suficientes para se apoderar do posto de Senhor da Guerra. Havia magos que encaravam a ascensão ao poder de Ichindar como um expediente ímpio: o equilíbrio deveria ser restaurado tal como existia nos tempos anteriores ao Inimigo, com o cargo do Luz do Céu a ser devolvido ao estatuto dos velhos tempos. Hochopepa liderara um pequeno contingente que aplaudiu a mudança; ele prestou escassa atenção à tentativa de Fumita de ganhar tempo, optando antes por verificar por onde andaria Motecha. Confidenciou então ao seu colega:

— Ah, ali está a mão por detrás da causa do Jiro.

Com um leve aceno de cabeça, apontou para o mago com quem Motecha estava a falar, um homem de porte atlético, acabado de sair da juventude, que se destacava pelo cabelo ruivo que escapava pelas orlas do seu capuz negro. Tinha sobrancelhas grossas, uma expressão que mais parecia um olhar carrancudo e a postura de alguém com tendência para se desassossegear, dado o seu excessivo nervosismo.

— Tapek — reconheceu Shimone. — Aquele que incendiou um edifício num treino para controlar os seus poderes. Os seus talentos revelaram-se muito cedo, mas levou muito tempo a conseguir controlá-los.

A expressão branda de Hochopepa enrugou-se de preocupação. — Ele não é amigo do Jiro. O que estará aqui em jogo?

Shimone ergueu levemente os ombros, o mais próximo que alguma vez esteve do enigmático encolher de ombros tsurani. — Os da laia dele andam sempre no limite de provocar problemas, parecem troncos a flutuar em redor de um redemoinho de água.

Ao centro, o debate prosseguiu. Mantendo o seu tom de voz cautelosamente neutro para que ninguém se apercebesse do seu laço pessoal com Hokanu e a Casa de Mara, Fumita apresentou a sua conclusão. — Creio que se os Clãs Ionani e Hadama se destruírem mutuamente, teremos de enfrentar tanto perigos internos quanto externos. — Deixou um dedo no ar. — Alguém será capaz de duvidar que, sobreviva quem sobreviver, essa Casa sairá tão debilitada que outras instantaneamente lhe cairão em cima? — Ergueu um segundo dedo. — E alguém será capaz de refutar que inimigos para lá das nossas fronteiras se vão aproveitar das nossas divergências internas para atacar? — acrescentou.

— É a minha vez de contribuir para esta exaltação excessiva — resmungou Hochopepa, levantando-se de pronto. Com aquela deixa, Fumita sentou-se com tal brusquidão que mais ninguém conseguiu levantar-se a tempo de evitar a indicação de Hodiku de que era a vez do mago corpulento.

Hochopepa tossiu para aclarar a garganta. — O meu informado irmão fez um bom resumo — disse, aquecendo para um discurso virtuoso com uma pomposidade desconcertante —, mas não nos devemos deixar cegar pela retórica.

Os lábios de Shimone retorceram-se com aquela meia-verdade. O seu companheiro anafado passeou pesadamente para trás e para a frente, olhando nos olhos todos os magos presentes nas filas dianteiras para lhes captar a atenção. — Gostaria de realçar que tais conflitos até aqui nunca profetizaram o fim de qualquer civilização tal como a conhecemos! — Assentiu com a cabeça para dar mais ênfase. — E não dispomos de informações que indiquem que os que estão junto às nossas fronteiras estejam a postos para atacar. Os Thuril estão demasiado ocupados a negociar na nossa fronteira oriental para procurarem conflitos, desde que não lhes demos motivos. Podem ser um bando complexo, mas o lucro é algo que parece interessar-lhes mais do que o derrame de sangue; pelo menos parece ser esse o caso desde que a Aliança Bélica persistiu na tentativa de os conquistar. — Um murmúrio de reprovação perturbou o salão ensombrecido, pois a tentativa de anexar as Terras Altas dos Thuril como uma nova província terminou em desgraça para o Império, e era considerado de mau tom recordar a derrota. Os escrupulos de Hochopepa não o impediram de recorrer a esse tópico

para abalar os seus oponentes. Limitou-se a elevar a sua voz poderosa o suficiente para ser escutada por cima do ruído. — Os homens do deserto de Tsubar juraram um tratado de união com os Xacatecas e os Acoma em nome do Império, e o conflito nunca mais foi reatado em Dustari.

Que isto se deveu em parte à Senhora Mara foi algo que a Assembleia não esqueceu. Um sorriso iluminou o rosto largo de Hochopepa até o burburinho esmorecer e ser repostado o silêncio respeitoso. — Em todos os sentidos, reina no Império uma paz que roça o tédio. — Numa mudança brusca, o seu sorriso deu lugar a um semblante carregado, e agitou um dedo na direção dos presentes. — É necessário recordar aos meus irmãos que a Serva do Império integra a Casa Imperial por adoção? Uma convenção estranha, já sei, mas é uma tradição. — Apontou para Motecha, que procurara desacreditar Mara. — Se formos imprudentes a ponto de apoiarmos de alguma forma os Anasati, é provável que o Imperador considere isso um ataque à sua família. E, indo mais diretamente ao assunto, o Elgohar e eu testemunhámos a execução do último Senhor da Guerra. No seu enforcamento... — Fez uma pausa para dar mais ênfase e bateu com o dedo na têmpera. — Permitti-me tentar recordar as palavras exatas do nosso Luz do Céu, na ocasião, sobre o facto de um mago conspirar em políticas do Conselho. Oh, sim, ele disse: «Caso se descubra mais algum Manto Negro envolvido numa conspiração contra a minha Casa, será colocado um fim ao estatuto de Grandiosos acima da lei. Mesmo que eu seja forçado a lançar *todos os exércitos do Império* contra os vossos poderes mágicos, mesmo que leve à ruína total do Império, não permitirei qualquer outro desafio à supremacia do Imperador. Compreendido?»

Hochopepa prosseguiu após varrer a assembleia com um olhar terrível. — Posso assegurar-vos, o Ichindar estava a ser sincero. Ele não é do tipo de ameaçar levianamente com violência. Os nossos imperadores anteriores podem ter-se dado por satisfeitos em permanecer sentados, a repartir o tempo entre devoções santas em templos e gerar herdeiros entre o conjunto de esposas e amantes — elevou de novo o tom de voz —, mas o Ichindar não é desses! É um governante, não uma marioneta divina envergando os trajes dos serviços religiosos!

Baixando o tom de voz, e obrigando todos os magos presentes a concentrarem-se em pleno para o escutar, Hochopepa resumiu: — Nós, que marcámos presença no funeral do filho da Boa Serva, sabemos muito bem que a lacuna de Mara se deveu a um sofrimento insuportável. Agora, ela deve arcar com as consequências da sua vergonha. A partir do momento em que atacou o Jiro com as suas próprias mãos, este conflito tornou-se inevitável. Dado que é nossa incumbência preservar o Império, duvido seriamente que possamos justificar qualquer plano de ação que possa levar-nos

— abalou o salão com um grito poderoso — a fazer oposição aos exércitos do Império no terreno por causa de um assunto relacionado com um insulto pessoal! — Tranquila e sensatamente, retomou o discurso. — Venceríamos, por certo, mas depois disso pouco restaria do Império para preservar. — Concluiu com um aceno de mão depreciativo. — Era tudo o que tinha a dizer. — E sentou-se.

O silêncio perdurou apenas uns momentos antes de Tapek se levantar repentinamente. Hodiku, com um aceno de cabeça, deu-lhe a palavra, e as vestes rodopiaram com a sua passada impetuosa conforme se dirigia ao centro do salão.

Com um rosto pálido, observou a assembleia, embrenhada em silêncio num momento de reflexão. — Já ouvimos o bastante sobre a Senhora Mara. A façção injustiçada, devo realçar, é a do Senhor Jiro. Ele não iniciou as hostilidades. — Tapek ergueu os braços. — Convido-vos a todos que, para variar, levais em conta as provas diretas em vez de palavreado! — Com um gesto, desenhou uma moldura no ar. Dos seus lábios jorrou um encantamento e o espaço à sua frente iluminou-se. Um arco-íris repleto de cores transformou-se numa imagem bem definida de uma divisão plena de livros e rolos de pergaminho. Ali, envergando uma túnica elegantemente simples, o Senhor Jiro andava de um lado para o outro num raro estado de agitação. Sentado a um canto num coxim, nos limites do percurso agitado do seu amo, via-se o rosto enrugado de Chumaka, inexpressivo.

— Como é que a Senhora Mara se atreveu a ameaçar-me? — questionou Jiro, ofendido, num tom empolado e irado. — Não tivemos nada a ver com a morte do filho dela! É escandalosa a insinuação de que somos uma Casa tão desonrada a ponto de atacar um rapaz que partilha o sangue dos Anasati! A prova plantada naquele assassino da seita é um esforço claro para nos desacreditar e por causa dela enfrentamos uma Guerra de Clãs.

Chumaka formou uma pirâmide com os dedos, ornamentados com os anéis esculpidos em *corcara* que ainda não retirara desde o funeral. — O Clã Ionani reconhecerá esses erros — disse ele num esforço para acalmar o seu amo. — Não avançaremos sem apoio para o campo de batalha.

— Guerra! — Jiro rodopiou, com os olhos estreitados devido ao descontentamento. — A senhora nada mais é do que uma cobarde para iniciar esta chamada às armas! Pensa derrotar-nos sem sujar as mãos, recorrendo à quantidade para nos aniquilar. Bem, temos de recorrer a todo o nosso engenho para lhe dar uma lição. O Clã Ionani pode apoiar-nos; o que nos será útil. Mas nunca esquecerei que foi necessário chegar a esse ponto. Se a nossa Casa emergir deste forte ataque, tende a certeza que os Acoma criaram um inimigo a temer!

Chumaka passou a língua pelos dentes. — A arena política foi remediada para dar origem a novos padrões. Haverá por certo maneira de tirar partido disso.

Jiro deu a volta para encarar o seu Conselheiro Principal. — Primeiro, maldita seja a cabra, temos de salvar a nossa pele desta carnificina geral que se perspetiva.

A cena foi interrompida quando Tapek bateu palmas e desfez o feitiço que a desenhara. Atirou para trás a sua franja cor de fogo, mostrando um ar algo trocista aos anciãos da Assembleia que ficaram muito rígidos face à afronta dele de se imiscuir na vida privada de um nobre.

— Ides contra a tradição! — gritou, de um dos bancos das traseiras, uma voz entrevada. — O que somos nós, velhotas metediças, para nos rebaixarmos ao ponto de recorrermos a artes arcanas para espiar? Espreitamos para os quartos de vestir das senhoras? — A sua opinião foi partilhada por diversos dos elementos de cabelo mais grisalho que se ergueram de pronto e saíram em protesto.

Tapek gritou bem alto. — É uma contradição ética! O que fez a Senhora Mara da tradição? Atreveu-se a interferir, digo eu! Esperamos e pagamos o preço da instabilidade que ela pode vir a criar? E que princípios a vão travar? Não demonstrou já ela a sua dificuldade em controlar-se neste desprezível ataque contra o Senhor Jiro?

Com aquele comentário inflamado, até Shimone pareceu perturbado. — Ela perdeu um filho numa morte horrível! — interrompeu. — É uma mulher e um ser humano. É suposto ter defeitos.

Tapek lançou as mãos à cabeça. — Uma boa observação, irmão, mas a minha preocupação não incide nas falhas da senhora. Ela teve uma ascensão vertiginosa, sob todas as perspetivas. A influência dela tornou-se demasiado forte e os poderes excessivamente amplos. Enquanto Chefe de Guerra dos Hadama e Senhora da Casa mais poderosa do Império, destaca-se entre os governantes. E na qualidade de Serva do Império, possui uma perigosa influência sobre as massas. Realço que ela é apenas humana! E que nenhum senhor ou senhora deveria ser detentor de tal influência no Império! Peço que refreemos já os seus excessos, antes que o problema se torne demasiado grande para conter.

Hodiku, na qualidade de Primeiro Orador, coçou o queixo face ao rumo que a discussão tomara. Numa tentativa de suavizar o incómodo que agitara a reunião, apelou a Hochopepa. — Tenho uma questão para o meu erudito amigo. Hocho, o que sugeris que façamos?

Recostando-se e esforçando-se ao máximo para parecer despreocupado, e apoiando um cotovelo no suporte atrás de si, Hochopepa disse:

— Ora, eu acho que é óbvio. Nada. Quando as ofensas de honra deles

forem saciadas com derramamento de sangue, será bastante fácil recolher os destroços.

Ouviram-se diversas vozes quando mais uma dúzia de magos se levantou, esperando chamar a atenção. Shimone suspirou ruidosamente. — Desta feita, não ides levar a vossa avante, Hocho.

O imponente mago apoiou o queixo nas palmas das mãos, fazendo covinhas em ambas as faces. — Claro que não — sussurrou ele —, mas não ia permitir que esse rapaz intempestivo saísse daqui sem as rédeas postas.

Estando acima da lei, cada Grandioso era livre de agir como achasse adequado. Qualquer um poderia atuar, à sua vontade, contra Mara se considerasse que isso era no melhor interesse do Império. Levantando a questão da não-interferência na Assembleia, Hodiku levou a que se tornasse um assunto a necessitar de consenso do quórum. Assim que fosse estabelecido um acordo formal, nenhum membro poderia, por vontade própria, desafiar a decisão final. Dado que não havia esperança numa decisão rápida, Hochopepa alterou o seu objetivo, de modo a que o processo procurasse incutir um julgamento sensato. O corpulento mago, resignado, arranjou as suas vestes em redor da barriga. — Agora, vamos ao que interessa, permitindo que estes impetuosos papagueiem até ficarem roucos. Quando lhes faltarem as forças, apresentamos-lhes a única opção sensata. É mais seguro permitir que o Tapek e o Motecha achem que estão a levar a Assembleia ao consenso do que dar-lhes liberdade para que iniciem, por si, ações lamentáveis.

Shimone mostrou uma expressão amarga ao seu imponente companheiro. — Por que razão procurais sempre a solução para tudo através de inesgotáveis sessões de falatório?

— Tendes alguma ideia melhor? — ripostou de pronto Hochopepa, num tom reprovador.

— Não — atirou Shimone. Sem vontade de se aborrecer com mais palavreado, voltou de novo a sua atenção para o centro da sala, onde o primeiro de muitos oradores se debatia para prosseguir a sua elocução.

O primeiro sol da manhã aqueceu a grande tenda de comando. A semi-obscuridade do interior cheirava aos óleos fortes utilizados para manter a pele impermeável e à gordura aplicada para dar elasticidade às tiras de armaduras e de bainhas. O odor do óleo das candeias não se fazia sentir, pois a senhora abdicara de iluminação. Envergando a armadura ornamentada e o elmo coroadado com plumas do Chefe de Guerra do Clã Hadama, Mara sentou-se sobre elegantes coxins de seda. As abas da entrada da tenda estavam presas para trás e a luz da manhã orlou o seu perfil rígido. Atrás de Mara, com a mão enluvada apoiada no ombro dela, Hokanu observou o exército ordenado em fileiras no vasto vale mais abaixo.

A massa de guerreiros em espera escureceu o prado até ao alcance da vista, desde o ponto de vista privilegiado na colina atrás: eram demasiado numerosos para contar as lanças e os elmos nas suas fileiras bem ordenadas. O único movimento visível era originado pelo vento que passava por entre as plumas dos oficiais, existentes em muitas cores além do verde dos Acoma. Ainda assim, a quietude era ilusória. A qualquer momento, todos os homens armados do Clã Hadama poderiam atacar, respondendo ao chamamento pela honra do Chefe de Guerra.

Mara, na sua armadura cerimonial, parecia um ornamento entalhado em jade. O seu rosto era a fachada inexpressiva esperada de um Chefe de Guerra tsurani. Contudo, os conselheiros que a apoiavam, notaram, no porte dela, uma fragilidade nascida da rigidez, como se a postura rígida fosse tudo aquilo que continha dentro de si as emoções ferventes. Moviam-se e falavam calmamente na presença dela, como se um gesto fortuito ou uma palavra erradamente mais inflamada pudesse abalar-lhe o autocontrolo, e a fúria irracional que ela lançara sobre Jiro pudesse libertar-se de novo e manifestar-se.

Neste cenário, com os imensos exércitos sob o seu comando espalhados prontos a atacar, ela era tão imprevisível quanto as nuvens ameaçadoras de trovoada cujos relâmpagos ainda não haviam sido libertados. Uma declaração formal de guerra implicava pôr de parte astúcia e estratégias, renunciando à artimanha e à razão, para simplesmente carregar em terreno aberto sobre o inimigo citado na cerimónia no Templo de Jastur.

Do outro lado da força bélica hadama foram erguidos os estandartes do Clã Ionani; tal como a Senhora Mara, o Senhor Jiro sentou-se com o Chefe de Guerra ionani no cume da colina em frente, orgulhoso como era próprio da sua linhagem, e sem qualquer pretensão de perdoar uma ofensa de honra por parte da Senhora dos Acoma. Para lá das fileiras cerradas de guerreiros dos Ionani, na tenda de comando esvoaçava a antiga bandeira de guerra escarlate e amarela dos Anasati, num estandarte posicionado junto à tenda preta e verde do Senhor Tonmargu, Chefe de Guerra do clã. A disposição das cores simbolizava uma ancestral declaração de que o insulto aos Anasati fora aceite por todas as Casas, de modo a ser resolvido com um derramamento de sangue sem quartel.

Morrer, era próprio de um tsurani; viver em desonra, uma cobardia merecedora de algo pior do que a morte.

Os olhos de Mara registaram os pormenores, mas as suas mãos não tremeram. Os seus pensamentos estavam bem ocultos, isolados num lugar frio onde nem sequer Hokanu conseguia aceder. Ela, que sempre deplorara a guerra e as matanças, parecia agora ansiosa por abraçar a violência pura. O derramamento de sangue por certo que não serviria para lhe trazer o

filho de volta, mas o calor e o horror da batalha talvez levassem a que ela deixasse de pensar. Poderia desfrutar de uma cessação do sofrimento e da dor até que Jiro dos Anasati fosse reduzido a uma amálgama de carne e sangue no meio da terra.

A sua boca enrijeceu com os seus pensamentos retorcidos. Hokanu apercebeu-se da tensão dela, sabendo instintivamente que não haveria consolação que a aliviasse. Permaneceu junto dela, quieto, serenando sempre que possível as decisões de Mara.

Um dia, ela poderia despertar e aceitar as suas lágrimas pelo que efetivamente eram. Até que o tempo começasse a sarar as feridas, ele poderia apenas facultar-lhe apoio ilimitado, sabedor de que, até então, qualquer outra coisa poderia levá-la a tomar medidas mais desesperadas.

Com a genuína impassibilidade tsurani, Hokanu seguiu a distante panóplia quando diversos vultos abandonaram as fileiras dos Hadama e se aproximaram das forças ionani. Lujan liderou o grupo, com a luz do sol a refletir na sua armadura e a iluminar as pontas das suas plumas de oficial com um brilho esmeralda. Ao seu lado, marcharam os dois líderes das Forças Armadas, Irrilandi e Kenji, e atrás, de acordo com a hierarquia, os comandantes das Forças Armadas das outras Casas do Clã Hadama. Seguiu-se por fim um escriba, para registar a troca de palavras quando esta delegação se encontrasse com os seus adversários no centro do local escolhido para a batalha, como indicava a tradição. Teria lugar uma discussão para estabelecer as condições da guerra iminente, os limites do campo, a hora do começo e a possibilidade, caso a houvesse, de poder ser concedido ou aceite quartel. Mas neste caso Mara pusera fim a quaisquer esperanças. Quando Keyoke, o seu Conselheiro para a Guerra, abordara o assunto do quartel, os olhos dela cintilaram de raiva. — Sem quartel — declarara.

O facto de as Casas do Clã Ionani terem achado apropriado envolvem-se não a fez recuar um milímetro. Poderiam aguentar-se firmes ou tombar com Jiro, e ela não enfrentaria sozinha as atrocidades inerentes no Jogo do Conselho.

As linhas estavam traçadas, os dados lançados. Ninguém poderia contestar a palavra de Mara, enquanto Chefe de Guerra. Hokanu olhou em volta da tenda de comando, tanto para se reconfortar a si próprio como para aquilatar a disposição dos presentes. Keyoke optara por uma armadura em vez das vestes de conselheiro adequadas ao cargo; Saric, que combatera nas hostes dos Acoma antes de ascender ao seu alto cargo, também vestira a armadura. Com a batalha prestes a iniciar-se, sentiu-se despido envergando apenas uma leve seda.

O velho Incomo, no entanto, envergava a sua túnica. Mais à vontade com a pena do que com a faca de comer, permaneceu com as mãos cer-

radas sobre o cinto, com as suas feições enrugadas a mostrarem-se tensas. Embora, à sua maneira, fosse tão experimentado quanto um general no terreno, não era instruído nas artes da violência. A Convocação do Clã por parte de Mara não fora um ato são e dado que ela fora, outrora, a alma da bondade e da razão, o virulento abraçar da vingança ritual dos Tsurani deixou-o profundamente aterrorizado. Mas os seus anos de experiência enquanto conselheiro dos Minwanabi permitiram-lhe obedecer com firmeza.

Todos os homens e mulheres dos Acoma, e de todas as Casas do Clã Hadama, aguardavam, nesse dia, pela boa vontade dos deuses.

Soaram trombetas, assim como as grandes e curvas trompas de guerra. Os tocadores de tambor entraram em ação quando as delegações ionani e hadama se separaram, deram a volta e regressaram às suas fileiras. O rufar dos tambores acelerou e o toque de trombetas adotou um ritmo mais intenso. Lujan assumiu o seu lugar no centro das hostes, Irrilandi e Kenji marcharam para os flancos à direita e à esquerda; os outros oficiais assumiram as suas posições à frente dos exércitos das respetivas Casas. O sol da manhã refletiu-se nas orlas das espadas e das lanças e iluminou o movimento ondulado de milhares de guerreiros a desembainhar espadas.

Os estandartes estalaram com uma rajada de vento e foram desenroladas flâmulas nas suas cruces, vermelhas em honra do Deus da Morte Turakamu, cuja bênção era solicitada para a matança prestes a iniciar-se. Um sacerdote da Ordem do Deus Vermelho pisou a estreita faixa de terra que separava os exércitos e entoou uma oração. O ondular do som conforme as vozes dos guerreiros se foram unindo assemelhou-se a um frémito que precede um cataclismo. Junto ao sacerdote estava uma outra pessoa, uma Irmã envolta em vestes negras da Ordem de Sibi, Ela Que É A Morte. A presença de uma sacerdotisa que adorava a irmã mais velha de Turakamu realçava que muitos homens estavam fadados a morrer nesse dia. O sacerdote concluiu a sua invocação e lançou ao ar uma mão-cheia de penas vermelhas. Dobrou-se até ao chão e depois saudou a sacerdotisa da Deusa da Morte. Assim que se deu a retirada dos representantes religiosos, os guerreiros desataram a soltar os seus gritos de guerra. Berros e insultos estilhaçaram a manhã quando os homens injuriaram os seus inimigos de um lado ao outro do campo. Foram trocadas palavras imperdoáveis, para selar a dedicação a um combate sem tréguas: vencer ou morrer, assim ditava a honra; para fortalecer o espírito, no caso de algum soldado se sentir tentado a render-se à cobardia. O código de honra dos Tsurani era inflexível: um homem seria merecedor da sua vida através da vitória, ou a sua desgraça perduraria para lá da respetiva Roda da Vida, causando-lhe a miséria na vida seguinte.

Mara observou desinteressadamente o panorama. Tinha o coração

empedernido. Naquele dia, outras mães saberiam o que era chorar sobre os corpos de filhos chacinados. Mal reparou quando Hokanu pousou os dedos nas couraças dos ombros da armadura, no momento em que o coração dele começou a bater de ansiedade.

Ao herdeiro dos Shinzawai cabia o direito de se manter ao largo, pois não tinha laços de sangue nem com os Hadama nem com os Ionani, mas enquanto marido da Boa Serva, sentia-se obrigado a supervisionar a carnificina. Agora, com o entusiasmo dos guerreiros a atingir um ponto de ebulição, a faceta mais sombria do seu caráter ansiava ardentemente pela ordem de ataque. Amara Ayaki como se fosse seu e a perda do rapaz estimulou-o a partilhar a raiva da sua senhora. A lógica poderia ilibar a Casa dos Anasati da contratação da seita, mas a ânsia gerada pela inflamação permanecera insaciada. Quer Jiro fosse ou não culpado, o sangue teria de ser pago com sangue.

Apareceu na tenda de comando um mensageiro enviado por Lujan. Fez uma vénia que o levou a tocar com a testa no chão, permanecendo em silêncio até a senhora lhe acenar. — Senhora, o Chefe de Guerra do Clã Hadama, o Comandante das Forças Armadas dos Ionani, manifestou a sua concordância. A batalha deverá iniciar-se quando o sol ascender a uma altura de seis diâmetros sobre o horizonte oriental.

Mara fitou os céus, em apreciação. — Isso significa que o sinal de ataque soará dentro de menos de meia hora. — Fez um gesto brusco de aprovação. Ainda assim, a demora era maior do que desejava: Ayaki não beneficiara de tal adiamento.

Os minutos passaram vagarosamente. Os soldados prosseguiram com os insultos até a voz deles enrouquecer. O sol subiu lentamente e, com a chegada em pleno do dia, o ambiente aqueceu. Todos os presentes na tenda de comando deixaram-se desgastar pelos nervos, ao ponto de o toque de uma mosca a pousar bastar para os despertar subitamente.

Hokanu foi ficando gradualmente impaciente. Estava pronto para desembainhar a espada e ver a ponta a fazer verter sangue. O sol atingiu finalmente o ponto designado. Não foi passado nenhum sinal entre os oficiais superiores presentes na tenda de comando. Keyoke inspirou rapidamente no momento em que Mara levantou a mão. Lujan, no terreno, ergueu a sua espada desembainhada e as trombetas repicaram o seu chamamento para a guerra.

Hokanu desembainhara instintivamente a espada. A batalha poderia terminar sem ele sequer enfrentar um inimigo, pois o seu lugar era ao lado da sua senhora. Nenhum guerreiro ionani iria furar a guarda de honra que rodeava a tenda de comando, a não ser que o Clã Hadama fosse desbaratado, no entanto, tanto ele como Saric estavam a postos.

As notas do toque de trombetas pareceram perdurar até à eternidade. Ao longe, à cabeça do exército, Lujan aguardava com a sua espada bem erguida, a brilhar ao sol como uma agulha. Do outro lado do campo de batalha, o oficial em comando dos Ionani ostentava uma postura idêntica. Quando as armas de ambos fossem baixadas, uma vaga de soldados aos gritos carregaria pela estreita faixa de prado, e nas colinas ecoaria o choque de espadas e os gritos de guerra.

Hokanu susteve a respiração a fim de murmurar uma rápida oração por Lujan, pois o valente Comandante das Forças Armadas dos Acoma tinha a morte praticamente garantida. A multidão de soldados de ambos os lados levava a que fosse pouco provável que qualquer elemento das cinco fileiras da frente sobrevivesse ao ataque inicial. Os dois grandes exércitos moer-se-iam mutuamente como os dentes de diferentes maxilares, e apenas os guerreiros nas fileiras mais recuadas poderiam ver quem emergiria vitorioso.

Terminou o momento de suspensão. Os homens concluíram as suas derradeiras súplicas aos deuses por honra, vitória e vida. E então a espada de Lujan agitou-se no seu golpe descendente.

Conforme os guerreiros se lançavam para a frente impulsionados pelas pontas dos pés e as bandeiras se agitavam nas mãos dos seus transportadores que tinham erguido as varas do chão, soou um trovão oriundo do límpido céu verde.

O abalo do ar atingiu Mara e Hokanu em pleno rosto. Voaram coxins e Hokanu ficou abismado. Caiu de joelhos, com o braço livre a amparar Mara num abraço protetor. Incomo foi projetado para trás, com as suas vestes enfunadas como velas, no momento em que a tenda de comando cedeu e ondeou com a rajada. Keyoke vacilou para trás de encontro a Saric, que o amparou, e que quase tombou quando a bengala lhe embateu nas pernas. Os conselheiros dos Acoma agarraram-se um ao outro para se aguentarem em pé, enquanto, dentro da tenda, as mesas foram reviradas e os mapas com as táticas de guerra esvoaçaram e tombaram desordenadamente sobre as cortinas emaranhadas que caíram sobre a liteira de dormir de Mara.

Por entre um turbilhão de redemoinhos, o caos espalhou-se pelo campo. Bandeiras rasgaram-se e chicotearam, arrancadas das mãos dos seus portadores. Um grito emergiu das fileiras avançadas de ambos os exércitos quando guerreiros foram lançados ao chão. As respetivas espadas cravar-se na terra, e não em carne. Lançados no caos pelo furacão, os guerreiros posicionados mais atrás tropeçaram uns nos outros até não sobrar ninguém capaz de avançar para se envolver no combate.

Na brecha entre as duas linhas surgiram diversas figuras de negro. As suas vestes não se agitaram, permanecendo assentes numa misteriosa cal-

ma. Entretanto, os ventos antinaturais amainaram, parecendo obedecer a uma ordem. Conforme a fúria se transformava em espanto, homens de ambos os lados pestanejaram os seus olhos cobertos de pó. Viram Grandiosos aparecer para intervir e, apesar de continuarem a empunhar as armas e de serem ainda movidos por uma sede de sangue, ninguém se ergueu, nem sequer fez um movimento para se lançar sobre os magos que permaneceram equidistantes entre os exércitos. Os guerreiros derrubados permaneceram deitados de bruços, com o rosto pressionado contra a relva. Nenhuma ordem de um amo ou de uma senhora poderia levar qualquer um daqueles homens a avançar, pois tocar num Grandioso era um convite à ruína absoluta, já para não referir que seria uma ofensa aos deuses.

Mara, com um olhar hostil, observou os Mantos Negros que impediam a sua vingança. As tiras da sua armadura rangeram quando se levantou. Cerrou os punhos e os músculos do maxilar retesaram-se. — Não — disse ela, em voz baixa.

Uma madeixa de cabelo solto deslizou para fora do elmo e as suas plumas de Chefe de Guerra tremeram como juncos assolados por uma brisa. Uma fração de segundo depois, um outro Grandioso materializou-se ao lado da aba aberta da tenda. A túnica dele parecia ser confeccionada a partir da própria noite, e, apesar de magro e jovem, nos seus olhos nada havia de juventude. Ostentavam uma luz que parecia arder, em contraste com a sua pele e cabelo escuros. A voz revelou-se surpreendentemente profunda. — Senhora Mara, escutai o nosso desejo. A Assembleia proíbe esta guerra!

Mara ficou lívida. A raiva apossou-se dela, por ser impedida de concretizar o chamamento à Guerra de Clãs. Nunca imaginara que a Assembleia poderia intervir contra o seu desejo. Era-lhe tão impossível contestar esse desenvolvimento, como o fora para o seu antigo inimigo, Tasaio dos Minwanabi, e a proibição da tradicional vingança pelo assassinio de Ayaki equivalia a abdicar da honra dos Acoma. Retirar-se daquele confronto sem derramamento de sangue iria desgraçá-la bem mais do que qualquer vergonha que os Anasati lhe pudessem infligir. Seria o seu filho que ficaria por vingar; ao Senhor Jiro seria outorgada a vitória. Conquistaria apreço pela sua coragem, tendo ido para o campo de batalha preparado para combater e defender a sua honra, mas não seria o filho dele ou os espíritos dos seus antepassados a serem rebaixados por serem privados de lhes ser pago com sangue um assassinio. Como acusador que não era ressarcido pela força das armas, a Senhora dos Acoma perderia muita da veneração que lhe era devida pela sua posição.

Mara conseguiu falar. — Forçais-me a desonra, Grandioso.

O mago desvalorizou o comentário dela com uma calma altiva. — A vossa honra, ou a falta dela, é algo que não me diz respeito, Boa Serva. A

Assembleia age como age, em todos os casos, pelo Bem do Império. A carnificina resultante de um conflito de clãs entre Hadama e Ionani debilitaria as Nações e deixaria esta terra vulnerável a ataques oriundos do outro lado das fronteiras. Por conseguinte, ficais avisada: nenhuma força dos Acoma, ou dos Anasati, ou dos respectivos clãs, ou aliados, pode ir para o terreno digladiar-se por causa deste ou de qualquer outro assunto. Estais proibida de entrar em guerra com o Senhor Jiro.

Mara, com grande força de vontade, manteve-se em silêncio. Em tempos testemunhara quando o Manto Negro bárbaro, Milamber, rasgara os céus sobre a Arena Imperial. Os poderes libertados nesse dia tinham matado e sacudido a terra, e levado a que chovesse fogo a partir das nuvens. Não estava assim tão dominada pela dor a ponto de perder o juízo e esquecer: os magos eram a força suprema no Império. O jovem e desconhecido mago observou, num silêncio arrogante, enquanto Mara engolia em seco. As faces dela enrubesceram e Hokanu, ao lado dela, sentiu-a a tremer devido à raiva contida. No entanto, ela era tsurani. Era suposto obedecer aos Grandiosos. Assentiu firmemente com a cabeça. — O vosso desejo será cumprido, Grandioso.

A vénia dela foi profunda, apesar do ressentimento patente. Virou-se ligeiramente para os seus conselheiros. — Ordens: retirar. — Face àquela ordem, ela não tinha escolha. Embora fosse a governante da maior Casa do Império, embora fosse Serva do Império, até ela teria de se curvar perante o inevitável e assegurar que nenhuma lacuna em termos de dignidade pudessem agravar aquela desonra imposta.

Hokanu transmitiu as ordens da sua senhora. Saric repeliu a sua imobilidade de espanto e apressou-se a despertar da sua prostração abjeta, no exterior, os mensageiros que comunicavam por sinais de bandeiras. Keyoke preparou as bandeiras sinalizadoras e, parecendo gratos por poderem sair de perto do vulto vestido de negro presente na tenda de comando, os mensageiros deitaram a mão a bandeiras verdes e brancas e apressaram-se a ir ao cimo do monte sinalizar a ordem de retirada.

No terreno, entre a massa de guerreiros ajoelhados, Lujan viu o sinal. Pôs as mãos em concha à frente da boca e gritou, e em volta dele outros comandantes das Forças Armadas dos Hadama lançaram ordens de retirada. Como uma onda posta em causa, os homens reuniram as suas espadas e lanças, levantaram-se vagarosamente e retiraram-se em pequenos grupos. Notou-se o movimento nas fileiras ao colocarem-se em posição, e iniciaram a marcha de regresso às vertentes das colinas, rumo aos acampamentos dos respectivos amos.

Os exércitos, prontos a esmagarem-se uns contra os outros, afastaram-se mutuamente, abandonando o prado em passos pesados, sob a luz

do sol. Os magos posicionados entre as hostes vigiaram a retirada, e então, com a sua missão concluída, desapareceram, um a um, instalando-se no alto da colina junto à tenda de comando dos Ionani.

Absorta na sua amargura, Mara mal reparou no mago ainda à sua frente, e em Hokanu ao seu lado, dando instruções para desmobilizar as forças do Clã Hadama de modo a que regressassem às respectivas guarnições nas suas herdades. Os olhos dela poderiam estar a ver um fim da guerra, mas a dureza no olhar não amainou. A honra teria de ser saldada. Tombar sobre a espada da sua família não serviria para pagar a vida de Ayaki. A desgraça pública continuava presente, não sendo esquecida. Jiro iria aproveitar-se dessa vergonha para encontrar aliados para enfrentar a Casa dela. Incitada a reassumir as suas responsabilidades, só lhe restaria expiar o seu erro. Já não lhe restava alternativa que não fosse recorrer à intriga para resolver a morte e o insulto entre ela própria e os Anasati. O Jogo do Conselho deveria agora funcionar em proveito dela, com conspirações e assassínios em segredo, detrás de uma fachada pública de decoro tsurani.

Gerou-se uma agitação no exterior da tenda de comando, uma perturbação de vozes alteradas, com a de Keyoke a destacar-se, num profundo espanto. — Duas companhias da ala esquerda estão em movimento!

Mara correu para a abertura da tenda, com o medo a desalojar os seus pensamentos de ódio. Olhou horrorizada para o outro lado do vale, não querendo acreditar que os elementos mais à esquerda das forças hadama contrariavam as ordens e avançavam.

O mago, que a seguia de perto, sibilou, afrontado, e outros dos seus parceiros apareceram do nada. Mara controlou o pânico face às novas aparições. Se não agisse, os Grandiosos tratariam do desrespeito das ordens por parte da facção dela. Num ápice, a sua Casa, o seu clã e todos os fiéis servos dos Acoma poderiam fazer mortos face à ira dos magos.

— Quem comanda a ala esquerda? — gritou ela, num tom esganiçado.

Irrilandi, acabado de chegar ao topo da colina, respondeu: — É uma companhia de reserva, senhora. Está sob o comando do Senhor dos Pechta.

Mara mordeu o lábio, refletindo furiosamente: o líder dos Pechta era um senhor, mas apenas recentemente recebera o seu legado. Era praticamente um rapaz, que chegara à sua posição sem mérito, sem provar o seu talento e sem ser dotado de experiência. A tradição tsurani concedera-lhe o direito a um lugar na dianteira das fileiras. Lujan compensara da melhor forma que pudera, e enviara o rapaz com uma unidade de auxílio, que apenas seria chamada quando a batalha já estivesse decidida. Mas agora, ou a sua juventude ou o seu sangue quente, eram um convite à destruição total.

Keyoke avaliou a situação no vale com o olhar de um estratega expe-

riente. — Aquele louco impetuoso! Tenta atacar enquanto reina a confusão entre as fileiras dos Anasati! Não reparou nos Grandiosos? Como pôde ignorar a chegada deles?

— Ele está louco. — Hokanu gesticulou aos mensageiros, que tinham chegado às secções mais distantes das fileiras. — Ou não consegue ler os sinais das bandeiras.

Saric despachou-se a enviar mais mensageiros, enquanto, no terreno, diversos comandantes mais velhos saltavam da multidão de guerreiros em retirada para se dirigirem aos estandartes em movimento do Senhor dos Pechta.

Na colina, a Senhora Mara ficou aterrorizada ao ver duas companhias completas de homens com as armaduras com plumas laranja e azul do Senhor dos Pechta a avançar para atacar o flanco direito dos Anasati. Os soldados de vermelho e amarelo na vertente mais distante da colina rodopiaram numa reviravolta, preparando-se para enfrentar o ataque. Os gritos do comandante deles flutuaram com o vento conforme ele exortava os guerreiros a manter a calma. Tratava-se de tropas experientes, ou fora o medo a mantê-los cautelosos. Aguentaram-se, obedecendo às ordens dos Grandiosos, e não se lançaram numa arremetida em resposta à provocação do Senhor dos Pechta.

As mãos fortes de Keyoke embranqueceram sobre a sua bengala. — É sábio, aquele Líder de Ataques dos Anasati. Não violará a ordem de retirada, e se os nossos homens sob as ordens dos Pechta prosseguirem com a sua investida, irão atacar na subida da colina. Tem tempo para esperar, e quiçá manter as tréguas.

As palavras foram proferidas para serem ouvidas pelos Mantos Negros, que se tinham reunido num grupo perturbador. Carrancudos sob capuzes escuros como breu, observaram as forças dos Pechta a investir ao longo da subida no lado do vale pertencente aos Ionani.

Um deles falou, e dois desapareceram com uma vergastada de ar.

Os servos de Mara deitaram-se de bruços completamente aterrados e mais do que um veterano ficou lívido. Lujan estava com um ar doentio e Keyoke parecia uma rocha cinzelada.

No campo de batalha, os dois Mantos Negros reapareceram diante das forças atacantes. Minúsculos como brinquedos, e no entanto ameaçadores nessa pequenez, lançaram as mãos ao ar. Uma luz verde saltou das pontas dos seus dedos e um clarão intenso irrompeu no caminho dos guerreiros em investida.

A visão de todas as testemunhas foi ofuscada.

Encandeada pela imagem residual, Mara foi obrigada a pestanejar para limpar as lágrimas dos seus olhos ardentes. Decorreu um momento

antes de recuperar por completo a visão. Obrigou-se a olhar para a frente, e arquejou.

À primeira vista, tudo lhe pareceu normal. Os soldados do Senhor dos Pechta já não iam a correr; estavam parados muito direitos, com a armadura laranja a brilhar ao sol e as plumas a agitarem-se ao sabor da brisa. Um olhar mais atento mostrou que a quietude deles ocultava um quadro de terror. As mãos que ainda agarravam as armas retorciam-se e crispavam-se, com a carne a empolar lentamente. Os rostos estavam contorcidos numa agonia torturante e silenciosa. A pele começou a ficar pejada de pústulas, e depois escureceu, enegreceu, e estalou. O fumo espiralou ao vento, fedendo a carne putrefacta carbonizada. A carne fendeu e gotejou sangue que ferveu até se transformar em vapor.

Mara sentiu o estômago às voltas, nauseada. Descaiu para trás, sendo apanhada por Hokanu, também ele horrorizado. Mesmo o experiente Keyoke, habituado aos horrores da guerra, pareceu profundamente abalado.

No terreno, não ecoaram gritos. As vítimas permaneceram presas como marionetas conforme os seus olhos explodiam, dando lugar a órbitas ocas. As suas línguas transformaram-se em obscenidades púrpura salientes em bocas incapazes de emitir um grito estrangulado que fosse. O cabelo fumegou e as unhas derreteram, apesar de os soldados permanecerem vivos, com as suas sacudidelas e estremeções só a custo visíveis às espantadas testemunhas no alto das distantes colinas.

Saric conteve um arquejo. — Por todos os deuses, já foram sem dúvida castigados o suficiente.

O mago que se dirigira primeiro à tenda de Mara voltou-se para o conselheiro. — O castigo só bastará quando decidirmos permitir a passagem deles rumo a Turakamu.

— Como desejardes, Grandioso! — Saric prostrou-se de imediato, com o rosto encostado ao chão como o de um escravo. — O vosso perdão, Grandioso. Lamento o meu acesso e peço desculpa por falar indevidamente.

O mago não se dignou a responder, mantendo-se num silêncio glacial enquanto os guerreiros dos Pechta continuavam a sofrer no terreno. Carne queimada soltou-se dos corpos deles, caindo a fumegar no chão. Os homens começaram finalmente a tombar, primeiro um, depois outro, até todos os duzentos guerreiros desabarem, esqueletos enegrecidos, sobre a relva imaculada, ainda envergando as armaduras reluzentes. O estandarte laranja e azul jazia diante deles, com as borlas a esvoaçar ao vento, que transportava um leve resquício de fumo.

O jovem mago finalmente afastou-se dos seus companheiros e dirigiu-se à Senhora Mara. — O nosso domínio é absoluto, Boa Serva. Lembrai

isso ao vosso povo. Quem nos desafiar arrisca-se ao esquecimento imediato. Compreendido?

Mara tentou afastar o seu mal-estar. — Conforme desejardes, Grandioso.

Um outro mago apartou-se do grupo. — Ainda não estou satisfeito. — Fitou os oficiais de Mara, todos de pé exceto Saric. Poderiam parecer temerários como exigia o decoro tsurani, mas todos eles tremeram apavorados. A fachada de valentia pareceu incrementar o desagrado do Manto Negro. — Quem nos desafiou? — perguntou aos colegas, ignorando Mara.

— O jovem Senhor dos Pechta — ouviu-se a resposta, fria e direta. Uma terceira voz destacou-se de entre os Mantos Negros, desta feita mais moderada. — Agiu por sua conta e risco, sem a permissão ou aprovação do seu Chefe de Guerra.

O segundo mago, um homem de olhar penetrante com um tufo de cabelo ruivo a escapar-se das bordas do capuz, fitou Mara. — A desonra dele não termina aqui.

O mago que parecia servir de mediador voltou a pronunciar-se. — Tapek, já disse que a Senhora Mara nada tem a ver com a afronta.

Tapek encolheu os ombros, como se tivesse sido incomodado por uma mosca. — Enquanto Chefe de Guerra do Senhor dos Pechta, é responsável pela conduta de todas as forças sob o seu comando.

Mara levantou o queixo. A mente dela paralisou de pavor ao aperceber-se de algo: aqueles Mantos Negros poderiam ordenar a morte dela, sem mais interesse do que o votado a Tasaio dos Minwanabi, cujo suicídio resultara das ordens deles. Os oficiais dela pareceram subjugados pelo terror. Keyoke nada mais mostrou além de uma dureza no olhar que ninguém até então conhecera.

Hokanu moveu-se involuntariamente para a frente, mas foi detido pelo braço, com um aperto forte como rocha de Lujan. Todos os presentes, sem exceção, sustentaram a respiração. Se os Mantos Negros ordenassem a destruição dela, nenhuma espada, nem súplica, nem o poder do amor poderia evitá-lo. A lealdade de milhares de servos e soldados que com prazer dariam as suas vidas no lugar da dela de nada lhe valeria.

Enquanto o ruivo Tapek observava a senhora com a frieza de uma serpente, o jovem mago perguntou:

— O Senhor dos Pechta ainda está vivo?

Lujan reagiu de pronto, enviando um mensageiro para o terreno. Os minutos passaram e Tapek remexeu-se, impaciente, enquanto no palco da carnificina o mensageiro conferia. Surgiu uma bandeira para comunicar a resposta. Baixou e acenou, em código, interpretado por Lujan. — Todos os que atacaram estão mortos. — Atraveu-se a erguer o olhar para os Gran-

diosos. — O Senhor dos Pechta liderava os seus homens. O seu corpo não passa de cinzas e ossos, tal como os restantes — concluiu.

O primeiro mago assentiu brevemente com a cabeça. — A obliteração do ofensor é castigo suficiente.

— Assim seja — afirmou o terceiro mago do grupo.

Mara sentiu-se a desfalecer devido ao alívio, até que Tapek se aproximou abruptamente dela. Afundadas na sombra sob o seu capuz, as pesadas sobrancelhas arquearam-se, revelando desagrado. Os olhos dele eram claros, frios como as profundezas do mar, e ao falar não disfarçou o seu tom ameaçador. — Mara dos Acoma, a Casa dos Pechta deixa de existir. Tratai de que todos os dessa linhagem estejam mortos antes do anoitecer. A casa senhorial e a caserna deverão ser incendiadas, assim como os campos. Quando as colheitas forem destruídas, criados dos Acoma deverão espalhar sal pelas terras, para que ali nada nasça. Todos os soldados que tenham prestado juramento ao *natami* dos Pechta deverão ser enforcados. Deveis deixar os restos deles a apodrecer ao vento, e nunca lhes oferecereis abrigo como fizestes com outros guerreiros de Casas conquistadas. Todos os servos livres dos Pechta são agora escravos, entregues ao serviço do Imperador. Todos os bens dos Pechta pertencem agora aos templos. O *natami* dos Pechta deve ser destruído por martelos e os pedaços enterrados, para que nunca mais sinta o calor do sol, para que nunca mais proteja os espíritos dos Pechta da Roda da Vida. Desta noite em diante e até à eternidade, essa Casa já não existe. Que o seu fim tenha este significado: ninguém pode desafiar a vontade da Assembleia. Ninguém.

Mara teve de se esforçar para que os seus joelhos não cedessem. Recorreu a toda a sua força para inspirar e encontrar a sua voz. — O vosso desejo será satisfeito.

Ela curvou-se. A armadura subiu-lhe até aos ombros e as plumas do elmo pareceram pesar-lhe no pescoço, no entanto baixou-se até os joelhos e a testa tocarem no solo, e as penas de um Chefe de Guerra hadama conspurcaram-se na terra.

O jovem mago inclinou a cabeça num reconhecimento perfunctório da obediência dela, e depois retirou da sua túnica um dispositivo metálico redondo. Pressionou um interruptor com o polegar. Um som lamurioso interrompeu o silêncio. Com um estampido audível e uma afluência súbita de ar, o Manto Negro desapareceu.

O mago chamado Tapek deixou-se ficar por ali, a observar a mulher que se curvara no chão aos seus pés. Os lábios dele contorceram-se como se apreciasse o servilismo dela. — Tratai de que o objetivo desta lição seja bem compreendido por todos os outros do vosso clã, Boa Serva. E quem quer que desafie a Assembleia enfrentará o mesmo fado

dos Pechta. — Pegou em mais um dos dispositivos circulares e, pouco depois, desapareceu. Os restantes Mantos Negros desapareceram logo a seguir, deixando o topo da colina deserto, a não ser pela presença dos assombrados oficiais de Mara.

Lá em baixo ouviram-se os gritos dos oficiais a distribuírem ordens a soldados baralhados. Guerreiros amontoaram-se a subir as encostas das colinas, alguns apressadamente para se distanciarem da carnificina forjada pela magia, outros relutantes em virar costas ao inimigo, que marchava obedecendo à mesma ordem dada à Senhora Mara. Saric levantou-se, enquanto o Comandante das Forças Armadas ajudava a sua senhora, vergada sob o fardo da armadura, a fazer o mesmo. Com uma voz rouca, ela disse a Lujan:

— Despachai-vos e enviai mais mensageiros. Temos de ser lesto a dispensar o clã, antes que mais contrariedades provoquem um incidente.

Engolindo em seco, e ainda nauseada, Mara gesticulou para Saric. — E, que os deuses nos perdoem, concretizai esta coisa horrível: exterminai os Pechta.

Saric assentiu com a cabeça, incapaz de falar. Tinha um talento nato para avaliar caracteres e a recordação da intensidade de Tapek causava-lhe arrepios. Mara fora incumbida do pior castigo que se poderia imaginar, a destruição de uma família leal do clã, cuja maior ofensa fora a impetuosidade própria dos jovens. Por causa da Convocação do Clã da sua senhora, o jovem senhor morrerá numa prolongada agonia; antes do anoitecer, a sua jovem esposa e filhos bebés estariam mortos, assim como primos e parentes com quem partilhassem o nome. O facto de ter de ser a própria Mara o instrumento desse decreto desleal levou a que esquecesse o seu sofrimento por Ayaki. Pela primeira vez desde que o grande corcel negro tombara sobre o seu filho, os olhos dela ostentaram a centelha de um despertado sentimento por outros, além de si própria.

Saric apercebeu-se disso conforme se afastava pesadamente para cumprir a horrível tarefa imposta aos Acoma pelos Grandiosos. Hokanu observou enquanto ajudava a sua senhora a dirigir-se de regresso à tenda de comando. Os fogos da magia da Assembleia cauterizaram as feridas da alma dela. Em vez de uma obsessão em vingar-se de Jiro, uma fúria cruel comandou-lhe a mente.

Mara recompôs-se. Hokanu sentiu um alívio agridoce com tal mudança. Lamentou a perda dos Pechta; mas a mulher que amava era de novo a mais perigosa executante do Jogo do Conselho que o Império alguma vez conhecera. Com um gesto, ela dispensou os criados que se apressaram a tratar da desordem que se abatera sobre a tenda. Quando o derradeiro deles se retirou para uma distância discreta, Mara chamou

Irrilandi para que desenlaçasse as abas da entrada e lhe devolvesse alguma privacidade.

Keyoke entrou quando a última aba se encerrou. Desempenhou as funções de um criado acendendo as lanternas, enquanto Mara andava de um lado para o outro. Animada, estimulada até pelos nervos, observou os elementos da sua Casa ali presentes, dispostos num semicírculo diante dela. Falou com um tom de voz que pareceu calmo. — Eles atrevem-se...

Keyoke pôs-se muito direito. Olhou de lado para Hokanu, que permaneceu tão mudo quanto os outros. Mara deitou a mão à tira entrelaçada caída das suas cortinas, e depois deu a volta. — Eles vão aprender.

Irrilandi, que não conhecia tão bem quanto os outros os estados de espírito dela, saudou-a colocando o punho sob o coração. — Senhora, por certo não vos referis aos magos?

Mara pareceu minúscula à luz da lanterna que mantinha a escuridão ao largo na enorme tenda. Decorreu um momento, preenchido pelos gritos abafados dos oficiais ainda a reunir as tropas no exterior. Mara explicou-se, tensa como a corda de um arco. — Temos de fazer o que nunca foi feito desde que há Império, meus fiéis amigos. Temos de descobrir uma forma de contrariar a vontade dos Grandiosos.

Irrilandi arquejou. Até Keyoke, que enfrentara a morte ao longo de uma vida de campanhas, pareceu profundamente abalado. Mas Mara prosseguiu, num tom sombrio. — Não temos alternativa. Envergonhei o nome dos Acoma diante do Jiro dos Anasati. Não nos é possível uma expiação com recurso à guerra; não cairei sobre a minha própria espada. Trata-se de um impasse para o qual a tradição não tem uma resposta. É minha intenção que o Senhor dos Anasati morra, e não vou vergar-me recorrendo a assassinos. O Jiro já se aproveitou da minha desgraça para estimular inimigos. Uniu os senhores das Nações desagradados num grupo coeso de tradicionalistas, e o reinado do Ichindar está em perigo, tanto quanto a sobrevivência do nome dos Acoma. O meu único herdeiro morreu, pelo que o meu suicídio ritual não constitui alternativa. Se é para destruir tudo o que levei anos a obter, temos de passar anos a traçar planos. O Jiro tem de morrer pela minha mão, se não for em guerra, então que seja em paz, contrariando a vontade da Assembleia de Magos.

CONTRARIEDADE

Alguém se moveu.

No alto de uma pilha de roupa empacotada, parcialmente ocultada pelo recorte de um fardo curvo, Arakasi escutou o que poderia ser o ranger de um passo nas tábuas arenosas do chão. Ficou muito quieto, desconfortável, ao constatar que não se encontrava sozinho no negrume do armazém. Silenciosamente, controlou a respiração: obrigou o seu corpo a descontraír-se, para impedir qualquer possibilidade de ter uma câibra muscular provocada pela incómoda posição em que se encontrava. Ao longe, as suas vestes misturar-se-iam com as mercadorias, fazendo com que se assemelhassem a um pedaço de tecido amontoado, solto das suas amarras. De perto, não conseguiria enganar ninguém. A sua túnica em tecido grosseiro nunca poderia ser confundida com linhos de qualidade. Consciente de que poderia ter-se deixado encurralar refugiando-se naquele edifício para despistar um eventual perseguidor, fechou os olhos para espicaçar os restantes sentidos. O ar estava bafiento devido aos cereais espalhados e aos derrames de barris de especiarias exóticas. As resinas aromáticas utilizadas para impermeabilizar as ripas do teto misturavam-se com as do couro apodrecido das charneiras das portas. Aquele armazém em particular situava-se suficientemente perto das docas para que o piso ficasse inundado quando o rio enchia na primavera e ultrapassava os diques.

Decorreram vários minutos. O ruído oriundo da zona das docas chegava abafado pelas paredes: a discussão apimentada de um marinheiro com uma mulher da vida, o ladrar de um rafeiro e o incessante ressoar das rodas à passagem das *needra* que puxavam pesadas carroças de carga desde as terras à beira-rio. O Mestre Espião dos Acoma esforçou-se para identificar o rebuliço distante; um a um, assinalou os sons, enquanto o dia lá fora se ia desvanecendo. Um bando de miúdos aos gritos desceu a rua a correr e a azáfama do comércio aquietou-se. Não lhe chegou aos ouvidos nada de aziago, além das chamadas dos acendedores de lanternas que cuidavam da ruela no fim do beco. Muito para lá do ponto onde qualquer outro homem teria concluído que imaginara o ruído — o que parecera um passo seria por certo resultado do cansaço e da imaginação —, Arakasi, ainda assim, manteve-se completamente imóvel.

Continuou a sentir formigueiros de alerta na base do pescoço. Não era

homem para arriscar. A paciência era tudo, no que dizia respeito a uma competição de subterfúgios.

Foi finalmente recompensado pela contenção quando um leve raspão indiciou o roçar de uma túnica na madeira, ou uma manga a varrer uma viga. A dúvida esboroou-se perante aquela terrível certeza: havia mais alguém no armazém.

Arakasi orou em silêncio a Chochocan, *o Bom Deus*, para que lhe permitisse sobreviver àquele recontro. Quem quer que tivesse entrado no edifício às escuras, não o teria feito por motivos inocentes. O intruso não seria por certo um criado que se escapulira para uma soneca no calor vespertino, tendo depois adormecido à hora da ceia. Arakasi nunca acreditava em coincidências; uma presunção errada bastaria para lhe provocar a morte. Dada a hora, e a perfeita atuação furtiva revelada pelo seu perseguidor, só poderia concluir que fora caçado.

Transpirando no ar estático, reviu todos os passos que o tinham levado até àquele local. Fora visitar, à tarde, um mediador de tecidos na cidade de Ontoset, com o propósito de contactar um consignatário de uma Casa menor que era um dos seus muitos agentes no ativo. Arakasi criara o hábito de efetuar visitas de surpresa para se assegurar de que tais homens permaneciam leais à sua Senhora dos Acoma, e para evitar infiltrações inimigas. A rede de informações que erigira desde os seus dias como servo dos Tuscai crescera imenso sob o patrocínio dos Acoma. Qualquer tipo de complacência da sua parte convidaria a um milhar de possíveis infortúnios, o mais pequeno dos quais poderia lançar a catástrofe sobre o bem-estar da sua senhora.

A sua visita desse dia não fora planeada descuidadamente; o seu disfarce de comerciante independente de Yankora fora suportado por documentos e referências. O anúncio público da intervenção da Assembleia entre os Acoma e os Anasati chegara àquela cidade sulista uns dias depois; as notícias tinham a tendência para viajar devagar através das províncias conforme a profundidade das águas dos rios baixava e as barcas de águas profundas eram substituídas por caravanas de transporte por terra. Ciente de que a Senhora Mara iria requisitar relatórios atualizados com recurso aos meios mais rápidos possíveis para se resguardar de eventuais contramovimentos por parte dos Anasati ou de outros inimigos espicaçados pelos constrangimentos impostos pela Assembleia, Arakasi encurtara a sua estadia para uma rápida troca de mensagens. Ao abandonar as instalações, suspeitou que estaria a ser seguido.

Quem quer que tivesse andado no seu encalço, desempenhara bem a sua missão. Por três vezes tentara libertar-se do seu perseguidor na apertada multidão que povoava o bairro dos pobres; apenas uma cautela que se

aproximava da obsessão lhe revelara um rosto entrevisto, uma mão manchada de negro e, por duas vezes, a ponta colorida de uma faixa que não se deveria ter repetido no bulício aleatório do movimento do fim do dia.

Tanto quanto o Mestre Espião conseguira determinar, eles eram quatro, uma equipa superiormente treinada, por certo constituída por agentes de outra rede. Meros marinheiros ou criados com roupas de plebeus não poderiam trabalhar com tal coordenação. Arakasi praguejou mentalmente. Enfiara-se no tipo de armadilha que ele próprio montava para capturar informadores.

O seu plano de recurso não poderia ter falhas. Rapidamente atravessara o movimentado mercado central, onde comprara uma nova túnica e um movimento repentino através de uma estalagem repleta de fanfarrões fizera desaparecer o comerciante de Yankora, surgindo no seu lugar o mensageiro de uma Casa. O seu talento para mudar de postura, de gestos e o próprio conjunto dos seus ossos ao caminhar confundira muitos inimigos ao longo dos anos.

O caminho parecera-lhe desimpedido quando regressara em passo acelerado às instalações do agente, onde se imiscuíra por uma porta oculta. Ali, mudara para as vestes castanhas de um vulgar trabalhador e refugiara-se no armazém atrás da loja. Trepando para cima dos fardos de tecidos, a sua intenção fora dormir até de manhã.

Agora, amaldiçoava-se por ter sido um imbecil. Quando os que o seguiam o tinham perdido de vista, deveriam ter enviado um deles para refazer o percurso até ao armazém, na diminuta possibilidade de regressar. Era uma jogada que um homem menos arrogante poderia ter antecipado, e apenas uma sorte divina permitira que o Mestre Espião entrasse e se escondesse antes de o inimigo lá se enfiar para esperar e vigiar. O suor acumulou-se em redor do pescoço de Arakasi. O adversário que tinha pela frente era perigoso; a sua entrada quase passara despercebida. Fora o instinto, mais do que a certeza, que levara Arakasi a ficar alerta.

A escuridão era demasiado intensa para revelar a localização do inimigo. Impercetivelmente devagar, o Mestre Espião dos Acoma baixou um pouco a mão para agarrar a pequena adaga que tinha no cinto. Invariavelmente desastrado a manejar uma espada, tinha um jeito especial para facas. Se tivesse uma vista desimpedida para um alvo, aquela espera enervante poderia conhecer o seu fim. Todavia, se lhe fosse concedido um desejo, não pediria armas aos Deuses das Partidas e da Fortuna, mas sim para estar longe dali, de regresso para junto de Mara. Arakasi não se iludia com o desejo de ser um guerreiro. Já matara antes, mas a sua defesa preferida assentava mais na astúcia, em táticas de surpresa que lhe proporcionavam a primeira investida. Esta era a primeira vez que estava verdadeiramente encurralado.

Ouviu-se um tumulto na ponta mais distante do armazém. Arakasi susteve a respiração quando escutou o rangido de uma tábua solta, afastada para o lado para permitir a entrada de um segundo homem.

O Mestre Espião expirou lentamente o ar que travara. Já perdera a esperança de uma matança furtiva. Agora tinha dois inimigos para enfrentar. Cintilou uma luz quando alguém abriu uma candeia transportada à mão. Arakasi estreitou os olhos para preservar a visão noturna, com a situação a passar de tensa para crítica. Enquanto, face ao primeiro agente, lhe seria possível manter-se escondido, o recém-chegado às traseiras do armazém não poderia deixar de o descobrir assim que passasse com a candeia.

Sem alternativas, Arakasi procurou o buraco que deveria existir entre a pilha de fardos onde se deitara e a parede. Os tecidos necessitavam de espaço para circular o ar, caso contrário o bolor causaria estragos na escuridão. Aquele mercador não era excessivamente generoso; a fenda que o Mestre Espião encontrou ao toque era muito estreita. Sentindo um formigueiro devido ao perigo iminente, enfiou um braço até ao ombro e agitou-o até deslocar o fardo. O risco não poderia ser evitado, pois a pilha poderia desabar; se não agisse, de uma forma ou de outra acabaria por ser descoberto. Encostando-se totalmente à parede, e aconchegando-se o mais que conseguia, Arakasi introduziu-se a custo na abertura cada vez maior. Farpas das tábuas sem verniz cortaram-lhe os joelhos despidos. Não se atreveu a parar, nem sequer para praguejar em silêncio, uma vez que a luz no piso térreo estava em movimento.

Escutou passos a avançar na sua direção, e sombras oscilaram em arcos sobre as vigas. Ele só estava meio escondido, mas a sua posição era suficientemente elevada para que o ângulo de iluminação lhe passasse por cima: se tivesse esperado mais uma fração de segundo, o seu movimento teria sido detetado. A sua margem de erro era inexistente. Apenas os passos do seu adversário abafaram o resvalar do seu derradeiro impulso furtivo quando se aninhou para baixo na fenda.

Do outro lado do fardo surgiu um resmungo. — Olhai para aquilo! — Como se estivesse a sumariar uma inspeção, o homem continuou a vaguear. — Arremessar bons tecidos como se fossem fardos de palha, e sem se dar ao trabalho de os empacotar bem... Alguém deveria levar uma coça por causa desta...

O devaneio foi interrompido pelo sussurro do primeiro perseguidor. — Aqui.

Arakasi não ousou levantar-se para arriscar uma espreitadela.

A candeia deslizou transportada por alguém oculto. — Algum sinal dele?

— Nada. — O primeiro perseguidor parecia irascível. — Há pouco

pareceu-me ouvir algo, mas terá sido algum bicho. Estamos rodeados de armazéns de cereais.

Tranquilizado a ponto de se sentir aborrecido, o recém-chegado levantou a candeia. — Bem, terá de andar por aí algures. O escravo do agente insistiu que ele regressou e se escondeu. Os outros estão de vigia à casa. É bom que o encontrem antes do amanhecer. Não quero ser eu a explicar ao nosso amo que ele se escapuliu.

— Ouvistes o que se diz por aí? Que este tipo já antes foi avistado por aí, em diferentes disfarces? Tem de ser, pelo menos, um mensageiro, ou até um supervisor. — O perseguidor acrescentou algo mais, divertido: — E também não é desta província.

— Falais demasiado — atirou aquele que transportava a candeia. — E lembrais-vos de coisas que devíeis esquecer. Se pretendeis continuar a respirar, o melhor é manterdes esse tipo de novidades para vós. Sabeis o que se diz: «Os homens têm gargantas e as adagas têm pontas afiadas.»

O conselho foi acolhido com um suspiro. — Quanto tempo temos de permanecer de vigia?

— A não ser que nos indiquem que podemos partir, ficaremos até ao sol nascer. Não queremos ser apanhados aqui e talvez mortos por guardas, como se não passássemos de vulgares larápios.

Um resmungo ininteligível assinalou o fim da conversa.

Arakasi resignou-se a uma espera longa e desconfortável. Pelo amanhecer, estaria cheio de câibras, com as farpas a constituírem um desconforto adicional, mas, se fosse apanhado, as consequências seriam bem piores. Os seus perseguidores de língua solta confirmaram os seus piores receios: fora detetado por uma outra rede de espões. Quem quer que comandasse o par que o perseguia, a quem quer que reportassem, o mestre no topo da rede deles trabalhava para alguém astuto, alguém que montara um sistema de espionagem que até ali passara despercebido. Arakasi sopesou essa realidade e ficou assustado. A sorte e a intuição haviam-no poupado quando complexas precauções prévias tinham falhado; desconfortável, na escuridão acolhedora, ficou preocupado com tal constatação.

A equipa que tentava capturá-lo era talentosa, mas não tão refinada a ponto de evitar conversas despreocupadas. Concluiu que lhes fora ordenado que capturassem aquilo que o mestre deles julgou tratar-se de uma ligação de nível inferior da operação que procuraria aniquilar. Arakasi susteve um arrepio. Era uma característica da profunda desconfiança que o movia, o facto de, sempre que possível, levar pessoalmente os pequenos recados. Os seus inimigos desconhecidos nunca deveriam ter a oportunidade de saber quem ele era, o seu estatuto elevado ou o nome da senhora para quem trabalhava. Enfrentava, eventualmente, o mais perigoso adversário com

que alguma vez se defrontara. Algures, a Senhora Mara tinha um inimigo, cujas subtilezas constituíam uma ameaça maior do que algo com que ela alguma vez se deparara na vida. Se Arakasi não escapasse com vida de Ontoset, se não conseguisse fazer chegar uma mensagem a casa, a sua senhora poderia ser apanhada desprevenida pelo próximo golpe. Recordado, pelo aperto no peito, de que a sua respiração se tornara acelerada e rasa, o Mestre Espião sentiu-se compelido a controlar-se.

A sua segurança fora comprometida, numa altura em que não tinha qualquer suspeita de problemas iminentes. A falha era indicadora de um aturado planeamento. O disfarce do agente comercial teria sido descoberto; como, era algo que não sabia, mas fora montada vigilância sobre o tráfego das docas de Ontoset com uma acuidade suficiente para distinguir os mercadores habituais dos que eram estranhos. Era perturbador o facto de a equipa ali instalada ter sido suficientemente astuta para identificar dois dos disfarces de Arakasi, tendo-o classificado como correio ou supervisor.

Arakasi avaliou os custos. Teria de substituir o agente comercial. Um certo escravo iria morrer de algo que se pareceria com causas naturais e a loja teria de ser encerrada, uma necessidade lamentável, pois, além de fazer parte da sua rede, era uma das poucas que dava lucro entre as dos Acoma utilizadas pela rede de espões. Pagava-se a si própria e fornecia fundos extraordinários para os outros agentes.

Uma luz pardacenta infiltrou-se por uma fenda na parede. O amanhecer anunciava-se, mas os homens não davam mostras de se mexerem. Não se haviam deixado adormecer, aguardando a oportunidade de o homem que procuravam eventualmente poder aparecer.

Os minutos arrastaram-se penosamente. O alvorecer brilhou no exterior. Carrinhos de mão e carroças deslocavam-se com ruído, enquanto os vendedores ambulantes transportavam produtos para serem carregados na margem do rio antes que o calor atingisse o seu pico. O canto de um grupo de remadores de uma barca ergueu-se num unísono desafinado, interrompido pela descompostura de uma esposa a um marido embriagado. A seguir, um grito sobrepôs-se ao ruído do despertar da cidade, ali perto, e urgente. Arakasi não entendeu as palavras, abafadas pelos fardos de tecidos, mas os outros dois homens presentes no armazém puseram-se logo em movimento. As suas passadas percorreram a extensão do edifício e as tábuas rangeram.

O mais provável era terem sido bem-sucedidos a escapar; se fossem espertos, teriam aproveitado o barulho da partida para efetuar uma manobra ardilosa. Um parceiro poderia ainda ter ficado por ali à espera para verificar se a presa deles se revelava.

Arakasi manteve-se imóvel, apesar de sentir as pernas como verdadei-

ros nós de músculos com espasmos. Aguentou-se um minuto, dois, com os ouvidos atentos ao mais leve indicador de perigo.

Soaram vozes no exterior do par de portas e o chocalhar da fechadura com segredo que garantia a segurança do armazém alertou-o para uma entrada iminente. Arakasi remexeu-se para recompor o corpo e deu com os ombros presos. Tinha os braços colados ao corpo; não conseguiu encontrar um ponto de apoio para as pernas. Estava encurralado.

Sentiu um desespero eletrizante. Se fosse apanhado ali, e detido como um larápio, o espião que o procurava acabaria por ter conhecimento. Um funcionário cidadão corrupto seria então subornado e ele seria entregue ao inimigo. Não teria oportunidade de regressar para junto de Mara.

Arakasi pressionou o fardo com os braços, mas sem sucesso. O buraco que o prendia alargou-se, o que o levou a cair ainda mais na fenda. As tábuas da parede causaram-lhe mais dor, ao cravar mais farpas nos pulsos e antebraços. Praguejando em silêncio, fez força e perdeu inexoravelmente toda a esperança de se libertar.

As portas do armazém abriram-se para trás. Ao Mestre Espião nada mais restou do que rezar por um milagre. E então ouviu-se o grito de um capataz. — Levem esses todos, encostados àquela parede.

A luz do dia e o ar pesado com o cheiro à lama do rio infiltraram-se no armazém; uma *needra* baixou-se e ouviu-se o rangido de arreios. Arakasi deduziu que no exterior haveria carroças para carregar. Avaliou as suas oportunidades. Chamar as atenções para si era acreditar que ninguém da rede inimiga estaria no exterior à espera, um risco que não se atreveria a correr. Poderia ser seguido de novo e não teria a sorte do seu lado por uma segunda vez. Mas qualquer debate interno tornou-se desnecessário quando um grupo de trabalhadores entrou apressadamente no armazém e o fardo que lhe prendia o corpo se moveu subitamente.

— Ei — alertou alguém —, cuidado com aquela ponta solta ali.

— Ponta solta! — exclamou o capataz. — Qual de vós, cães, rasgou um nó quando os fardos foram empilhados e não me comunicou?

Uma embrulhada de respostas rejeitando responsabilidades disfarçou o movimento de Arakasi quando ele fletiu os músculos doridos, preparando-se para ser inevitavelmente desmascarado.

Nada aconteceu. Os trabalhadores empenharam-se em dar desculpas ao capataz. Arakasi aproveitou a oportunidade para se içar. O seu impulso agitou os tecidos que tinham sido movidos, o que os levou a balançar e a cair lá em baixo, aterrando estrondosamente no chão.

O capataz, com um grito, mostrou o seu desagrado. — Imbecil! São mais pesados do que parecem! Ide buscar ajuda antes de tentardes empurrá-los daí de cima.

Arakasi percebeu então: o capataz ter-se-á apercebido do seu dilema e tratou de arranjar uma possível solução. Não havia margem para erros se queria que o seu salvamento improvisado resultasse. Apressadamente, prostrou-se. Com o rosto pressionado contra a pilha de tecidos para onde se encarrapitara, balbuciou desculpas servis.

— Vamos, toca a despachar! — gritou o capataz. — A inépcia não é desculpa para que permaneçais aí deitado a preguiçar. Tratai de carregar as carroças!

Arakasi assentiu com a cabeça, saltou para fora da pilha e tentou aguentar-se em pé, apesar dos músculos rígidos e instáveis. O choque foi demasiado forte, após horas de inatividade forçada. Dobrou-se e soçobrou, encostando-se contra o fardo tombado e esticando-se como se estivesse a verificar se tinha ferimentos. Um trabalhador fitou-o com um olhar carrancudo. — Estais bem?

Arakasi assentiu vigorosamente com a mão, o suficiente para agitar o cabelo e lançá-lo sobre o rosto.

— Então, ajudai — disse o trabalhador. — Nesta ponta estamos quase prontos.

Arakasi fez o que lhe foi solicitado e pegou na ponta do fardo caído. Em fila atrás do outro trabalhador, juntou-se ao pessoal incumbido do carregamento. De cabeça baixa, recorreu a todos os truques que conhecia para alterar a sua aparência. Escorreu-lhe suor pelo queixo. Passou as mãos pelo fio de suor, esfregando terra e pó para escurecer as maçãs do rosto. Passou os dedos pela única madeixa de cabelo que pintava desde que uma cicatriz a deixara branca, e depois enfarruscou com habilidade para prolongar o sombreado e dar a ilusão de encurtar o queixo. Baixou as sobrancelhas para fazer um semblante carregado, e lançou os dentes de baixo sobre o lábio superior. A quem passasse, nada mais pareceria do que um trabalhador parco em inteligência; assim que tomou peso à sua ponta do fardo, olhou diretamente para diante, nada fazendo que o pudesse identificar como fugitivo.

Cada passagem do armazém para a carroça esfrangalhou-lhe os nervos. Quando as carroças ficaram todas carregadas, avistou um vadio nas sombras da loja do outro lado da rua. O homem parecia distante, um pedinte alheado da realidade devido à dependência de *tateesha*; só que tinha um olhar demasiado concentrado. Arakasi reprimiu um calafrio. O inimigo continuava a perseguir-lo.

As carroças estavam a postos para partir, e os trabalhadores trepavam para cima delas. O Mestre Espião de Mara içou-se para cima da carga, como se fosse o esperado dele, e deu uma cotovelada nas costelas do homem ao seu lado. — A priminha arranjou a túnica que queria? — perguntou bem alto. — Aquela com os padrões floridos na bainha?

Estalaram chicotes e um carroceiro gritou. As *needra* lançaram-se ao caminho e as carroças carregadas rangeram ao porem-se em movimento. O trabalhador a quem Arakasi se dirigira fitou-o, completamente surpreso. — O quê?

Como se o homenzarrão tivesse dito algo divertido, Arakasi riu-se em voz alta. — A miúda do Lubal. Aquela que leva almoços ao bando do Simeto nas docas.

O trabalhador resmungou. — Do Simeto já ouvi falar, mas do Lubal não.

Arakasi bateu com a palma na testa, envergonhado. — Não sois amigo do Jido?

O outro homem escarrou ruidosamente o pó que tinha na garganta. — Nunca ouvi falar dele.

As carroças tinham chegado à esquina do beco e viraram para fazer a curva. O carroceiro que seguia na dianteira lançou impropérios aos miúdos da rua que estavam a bloquear a passagem e o capataz ameaçou-os com um punho cerrado. As crianças reagiram com gestos obscenos e depois dispersaram como um bando de pardais assarapantados. Dois canzarrões sarnentos correram à frente deles. Arakasi arriscou-se a espreitar para trás para a casa do agente. O imbecil viciado em *tateesha* continuava a babar-se e a olhar para as portas do armazém, que estavam a ser fechadas e trancadas por um criado.

O estratagema talvez tivesse resultado.

Arakasi murmurou as suas desculpas ao homem que incomodara e pousou a cabeça sobre os seus cotovelos cruzados. Enquanto a carroça avançava, sacudindo-se no piso desnivelado e salpicando os detritos que transbordavam das sarjetas junto às docas, abafou um suspiro de alívio. Não estava livre de perigo nem estaria a salvo enquanto não se pusesse a milhas de Ontoset. Os seus pensamentos incidiram no futuro: quem quer que tivesse montado a armadilha no edifício do agente iria presumir que a sua rede tinha sido descoberta. Além disso, suspeitaria que a sua presa que escapara iria perceber que havia outra organização a trabalhar. A lógica indicava que aquele seu inimigo desconhecido reagiria com contramedidas para despistar o tipo de busca que Arakasi teria agora de encetar. Degraus sucessivos de medidas destinadas a confundir iriam disfarçar o rasto, enquanto o ramo da rede dos Acoma em Ontoset teria de ser dado como perdido. As suas linhas de comunicação teriam de ser dissolvidas sem deixar rasto. Seria necessário iniciar dois outros níveis operacionais, e rapidamente: um para verificar as fugas nos ramos de outras províncias e outro para examinar minuciosamente um leve rasto, para tentar deslindar quem seria aquele novo inimigo.

As dificuldades eram praticamente insuperáveis. Arakasi tinha um dom para quebra-cabeças complexos, disso não havia dúvidas, mas este era potencialmente mortífero, como a ponta de uma espada enterrada num lote de areia que se afundaria mal fosse pisada pelo pé de um homem. Matutou até as carroças se deterem nas docas. Juntamente com os outros trabalhadores, saltou para o molhe e agarrou um guindaste. Um após o outro, os fardos de tecido foram içados das carroças e carregados em redes que ali os aguardavam. Arakasi empurrou o poste juntamente com os restantes quando o guindaste ficou cheio, elevando a carga e balançando-a para o convés da barca ali atracada. O sol elevou-se bem alto e o dia aqueceu. À primeira oportunidade, escapuliu-se com o pretexto de que necessitava de beber água e desapareceu no bairro dos pobres.

Tinha de escapar de Ontoset por sua conta e risco. Aproximar-se de qualquer um dos contactos da sua rede era correr o risco de voltar a ser descoberto; pior, poderia levar a sua perseguição a outro nível de empreendimento e expor ainda mais as suas obras de disfarce. Havia homens naquela cidade que albergariam fugitivos a troco de pagamento, mas Arakasi não se atreveria a recorrer a eles. Poderiam estar infiltrados pelo inimigo, e a sua necessidade de fuga poderia ligá-lo irrefutavelmente ao incidente no armazém. Ansiou por um banho e por uma oportunidade de extrair as farpas ainda cravadas sob a pele, mas não iria obter nada disso. Deveria recorrer às vestes cinzentas de um escravo ou aos trapos de um pedinte para atravessar os portões da cidade. Uma vez fora das muralhas, deveria ocultar-se no campo até ter a certeza que escapara sem deixar rasto. Então, poderia tentar disfarçar-se de mensageiro e apressar-se para recuperar o atraso.

Suspirou, incomodado com o prolongado tempo que iria passar em viagem, a sós com as suas conjeturas. Era atormentado por pensamentos perturbadores, relativos a um antagonista desconhecido que quase o apanhara, de um só golpe. Como a Guerra de Clãs entre Mara e o Senhor Jiro fora proibida pelos magos, a sua adorada Senhora dos Acoma corria perigo. Enquanto oportunistas e inimigos se uniam em alianças para a enfrentar, ela iria necessitar das melhores informações para se proteger de jogadas ainda mais dissimuladas nas intrigas assassinas do Grande Jogo.

Oalfaiate permitiu que a bainha em seda da túnica desabasse no chão. Tinha alfinetes de osso delicadamente trabalhado presos entre os dentes; recuou para admirar o corte da veste cerimonial encomendada pelo Senhor dos Anasati.

O Senhor Jiro suportou o escrutínio do artesão com um desdém contido. Com um rosto inexpressivo, aguentou-se com os braços afastados do tronco para evitar a eventualidade de ser picado por um dos alfinetes que

prendiam os punhos. A sua postura era tão fixa que as lantejoulas costuradas em forma de *killwings* que decoravam a parte da frente da túnica nem sequer reluziam sob a luz que incidia pelo biombo aberto.

— Meu senhor — ceceou o alfaiate, com os alfinetes enfiados entre os dentes —, estais esplêndido. De certeza que qualquer filha casamenteira de um nobre que se depare com a vossa magnificência desfalecerá aos vossos pés.

Jiro retorceu os lábios. Não era homem de apreciar bajulações. Cuidadoso com o seu aspeto ao ponto de alguém mais distraído poder erroneamente considerá-lo vaidoso, sabia bem o valor das vestes no que tocava a causar uma boa impressão. Um traje errado poderia fazer com que um homem parecesse estúpido, com peso em excesso ou frívolo. Dado que Jiro não apreciava a esgrima e os rigores da batalha, recorria a todos os outros artifícios para enaltecer a sua virilidade. Seria mais fácil obter vantagem ou vencer uma disputa de vontades recorrendo à subtileza do que por via de um triunfo grosseiro obtido nos campos de batalha.

Orgulhoso da sua capacidade para subjugar inimigos sem derramamento de sangue, Jiro teve de se conter para não se indignar com o elogio estouvado do alfaiate. O homem era um artesão, alguém que trabalhava por dinheiro em quem não valia a pena reparar, quanto mais demonstrar ódio por ele. As suas palavras eram mais ocas do que o vento e apenas o acaso o levava a evocar uma recordação que ainda despertava a irritação de Jiro. Apesar de toda as atenções que votava aos modos e às vestes, a Senhora Mara recusara-o com desprezo. O grosseiro e rude Buntokapi fora escolhido em vez dele. Mesmo sendo recordações distantes, Jiro transpirou devido à raiva reprimida. Os seus anos de esforçado estudo de nada lhe tinham valido, quando toda a sua graça e encanto adestrado haviam sido sumariamente dispensados pelos Acoma. O ridículo — não, risível — do seu irmão labrego batera-o.

O sorriso dengoso era imperdoável; Jiro ainda se sentia ofendido ao recordar a humilhação. Cerrou as mãos em punhos e de repente deixou de ter estômago para aguentar mais tempo imóvel. — Não gosto desta túnica — disse repentinamente, com irritação. — Desagrada-me. Fazei outra, e esta que seja desfeita em trapos.

O alfaiate ficou lívido. Pegou de súbito nos alfinetes que tinha entre os dentes e ajoelhou-se de pronto no chão, com a testa encostada à madeira. — Meu senhor! Que seja feita a vossa vontade, naturalmente. Peço humildemente perdão pela minha falta de gosto e de discernimento.

Jiro nada disse. Agitou a cabeça na direção de um escravo para que este lhe retirasse a túnica e a colocasse num monte que tinha aos pés. — Vou vestir a de seda azul e vermelha. Ide já buscá-la.

A sua ordem foi obedecida no meio de uma agitação nervosa. O Senhor dos Anasati raramente punia os escravos e os assistentes, mas desde que assumira o seu legado, deixara bem claro que não seria tolerado o mínimo sinal de desobediência.

Chegado para apresentar o seu relatório, o Conselheiro Principal Chumaka reparou no comportamento obsequioso quase frenético por parte da criadagem. Ignorou por completo a situação; sendo o mais sábio dos servidores dos Anasati, era quem melhor conhecia o seu senhor. O amo não apreciava medidas exageradas; antes pelo contrário. Jiro crescera na qualidade de segundo filho, e gostava que as coisas decorressem de modo tranquilo e sem espalhafato. Todavia, dado que herdara o manto da governação sem ter sido preparado para desempenhar o cargo, era sempre sensível ao comportamento dos seus subordinados em relação a ele. Se falhassem a demonstrar o devido respeito que lhes era exigido perante o senhor, iria reparar e tratar do assunto.

A um criado que demorava a pronunciar o seu título, a um escravo que falhava em fazer prontamente uma vénia quando se apresentava, não lhes era perdoado o lapso. Tal como roupa elegante e modos educados, a tradicional fidelidade tsurani às classes era parte integrante do modo como os governantes eram avaliados pelos seus pares. Não contando com os aspetos bárbaros do campo de batalha, Jiro tornara-se um mestre do comportamento civilizado.

Ignorando a túnica da mais refinada seda que jazia, como lixo, aos seus pés calçados com sandálias, inclinou a cabeça enquanto Chumaka se endireitava após a sua vénia. — O que vos traz aqui a esta hora, Conselheiro Principal? Esquecesteis que planeei uma tarde de conversa com os eruditos que chegam de Migran?

Chumaka inclinou a cabeça para um dos lados, como um roedor faminto faria para fixar a sua presa em movimento. — Sugiro, meu senhor, que os eruditos aguardem enquanto damos um pequeno passeio.

Jiro ficou aborrecido, embora não o tivesse deixado transparecer. Antes de responder, permitiu que os seus criados lhe apertassem o cinto. — O que tendes a comunicar é assim tão importante? — Como todos os presentes bem sabiam, Jiro guardava a tarde para tratar de negócios com os seus agentes. Se o seu encontro com os eruditos fosse atrasado, teria de esperar até de manhã, o que lhe estragava a hora de leitura.

O Conselheiro Principal dos Anasti exibiu o mais seco dos seus sorrisos e com habilidade resolveu o impasse. — Diz respeito à Senhora Mara dos Acoma, e à ligação que eu já mencionara relativa aos subjugados Tuscai.

Jiro não disfarçou o seu interesse. — Os dois estão ligados?

A imobilidade de Chumaka perante os criados bastou como resposta.

Entusiasmado, o Senhor Jiro bateu palmas para convocar o seu mensageiro. — Encontrai o meu *hadonra* e dizei-lhe que trate de entreter os nossos convidados. Deve ser-lhes dito que estou retido e que me encontrarei com eles amanhã de manhã. Caso fiquem desagradados com estas alterações, deverá ser-lhes explicado que pondero conceder um patrocínio, se ficar impressionado com o valor deles na arte do debate verbal.

O mensageiro curvou-se até ao chão e saiu apressadamente para cumprir a tarefa. Chumaka lambeu os dentes, entusiasmado, assim que o seu amo se colocou ao seu lado para o acompanhar rumo ao biombo exterior que dava para o jardim.

Jiro sentou-se num banco de pedra à sombra, junto à lagoa dos peixes. Passou languidamente os dedos pela água enquanto concentrava a atenção em Chumaka. — São boas ou más notícias?

Como sempre, a resposta do Conselheiro Principal revelou-se ambígua. — Não tenho bem a certeza. — Antes de o seu amo conseguir expressar o seu desagrado, Chumaka arranjou a túnica e retirou um maço de documentos de dentro de uma bolsa funda. — Talvez ambas, senhor. Uma pequena vigilância de precaução que instalei identificou alguém muito bem posicionado na rede de espões dos Acoma. — Fez uma pausa, com os seus pensamentos a ramificarem-se em especulações inacessivelmente vagas.

— Com que resultados? — incitou Jiro, sem disposição para habilidades que não tinha sensibilidade para seguir.

Chumaka aclarou a garganta. — Ele conseguiu escapar.

Jiro pareceu baralhado. — Como é que isso podem ser boas notícias?

Chumaka encolheu os ombros. — Sabemos que se tratava de alguém importante; em consequência disso, toda a operação em Ontoset foi encerrada. O agente da Casa dos Habatuca de repente tornou-se naquilo que aparentava ser: um agente. — Fez uma reflexão posterior, antes de prosseguir. — O negócio é péssimo, pelo que poderemos partir do princípio de que os bens transacionados por este homem eram dos Acoma, e não dos Habatuca. — Olhou de relance para um dos seus documentos e dobrou-o. — Sabemos que os Habatuca não são lacaios dos Acoma; mantêm-se firmes no Clã Omechan, e são tradicionalistas que um dia nos poderão ser úteis. Nem sequer suspeitam que este homem não lhes é leal, mas na verdade são uma Casa bastante desorganizada.

Jiro bateu no queixo com um dedo muito bem arranjado. — A retirada desse agente é significativa? — questionou.

— Sim, meu senhor — respondeu Chumaka. — A perda desse agente vai prejudicar a operação dos Acoma no Oriente. Pode partir-se do princípio de que quase todas as informações oriundas dessa região eram afuniladas através de Ontoset.

Jiro sorriu, numa expressão fria. — Então, atingimo-los. Mas agora eles também estão ao corrente de que os vigiamos com os nossos agentes.

— Isso era inevitável, meu senhor — disse Chumaka. — Surpreende-me que não se tenham apercebido de nós antes. A rede deles está bem montada e treinada. O facto de os termos vigiado tanto tempo sem que se tenham apercebido é algo que se assemelha a um milagre.

— E o que mais? — perguntou Jiro, ao ver um brilho no olhar do seu Conselheiro Principal.

— Eu disse que isto estava relacionado com o já há muito falecido Senhor dos Tuscai, desde anos antes de terdes nascido. Pouco antes de o Jingu dos Minwanabi ter destruído a Casa dos Tuscai, eu desenterrei a identidade de um dos agentes-chave do senhor morto, um mercador de cereais de Jamar. Quando o *natami* dos Tuscai foi enterrado, parti do princípio de que o homem terá continuado a trabalhar seriamente como mercador independente. Ele não tinha laços públicos com a Casa dos Tuscai, e portanto não tinha obrigação de assumir a condição de pária.

Jiro permaneceu em silêncio face àquela deslealdade implícita e venal. O servidor de um amo era considerado amaldiçoado pelos deuses se ele morresse; os seus guerreiros tornavam-se escravos ou guerreiros cinzentos... ou assim fora, até a Senhora Mara desprezivelmente quebrar a tradição.

Chumaka ignorou a inquietação do seu amo, envolvido como estava em recordações. — A minha assunção estava incorreta. De qualquer modo, até recentemente isso foi insignificante.

»Entre os que entraram e saíram de Ontoset, figurava um par de homens que eu sabia terem servido em Jamar o mercador de cereais. Eles mostraram-me a ligação. Dado que mais ninguém, além da Senhora Mara, alistou ao seu serviço guerreiros cinzentos, podemos extrapolar que o Mestre Espião e os seus antigos agentes tuscai estarão agora ao serviço dos Acoma.

— Então, temos essa ligação — realçou Jiro. — É possível infiltrarmos-nos?

— Seria bastante fácil, meu senhor, enganar o mercador de cereais e colocar lá o nosso próprio agente — Chumaka franziu o sobrolho —, mas o Mestre Espião dos Acoma iria prever isso. Ele é muito, muito bom.

Jiro interrompeu a meditação com um gesto brusco.

Obrigado a regressar ao que estava presentemente em discussão, Chumaka foi direito ao assunto. — No mínimo, demos uma estocada fazendo-os encerrar um importante ramo da organização deles no Oriente. E, melhor do que isso, sabemos agora que o agente em Jamar está de novo ativo; esse homem, mais cedo ou mais tarde, terá de comunicar com o seu

líder, e então retomaremos a caçada. Desta feita não permitirei que sejam idiotas a tratar dos preparativos, nem que cometam erros, tal como sucedeu em Ontoset. Se formos pacientes, na devida altura dispostos de uma pista clara que nos levará de novo ao Mestre Espião dos Acoma.

Jiro não partilhava de tanto entusiasmo. — Podemos estar a desperdiçar todos os nossos recursos, agora que o inimigo sabe que o seu agente infiltrado foi comprometido.

— É verdade, meu senhor. — Chumaka lambeu os dentes. — Mas estamos à frente, a longo prazo. Sabemos que o antigo Mestre Espião dos Tuscai trabalha agora para a Senhora Mara. Fiz incursões nessa rede, antes de os Tuscai serem destruídos. Posso reencetar a observação dos agentes que suspeitei serem dos Tuscai há uns anos. Se esses homens ainda ocuparem as mesmas posições, esse simples facto irá confirmá-los como operativos dos Acoma. Instalarei mais armadilhas, operadas por pessoal que será diretamente instruído por mim. Para enfrentar este Mestre Espião, teremos de dar o nosso melhor. Sim. — O Conselheiro Principal mostrou um ar de satisfação. — Foi o acaso que nos conduziu ao primeiro agente, e quase nos trouxe alguém altamente colocado.

Chumaka sacudiu o documento para refrescar as suas faces coradas. — Presentemente, vigiamos a casa e estou certo que os nossos vigilantes estão a ser vigiados, pelo que tenho outros a vigiar para ver quem nos vigia... — Abanou a cabeça. — O meu adversário é astucioso até mais não. Ele...

— O vosso adversário? — interrompeu Jiro.

Chumaka suprimiu um sobressalto e inclinou respeitosamente a cabeça.

— O servo do inimigo do meu senhor. O meu opositor, se assim o preferis. Permiti a um velho esta pequena vaidade, meu senhor. Este servo dos Acoma que se opõe ao meu trabalho é um homem muito desconfiado e inteligente. — Aludiu de novo ao seu papel. — Iremos isolar esta outra ligação em Jamar. Depois, poderemos perseguir o seguinte...

— Poupai-me aos pormenores enfadonhos — interrompeu Jiro. — Achei que vos tinha ordenado para perseguirdes quem quer que tivesse difamado os Anasati plantando provas falsas no assassino que matou o meu sobrinho?

— Ah — exclamou brilhantemente Chumaka —, mas os dois acontecimentos estão ligados! Eu não o referi antes?

Pouco habituado a sentar-se sem o conforto de coxins, Jiro passou o seu peso de um lado para o outro. — Se o fizestes, apenas outra mente tão retorcida como a vossa poderia ter compreendido tal alusão.

Isto foi interpretado pelo Conselheiro Principal dos Anasati como um cumprimento. — Senhor, a vossa paciência é tocante. — Afagou o docu-

mento como se fosse precioso. — Tenho provas, finalmente. Os tais onze agentes dos Acoma que passaram informações pela Província de Szetac que foram misteriosamente assassinados no mesmo mês estavam efetivamente ligados a cinco outros que também morreram na propriedade do Tasaio dos Minwanabi.

Jiro mostrou uma expressão rígida que disfarçou uma irritação crescente. Antes de conseguir dizer algo, Chumaka interpôs-se. — Eles foram em tempos agentes dos Tuscai, todos eles. Agora, aparentemente, terão sido eliminados para erradicar uma brecha na cadeia de segurança dos Acoma. Tivemos um homem colocado entre o pessoal doméstico do Tasaio. Apesar de ter sido dispensado quando a Mara se apropriou das terras dos Minwanabi, permanece-nos leal. Tenho aqui o testemunho dele. Os assassinos infiltrados na herdade do Tasaio foram eliminados pela Seita dos Hamoi.

Jiro ficou intrigado. — Achais que o homem da Mara intrujou a seita com o fito de limpar um revés dos Acoma?

Chumaka assumiu uma postura presunçosa. — Sim. Penso que o brilhantemente esperto Mestre Espião dos Acoma cometeu o erro de falsificar o selo do Tasaio. Sabemos que o *Obajan* conversou com o Senhor dos Minwanabi. De ambos se disse que estavam irritados... se tivesse sido algo entre eles, o Tasaio teria morrido bem antes de a Mara o derrubar. Se os Acoma estiveram por detrás da eliminação dos seus próprios agentes comprometidos, e usaram a seita como uma ferramenta involuntária para se livrarem dessa responsabilidade, isso constituiu um grave insulto à seita. Se foi assim que aconteceu, a Irmandade da Flor Vermelha desejará a vingança.

Jiro digeriu aquilo com os olhos semicerrados. — Porquê envolver a seita no que me parece ser uma operação de rotina? Se o homem da Mara é tão bom como dizeis, não seria assim tão louco.

— Só pode ter sido um ato de desespero — reconheceu Chumaka. — O regime do Tasaio era de difícil infiltração. Da nossa parte, colocámos lá o nosso agente antes de o homem se tornar senhor, na altura em que era subcomandante no exército do Senhor da Guerra envolvido na invasão de Midkemia. — Quando Jiro mais uma vez deu mostras de impaciência, Chumaka suspirou. Como desejava que o seu amo pudesse ser instruído a pensar e a agir com mais clarividência; mas Jiro sempre fora uma pessoa desassossegada, mesmo em rapaz. O Conselheiro Principal retomou o pensamento. — A Mara não dispunha de agentes na Casa dos Minwanabi que não estivessem comprometidos. Daí que as mortes tivessem de ser um trabalho externo, e as relações da seita com o Tasaio ofereciam uma solução conveniente.

— Adivinhastes tudo isso — comentou Jiro.

Chumaka encolheu os ombros. — Era o que teria feito se estivesse no lugar dele. O Mestre Espião dos Acoma notabiliza-se em termos de inovação. Podíamos ter encetado contacto com a rede em Ontoset e seguido a operação durante uma dezena de anos sem nunca estabelecermos a ligação entre os agentes no Norte, os outros em Jamar e a linha de comunicação que passava por Szetac. O facto de lá termos chegado tão rápido deve-se mais à sorte do que ao meu talento, senhor.

Jiro não pareceu impressionado pelo tópico que tanto encantava o seu Conselheiro Principal. Agarrou-se antes ao assunto que dizia mais respeito à honra dos Anasati. — Tendes provas de que a seita age de moto próprio — atirou. — Então, ao plantarem provas da nossa conivência no assassinio do Ayaki dos Acoma, os Hamoi conspurcaram a honra dos meus antepassados. Tem de ser posto um fim a este ultraje! E já!

Chumaka pestanejou, com os seus pensamentos congelados. Lambeu rapidamente os lábios. — Mas não, meu valoroso amo. Perdoai a minha presunção de vos aconselhar humildemente a fazer o contrário.

— Por que razão haveremos de permitir que os cães da Seita dos Hamoi envergonhem a Casa dos Anasati? — Jiro endireitou-se no banco e lançou um olhar fulminante. — É melhor que me apresenteis um bom motivo!

— Bem — admitiu Chumaka —, para matar a Senhora Mara, naturalmente. Senhor, é excelente. Que inimigo mais perigoso poderiam ter os Acoma, além de uma seita de assassinos? Vão perturbar inapelavelmente a paz dela, a cada tentativa de lhe tomar a vida. E no fim, vão ser bem-sucedidos. A Seita dos Hamoi faz o nosso trabalho e nós, entretanto, podemos empenhar-nos em consolidar a facção tradicionalista. — Chumaka brandiu um dedo. — Agora que a guerra foi proibida aos dois lados pelos magos, a Mara irá procurar arruinar-vos por outros meios. Dispõe de vastos recursos e de imensos aliados. Na qualidade de Serva do Império, é popular e tem poder, assim como a atenção do Imperador. Não deve ser subestimada. Além das vantagens que já elenquei, é também uma governante invulgarmente dotada.

Jiro não demorou a reagir num tom censório. — Vindes para aqui elogiá-la, na minha presença? — O tom dele permaneceu calmo, mas Chumaka não teve dúvidas de que o seu amo se ofendera.

Respondeu num sussurro inaudível a qualquer jardineiro ou guerreiro de patrulha. — Nunca apreciei por aí além o vosso irmão, Bunto. Portanto, a morte dele, pessoalmente, não me disse muito. — Enquanto o rosto de Jiro ficava sombrio de raiva, a reprimenda de Chumaka revelou-se afiada como uma faca. — E também vós não gostastes muito dele, meu Senhor Jiro. — Chumaka prosseguiu depois de o governante elegante e de expressão rígida reconhecer tal verdade. — Não estais a ver o óbvio: o casamento

da Mara com o Bunto, em vez de convosco, salvou-vos a vida... meu amo. — O Conselheiro Principal concluiu, não se alongando na adulação. — Portanto, se tendes de alimentar este ódio pela Serva do Império, procurarei a morte dela no fundo do meu coração. Mas procederei com calma, pois permitir que a fúria me turbe o pensamento não será apenas uma tolice... com a Mara é suicídio. Pedi a um espírito do Templo de Turakamu para comunicar com o Jingu, o Desio e o Tasaio dos Minwanabi. Os espíritos deles irão confirmá-lo.

Jiro olhou para baixo para as pequenas ondulações de água geradas pelo peixe cor de laranja na lagoa. Após um demorado momento, suspirou. — Tendes razão. Nunca quis saber do Bunto; ele atormentou-me quando éramos crianças. — A sua mão cerrou-se num punho, com o qual bateu na lagoa, espantando o peixe. — A minha raiva pode ser injustificada, mas não é por isso que deixa de me corroer! — Olhou de novo para cima para Chumaka, com os olhos estreitados. — Mas sou o Senhor dos Anasati. Não me é pedido que faça sentido. Foi feito mal à minha Casa e isso *tem* de ser reparado!

Chumaka fez uma vénia profundamente respeitosa. — Farei com que a Mara dos Acoma morra, amo, não por a odiar, mas por ser o vosso desejo. Sou um fiel servo vosso. Agora sabemos quem é o Mestre Espião da Mara...

— Sabeis quem é o homem? — exclamou Jiro, espantado. — Nunca me dissestes que conheciéis a identidade do Mestre Espião dos Tuscai!

Chumaka fez um gesto deprecatório. — Não pelo nome, nem pelo aspeto, maldito seja por ser um demónio tão brilhante. Nunca, que eu saiba, me encontrei com ele, mas reconheço o seu modo de agir. Tem assinatura, como um escriba.

— O que está muito longe de ser uma prova sólida — apressou-se Jiro a destacar.

— A prova final será difícil de arranjar mesmo se eu reconhecesse o toque do homem. Se este antigo Mestre Espião dos Tuscai entrou ao serviço da Mara, os deuses ainda podem vir a sorrir-nos. Pode ser um mestre do disfarce, mas sei como ele se move. O meu conhecimento passado da operação dos Tuscai em Jamar deve permitir-nos infiltrar na operação dele. Após uns quantos anos, podemos vir a ter acesso ao próprio homem e então poderemos manipular as informações da rede da Mara ao nosso sabor. O nosso objetivo deve ser levado a cabo por detrás de manobras de diversão destinadas a perturbar negócios e alianças dos Acoma. Entretanto, a seita continuará, ela própria, a procurar a queda da Mara.

— Talvez possamos dar um incentivo aos esforços da irmandade — disse, esperançoso, o Senhor Jiro.

Chumaka inspirou fundo só de ouvir a sugestão. Curvou-se antes de começar a falar, o que fez apenas quando autorizado. — Meu senhor, isso é algo a que não devemos atrever-nos. As seitas são muito fechadas e demasiado mortíferas na sua arte para aceitarem interferências. É melhor que deixemos os assuntos dos Anasati o mais afastados possível das coisas deles.

Jiro concordou, pesaroso, enquanto o seu Conselheiro Principal prosseguia, otimista: — A Irmandade dos Hamoi não é de agir a sangue quente; não. Trabalha segundo os seus interesses, sendo sempre lenta e fria. Houve uma comunicação entre os Hamoi e Midkemia que nunca compreendi; mas agora suspeito que tem raízes numa tentativa de longo alcance de causar danos aos Acoma. A senhora tem uma fraqueza bem conhecida por ideias bárbaras.

— Assim é — reconheceu Jiro, agora mais meditativo; observou os movimentos do peixe. Nenhum conselheiro de alguma Casa era mais adepto do que Chumaka de unir pedaços de informação aparentemente desligados. E todo o Império ouvira rumores do namorico da senhora com um escravo midkemiano. Era uma vulnerabilidade que valia bem a pena explorar.

Incitado pela suavização dos modos do seu amo, e escolhendo o momento com precisão, Chumaka disse:

— Os Anasati podem suportar a pequena descortesia relativa às provas falsas. Loucos e crianças podem acreditar em informações disparatadas. Mas os mais sábios lordes regentes sabem que a seita mantém os seus segredos fechados a sete chaves. Os poderosos das Nações nunca acreditarão seriamente em estratégias tão transparentes para unir o vosso nome a um assassino contratado. O nome Anasati é antigo. A sua honra é irrepreensível. Mostrai apenas arrojo perante repreensões triviais, meu senhor. Não são merecedoras da atenção de um grande senhor. Deixai que avance algum governante que sugira o contrário, e podereis corrigir energicamente o assunto. — Chumaka concluiu com a citação de uma peça muito apreciada por Jiro. — Pequenos atos são parceiros de pequenas Casas e pequenas mentes.

O Senhor dos Anasati assentiu com a cabeça. — Estais certo. Por vezes, a minha raiva cega-me.

Chumaka curvou-se perante tal elogio. — Senhor, peço permissão para me ausentar. Já comecei a pensar em ciladas a lançar no caminho do Mestre Espião da Mara. Pois apesar de parecer termos ficado às cegas com um braço revelado em Ontoset, isso irá afastar o olhar vigilante do outro, discretamente a operar em Jamar para levar a adaga à garganta da Senhora dos Acoma.

Jiro sorriu. — Excelente, Chumaka. — Bateu palmas para o dispensar. Enquanto o Conselheiro Principal se curvava mais uma vez e se apressava a sair, murmurando possíveis golpes, o senhor permaneceu junto à lagoa dos peixes. Ponderou no conselho de Chumaka e sentiu uma satisfação crescente. Quando a Assembleia dos Magos interditara a guerra entre a sua Casa e a de Mara, ficou dissimuladamente em êxtase. Com a senhora privada do seu exército, e dada a nítida superioridade numérica dela no campo de batalha, a parada entre eles nivelara-se.

— Perspicácia — murmurou o Senhor dos Anasati, agitando a água e levando um peixe a afastar-se, confuso, em círculos. — A astúcia, e não a espada, provocarão a queda da Boa Serva. Morrerá sabendo o erro que cometeu quando escolheu o meu irmão em vez de mim. Eu sou o melhor, e quando encontrar o Bunto nos salões do Deus Vermelho, ele saberá que o vinguei e que também reduzi a cinzas, sob os meus pés, a sua preciosa Casa dos Acoma!

Aarakasi estava atrasado. O facto de ter falhado o regresso deixara os conselheiros mais velhos com os nervos em franja, enquanto o Comandante das Forças Armadas Lujan temera a presença no Conselho da noite.

Dirigiu-se aos seus aposentos para ir buscar o elmo com plumas que largara durante as horas em que não estivera de serviço. As suas passadas eram determinadas, precisas, algo que só seria possível a um talentoso esgrimista; no entanto, estava preocupado. O aceno dirigido às sentinelas que saudaram a sua passagem revelou-se mecânico.

A casa senhorial dos Acoma tinha agora tantos homens armados distribuídos pelos corredores quanto criados; a privacidade, desde o homicídio de Ayaki, tornara-se praticamente inexistente, em particular à noite, quando um contingente extra de guerreiros dormia no escritório e nas alas atribuídas de entre os aposentos de hóspedes. O quarto de Justin era um verdadeiro acampamento militar; Lujan constatou que o rapaz mal podia divertir-se com soldadinhos de brincar devido ao constante e pesado palmar de sandálias de guerra no chão do quarto.

Contudo, enquanto único portador do sangue dos Acoma, depois de Mara, a sua segurança constituía uma preocupação primordial. Na falta dos fiáveis relatórios de Arakasi, as patrulhas circulavam na incerteza. Assustavam-se com sombras, quase desembainhando espadas ao ouvir passadas de lacaios escondidos em cantos para se irem encontrar com as suas amadas. Lujan suspirou, e deteve-se, alertado pelo som de uma espada a deslizar para fora de uma bainha.

— Vós aí! — gritou uma sentinela. — Alto!

Já em passo de corrida, Lujan dobrou rapidamente uma esquina do

corredor. À sua frente, o guerreiro com a espada desembainhada baixou-se, em posição de combate. Virou-se para um recanto escuro onde nada parecia em falta. De trás, os passos e o arrastar de pés próprios de um homem a mover-se rapidamente apoiado numa bengala indicou-lhe que Keyoke, o Conselheiro para a Guerra de Mara, também se apercebera da perturbação. Demasiado tempo comandante de campo para agora ignorar um desafio a um guerreiro, também se apressou para tentar descobrir quem passara pelos corredores mais interiores da casa senhorial.

Que não seja outro assassino, pediu Lujan enquanto corria. Esforçou-se para ver através da escuridão, reparando que estava apagada uma lanterna que deveria ter sido deixada a arder. Não era um bom sinal, pensou sombriamente; o Conselho, atrasado por esta intrusão, parecia-lhe agora a mais agradável das frustrações. Negócios complicados e a desconfortável alteração de alianças dentro da corte de Ichindar poderiam revelar-se uma confusão enlouquecedora sem os conhecimentos privilegiados de Arakasi, mas um ataque por parte de mais um arrojado membro de uma seita que penetrara tão profundamente as defesas era um desenvolvimento demasiado crucial para suportar. Apesar de já terem decorrido meses, Justin continuava a ter pesadelos por ter visto o cavalo a tombar...

Lujan derrapou para se deter junto ao guerreiro que empunhava a espada, com os tachões das suas sandálias a rasparem no chão de pedra. — Quem anda aí? — exigiu saber.

O velho Keyoke parou ruidosamente do outro lado do guerreiro, exigindo também ele uma resposta com um grito seco.

O guerreiro nunca desviou o olhar, mas fez um ligeiro movimento com a espada na direção do vão entre duas vigas que sustentavam uma junta na trave principal do telhado. Um remendo já há muito aplicado substituíra parte da madeira que apodrecera. A casa senhorial onde Mara e Hokanu residiam já era antiga, e esta era uma das áreas originais. A lousa marcada a branco pelas sandálias de Lujan tinha perto de três mil anos e fora desgastada até formar sulcos por incontáveis gerações de passadas. Havia demasiados recantos para esconder intrusos, pensou Lujan ao olhar para o local indicado pela sua sentinela. Um homem escondera-se na escuridão. Estava com as mãos estendidas numa posição submissa, mas o seu rosto apresentava-se suspeitosamente enfarruscado, como se tivesse recorrido à fuligem de uma candeia para enegrecer a denunciadora palidez da pele.

Lujan desembainhou a sua espada. Com uma expressão inescrutável, Keyoke ergueu a bengala, manuseou um gatilho oculto e da base saiu uma lâmina fina. Apesar de ter perdido uma perna, equilibrava-se sem esforço aparente.

Lujan dirigiu-se secamente ao intruso que agora enfrentava três lâminas. — Mostrai-vos. Mantende as mãos no ar se não desejais morrer com uma lâmina cravada.

— Preferiria não ser recebido como um naco de carne por um carnicheiro — ripostou uma voz rouca como ferro maltratado.

— Arakasi — exclamou Keyoke, erguendo a sua espada, em saudação. O seu perfil semelhante à lâmina de um machado mostrou um raro sorriso.

— Por todos os deuses! — praguejou Lujan. Esticou a mão sem arma e tocou na sentinela, que baixou a espada. O Comandante das Forças Armadas arrepiou-se ao pensar no quanto o Mestre Espião estivera perto de morrer às mãos de um dos guardas da casa. Depois, desatou a rir, devido ao alívio e a uma corrente de boa disposição, oposta à tensão até aí presente. — Finalmente. Por quantos anos eu e o Keyoke tentámos colocar patrulhas imprevisíveis? Será possível que, por uma vez, não conseguistes passar sem que vos vissem?

— A viagem de regresso a casa foi muito complicada — reconheceu Arakasi. — E não se limitou a isso, esta propriedade tem mais guerreiros de serviço do que pessoal doméstico. Um homem não pode dar um passo sem tropeçar em alguém de armadura.

Keyoke recolheu a sua lâmina dissimulada e voltou a colocar a bengala debaixo do ombro. Depois, passou os dedos pelo cabelo branco, algo que nunca pôde fazer enquanto comandante de campo, perpetuamente obrigado a usar um elmo de combate. — O Conselho da Senhora Mara está prestes a começar. Ela necessita das vossas informações.

Arakasi não respondeu, limitando-se a sair de detrás das vigas que o ocultavam. Envergava os trajes de um pedinte. O seu cabelo por cortar estava liso devido à sujidade, a pele impregnada com algo que se assemelhava a fuligem. Cheirava de forma penetrante a fumo de lenha.

— Pareceis algo encontrado por um limpa-chaminés — comentou Lujan, indicando à sentinela que retomasse a sua patrulha. — Ou como se tivésseis andado a dormir em árvores na maior parte dos últimos dias.

— Não estais muito longe da verdade — resmungou Arakasi, lançando um olhar irritado para o lado. Keyoke não gostava de esperar por quem quer que fosse; livre agora para demonstrar a impaciência que reprimira durante anos no comando das tropas, avançou ruidosamente rumo ao salão do Conselho. Parecendo aliviado com a partida do ancião, Arakasi dobrou-se, ergueu o debrum da sua túnica e coçou um ferimento ulceroso.

Lujan coçou o queixo e falou com muita astúcia. — Podeis passar primeiro pelos meus aposentos. O meu criado pessoal está apto a preparar um banho num ápice.

Seguiu-se um breve silêncio.

Arakasi por fim suspirou. — Farpas — admitiu.

Dado que uma palavra seca seria a única explicação que provavelmente receberia, Lujan adivinhou o resto. — Estão infetadas. Ou seja, não são recentes. Estivestes demasiado ocupado a fugir para as arrancar.

Seguiu-se outro período de silêncio, confirmando a constatação de Lujan. Ele e Arakasi já se conheciam desde antes da queda da Casa dos Tuscai e durante muitos anos foram guerreiros cinzentos. — Vinde — incitou-o o Comandante das Forças Armadas. — Se vos sentais perante a Senhora Mara nesse estado, a criadagem depois terá de queimar os coxins. Cheirais como um khardengo que perdeu a carroça.

Pouco agradado com a comparação com um membro de uma família nómada que viajava de cidade em cidade a vender entretenimento barato e estranhos trabalhos de má reputação, Arakasi fristou os lábios. — Arranjais-me uma agulha de metal? — pediu, circunspectamente.

Lujan riu-se. — Por acaso, até arranjo. Há uma rapariga entre as costureiras por quem nutro afeto. Mas ficais a dever-me uma. Se lhe pedir emprestado um tesouro desse calibre, de certeza que irá pôr-se com exigências.

Consciente de que poucas aias do pessoal doméstico não se importariam de pôr em risco a próxima passagem pela Roda da Vida em troca da promessa dos beijos de Lujan, Arakasi não se deixou impressionar. — Não me será complicado usar um dos meus punhais.

A sua aparente indiferença deixou Lujan irritado. — As notícias que trazeis não são boas.

Agora Arakasi estava a olhar de frente para o Comandante das Forças Armadas. A luz da candeia ao fundo do corredor incidiu-lhe sobre as faces descarnadas e aprofundou-lhe as olheiras. — Acho que aceito a vossa oferta de um banho — respondeu com rudeza.

Lujan percebeu que não deveria arreliar o seu amigo, pois o Mestre Espião também tinha ar de quem já não comia ou dormia há uma semana. Desta vez, a observação saiu mais carregada de seriedade do que de galhofa. — Vou arranjar-vos a agulha — informou, e depois recorreu ao humor para tentar suavizar o orgulho irritado de Arakasi. — Embora vós de certeza que não necessitais dela, dado que tendes as vossas facas. Duvido que a minha sentinela tenha compreendido quando vos apontou a ponta da espada que o poderíeis ter matado e trinchado antes de ter a oportunidade de vos dar uma estocada.

— Eu estou bem — informou Arakasi. — Mas hoje, penso eu, não tão bem. — Deu um passo em frente. Apenas então deu para perceber que mal se aguentava em pé. Reagiu ao arquejo de espanto de Lujan com uma insípida expressão de desagrado. — Cabe-vos, pela vossa honra, não permitir que eu adormeça na vossa tina — acrescentou.

— Adormecer ou afogar? — observou Lujan com sarcasmo, estendendo rapidamente a mão para ajudar o Mestre Espião a equilibrar-se. — Homem, o que andastes a aprontar?

Mas por muito que tenha insistido, o Comandante das Forças Armadas não recebeu explicações por parte do Mestre Espião até o banho estar pronto e o elmo recuperado, e o Conselho já bem adiantado na sua sessão.

Keyoke já estava sentado sob a luz amarela projetada pelo círculo de candeias, com as suas mãos enrugadas cruzadas sobre a bengala pousada nos joelhos. A informação do regresso de Arakasi chegara às cozinhas e a criadação apressou-se a preparar bandejas com petiscos. Hokanu aguardava do lado direito de Mara, no lugar habitualmente ocupado pelo Conselheiro Principal, enquanto Saric e Incomo se sentavam, a conversar em voz baixa, logo em frente. Jican acomodou-se com os braços em volta dos joelhos atrás de uma enorme pilha de lousas. Tinha de ambos os lados, como dois bastiões, caixas atafalhadas de pergaminhos, enquanto a sua expressão parecia a de alguém cercado.

Arakasi passou rapidamente os olhos pelos presentes e não demorou a falar no seu modo seco. — Vejo que os negócios não correram lá muito bem na minha ausência.

Jican eriçou-se com aquelas palavras, que na verdade evitaram que alguém reparasse de pronto no estado lastimável do Mestre Espião. — Não estamos em risco — defendeu-se prontamente o pequeno *hadonra*. — Mas houve várias incursões nos mercados que deram para o torto. A Mara perdeu aliados entre os mercadores que também tinham interesses com os Anasati. — Visivelmente aliviado, concluiu a sua intervenção. — As licitações de sedas correram bem.

— No entanto — acrescentou Incomo, sem que lho solicitassem —, os tradicionalistas continuam a conquistar influência. Os Brancos Imperiais do Ichindar mais de uma vez tiveram de fazer jorrar sangue para travar motins em Kentosani.

— Os mercados de alimentos junto ao cais — afirmou, sumariamente, Arakasi. — Ouvi falar. O nosso Imperador travaria melhor a discórdia se conseguisse oferecer a si próprio um herdeiro que não fosse uma filha.

Os olhares incidiram sobre a Senhora dos Acoma, pois todo o seu pessoal esperava por aquilo que ela pudesse perguntar-lhes.

Mais magra ainda do que estivera por ocasião do funeral de Ayaki, ainda assim apresentava-se imaculadamente arranjada. O seu rosto não tinha qualquer tipo de maquilhagem. Os seus olhos estavam concentrados e vivos, e ao falar mantinha as mãos pousadas no colo. — O Arakasi revelou que estamos a ser confrontados com uma nova ameaça. — Apenas a sua voz revelou a tensão que sofria e que continuava a ocultar por detrás

da controlada fachada tsurani; antes da morte de Ayaki, nunca falara com aquele tom cortante e óbvio de ódio. — Peço-vos que lhe faculteis inquestionavelmente toda a ajuda que ele possa solicitar.

Lujan lançou a Arakasi um olhar carrancudo. — Já lhe conspurcastes os coxins, estou agora a perceber — murmurou, magoado e irritado. Keyoke pareceu algo ressentido. Só tardiamente percebeu que a patrulha que detetara o Mestre Espião escondido nos corredores o fizera apenas depois de ele ter reunido com a senhora, sem que ninguém se apercebesse. Conscientes da jogada, mas obrigados pelo código de conduta a ignorá-la, os outros dois conselheiros inclinaram as suas cabeças aceitando os desejos da senhora. Apenas Jican deu sinais de desassossego, consciente de que a ordem de Mara iria criar mais um rombo no tesouro dos Acoma. Os serviços operacionais de Arakasi eram muito onerosos, o que causava preocupações constantes ao *hadonra*, que o levavam a retorcer as mãos.

Uma brisa soprou pelas janelas abertas no alto do grande salão dos Acoma, esculpido na vertente da colina contra a qual assentava a casa senhorial. Apesar da iluminação das candeias, o salão, nos cantos, estava mergulhado na escuridão. Os globos dos Cho-ja, nos seus suportes, permaneciam apagados, e o dossel baixo utilizado nas reuniões informais era a única ilha de iluminação. Os criados de serviço aguardavam a uma distância discreta; poderiam ser chamados caso fossem necessários mas não seriam capazes de escutar o que se discutia na reunião. Mara retomou a palavra. — O que aqui discutimos não deve sair destas paredes. — Dirigiu-se então a Arakasi. — De quanto tempo necessitais para lidar com esta nova ameaça?

Arakasi encolheu os ombros, com as palmas viradas para cima, deixando antever um hematoma amarelado num pulso. — Só posso conjecturar, senhora. O meu instinto diz-me que a organização com que me deparei fica baseada a oriente de nós, provavelmente em Ontoset. Temos laços ténues entre esse local e Jamar e a Cidade das Planícies, dado que a cobertura era o negócio de um agente. Um inimigo que descubra os nossos trabalhos a ocidente nada mais verá do que coincidências na ligação oriental. Contudo, desconheço a origem dos danos. A pista pode começar noutra local qualquer.

Mara mordeu o lábio. — Explicai-vos.

— Envidei algumas verificações superficiais antes de regressar a Sulan-Qu. — Mais frio do que Keyoke poderia estar antes de uma batalha, o Mestre Espião desenvolveu o seu raciocínio. — À superfície, os nossos interesses comerciais parecem seguros a oeste e a norte. Essa recente expansão que lamentavelmente me vi forçado a restringir ficava a sul e a oriente. O nosso oponente desconhecido pode ter tropeçado em alguma operação que acabáramos de montar, ou não. Não sei dizer. O efeito fez-se sentir de

pronto. Ele detetou alguns pormenores do nosso sistema de correio e deduziu os nossos métodos para estabelecer uma rede para nos vigiar. Este inimigo colocou observadores onde poderiam apanhar alguém que, esperavam, conseguissem seguir até um posto de chefia. A partir daqui, extrapolei que o nosso inimigo tem o seu próprio sistema para extrair vantagens desse tipo de oportunidades.

Hokanu colocou o braço em redor do fundo das costas de Mara, apesar de a postura dela não indiciar necessidade de conforto. — Como podeis estar certo disso?

Arakasi respondeu sem rodeios. — Porque é aquilo que eu teria feito. — Alisou a túnica para ocultar as marcas deixadas pelas farpas nas canelas. — Quase fui apanhado, e isso não é uma proeza fácil. — As suas frases simples implicaram uma total ausência de presunção quando ergueu um dedo. — Estou preocupado porque fomos comprometidos. — Levantou um segundo dedo. — Fiquei aliviado por ter escapado sem deixar rasto — acrescentou. — Se a equipa que me perseguiu alguma vez tivesse adivinhado quem haviam encurralado, teriam adotado medidas extremas para atingir os seus fins. Teriam posto de parte os subterfúgios em prol da minha captura. Por conseguinte, terão achado que enredaram um mensageiro ou um supervisor. A minha identidade enquanto Mestre Espião provavelmente permanecerá imaculada.

Mara endireitou-se, ao tomar uma decisão pronta. — Então, penso que será sensato que vos afasteis do problema. — Arakasi foi completamente apanhado de surpresa. — Minha senhora?

Interpretando erradamente a reação dele como se se tivesse sentido melindrado por a sua competência ter sido questionada, Mara tentou suavizar a sua declaração. — Sois demasiado preciso para outro problema que necessita de atenção. — Acenou para dispensar Jican. — Penso que os problemas comerciais podem esperar — disse. Enquanto o homenzinho se curvava para sinalizar a sua aquiescência e estalava os dedos para chamar os seus secretários para que o ajudassem a recolher as lousas e os pergaminhos, Mara ordenou a todos os outros criados que abandonassem o grande salão. Quando as grandes portas duplas se fecharam, deixando-a a sós com o seu círculo mais íntimo de conselheiros, dirigiu a palavra ao Mestre Espião. — Tenho outra missão para vós.

Arakasi falou sem rodeios. — Senhora, corremos um grande perigo. Na verdade, temo que quem comanda esta rede de espiões possa ser o mais perigoso de todos os homens.

Mara nada revelou dos seus pensamentos quando anuiu para que ele prosseguisse.

— Até este recontro, sempre tive a vaidade de me considerar, eu pró-

prio, um mestre da minha arte. — Pela primeira vez desde o início da conversa, o Mestre Espião teve de parar para escolher as palavras. — Esta brecha na nossa segurança não se deveu de forma alguma a um descuido. Os meus homens em Ontoset atuaram com uma discrição irrepreensível. Por esse motivo, temo que este inimigo que enfrentamos me possa ser superior.

— Então, já me decidi quanto a este assunto — anunciou. — Deveis entregar este problema a alguém da vossa confiança. Dessa forma, se esse inimigo indeterminado for merecedor dos vossos louvores, sofreremos a perda de um homem menos fundamental para as nossas necessidades.

Arakasi fez uma vénia, num movimento rígido devido à angústia. — Senhora...

Mara repetiu num tom duro: — Tenho outra missão para vós.

Arakasi calou-se de imediato. A tradição tsurani proibía a um servo questionar um amo a quem tivesse prestado juramento; e, além do mais, a senhora já estava decidida. A dureza que se revelara nela desde que perdera o seu primogénito não era racional; até aí ele já percebera. Que Hokanu também já o entendera era claro, pois até ele se refreava a contrariar as intenções da sua senhora. A verdade desconfortável continuou por ser dita: que ninguém na vasta rede de Arakasi era suficientemente prudente ou experiente para contrariar uma ameaça daquela magnitude. O Mestre Espião não iria desobedecer à sua senhora, embora sentisse um medo de morte pela segurança dela. Tudo o que podia fazer era trabalhar em padrões rebuscados, obedecendo às ordens no sentido literal, mas evitando o que pudesse através de ações gerais. Antes de mais, teria de assegurar que o homem oficialmente encarregue de descobrir esta nova organização conseguisse comunicar regularmente. Perturbado como estava com a possibilidade de a Senhora Mara rejeitar aquela terrível ameaça com tanta facilidade, respeitou-a o suficiente para pelo menos escutar as razões dela antes de a julgar. — E qual é esse outro assunto, minha senhora?

Os seus modos solícitos suavizaram a dureza de Mara. — Quero que descobris o mais que puderdes sobre a Assembleia dos Magos.

Pela primeira vez desde que entrara ao serviço de Mara, Arakasi pareceu espantado com a audácia dela. Os seus olhos arregalaram-se e a voz soçobrou para um sussurro. — Os Grandiosos?

Mara assentiu com a cabeça na direção de Saric, dado que o rumo que a explicação deveria tomar fora estudada por ele em particular.

Ele falou a partir do ponto mais distante do círculo. — Diversos acontecimentos ao longo dos últimos anos levaram-me a questionar as motivações dos Mantos Negros. Por tradição, damos por adquirido que agem em prol do Bem do nosso Império. Mas a perspetiva não seria diferente se na realidade as coisas não se passassem bem assim? — O humor sarcástico

de Saric desapareceu por detrás de um abrasador desconforto. — Pior ainda — acrescentou —, e se a sabedoria da Assembleia visar apenas os seus próprios interesses? O pretexto é a estabilidade das Nações; então por que razão haveriam eles de temer que os Acoma esmagassem os Anasati devido a uma justa vingança? — O Conselheiro Principal dos Acoma inclinou-se para a frente com os seus cotovelos apoiados nos joelhos cruzados. — Estes magos não são propriamente tolos. Não posso crer que não entendam que, ao permitirem que viva sem castigo o senhor que mata traiçoeiramente, mergulham o Império num conflito ainda mais intenso. Uma morte por vingar é uma clara contradição de honra. Sem as jogadas políticas do Conselho Supremo, privados do constante dá-e-leva entre as fações como agente modificador, ficamos com todas as Casas à deriva, dependentes da benevolência e das promessas de terceiros para sobreviver.

Mara voltou-se para o seu Mestre Espião, para ser mais detalhada. — Dentro de um ano, uma dúzia de Casas, ou mais, deixará de existir, porque estou proibida de combater aqueles que farão regressar a governação do Senhor da Guerra. Fiquei sem poderes na arena política. O meu clã não pode erguer a espada contra os tradicionalistas, que usam agora o Jiro como testa de ferro. Se não lhe posso declarar guerra, não posso cumprir a minha promessa de proteger as Casas dependentes da aliança dos Acoma. — Cerrando momentaneamente os olhos, pareceu reordenar as ideias.

O respeito de Arakasi pela sua senhora intensificou-se quando compreendeu uma coisa: ela recuperara o suficiente do luto para reconquistar o discernimento. Ela sabia no seu íntimo que a prova contra Jiro era demasiado óbvia para ser levada a sério. Mas o preço a pagar por ter perdido o controlo no funeral deveria ser enfrentado sem hesitações: envergonhara o nome da família e a culpa de Jiro, ou a falta dela, era controversa. Admitir agora a inocência dele seria uma admissão pública de erro por parte dela. Isso seria algo que não poderia fazer honradamente sem se levantar uma questão mais problemática. Acreditaria ela que o seu inimigo não estava manchado pelo sangue de Ayaki ou estaria apenas a recuar no que tocava a obter uma paga pelo Ayaki? Não vingar um assassinio era uma abdicação da honra irrevogável.

Arrependida como deveria estar da sua raiva intempestiva e do seu raciocínio errado, Mara mais não poderia fazer do que gerir a situação como se continuasse a crer na traição dos Anasati. Agir de outro modo não seria próprio de um tsurani; seria uma fraqueza a explorar de pronto pelos inimigos para a arruinar.

Parecendo querer desviar-se de recordações penosas, Mara retomou o discurso. — Dentro de dois anos, muitos dos que contaríamos como aliados estarão mortos ou desonrados, e muitos mais que são neutros poderão

ser persuadidos ou instigados por pressões políticas a aderir ao campo tradicionalista. A esvaziada Fação Imperialista terá de se confrontar, sem nós, com a desastrosa probabilidade de um novo Senhor da Guerra reinstalar o Conselho. Se esse triste dia chegar, o homem que envergar o manto branco e dourado será o Jiro dos Anasati.

Arakasi esfregou a face com o nó de um dedo, raciocinando furiosamente. — Então, achais que a Assembleia pode estar a imiscuir-se na política em função dos seus próprios interesses? É verdade que os Mantos Negros sempre foram muito ciosos da sua privacidade. Não conheço nenhum homem que tenha entrado na cidade deles e sobrevivido para contar. Senhora Mara, espiar aquele reduto será perigoso, e muito difícil, se não completamente impossível. Dispõem de feitiços da verdade que tornam impossível infiltrar alguém nas fileiras deles. Ouvi histórias... embora eu possa não ser o primeiro Mestre Espião a tentar infiltrar-me, ninguém que se cruze com um Grandioso com a intenção de o ludibriar beneficia de uma morte natural.

As mãos de Mara cerraram-se em punhos. — Temos de encontrar uma forma de descobrir as motivações deles. Mais do que isso, temos de descobrir uma forma de pôr um travão à interferência deles, ou pelo menos lograr delinear com clareza os parâmetros em que nos envolveram. Temos de saber aquilo que poderemos conquistar sem despertar a ira deles. Com o tempo, talvez se encontre uma forma de negociar.

Arakasi inclinou a cabeça, resignado, mas já a labutar que se tratava de um problema de grande escala. Nunca esperara chegar a velho; enigmas, mesmo os perigosos, eram o seu único prazer, embora este que a sua senhora lhe propunha fosse muito provavelmente um convite a uma aniquilação rápida. — A vossa vontade será cumprida, senhora. Devo começar de pronto de modo a reorientar os objetivos dos nossos agentes para noroeste. — A negociação era uma esperança fútil, algo que Arakasi rejeitava logo à partida. Para negociar, é necessário dispor de uma força para comandar ou de uma recompensa persuasiva como engodo. Poder e popularidade Mara tinha, mas ele também testemunhara a exibição do poder de um único mago quando os Jogos Imperiais tinham sido destruídos por Milamber. Os milhares de guerreiros da Senhora Mara, e todos aqueles dos seus amigos e dos seus aliados, não eram nada quando comparados com as forças misteriosas comandadas pela Assembleia. E o que é que no mundo, sob o céu, alguém poderia ter que um Grandioso pudesse desejar e não simplesmente tirar sem sequer pedir?

Arrepiado, Arakasi ponderou na última alternativa para coagir alguém: extorsão. Se a Assembleia escondesse um segredo que valeria a troca de favores para impedir que outros tivessem conhecimento do mesmo, algo pelo

qual estariam dispostos a ceder, para garantir que Mara permaneceria em silêncio... Só a ideia já era uma pura loucura. Os Grandiosos eram sobranceiros a qualquer lei. Arakasi entendeu que seria mais provável que, mesmo tendo a sorte de descobrir um segredo, os Mantos Negros limitar-se-iam a obter o silêncio definitivo de Mara condenando-a a uma morte horrível.

Saric, Lujan e Keyoke compreenderam isso, percebeu, pois os olhos deles estavam a incidir ainda mais sobre ele quando se levantou e fez a derradeira vénia. Desta vez, Mara mostrara-se demasiado ousada e todos temeram o que daí poderia advir. Enregelado até ao âmago do seu ser, Arakasi deu a volta. Nada na sua postura indicava que amaldiçoara um destino bárbaro. Não só deveria seguir aquilo que o seu instinto lhe alertara que poderia ser a ameaça mais perigosa que a Senhora Mara até então enfrentara, como até teria de abandonar quaisquer esforços para efetuar uma contra-medida. Secções inteiras da sua vasta operação teriam de ser adormecidas até resolver um enigma que até então nenhum homem se atrevera a tentar decifrar. O mistério aguardava por ser deslindado, para lá das margens de um corpo de água sem nome, conhecido apenas por ser o lago que circunda a ilha da Cidade dos Magos.

MAQUINAÇÕES

Decorreram dois anos.

Não houve mais tentativas para assassinar a Senhora dos Acoma, e, apesar de toda a gente permanecer atenta, a sensação de risco imediato esmoreceu.

Era de apreciar a tranquilidade que se instalara na casa senhorial quando a luz prévia ao alvorecer inundou o quarto de dormir. As pressões originadas pelos recentes reveses no comércio e as fricções entre fações políticas pressionaram com redobrada perseverança os recursos da Casa dos Acoma.

Mas agora, apenas as patrulhas se agitavam e os mensageiros com as novas do dia ainda estavam para chegar. Um pássaro costeiro cantou desde o lago. Hokanu cingiu os braços em redor da sua amada senhora. As suas mãos tocaram a macieza marmórea da pele que lhe cobria a barriga e um ligeiro volume despertou-lhe a atenção. De repente, as manhãs em que ela se isolara, afastando-se dele e até dos seus conselheiros mais próximos, fizeram sentido. Um arrebatamento extático de prazer seguiu-se à dedução óbvia. Hokanu sorriu, com o rosto encostado às ondas macias do cabelo dela.

— As parteiras já vos disseram se o novo herdeiro dos Acoma será rapaz ou rapariga?

Mara revirou-se nos braços dele, de olhos arregalados devido à indignação. — Não vos contei que estou grávida! Qual das minhas aias me traiu?

Hokanu não respondeu; apenas o seu sorriso se alargou.

A senhora esticou as mãos para baixo, agarrou-o pelos pulsos, que ainda a prendiam, e chegou a uma conclusão. — Estou a perceber. As minhas aias são todas leais, e continuo a não conseguir ocultar-vos um segredo, meu esposo.

Mas ela conseguia; por muito que a relação deles fosse franca, havia profundezas às quais nem sequer Hokanu conseguia alcançar, especialmente desde a morte do primogénito de Mara, como se a dor lhe tivesse lançado uma sombra. Apesar de o ardor dela quando encostou a face à do marido ser genuíno, tal como o prazer quando lhe sussurrou formalmente ao ouvido que em breve iria ser pai com laços de sangue, como já o era por adoção, Hokanu sentiu uma nuance sombria. Mara estava perturbada com algo, desta feita sem relação com a perda de Ayaki, ou com a intervenção

da Assembleia na tentativa dela de se vingar de Jiro. Ele também pressentiu que aquele não seria o momento para abordar tais assuntos.

— Amo-vos, senhora — murmurou ele. — Deveis acostumar-vos à solicitude, pois vou estragar-vos descaradamente com mimos até dardes à luz. — Virou-a para si e beijou-a. — Depois, ambos poderemos vir a constatar que adquirir um hábito difícil de eliminar.

Mara aconchegou-se nele, e os seus dedos percorreram-lhe o peito. — Sois o melhor esposo em todo o Império, amado... bem mais do que eu mereço.

O que era discutível, mas Hokanu manteve-se tranquilo. Sabia que ela o amava profundamente e retribuía com todo o carinho e satisfação que era possível a uma mulher; a certeza absoluta de que faltava na relação algo indefinível da parte dela era uma sensação que se cansara de tentar aprofundar. Pois a senhora nunca lhe mentira, nunca se poupava nos afetos. Ainda assim, por vezes, o pensamento dela vagueava para outro local qualquer, um lugar que a ele era sempre inalcançável. Necessitava de algo que ele não tinha meios para providenciar.

Sendo um homem pragmático, não tentara forçar o impossível e, ao longo dos anos que tinham passado juntos, erigiram uma satisfação e uma paz duradoura e sólida como um monumento. Lograra fazê-la feliz, até o dardo atingir o cavalo que lhe matara o filho.

Ela remexeu-se encostada a ele, com os olhos escuros aparentemente fixos no jardim de flores do outro lado do biombo aberto. A brisa fazia agitar os rebentos das suas adoradas *kekali*, e o intenso perfume das flores rodopiou pelo quarto. Ao longe, ouviu-se o padeiro a repreender um escravo por ser preguiçoso; também lhe chegou o som da barca do correio a ser carregada nas docas, estranhamente amplificado pelas águas paradas e pela tranquilidade matinal recoberta de nevoeiro.

Hokanu pegou nos dedos de Mara e acariciou-os, e pelo facto de não terem reagido de pronto, percebeu que ela não estava a pensar em intimidades.

— Estais de novo a pensar na Assembleia? — quis ele saber, consciente de que não era esse o caso, mas igualmente consciente de que uma aproximação oblíqua poderia quebrar o gelo em redor dos pensamentos dela e ajudá-la a começar a comunicar.

Mara apertou ainda mais a mão dele. — A irmã do vosso pai tem dois rapazes, e tendes um primo em segundo grau com cinco filhos, três deles rapazes.

Sem saber onde aquela abertura iria dar, mas ao mesmo tempo aproveitando o impulso, Hokanu assentiu com a cabeça. Reflexivamente, acompanhou o pensamento seguinte dela. — Se acontecesse algo ao Justin antes

de nascer o vosso filho, o meu pai poderia optar por entre diversos primos ou familiares para encontrar um sucessor, depois de mim, para o manto dos Shinzawai. Mas não vos deveis preocupar, amor; pretendo sem dúvida permanecer vivo e manter-vos em segurança.

Mara franziu o sobrolho, mais perturbada do que ele de início pensara. — Não. Já discutimos por causa disto. Não pretendo ver o nome dos Acoma fundido com o dos Shinzawai.

Hokanu puxou-a mais para si, consciente agora do que estava por detrás daquela tensão. — Receais pelo nome Acoma, o que eu compreendo. Até o nosso filho nascer, sois a última da vossa linhagem.

A tensão dela ao assentir revelou um medo profundo que se esforçara por combater e ocultar ao longo dos dois últimos anos. E depois de tudo o que passara para assegurar a sobrevivência da linhagem dos seus antepassados, para vir mais tarde a sofrer a perda do seu filho, ele não poderia julgá-la.

— Ao contrário do vosso pai, eu já não tenho primos, nem qualquer outra alternativa. — Inspirou rapidamente, e lançou-se diretamente ao cerne da questão. — Quero que o Justin preste juramento ao *natami* dos Acoma.

— Mara! — exclamou Hokanu, espantado. — O que está feito, está feito! O rapaz já tem quase cinco anos e já prestou juramento aos Shinzawai.

Ela pareceu destroçada. Tinha os olhos demasiado arregalados e os ossos demasiado proeminentes, em consequência da dor e do enjoo matinal. — Libertai-o.

O desespero apossou-se dela, com uma determinação inflexível que ele apenas vira na presença de inimigos; e, os deuses bem o sabiam, ele não era um inimigo. Reprimiu o seu choque inicial, estendeu a mão e mais uma vez puxou-a para si. Ela estava a tremer, embora não tivesse a pele arrepiada. Pacientemente, cuidadosamente, Hokanu avaliou a posição dela. Tentou desvendar as motivações dela e chegar a um tipo de compreensão que lhe desse bases para desenvolver a questão; pois compreendeu, pelo bem do seu pai, que não iria aceder a nenhum dos favores alterando a lealdade à Casa de Justin — nunca o faria com o rapaz. Por esta altura a criança já seria suficientemente crescida para começar a compreender o significado do nome que lhe cabia.

A morte de um irmão mais velho fora algo que abalara terrivelmente o rapazinho; não era preciso transformá-lo agora num brinquedo nas mãos da política. Por muito que Hokanu amasse Mara, também tinha a noção de que a inimizade de Jiro era uma ameaça maior do que a que ele desejaria colocar sobre os ombros de uma criança inocente.

A ligação partilhada entre a senhora e o seu consorte corria em ambos

os sentidos; Mara também tinha o dom de adivinhar os pensamentos mais íntimos de Hokanu. — É muito mais difícil assassinar um rapaz capaz de andar, falar e reconhecer estranhos do que uma criança num berço — disse ela. — Enquanto herdeiro dos Shinzawai, o nosso novo bebé estará mais seguro. Uma Casa, toda uma linhagem, não serão extintas por uma morte.

Hokanu sentiu-se incapaz de refutar tal lógica; o que lhe tirou o sossego e evitou o seu acordo foi o afeto sentido por Justin, já para não mencionar que o seu pai adotivo, Kamatsu, acabara por adorar perdidamente o rapaz. Um homem poderia pegar numa criança finalmente com idade para gozar os sabores da vida e colocá-la em grave perigo? Ou colocar uma criança inocente em risco?

— Se eu morrer — disse Mara quase num sussurro —, nada mais restará. Nem filho, nem Acoma. Os meus antepassados perderão os seus lugares na Roda da Vida e não sobrárá ninguém para manter a honra dos Acoma perante os olhares divinos. — Ela não acrescentou, como poderia ter feito, que tudo o que fizera por si própria teria sido em vão.

O seu consorte endireitou-se apoiado nas almofadas, puxou-a para que se encostasse a si e desviou-lhe para trás o cabelo escuro. — Senhora, irei pensar no que dissestes.

Mara contorceu-se, libertando-se das carícias. Bela, determinada e zangada, sentou-se muito direita e enfrentou-o. — Não deves pensar. Deves decidir. Libertai o Justin dos seus votos, pois os Acoma não podem passar mais um dia sem um herdeiro que me suceda.

Ela estava nos limites da histeria. Hokanu viu algo mais do que isso, apercebeu-se de uma outra preocupação, algo a que ela ainda não se referira, que ele deixara escapar no meio daquele turbilhão. — Sentis-vos encurralada porque o Arakasi já está envolvido há muito na tarefa que lhe atribuístes — disse ele, inspirado.

A tempestade de Mara pareceu abrandar. — Sim. Talvez lhe tenha exigido demasiado, ou dado início a uma demanda mais perigosa do que me pareceu quando o mandei infiltrar-se nos assuntos da Assembleia. — Mara, num momento raro, deixou-se tomar pela dúvida. — Estava de cabeça perdida e furiosa — admitiu. — Na verdade, as coisas decorreram mais calmamente do que inicialmente temera. Lidámos com a ascensão da ofensiva tradicionalista sem as dificuldades que previra.

Hokanu escutou, mas não se deixou iludir com a possibilidade de ela considerar o assunto resolvido. Mais do que qualquer outra coisa, os períodos de acalmia e as complicações menores surgidas nas transações comerciais eram prenúncios de algo mais profundo. Os senhores tsurani eram retorcidos; a própria cultura de milhares de anos aplaudira qualquer governante que se mostrasse subtil, que lograsse urdir conspirações rebuscadas

de longo alcance para anos mais tarde obter uma brilhante vitória. O mais provável era o Senhor Jiro estar a comprar tempo, reunindo condições para atacar. Ele não era um minwanabi, determinado a resolver os problemas no campo de batalha. O édito da Assembleia na realidade concedera-lhe tempo ilimitado, e permissão para conspirar contra os Acoma através da intriga, como tanto apreciava.

Nem Mara nem Hokanu optaram por insistir neste ponto, que ambos temiam. Um intervalo de tranquilidade estendeu-se entre os dois, preenchido pelos sons da herdade a despertar. A luz que penetrou pelo biombo alterou-se de cinzento para rosa-dourado e as aves canoras imiscuíram-se entre os chamamentos dos oficiais que supervisionavam a mudança da guarda — guerreiros que antes da morte de Ayaki não efetuavam patrulhas tão perto da herdade.

Por dizer ficou também a ideia de que os Anasati poderiam, na realidade, ter sido o alvo da prova falsa levada pela seita. Jiro e os tradicionalistas da velha guarda desejavam a morte de Mara, o que tornava lógica a inimizade dele. No entanto, poderia haver uma terceira facção a operar dissimuladamente, para criar uma cisma na aliança entre os Acoma e os Anasati que fora selada com o nascimento de Ayaki. O atentado fora dirigido a Mara; se tivesse morrido, como ditara o plano, o filho teria ascendido ao poder. Hokanu, na vulnerável posição de regente, teria ficado incumbido de gerir um confronto entre os Acoma, numa tentativa de manter a independência como o teria desejado a sua senhora, e os Anasati, que procurariam anexar essa Casa sustendo-se nos laços de sangue que mantinham com o rapaz.

Mas se o contrato com a seita que originou a morte de Ayaki não tivera a chancela de Jiro, tudo o que daí resultara poderia estar a ser orquestrado pelas mãos de uma terceira facção, talvez o mesmo senhor cuja rede furara a segurança de Arakasi.

— Penso — disse Hokanu com uma firmeza dócil — que não deveríamos resolver este assunto até termos novidades do Arakasi. Se ele fez progressos na sua tentativa de se infiltrar no Conselho dos Grandiosos, a sua rede informar-nos-á. Por ora, a ausência de notícias é a melhor das notícias.

Com um ar pálido e tenso, e sentindo-se igualmente arrepiada, Mara concordou com um aceno de cabeça. De qualquer forma, os incómodos causados pela gravidez a curto prazo iriam tornar difíceis as conversas. Deixou-se ali ficar, frouxa nos braços do marido, enquanto ele estalava os dedos e chamava as aias. Foi a sua invulgar devoção que levou a que se mantivesse junto dela durante as primeiras horas de indisposição. Quando ela protestou alegando que ele por certo teria coisas melhores para fazer, Hokanu limitou-se a sorrir.

...

O relógio bateu as horas. Mara afastou o cabelo húmido da testa e suspirou. Fechou momentaneamente os olhos, para aliviar a constante tensão de avaliar a impressão precisa dos relatórios comerciais dos agentes de Sulan-Qu. No entanto, a sua pausa para descanso poucos segundos durou.

Entrou uma criada com uma bandeja. Mara sobressaltou-se levemente com a intrusão e depois resignou-se à interrupção quando a criada começou a servir um almoço ligeiro na pequena mesa de colo ao lado daquela que ela desordenara com trabalho por terminar.

Quando o olhar da senhora incidiu nela, a aia curvou-se, tocando com a testa no chão com uma reverência muito aproximada à de um escravo. Tal como Mara suspeitara, a rapariga usava libré adornada a azul, as cores dos Shinzawai.

— Minha senhora, o senhor ordenou-me que vos trouxesse o almoço. Diz que estais demasiado magra e que o bebé não terá como crescer caso não pareis para comer.

Mara pousou uma mão na sua volumosa barriga. O bebé rapaz que lhe fora prometido pelas suas parteiras aparentemente estaria a desenvolver-se bem. Se ela tinha um aspeto enfermiço, a impaciência e os nervos seriam a causa mais provável, e não a dieta. A gravidez estava a desgastá-la, impaciente como se sentia para que chegasse ao fim, de modo a ver resolvida a questão do seu herdeiro. Ela não percebera o quanto viera a apoiar-se no companheirismo de Hokanu até a tensão se apoderar dela por completo. O seu desejo de nomear Justin como herdeiro dos Acoma custara bem caro, e ansiou pelo nascimento da criança, para que a altercação com Hokanu pudesse finalmente ser esquecida por ambos.

Mas os meses até à data prevista para o nascimento pareciam alongar-se até ao infinito. Envolta em pensamentos, Mara olhou pela janela, para as vinhas de *akasi* em flor e para os escravos atarefados com cisalhas a podarem-nas junto ao carreiro. O perfume intenso recordou-lhe outro gabinete, na sua velha herdade, e um dia no passado em que um escravo bárbaro ruivo abalara o seu conceito de cultura tsurani. Agora, Hokanu era o único homem no Império que parecia partilhar os seus sonhos e ideais progressistas. Nos últimos tempos revelara-se difícil falar com ele, sem que viesse à baila a questão da progénie.

A aia saiu discretamente. Mara observou, pouco entusiasmada, a bandeja com fruta, pão e queijos frios. Ainda assim, obrigou-se a encher um prato e comer, por muito que na sua boca a comida lhe parecesse sensaborona. A experiência ensinara-lhe que Hokanu viria verificar se comera, e não estava com vontade de enfrentar a ternura implorante do olhar dele, caso seguisse a sua própria vontade e não tocasse na refeição.

O relatório que lhe ocupava a atenção era bem mais grave do que

parecera à primeira vista. Ardera um armazém junto ao rio, causando danos nas peles excedentes do mercado da primavera. Os preços não tinham ascendido aos padrões habituais nessa estação, e, em vez de vender o couro com tão reduzida margem de lucro, Jican consignara-o para ser entregue mais tarde aos fabricantes de sandálias. Mara fez um olhar carregado. Pousou o prato praticamente intocado, como era hábito. Embora não fosse segredo que, de entre todas as casas do Império, a dela era a única que providenciava sandálias aos seus escravos transportadores e que trabalhavam no campo, até agora o assunto apenas fora alvo de mexericos. Os senhores da velha linha tradicionalista riram-se aberta e demoradamente, e declararam que eram os escravos quem mandava no pessoal doméstico; um veterano sacerdote particularmente conflituoso do Templo de Chochocan, o *Bom Deus*, enviara-lhe uma missiva cáustica alertando-a de que tratar escravos com demasiada amabilidade era uma ofensa à vontade divina. Se lhes facilitasse a vida, avisara o sacerdote, não seriam suficientemente penitentes para conquistar o acesso ao Céu. Poderiam ser devolvidos à Roda da Vida enquanto um roedor ou outro animal inferior, para compensar a falta de sofrimento na presente vida. Salvar os pés dos escravos de cortes e feridas era certamente prejudicial aos seus espíritos eternos.

Mara respondera ao sacerdote desagradado com uma carta com banalidades apaziguadoras, e continuou a fornecer sandálias.

Mas o presente relatório, com a assinatura do agente e com o selo gravado próprio dos inventários semanais, era algo de outra dimensão. Pela primeira vez uma facção inimiga procurara explorar a sua amabilidade para prejudicar a Casa dos Acoma. Às peles danificadas seguir-se-ia, por certo, um rápido e indetetável rumor nas casernas dos escravos de que fora ela, dissimuladamente, a orquestrar o incêndio como desculpa para poupar nos custos de mais sandálias. Dado que a posse de calçado proporcionava, além de conforto, um estatuto considerável aos escravos ao serviço dos Acoma, aos olhos dos seus equivalentes pertencentes a outras Casas, o privilégio fora tenazmente cobiçado. Embora nenhum escravo tsurani alguma vez equacionasse revoltar-se, pois a desobediência ao amo ou senhora ia contra a vontade dos deuses, só a ideia de que o lote anual de sandálias pudesse ser cancelado iria causar um ressentimento que não seria demonstrado à superfície mas que resultaria num desmazelo nos trabalhos no campo, ou nas tarefas que, de algum modo, seriam mal desempenhadas. O impacto na riqueza dos Acoma seria subtil, mas tangível. A sabotagem de que o armazém fora alvo poderia tornar-se num estratagema traiçoeiramente astucioso, pois, de modo a retificar a falta de couros, Mara poderia atrair a atenção de mais do que um velho fanático do templo pronto a escrever-lhe

uma carta de protesto. Poderia ser encarado em determinados quadrantes como uma prova da vulnerabilidade dela, e tempos que em tempos se haviam revelado amáveis de repente tornar-se-iam «neutros», mas a roçar a hostilidade.

Ser-lhe-ia difícil, agora, suportar afrontas do sacerdócio, numa altura em que os inimigos do Império e dela se aliavam para a arruinar.

A bandeja com o almoço permaneceu esquecida enquanto ela pegava numa folha em branco e numa pena e escrevia uma autorização para que o agente de Sulan-Qu adquirisse novas peles destinadas a serem levadas aos fabricantes de sandálias. Depois, mandou o seu escravo mensageiro ir chamar Jican, a quem por sua vez foi ordenado que colocasse em alerta, face aos rumores, criados e capatazes, para que a questão do calçado dos escravos nunca se tornasse um problema.

Quando o assunto foi resolvido, a fruta era já uma papa de sumos e os queijos tinham aquecido no prato devido ao ar húmido da tarde. Absorvida pelo relatório que se seguiu na pilha, este relacionado com uma transação comercial concebida para prejudicar os Anasati, Mara ouviu passadas junto ao biombo.

— Já acabei a bandeja do almoço — murmurou ela sem olhar para cima.

Partindo do princípio de que a criada levaria os restos da refeição com a habitual solicitude silenciosa, manteve a atenção no presente documento. Mas por muitas caravanas que fossem assaltadas, por muitos campos de *hwaet* que fossem incendiados, por muitas pilhas de tecidos que fossem desviadas a caminho dos mercados ou que os barcos fossem enviados para os portos errados, Mara não sentiu grande satisfação. A sua angústia não esmorecia. Agarrou os pergaminhos com mais força, procurando nas linhas escritas uma forma de fazer com que o seu inimigo sentisse o seu ódio onde mais lhe doesse.

Sentiu um par de mãos a pousar-lhe nos ombros, a tirarem-lhe o relatório e a massajarem-lhe suavemente o pescoço, que ficara dorido devido à imobilidade. — Os cozinheiros vão pedir para se suicidarem quando virem que destes tão pouca atenção à bandeja com o almoço, minha esposa — disse-lhe Hokanu ao ouvido. À advertência seguiu-se um beijo no cimo da cabeça e Hokanu aguardou enquanto Mara enrubescia de vergonha por o ter confundido com uma criada.

Ela olhou pesarosamente para a refeição deixada a meio. — Perdoadi-me. Fiquei tão embrenhada que me esqueci. — Com um suspiro, retribuiu o abraço do esposo e beijou-o.

— O que se passa desta vez, mais bolor nos sacos de *thyza*? — questionou ele com um brilho nos olhos.

Mara coçou a sua testa, que lhe doía. — Não. As peles para os fabricantes de sandálias. Vamos comprar outras para as substituir.

Hokanu assentiu com a cabeça, um dos poucos homens do Império que não teriam defendido que sandálias para escravos eram um desperdício de fundos. Consciente da sorte que tinha por ter um esposo daquele calibre, Mara deixou-se envolver de novo no abraço e heroicamente estendeu a mão para a bandeja.

O marido agarrou-lhe o pulso com uma firmeza sem espaço para discussões. — A refeição está estragada. Vou pedir à criada que traga uma bandeja nova, e fico aqui e partilho a refeição convosco. Ultimamente não temos passado muito tempo juntos.

Hokanu passou em volta do coxim dela, com a sua graciosidade de espadachim como sempre a emprestar beleza àquilo que, sabia Mara, era um conjunto letal de reflexos. Ele usava uma túnica de seda larga, presa com um cinto de conchas e com uma fivela embutida a lápis-lazúli. Tinha o cabelo húmido, o que significava que acabara de sair do banho que habitualmente tomava depois de ter estado a trabalhar com os seus oficiais.

— Podeis não ter fome, mas eu estou capaz de comer um *harulth*. O Lujan e o Kemutali decidiram verificar se a paternidade me estava a amolecer.

Mara esboçou um leve sorriso. — Estão ambos a pôr as feridas de molho? — perguntou ela, confiante.

A resposta de Hokanu foi pesarosa. — Também eu estive, até há uns minutos.

— E fostes mole? — insistiu Mara.

— Não, por todos os deuses. — Hokanu riu-se. — Nesta casa nunca. O Justin emboscou-me por duas vezes a caminho do banho, e uma outra vez quando saí. — Depois, sem vontade de lidar com o assunto do filho que se tornara o pomo da discórdia entre eles, apressou-se a perguntar o que causava um vinco tão profundo entre os olhos dela. — A não ser que estejais a fazer um ar ameaçador para testar, igualmente, a minha frouxidão — concluiu.

Mara surpreendeu-se e desatou a rir. — Não. Eu sei o quanto o vosso sono é leve, meu querido. Saberia que estáveis a ficar complacente na noite que deixásseis de atirar almofadas e a roupa da cama pelo ar ao mais ínfimo ruído estranho.

Feliz com aquele breve momento de júbilo por parte dela, Hokanu bateu palmas para chamar um criado para tratar da bandeja com o almoço estragado, e ir à cozinha buscar outro fresco. Assim que terminou de tratar dessa questão, o que lhe levou apenas um breve momento, olhou de novo

para Mara e, pelo olhar vago dela, percebeu que já estava outra vez perdida em pensamentos. As mãos dela, pousadas no colo, ficaram tensas, com os dedos entrelaçados como habitualmente acontecia quando começava a matutar na tarefa que outorgara ao seu Mestre Espião.

O palpite dele confirmou-se quando ela falou. — Estou aqui a pensar até onde terá ido o Arakasi na sua tentativa de se infiltrar na Cidade dos Magos.

— Não discutiremos o assunto enquanto não vos alimentardes — disse Hokanu, num tom jocoso de ameaça. — Se continuais a passar fome, nada mais restará em vós do que uma enorme barriga.

— Recheada com o vosso filho e futuro herdeiro! — replicou Mara, também num tom jocoso, mas sem deixar de ser ela própria, penetrante, ao referir-se a um tópico sensível.

Hokanu ignorou a alusão, de modo a mantê-la suficientemente animada para apreciar as frutas e os pães e carnes leves que mandara buscar. Pensando melhor, a tentativa de Arakasi de se imiscuir na Assembleia de Magos seria provavelmente uma opção mais segura em termos de conversas.

Naquele momento, Arakasi estava sentado numa barulhenta taberna à fface da estrada, a norte da província de Neshka. Envergava a túnica às riscas típica de um guardador de gado, genuinamente a cheirar a *needra*, e o seu olho direito pareceu ser estrábico. O esquerdo estava semicerrado para compensar, e também para disfarçar a tendência que tinha para lacrimar com o sabor ardente das bebidas alcoólicas alegadamente fermentadas pelos Thün a partir de tubérculos que cresciam na tundra. Arakasi molhou uma vez mais a língua na abjeta bebida e passou a garrafa ao mestre de caravana que, ao longo das últimas horas, tentara embebedar.

O mestre de caravana era muito resistente ao álcool. Era um homem calvo, muito musculado, com uma gargalhada poderosa, e uma lamentável inclinação para dar palmadas nas costas dos seus companheiros: essa seria provavelmente a razão de os bancos de ambos os seus lados permanecerem desocupados, pensou Arakasi. Já tinha hematomas no peito de ser projetado contra o rebordo da mesa com as pancadas violentas do homem. Poderia ter escolhido um alvo melhor para extrair informações, percebeu, retrospectivamente. Mas os outros chefes de caravana tendiam a reunir-se com o seu pessoal e ele necessitava de um que se mantivesse isolado. Insinuar-se entre um grupo muito cerrado e espiar um homem longe dos seus companheiros era tarefa para levar muito tempo. Ele tinha a paciência para tal, muitas vezes esperara meses para conquistar a confiança de determinados indivíduos para obter as informações pretendidas por Mara. Mas ali, numa erma taberna do Norte, um homem com amizades chegadas seria

capaz de se recordar de um estranho que perguntara coisas que um carroceiro local já saberia.

— Argh — berrou o enorme mestre de caravana, sem dúvida demasiado alto para o gosto de Arakasi. — Não sei porque é que alguém quereria beber este mijo. — O homem sopesou a garrafa com uma mão que parecia um presunto e, desconfiado, olhou de soslaio para o conteúdo. — Sabe tão mal que até deve cortar-nos a língua. — Concluiu a sua diatribe com mais uma enorme golada.

Arakasi apercebeu-se da chegada de mais uma palmada de camaradagem e quase não foi a tempo de colar as palmas das mãos ao tampo de madeira da mesa. O golpe atingiu-o entre as lâminas dos ombros e a armação abanou, chocalhando as louças baratas em barro.

— Ei! — gritou o dono da estalagem de trás do balcão. — Nada de barulho cá dentro!

O mestre de caravana arrotou. — Que estúpido — confidenciou num sussurro carregado de álcool. — Se fôssemos do tipo de partir tudo, lançávamos as mesas contra as paredes e deitávamos abaixo o teto malcheiroso. Não se perderia grande coisa. Seja como for, está cheio de bicho nas vigas e de insetos mordedores nas esteiras de dormir do sótão.

Arakasi observou a madeira grossa que constituía o suporte da construção e reconheceu que poderia servir de aríete. — Suficientemente pesado para rachar os portões da Cidade dos Magos — murmurou, num tom sugestivo.

— Ah! — O homem entroncado bateu com a garrafa com tanta força que as tábuas rangeram. — Só um louco tentaria. Ouvistes falar do rapaz que se escondeu numa carroça, no mês passado? Bem, vou contar-vos, os criados desses magos procuraram no meio das mercadorias e não encontraram o miúdo. Mas quando a carroça rolou sob as arcadas dos portões junto à ponte de acesso à ilha, bem, desce um raio de luz e frita a cobertura de lã onde o rapaz estava escondido. — O negociante de gado riu-se e bateu na mesa, fazendo saltar a louça. — Pelos sete infernos! Vou contar-vos. Os criados dos magos desataram todos a correr e a gritar em alerta, anunciando morte e destruição. Quando se dá por ela, o rapaz está a gritar tão alto que se ouve em Dustari, e depois desata a correr pela rua abaixo em direção à floresta como se tivesse o rabo a arder. Descobriram-no mais tarde, escondido no barracão de um carvoeiro. Sem uma única marca, reparai, mas passaram-se dias até parar de chorar. — O mestre de caravana levou um dedo à têmpora e piscou o olho, com um ar cúmplice. — Deram-lhe cabo da cabeça, estais a perceber? Achou que ia ser devorado por demónios do fogo ou coisa do género.

Arakasi digeriu aquela informação enquanto o mestre de caravana vol-

tava a beber da garrafa. Limpou os lábios com o seu punho peludo e olhou com atenção para o Mestre Espião de Mara. Baixou a voz para um tom ameaçador. — Nem vos atreveis a brincar com a possibilidade de tentar atravessar os portões da Cidade dos Magos. Incomodai a Assembleia e todos nós perdemos o trabalho. Não me apetece chegar ao fim dos meus dias como escravo, de modo nenhum.

— Mas o rapaz que, por travessura, tentou infiltrar-se não perdeu a liberdade — destacou Arakasi.

— Pode muito bem ter perdido — disse sombriamente o mestre de caravana. Bebeu mais uma golada. — Pode muito bem ter perdido. Não consegue dormir devido aos pesadelos e passa dias por aí a deambular como se estivesse morto... ficou malquinho da cabeça.

Baixando a voz, receoso, o mestre de caravana acrescentou:

— Ouvi dizer que eles têm formas de saber o que vai na cabeça daqueles que tentam entrar na ilha. Por ter sido uma travessura de um garoto, permitiram que vivesse. Mas ouvi histórias de que se lhe desejais mal... — estendeu a mão e virou o polegar para baixo — ...dais por vós no fundo daquele lago. — E prosseguiu, agora a sussurrar: — O fundo do lago está coberto de corpos. Lá em baixo é demasiado frio para incharem e subirem. Os mortos limitam-se a ficar lá em baixo. — Com um aceno de cabeça para realçar a sua declaração, o mestre de caravana terminou num tom normal. — Os magos não gostam que se metam com eles, isso é inegável.

— Brindemos para que assim continuem. — Arakasi puxou de novo a garrafa para si e bebeu num pouco usual acesso de irritação. A missão que lhe fora incumbida por Mara era praticamente impraticável. As caravanas não passavam do portão de acesso à ponte. Ali, as tripulações entregavam as rédeas aos criados do interior da cidade, e cada carregamento era minuciosamente revistado antes de os artigos seguirem em frente. A ponte não atravessava todo o lago, terminando num cais na água, onde os mantimentos destinados ao interior eram descarregados para barcos, e mais uma vez inspecionados. Depois, homens com varas impulsionavam as embarcações carregadas, até à Cidade dos Magos.

Este era já o terceiro homem a relatar o destino dos intrusos: ninguém se infiltrava na Cidade dos Magos, e quem quer que o tentasse fazer era transportado por artes mágicas para uma sepultura debaixo de água ou então enlouquecia.

Confrontado com uma conclusão sombria, Arakasi sorveu da garrafa para se fortificar. A seguir, entregou o que restava da bebida ao mestre de caravana peludo e esgueirou-se discretamente para o exterior para ir à latrina.

Na obscuridade fedorenta da latrina da estalagem de estrada, Arakasi

observou as paredes grosseiras de madeira onde equipagens de caravanas de passagem haviam sarrabiscado ou riscado um variado conjunto de iniciais, comentários irônicos sobre a qualidade da cerveja da estalagem e os nomes das suas senhoras do bordel Boa Vida preferidas, deixadas para trás em bordéis a sul. Entre eles, estava a marca que procurava, feita com giz branco: uma simples figura em pé. Junto aos joelhos do desenho estava o que aparentava ser uma linha perdida, como se a mão do artista tivesse falhado um risco, com a pressa. Mas, ao ver aquilo, Arakasi cerrou os seus olhos fatigados e suspirou de alívio.

O seu agente, que calhava ser o moço de recados de um carvoeiro, estivera ali, e as notícias eram boas. A operação do armazém onde quase fora apanhado por inimigos estivera fora da rede de mensagens durante dois anos e meio e finalmente o tintureiro do outro lado da rua promovera o seu aprendiz mais velho. O filho do comerciante que iria ficar com o lugar seria um agente dos Acoma. Arakasi poderia finalmente começar a reconstruir a sua rede. O armazém estivera a operar unicamente como um negócio desde o desastre da sua quase captura. O proprietário acataria a sua despromoção de espião a agente comercial com uma expressão pétreia de resignação. Tanto ele como Arakasi estavam ansiosos por começar a distribuir trabalhadores e estivadores, mas isso não poderia ser feito à pressa; os homens tinham valor, alguns deles seriam úteis como agentes em postos longínquos melhores, mas de nada serviria se a casa comercial permanecesse sob escrutínio do inimigo. E, a julgar pela suavidade de funcionamento da rede que quase o apanhara, Arakasi não se atreveu a assumir o contrário. Lenta e meticulosamente, deveria abordar o problema a partir de outro ângulo.

De repente consciente de que não deveria demorar-se na latrina, tratou de fazer as esperadas abluções e saiu pela porta rangente de madeira. Ocorreu-lhe, numa intuição pouco agradável, que o lugar vago na tinturaria poderia, afinal, não ser uma coisa assim tão fortuita. Se ele fosse o tal inimigo tão sagaz, não iria tentar colocar o seu próprio agente em tal posto? Que melhor forma de vigiar o armazém, afinal de contas, dado que vadios e pedintes nas esquinas davam bem mais nas vistas do que plantas?

Arrepiado por aquela certeza incómoda, pois estava crente de que o seu inimigo era tão inteligente quanto ele, Arakasi praguejou e deu a volta. Resmungando como se se tivesse esquecido de algo, ultrapassou o ajudante do guardador de gado, que atravessava o pátio rumo às latrinas, e entrou intempestivamente pela porta.

— Aqui está, os deuses sejam louvados — resmungou, como se esquecer-se de bens importantes em fedorentas latrinas públicas fosse algo que acontecesse todos os dias. Com uma mão, torceu um botão madreperla

do punho, com a outra apagou a cabeça do desenho a giz, e com a unha riscou um sinal obsceno ao lado.

Saiu apressadamente e, confrontado com a fúria do rapaz em cujo caminho se atravessara, encolheu os ombros. Mostrou o botão, pedindo desculpas. — Um amuleto para a minha querida. Ela matava-me, se o perdesse.

O ajudante do tratador de animais fez uma careta, compreensivo, e dirigiu-se apressadamente à latrina; pelo aspeto dele, teria bebido mais da cerveja da estalagem do que poderia aguentar. Arakasi esperou até que a porta se encerrasse completamente para se escapar para o bosque sobranceiro à estrada. Com alguma sorte, o rapaz do carvoeiro iria aparecer nessa semana. Iria ver o desenho a giz alterado e a obscenidade que significava que deveria ser abortada a colocação de um agente como aprendiz do tintureiro. Conforme Arakasi avançava em silêncio por entre as agulhas dos pinheiros, sob um inesperado céu cinzento, pensou que poderia ser mais útil vigiar o rapaz que ficasse com o lugar de aprendiz; se fosse inocente de qualquer jogo duplo, daí não adviria mal, e se fosse um agente duplo, tal como indicava a intuição de Arakasi, poderia levá-lo até ao seu amo...

Mais tarde, Arakasi deitou-se de barriga para baixo em arbustos gotejantes, a tremer devido ao pouco usual frio das latitudes mais a norte. Uma chuva ligeira e um vento oriundo do lago conspiraram para o deixar num estado miserável. No entanto, passara ali muitas horas, em diferentes ocasiões. Daquele ponto de vista privilegiado na floresta, numa península saliente, podia observar tanto o portão da ponte como o cais dos barcos onde os criados leais exclusivamente aos magos carregavam as mercadorias que chegavam para esquifes e as transportavam para a cidade. Há muito que concluíra que uma entrada às escondidas através das carroças de carga era um empreendimento condenado à partida. A história contada pelo mestre de caravana servira apenas para confirmar as suas suspeitas de que as mercadorias que chegavam também eram vigiadas por artes mágicas, à cata de intrusos. O que procurava agora era uma forma de obter acesso furtivo à cidade, evitando o arco aparentemente tão exposto sobre o acesso à ponte.

A ilha ficava muito longe para poder nadar até lá. Do ponto onde Arakasi estava escondido, os edifícios pareciam todos unidos numa massa de torres pontiagudas, uma das quais era suficientemente alta para perfurar as nuvens. Com o óculo de navegação que comprara num estabelecimento junto à costa, era capaz de distinguir casas com paredes altas e em espiral, com passagens em arco a uni-las nas alturas. A margem do lago estava pejada de edifícios com fachadas de pedra, com janelas de formas bizarras e entradas em arco estranhas. Não havia muralhas e, tanto quanto se apercebeu, também não estavam presentes sentinelas. Isso não significava

que não houvesse defesas por meios arcanos; mas sem dúvida que a única forma de um intruso poder aceder à cidade seria por meio de uma travessia noturna de barco, para então escalar o muro de um jardim, ou procurar algum vão para atravessar.

Arakasi suspirou. Era trabalho para um larápio e necessitava de um barco num local onde não houvesse casas nem zonas de pesca. Isso implicava furtar um barco guardado numa carroça, tarefa nada fácil quando as caravanas para o interior estavam repletas de homens que se conheciam muito bem uns aos outros. Além disso, seria necessário um homem experimentado em agir sorrateiramente, algo que não se encontrava em negócios honestos. Nenhum dos problemas deixava antever uma solução fácil. Mara teria de esperar muito para obter informações que, com toda a honestidade, poderiam revelar-se impossíveis de obter.

Sempre prático, Arakasi levantou-se da sua cova húmida e dirigiu-se à floresta. Esfregou o pescoço para eliminar um torcicolo, sacudiu a humidade da roupa e regressou à hospedaria à face da estrada. Ao caminhar, refletiu profundamente, um hábito que quase sempre resultava em intuições precisas. Não matutou de pronto no assunto que mais o frustrava, dedicando-se antes a outro problema, um que de início não parecera significativo, mas que se estava a tornar um incómodo cada vez maior.

Por muito que se esforçasse, não parecia estar a ter sucesso na colocação de novos agentes entre o pessoal doméstico dos Anasati. Apenas um operacional se mantinha ativo, e já era idoso, um velho confidente do pai de Jiro de quem o jovem senhor não gostava. O criado fora relegado para uma posição de reduzida importância e as notícias que lhe chegavam aos ouvidos eram apenas um pouco mais informativas do que os mexericos de rua. Pela primeira vez, Arakasi questionou-se se as suas tentativas falhadas de substituir tal agente poderiam ser algo mais do que uma coincidência.

Sem dúvida que tinham parecido inúteis, com cada uma das sete tentativas embrulhadas no que se parecera pouca sorte ou um mau sentido de oportunidade: um acesso de fúria de Jiro, um agente comercial demasiado maldisposto para pagar um favor a um velho amigo; e, mais recentemente, uma dor de estômago que impedira um criado de confiança de fazer uma recomendação para a contratação de um novato.

Arakasi imobilizou-se, indiferente à chuva, que começara a cair com mais intensidade. Não se apercebeu do frio nem da humidade que escorria em gotas pela gola, mas estremeceu de inspiração.

Que tolo ele fora por não suspeitar mais cedo. Mas poderia não ter sido o acaso a estar por detrás de uma série de azares aparentemente sem ligação. E se, desde o início, as suas tentativas de infiltrar a sua rede no pes-

soal doméstico dos Anasati tivessem sido travadas por uma mente mais inteligente do que a sua?

Arrepiado até aos ossos, Arakasi retomou a marcha. Sempre admirara o Conselheiro Principal do inimigo, Chumaka, cujo faro para a política beneficiara os Anasati desde os tempos do pai de Jiro. Agora, Arakasi interrogava-se se seria a inteligência de Chumaka que o estaria a cercear, no papel de antagonista invisível.

A ideia desenvolveu-se, inexoravelmente: seria possível que por detrás da encenação no armazém de seda estivesse a presença dos Anasati? A elegância de tal possibilidade cativou a atenção do Mestre Espião de Mara. Um inimigo dotado fazia mais sentido do que dois inimigos igualmente brilhantes sem relação.

Profundamente perturbado, Arakasi apressou o passo. Tinha de se aquecer e secar, e de encontrar um recanto confortável onde pudesse raciocinar sem ser perturbado. Pois cada empreendimento frustrado demonstrava que tinha pela frente um rival capaz de igualar os seus melhores esforços. Era angustiante pensar que poderia existir uma ligação entre um homem desses e o maior inimigo de Mara, ainda mais dada a possibilidade de este rival poder ser-lhe superior.

Colocar um espião na Cidade dos Magos era uma missão impossível e a sua importância tornou-se quase insignificante perante a ameaça colocada à rede de espiões de Mara pelo conselheiro de Jiro. Arakasi não tinha ilusões. O conhecimento que ele tinha do Jogo do Conselho era incisivo e pertinente. Estava em jogo mais do que uma rixa entre famílias poderosas. Mara era uma figura proeminente da corte do Imperador e a queda dela poderia espoletar uma guerra civil.

ESTRATAGEMA

Chumaka franziu o sobrolho.

Com uma irritação crescente, vasculhou os relatórios enfiados entre os molhos de anotações que preparara para a sessão seguinte da corte do amo. As notícias não eram nada boas. Ergueu uma mão e roeu uma unha, com a frustração a enfurecê-lo. Estivera tão próximo de localizar o Mestre Espião por detrás da rede original dos Tuscai! Seria de prever que a rede em Ontoset fosse desmantelada em consequência da perseguição desastrada no armazém de seda. Mas o que não fazia o mínimo sentido era que, após decorridos praticamente três anos, o ramo de Jamar, aparentemente sem quaisquer ligações, ainda permanecesse adormecido.

As Casas que se davam ao trabalho de criar e custear redes de espionagem tendiam a ficar dependentes das mesmas. Era simplesmente inconcebível que qualquer senhor acostumado a manter-se informado por meios secretos pudesse, de repente, devido à descoberta de um correio, abdicar da sua vantagem que tanto lhe custara obter. A Senhora Mara, mais do que qualquer outro, era corajosa ou cautelosa, conforme as circunstâncias, mas nunca despropositadamente temerosa. A morte do filho não poderia ter alterado tão radicalmente a sua natureza. Dela seria de esperar que recorresse a todos os meios ao seu dispor, sem nunca ser detida por um revés menor. Chumaka retraiu-se ligeiramente ao rasgar carne tenra sob o triturar inquietante dos seus dentes. Deixou cair o espigão em sangue na túnica e, preocupado e perturbado, ordenou os papéis. A situação estava a incomodá-lo. A cada dia que passava, Jiro estava mais perto de exigir respostas imediatas. O Conselheiro Principal da Casa dos Anasati tinha relutância em admitir que começava a sentir-se desesperado. Não lhe restava alternativa que não fosse considerar o inimaginável: que desta vez poderia estar diante de um oponente que lhe era superior.

Doeu a Chumaka só de pensar que poderia haver no Império uma mente superior à sua.

Contudo, tal possibilidade não poderia ser posta de parte. No seu íntimo sabia que a rede não fora desmantelada, mas sim meramente adormecida ou direcionada para um quadrante inesperado. Mas para onde? E porquê? Não o saber estava a custar noites de sono a Chumaka. Círculos negros e papos debaixo dos olhos davam ao seu rosto já de si anguloso um aspeto abatido.

O arranhar na madeira encerada despertou Chumaka dos seus devaneios perturbados. Os criados já estavam a afastar os biombos do grande salão para o lado de modo a preparar a reunião pública de Jiro. Omelo colocara a guarda de honra do senhor em posição ao lado do dossel e o *hadonra* supervisionava a distribuição dos agentes e dos secretários. Dentro de poucos minutos iriam chegar os aliados ou Casas que pretendessem uma audiência com o Senhor dos Anasati, sendo acompanhados aos seus lugares em respeito pela hierarquia. O Senhor Jiro seria o último a entrar, para ouvir os peticionários, estabelecer conversas sociais e, por vezes, encetar novos negócios.

Chumaka enrolou os papéis que tinha na mão e enfiou-os na sua pasta. Resmungando, dirigiu-se numa passada imponente ao dossel para se assegurar de que os seus coxins preferidos estavam arranjados ao seu gosto. A lista de convidados de Jiro era extensa e a audiência poderia durar até à noite. Sendo um homem magro e esgalgado, Chumaka gostava de ter muito estofamento sob o traseiro nas sessões demoradas. Dores físicas eram por ele encaradas como uma distração ao raciocínio, e com aquele Mestre Espião tão empenhado em escapar-lhe, não poderia dar-se ao luxo de perder qualquer pormenor do que dali sairia.

O salão grande encheu-se aos poucos. Criados entravam e saíam apressadamente para irem buscar bebidas e comida variada e orientavam a disposição dos escravos que manejavam os leques. O dia, lá fora, estava quente, e Jiro tinha o cortês costume de assegurar que os seus convidados se sentissem frescos e confortáveis. Tratava-os bem para que fossem mais pacientes, e eles, crendo que os mimava para obter as suas graças, sentiam os egos de tal maneira apaparicados que muitas vezes concordavam com concessões mais magnânimas do que pretendiam.

O Senhor Jiro entrou discretamente. O escriba pronunciou o seu nome e apenas dois guerreiros marchavam de ambos os lados, meio passo atrás do amo. Optara por roupas de corte simples, embora confeccionadas com a melhor das sedas. Exibiu um porte altivo e vestes ricas, mas nada ostensivas, e isso poderia ser encarado como firmeza e masculinidade, ou uma inocência infantil, conforme lhe fosse mais vantajoso. Chumaka observou o efeito ambivalente e afagou o queixo, pensativo: se Jiro não tivesse sido escolhido pelos deuses para usar o manto dos Anasati, poderia ter dado um magnífico agente de campo.

Depois, essa especulação tão frívola foi interrompida quando o jovem senhor subiu ao dossel. Os seus guerreiros flanquearam-no quando assumiu o seu lugar nos coxins e fez o anúncio formal. — Que seja dado início à sessão.

Então, enquanto o seu mordomo circulava por entre os convidados para anunciar o primeiro da lista, Jiro inclinou-se para confidenciar

em voz baixa com Chumaka. — A que devo prestar atenção hoje, meu Conselheiro Principal?

Chumaka tocou com um nó do dedo no queixo. — Para tentar comprometer o apoio dos Xacatecas à Senhora Mara, necessitaremos de aliados. Indo diretamente ao assunto, necessitamos das riquezas deles. Tende em conta a oferta do Senhor dos Matawa para embarcar os nossos cereais para o Sul em troca de determinadas concessões. — Retirou a anotação adequada de entre os muitos maços que enchiam a sua pasta e vasculhou apressadamente as linhas. — O senhor deseja um par proveitoso para a sua filha. Talvez sirva aquele sobrinho bastardo do vosso primo? É jovem, e tem a sua graça. O casamento com uma Casa nobre servirá para reorientar a ambição dele e, em última instância, proporciona-nos mais um aliado. — Chumaka baixou o tom de voz quando outros começaram a aproximar-se do dossel. — Corre o rumor de que o Senhor dos Matawa tem negócios com midkemianos da cidade de LaMut.

Jiro escutou aquilo olhando de esguelha. — Rumor? Ou respigos de um dos vossos escutas?

Chumaka aclarou a garganta, mantendo o assunto deliberadamente ambíguo. — Lembro-vos, meu senhor, que muitos dos envolvidos com os consórcios do mercado de LaMut nasceram em Tsuranuanni, e isso pode proporcionar-nos a mesma vantagem de que os Acoma gozam nas suas concessões mercantis com exclusividade. — Concluiu com um sussurro quase inaudível. — A Mara previu bem as coisas quando obteve a desobrigação por parte do Guardião do Selo Imperial. Agiu por instinto e deitou a mão aos artigos que chegam de Midkemia pela Brecha. Mas como avançou assente num palpite fortuito, não conseguiu prever tudo. Há meia dúzia de artigos que podemos importar que nos trariam riqueza, e enquanto a Mara pode ter sucesso a travar as tentativas dos Anasati de comercializarem bens de Midkemia, pouco pode fazer para evitar que os LaMutianos vendam através da Brecha ao Senhor dos Matawa.

Jiro sorriu. — Com que fervor é que o Senhor dos Matawa deseja uma licença exclusiva de transporte por barco? E a filha dele, é assim tão feia?

Chumaka mostrou um largo sorriso. — A filha dele sai à mãe, que parece um cão, um cão com muito mau aspeto, na verdade. Também há duas irmãs mais novas. Ambas com os dentes tortos e só a mais velha pode ser cedida com o título. O pai delas precisa de um tesouro maior se as suas filhas mais novas escaparem ao destino de se tornarem consortes de mercadores de baixo nível. Isto significa que o Senhor dos Matawa anseia desesperadamente por esta concessão comercial.

Como um delegado da Casa mais pequena se aproximou do dossel e se curvou respeitosa, Jiro pôs fim à sua conversa com Chumaka. — O

vosso conselho parece-me sensato. Tratarei de pugnar pela felicidade do Senhor dos Matawa.

Voltou-se educadamente para a frente para escutar o primeiro dos peticionários, mas uma agitação nas traseiras do salão levou a que metade das pessoas se voltasse para lá. Um homem corado, com uma túnica púrpura, abriu caminho à força entre os servos da porta. Eram escravos e, temendo o desagrado do seu amo, lançaram-se de rosto para o chão devido ao lapso. O homem que forçara a entrada não quis saber e atravessou apressadamente o salão, ignorando o protesto chocado dos servos da Casa dos Anasati que o perseguiram implacavelmente. Passou pelas fileiras de convidados sentados de Jiro, sem lhes prestar atenção, como se estivesse sozinho no grande salão. Caminhando diretamente pela extensa passagem em direção ao dossel, e fazendo com que os estandartes de guerra esvoaçassem nas vigas no ar agitado, derrapou quando se deteve diante de Jiro. Demasiado agitado para ter modos ou para cerimónias, gritou:

— Tendes alguma ideia do que ela fez?

O delegado que ele afastou pareceu inquieto; o próprio Jiro ficou incomodado, mas disfarçou com uma rápida olhadela para Chumaka, que, com a boca tapada, murmurou o nome do homem num tom audível apenas ao seu amo.

Para controlar aquele confronto surpreendente, o Senhor Jiro falou no seu tom mais amigável. — Bem-vindo, Senhor Dawan. Pareceis... incomodado.

O homem de pescoço largo atirou a cabeça para a frente, parecendo um macho *needra* a tentar derrubar uma cerca para chegar à fêmea na época de acasalamento. Quase cuspidor, acenou com as mãos no ar. — Incomodado? Senhor, eu estou arruinado!

Consciente dos murmúrios no salão, enquanto senhores e delegados eram obrigados a esperar durante aquela ostensiva quebra nas boas maneiras, Jiro ergueu a sua voz num tom apaziguador. — Senhor Dawan, por favor, sentai-vos senão a vossa perturbação levará a que o calor vos derrube. — Reagindo a um sinal do senhor, criados dos Anasati foram rapidamente buscar bebidas frescas para o perturbado homem.

Sem se importar com o facto de dar um ar de aparente favoritismo, o Senhor Jiro falou rapidamente, ciente de que deveria refrear o incómodo dos restantes peticionários e rapidamente avaliar se poderia obter uma vantagem improvisada graças à interrupção. Dawan dos Tusco-bar era um parceiro ocasional de negócios e um aliado incerto. A incapacidade de o puxar nitidamente para a sua causa sempre se revelara uma irritação, mas não passava de um inconveniente menor. As ramificações de longo alcance deste enredo secundário eram tudo menos insignificantes. A Casa dos Tus-

cobar tinha influência sobre o Senhor dos Keda, cujo apoio em qualquer confronto com Mara proporcionaria uma sólida vantagem aos Anasati. Jiro calculou que a aliança seria fundamental no futuro, quando a conspiração tradicionalista para restaurar o Conselho Supremo finalmente obtivesse sucesso.

Jiro falou por cima dos murmúrios de desagrado dos seus petionários. — Permitti que todos os que procuram a ajuda dos Anasati mereçam a nossa atenção. A minha Casa escuta com compaixão as dificuldades de amigos fiéis. Meu Senhor dos Tuscobar, o que sucedeu?

O robusto senhor deu uma golada da taça de sumo fresco de fruta que lhe fora oferecida pelo pessoal de Jiro. Bebeu de um gole num esforço para se recompor. — Toda a minha frota, que transportava todos os cereais da minha colheita deste ano, foi afundada!

Jiro arregalou os olhos de espanto. — Afundada? Por quem?

— Algum feitiço maligno proferido por aquela bruxa — respondeu Dawan.

— Bruxa? — Jiro ergueu as sobrancelhas.

Dawan pôs de parte o sumo por troca com o vinho oferecido por um criado que por ali andava. Bebeu uma grande golada e limpou a boca antes de se sentir suficientemente tonificado para explicar. — A Mara dos Acoma. Quem mais poderia ser? Toda a gente sabe que, enquanto Serva do Império, desfruta de uma sorte ilimitada, e dos favores divinos. Arruinou-me dando rumos falsos ao mestre da minha frota, ordenando-lhe que levasse a colheita deste ano para Dustari, não para o mercado de cereais de Lepala! — O Senhor Dawan quase chorou de frustração. — Só isso já teria sido suficientemente mau. Teria apenas sido reduzido à penúria. Mas uma tempestade fora de época atingiu-os uma semana depois de terem partido de Jamar, e todos os barcos se afundaram! Estou arruinado! — Pôs fim às suas lamentações ingerindo mais um heroico gole de vinho. — Juro pelos meus antepassados, Jiro: nunca mais me furtarei a esforços para pôr fim à influência demoníaca desta mulher.

Jiro assentou o queixo no punho. Falou após profunda meditação. — Agradeço-vos por reconhecerdes os riscos inerentes aos desvios à tradição protagonizados pela Senhora dos Acoma, mas mesmo que nada tivésseis dito, ajudaria um velho amigo da família. — Virou-se de imediato para Chumaka. — O nosso *hadonra* que passe uma carta de créditos em favor do Senhor dos Tuscobar. — A seguir dirigiu-se a Dawan. — Levai emprestado à vontade aquilo de que precisais. Demorai o tempo que for preciso para nos pagar, nos termos que achardes justos.

Dawan endireitou-se, esquecendo o vinho ao olhar desconfiado para Jiro. — Juros?

Como se ajudar os necessitados fosse uma preocupação quotidiana, Jiro acenou com a mão. — Nenhuns! Não quero obter lucro à custa dos azares de um amigo. — A seguir, acrescentou algo num tom mais baixo. — Especialmente quando esse mal é infligido pelo meu inimigo.

Dawan ergueu-se. Fez uma vénia extravagante. — Jiro, que todos os presentes sirvam de testemunhas! Sois um homem de uma nobreza e uma generosidade inexcedíveis. Os vossos antepassados olham para baixo e estão orgulhosos. — Voltou a curvar-se, tardiamente atencioso à paciência dos outros que aguardavam pela atenção do Senhor dos Anasati. — E peço perdão por interromper esta respeitável reunião.

Jiro levantou-se. Indicando que Chumaka deveria juntar-se a ele, escoltou pessoalmente o Senhor dos Tuscobar até uma porta lateral, onde murmurou despedidas num tom de camaradagem. — Que disparete. Não há nada a perdoar. Agora, retirai-vos para um dos meus banhos e refrescai-vos. Deixai-vos ficar para a refeição da noite. Aliás, se assim o desejardes, passai cá a noite e regressai amanhã a casa. — Escolheu um escravo para levar dali o lisonjeado e levemente embriagado Senhor dos Tuscobar.

Assim que se preparou para regressar ao seu dossel, representando na perfeição o papel de senhor magnânimo, Chumaka murmurou-lhe:

— É estranho, não achais? Por que razão desejaria a Mara fazer mal a alguém tão neutro como o Dawan? Isto não faz o mínimo sentido.

Jiro, tremendamente divertido, olhou de relance para o seu Conselheiro Principal. — Mas não foi ela. Eu próprio forjei tudo. Fui eu que enviei as ordens falsas ao mestre da embarcação do Dawan.

Chumaka fez uma pequena vénia, rindo-se por entre dentes. Baixinho, para que nenhum dos peticionários o pudesse ouvir, disse:

— Surpreendeis-me, meu senhor. Estais a tornar-vos um jogador matreiro, tanto no *shāh* como no Jogo do Conselho. Como conseguistes lançar as culpas sobre a Mara?

Jiro mostrou um ar presunçoso. — O nosso *hadonra* espalhou rumores, sob ordens minhas. O Dawan e os outros ficaram ao corrente dos insultos e das maldades que a senhora nos fez ao longo dos últimos anos. Limitei-me a copiar os métodos dela e permitir que o Dawan tirasse as suas conclusões. — Regressou num passo determinado ao dossel. — Oh — acrescentou —, e assegurando-me de que o Dawan ouvia dizer que os cereais dos Acoma estavam a ser carregados nesta estação para os mercados de Lepala.

Chumaka enrubesceu, nitidamente agradado. — Notável, meu amo. Suficientemente inteligente para ser uma ideia que eu gostaria de ter tido primeiro.

Ao subirem ao dossel, tanto o senhor como o seu Conselheiro Principal partilharam o mesmo pensamento: ambos se consideravam afortu-

dados por se terem um ao outro, pois trabalhavam notavelmente bem em conjunto. Assim que o velho Conselho Supremo fosse restaurado e o segredo da rede de espões da Mara desvendado, então a senhora teria razões para se preocupar, pois nem a formidável sorte de uma Serva do Império iria poupar a sua Casa da destruição.

Frustrada, Mara andou de um lado para o outro. Durante semanas a frieza entre ela e o marido separara-os, como uma parede. A resistência de Hokanu ao desejo dela de ver Justin renunciar aos seus laços com os Shinzawai para se tornar herdeiro dos Acoma era compreensível. O afeto de Hokanu era profundo como se o rapaz fosse efetivamente dele. A morte de Ayaki tornara-o mais protetor enquanto pai e, ciente dessa perda, Mara sentiu uma amargura que parecia nunca suavizar.

Deteve-se entre passadas agitadas, com uma mão assente no biombo sobranceiro ao seu jardim privativo. Oh, uma hora com a velha Nacoya e a sua sabedoria, desejou ela em vão. Aquela que em tempos fora sua ama, mãe adotiva e Conselheira Principal, sempre lhe oferecera, face a qualquer contrariedade, uma perspectiva direta ao coração. Mesmo quando Mara recusara conselhos ou insistira em correr riscos inaceitáveis na perspectiva da anciã, Nacoya sempre parecera lúcida e sincera. Em questões do coração, a percepção dela não tinha par. Mara suspirou. Fora Nacoya a reparar no crescente afeto da senhora pelo escravo Kevin, muito antes de Mara admitir, a si própria, a possibilidade de amar. Os conselhos da idosa faziam presentemente grande falta. Mara tentou invocar a voz de Nacoya, mas o espírito da amada mulher permaneceu bem distante.

Um pontapé dentro da barriga pôs fim àquela fantasia. Arquejou; com uma mão pressionou a barriga avolumada e enfrentou o desconforto com um sorriso nos lábios. O seu filho por nascer tinha a força de uma cria de tigre bárbaro. De certeza que Hokanu pensaria de outro modo quando contemplasse o seu primogénito. O orgulho paternal iria amaciá-lo e ele poria fim à teimosia e cederia à exigência de que Justin fosse nomeado herdeiro dos Acoma. A carne que era sangue do seu sangue iria fazê-lo compreender que esse era o desejo dos deuses, que aquele bebé que ambos haviam gerado era o herdeiro apropriado do título de Senhor dos Shinzawai.

Mara encostou-se ao lintel do biombo, imaginando a felicidade do evento. Dera à luz dois filhos, um de um homem que odiara e outro de um homem que amara. Ambos os pequenotes lhe haviam proporcionado algo inesperado; o que começara por ser um dever de honra na gestação de Ayaki, a necessidade de assegurar a continuidade dos Acoma, transformara-se numa alegre realidade quando começou a amar o herdeiro que tanto procurara. Era o primogénito dela que iria herdar a grandeza dos Acoma.

Uma vez tida a criança, com o seu riso de bebé a deleitá-la, nunca mais a honra da família poderia parecer algo distante e abstrato.

Mara aguardava intensamente o momento em que Hokanu sentiria, ele próprio, essa magia. O nascimento do filho iria aproximá-los, e pôr fim àquela gélida disputa de vontades. A paz voltaria a imperar entre eles e tanto o filho dos Acoma como o dos Shinzawai cresceriam na grandeza que o futuro lhes reservava.

Apesar de Mara nunca ter sido consumida pela paixão em relação ao homem que prezava como marido, viera a apoiar-se na proximidade dele. A compreensão dele era uma consolação, a sua sabedoria um abrigo, a sua perspicácia um alívio face ao perigo e à preocupação, e a tranquila e intuitiva compreensão uma ternura sem a qual ela não poderia viver. Sentia a falta dele. O amor dele tornara-se a cavilha de segurança da sua felicidade, completamente despercebida até ter sido forçada a seguir sem a mesma. Pois apesar de ele estar por perto, em espírito revelava-se cada vez mais ausente. Mais profundamente do que ela poderia ter imaginado, essa ausência doía-lhe.

As recordações eram uma constante; o toque descontraído da mão dele no rosto dela não se manifestara ao despertar; o leve erguer da boca que indicava humor na corte que nesse dia não se manifestara. Já não partilhavam a habitual bandeja de *chocha* durante a tarde, enquanto Hokanu vasculhava relatórios de conselheiros militares e ela passava em revista as listas comerciais de agentes e terras distantes que eram diariamente apresentadas por Jican. A relação tornara-se silenciosa e tensa e, embora Hokanu não se referisse ao assunto, prolongara o treino de armas para se manter ocupado durante as horas que antes tinham sido partilhadas num ambiente de companheirismo. Não foram trocadas palavras duras, nem nada parecido com discussões acaloradas, mas o desacordo face à qualidade de herdeiro de Justin era uma presença venenosa em tudo o que faziam. Mara acariciou a pele esticada sobre o seu ventre, rezando para que aquele distanciamento terminasse assim que o novo filho nascesse.

Além de Nacoya, Hokanu era a única alma que ela conhecera capaz de seguir os seus pensamentos sem mal-entendidos. Um outro pontapé açoi-tou-a nas entranhas. Mara riu-se. — Está quase, pequenino — sussurrou ao bebé.

Um criado que aguardava, a postos, sobressaltou-se ao escutar a voz dela. — Senhora?

Mara afastou-se pesadamente do biombo. — Nada mais desejo do que esta criança, que parece tão ansiosa quanto eu por nascer.

O criado ficou tenso e alarmado. — Devo chamar...

Mara ergueu a mão. — Não, ainda não está na hora. A parteira e o

curandeiro dizem que ainda falta pelo menos mais um mês. — Franziu a testa. — Mas estou aqui a pensar que este bebé pode ser prematuro.

Uma batida polida soou na porta de entrada interior. Mara puxou a túnica para cima do seu corpo dilatado para se sentir mais confortável, e sinalizou ao criado que abrisse o biombo que dava para o salão. Jican, o seu *hadonra*, curvou-se no lado de fora da entrada. — Senhora, está presente um comerciante que pede permissão para negociar.

Não era habitual Jican incomodá-la por causa de um assunto que por norma seria tratado por ele. Já geria as propriedades há tempo suficiente para poder antever qualquer decisão que Mara pudesse tomar, mesmo que não fosse do agrado dele. Ansiosa por saber do que se tratava, Mara perguntou:

— Qual é o vosso desejo?

Sempre inseguro em situações que saíam da norma, Jican optou por uma resposta cautelosa. — Penso que deveríeis deitar uma olhadela às mercadorias deste homem, senhora.

Satisfeita com uma distração em mais uma tarde sem a companhia de Hokanu, Mara bateu palmas para que a aia lhe trouxesse uma túnica mais adequada para usar na presença de um estranho. Envergando um traje de seda reluzente com mangas compridas e a cinta larga, fez sinal ao seu *hadonra* para que seguisse na frente. O mercador aguardava no salão com colunas e sombra situado na ala que albergava os escribas. Mara e Jican percorreram os corredores enormes que, durante parte do caminho, eram túneis que atravessavam a encosta da colina onde se situavam os aposentos soalheiros que partilhava com Hokanu. Alertada pelo passo apressado de Jican e percebendo que ele estava inquieto, Mara perguntou:

— Os artigos deste mercador são alguma coisa de especial?

— Talvez. — O pequeno *hadonra* lançou um olhar de esguelha que confirmou o seu desconforto. — Penso que será necessário o vosso parecer para avaliar a oferta deste homem.

Anos de serviço leal tinham ensinado a Mara que deveria dar atenção aos palpites do *hadonra*. Quando ele não se lançava de imediato na descrição dos artigos oferecidos, a senhora avançava de pronto. — E que mais?

Jican deteve-se. — Eu... — A incerteza desabrochou em hesitação. Fez uma pequena reverência apologética, antes de desembuchar. — Não sei bem como tratar este homem, senhora.

Já bem habituada às manias do *hadonra* para ter a noção de que as perguntas ainda o perturbavam mais, Mara limitou-se a seguir caminho em passos largos num silêncio recetivo.

Uns passos mais à frente, a explicação anunciou-se. — Porque ele... é tsurani — revelou Jican.

Mara refletiu sobre aquele detalhe. — De LaMut? — LaMut era governada pelo irmão de Hokanu e a maior parte das delegações comerciais do Reino incluíam um antigo soldado tsurani, para servir de tradutor.

Jican assentiu com a cabeça, nitidamente aliviado por não ter de lhe dar mais explicações. — Um tsurani que dá preferência aos costumes do Reino.

A razão do desconforto do *hadonra* era evidente: embora Mara tornasse a tradição e aceitasse ao serviço dos Acoma homens sem senhor, a ideia de alguém preferir permanecer sem laços a uma Casa num mundo estranho — não interessava que um deles fosse o irmão de Hokanu, Kasumi — era demasiado estranha para compreender, mesmo por parte dela. E que um homem desses liderasse a delegação comercial tornava as negociações ainda mais delicadas do que o habitual.

O extenso corredor interior deu finalmente para um pórtico com colunas que ficava em frente à parte sul da casa senhorial. O caminho de gravilha de acesso à entrada principal era mesmo ao lado e, ali, à sombra de árvores ancestrais, aguardava a comitiva do mercador de visita, um pequeno grupo de transportadores e uma dezena de guardas pessoais. Mara arregalou os olhos. De início não reparou que havia mais guardas do que o habitual, pois eram todos muito altos! Uma observação mais cuidada revelou que eram todos midkemianos, pormenor suficientemente raro para levar as sentinelas de serviço na entrada da herdade a olhar sub-repticiamente enquanto estavam de vigia. Chegaram aos ouvidos de Mara excertos de conversas numa língua estranha, e a pronúncia, tão familiar, fê-la deter-se momentaneamente entre dois passos. Foi inundada por recordações de Kevin de Zun, até que a impaciência de Jican, demonstrada pelo remexer das mãos, a despertou para as obrigações do presente. Recompondo-se de imediato, apressou-se rumo à ala de serviço, em direção ao salão onde o mercador a aguardava.

O homem estava apropriadamente sentado sob o dossel informal que ela usava quando negociava com forasteiros. Havia sacos e caixas com amostras de artigos dispostos ao lado dele, enquanto mantinha as mãos pousadas à vista sobre os joelhos. Vestia uma esplêndida túnica de seda nitidamente de confeção estrangeira: o brilho era diferente e as tintas misturadas em padrões nunca vistos em Tsuranuanni. O efeito era arrojado, quase insolente, achou Mara, observando o homem com olhos estreitados ao aproximar-se. Embora aquele homem se tivesse apresentado como mercador, vestia-se ao nível do mais alto Lorde Regente do Império. No entanto, o homem não era um nobre; em vez do habitual selo de uma Casa bordado no cinto ou ao ombro, o que se via era o símbolo bárbaro de LaMut, uma criatura que se assemelhava a um cão conhecida por lobo. O homem era

arrogante, concluiu Mara quando permitiu a Jican que a auxiliasse a subir o degrau raso até aos coxins.

Ainda assim, o forasteiro comportava-se de modo impecável. Quando a senhora se instalou, curvou-se até a sua testa tocar na esteira sobre a qual se ajoelhara. Fez uma pausa suficientemente demorada para deixar implícito um profundo respeito, enquanto Jican comunicava o seu nome à senhora. — Minha senhora, eis Janaio, da cidade de LaMut.

Janaio endireitou-se graciosamente e sorriu. — Cumprimentos à vossa Casa, Boa Serva. Como passais, Senhora Mara?

Mara inclinou a cabeça. — Estou bem, Janaio de... LaMut.

Um pormenor saltou à vista de Mara. Aquele homem usava ouro! Mara reprimiu um arquejo de inadequada surpresa. Segundo um édito imperial, todas as joias e bens pessoais de metal eram cuidadosamente catalogados à entrada da Brecha, para quem vinha de Midkemia. Comerciantes do mundo bárbaro ficavam muitas vezes ofendidos quando as suas botas eram confiscadas e lhes eram emprestadas sandálias enquanto embarcavam nas suas viagens dentro do Império; mas os artigos confiscados eram sempre devolvidos quando partiam. O tesouro imperial aprendera uma dura lição quando a primeira comitiva de midkemianos regressou a casa sem as suas botas e a economia da Província de Lash foi revirada de cabeça para baixo pelas tachas de ferro arrancadas às solas e trocadas por *centis*.

O mercador passou o dedo pela corrente que trazia ao pescoço. — Garanti que não deixaria ficar isto para trás, Senhora Mara — disse, em reação ao olhar dela. Aquilo trouxe-lhe à memória as origens tsurani dele, pois ninguém confiaria que um bárbaro manteria a palavra, face à tentação. Os Midkemianos não acreditavam na Roda da Vida, pelo que não seria a honra a levá-los a temer perder as graças dos deuses.

Mara manteve uma calma aparente. O homem era corajoso! Apesar de tal ornamento poder não passar de um bem modesto para um homem abastado do outro lado da Brecha, em Kelewan equivalia ao rendimento anual de uma Casa menor. Como bem o sabia aquele homem. A ostentação pública de tal ornamento era um ato calculado. Mara aguardou com expectativas controladas para ver o que aquele mercador desejaria obter com a sua negociação.

Quando determinou que decorrera uma pausa adequada para ele se recordar do seu lugar, Mara perguntou:

— Ora, o que posso fazer por vós?

O homem não deixou escapar o pormenor: a frase tsurani fora traduzida da língua do Reino. A inteligente abertura de Mara informava-o sem um espalhafato excessivo de que ela já antes encetara negócios com mercadores

de Midkemia. Ele respondeu com um impecável protocolo tsurani. — Sou um modesto mediador de determinadas especiarias e acepipes, senhora. Dado o meu historial — fez um gesto amplo —, estou numa posição privilegiada para conhecer os produtos exclusivos da minha terra de adoção que poderiam ser lucrativos no Império.

Mara assentiu, dando-lhe razão. Janaio retomou a palavra, num tom bajulador. — Mas em vez de desperdiçar as vossas preciosas horas com palavreado, solicito-vos a bondade de permitirdes que os meus produtos falem por si.

— O que propondes? — questionou Mara, a fervilhar de curiosidade.

Janaio apontou para as diversas caixas e sacas de transporte mesmo ao seu lado. — Tenho aqui amostras. Dado que estamos próximos da hora em que muitos no Império cessam as suas atividades para apreciarem uma taça de *chocha*, talvez pretendeis algo mais exótico?

Recordando, com tristeza, que Hokanu por norma partilhava aquele momento para se retemperarem, Mara suprimiu um suspiro. Estava cansada e a necessitar de uma sesta, pois o bebé que carregava dentro dela interrompia-lhe o sono à noite. — Não há muito tempo para isso.

— Por favor — apressou-se Janaio a dizer. Fez uma vénia numa tentativa de a descontrair. — Não vos tomarei muito tempo. Asseguro-vos de que saíreis recompensada, tanto a nível de prazer como de riquezas.

Jican aproximou-se da sua senhora. — Permitti que chame um provador de comida, senhora — aconselhou.

Mara observou com atenção o seu *hadonra*. Também ele estava intrigado, mas, mais do que isso, tinha algo a dizer sobre aquele misterioso mercador vindo do outro lado da Brecha. Estendeu a mão para baixo e retirou o leque enfiado sob o cinto. Abrindo-o com um movimento súbito e usando-o para esconder os lábios do visitante, sussurrou:

— O que mais devo saber relativamente a este homem?

Jican pareceu incomodado. — Uma suspeita — murmurou, de modo a que apenas ela ouvisse. — Um agente nosso amigo avisou-me de que este Janaio também já se apresentou ao Senhor dos Matawa.

— Que é um acérrimo defensor dos tradicionalistas e do Jiro. — Mara agitou o seu leque. — Achais que ele espera que a nossa rivalidade o ajude a conduzir uma negociação dura?

O *hadonra* contraiu os lábios, pensativo. — Isso eu não sei dizer. É possível. Se tiver mercadorias de valor invulgar, a Casa que obtenha a concessão sairá grandemente beneficiada.

Aquilo despertou a atenção de Mara. Não deveria permitir que o cansaço da gravidez cedesse alguma vantagem aos Anasati sem dar luta. Bateu palmas para chamar o seu mensageiro e enviou-o às cozinhas chamar um

cozinheiro que serviria de provador. Também convocou Saric e Lujan, pois mais tarde poderia necessitar de mais aconselhamento.

Janaio acolheu as cautelas dela com uma aprovação obsequiosa. — Muito sensato, Senhora Mara. Todavia, asseguro-vos de que as minhas intenções são honestas.

Mara cruzou as mãos sobre a barriga sem mais comentários. Nenhuma precaução seria exagerada quando estava tão próxima de dar à luz o filho de Hokanu. Esperou, sem reagir às tentativas de Janaio para entabular conversa, até que o seu conselheiro chegou em resposta à sua chamada.

O olhar de surpresa de Saric quando entrou revelou que achara que o homem era midkemiano, troçando da moda do Império. Uma olhadela ao Conselheiro Principal dos Acoma levou Janaio a endireitar-se onde estava sentado. Parecendo alertado pelos seus instintos de que as perspectivas de Saric deveriam ser respeitadas, apresentou agressivamente as suas garantias. — De modo a aliviar os vossos receios, grandiosa senhora, e dado que os alimentos que transporto são tão exóticos que ninguém nesta terra conhecerá suficientemente bem o seu sabor para detetar qualquer adulteração, proponho-me a partilhar todas as taças convosco.

Sem se deixar impressionar pela corrente de ouro e pela pomposa retórica, Saric acolheu inexpressivamente aquela declaração. Observou atentamente quando o mercador puxou com aparato as mangas para trás, para mostrar que não usava anéis ou pulseiras, e que não havia nada guardado dentro da túnica. — Se ordenardes aos vossos servos que aqueçam água e tragam três bules e chávenas das vossas despensas, providenciarei os ingredientes. Depois, podereis escolher a taça que devo provar e a que será a vossa. — Sorrindo face ao silêncio de Saric, acrescentou: — Se isso vos agrada, senhora, também eu correrei o risco.

Intrigada, apesar das reservas do seu Conselheiro Principal, Mara disse:

— O que tentais introduzir no nosso Império?

— Excelentes bebidas, senhora. Um maravilhoso sortido de sabores e de bebidas pungentes que vão assombrar o vosso palato. Se este empreendimento se vier a revelar lucrativo, e asseguro-vos de que assim vai ser, então também trarei vinhos exóticos e cervejas para o Império dos melhores vinhateiros e cervejeiros do Reino das Ilhas.

Mara avaliou o que ouviu. Não admirava que aquele homem tivesse permanecido em Midkemia. Podia ter servido como soldado de uma Casa antes da batalha final da Guerra da Brecha, mas nascera para ser mercador. Lançou um olhar de lado quando Lujan chegou e marchou de maneira expedita para o seu lugar atrás dela. Se o destino o tivesse lançado para o outro lado da Brecha, graças à sua língua palavrosa e ao raciocínio rápido, poderia muito bem ter sido ele a sentar-se ali, a vender mercadorias exóticas.

A conjectura era de alguma forma reconfortante. Ainda assim, não fazia parte da natureza dela confiar de pronto, particularmente quando Saric não se pronunciara em favor da proposta daquele forasteiro. Mara optou por desafiar a ligação aos Anasati. — Que tipo de acordo estabeleceste com o Senhor dos Matawa?

Janaio lançou-lhe um sorriso rasgado, bem à maneira dos Midkemianos. Enquanto outro governante poderia ter ficado ofendido com tal abertura, Mara conhecera Kevin demasiado bem para interpretar mal o gesto; acima de tudo, a afetação do forasteiro descontraía-a. — Soubestes das minhas conversações — respondeu Janaio —, mas asseguro-vos de que não são secretas. As mercadorias que transporto são objetos de luxo e necessito de transporte adequado e de negociadores dotados para as colocar nos mercados apropriados. Seria um mau mercador se não verificasse todas as opções. O Senhor dos Matawa enviou bastantes emissários pela Brecha à procura de encetar negociações.

Mara cingiu os lábios enquanto sopesava as implicações do que ele revelara. Jican segredou algo a Saric, que assentiu com a cabeça e tocou ao de leve no braço dela. — Minha senhora, sabemos que os Matawa desejam imiscuir-se nos vossos negócios. Não podem perturbar a vossa patente imperial que vos faculta licença exclusiva para determinados artigos, mas acalentam a esperança de se tornarem uma presença rival para atrair qualquer negócio sem exclusividade que possam desviar dos nossos agentes. Podem acordar legalmente direitos exclusivos de comércio do outro lado da Brecha, onde não temos controlo. O relatório do Arakasi sustenta que o financiamento dessa operação pode muito bem ter origem no Jiro.

Enojada por a política cada vez mais se imiscuir, até, no mais inócuo dos empreendimentos, Mara inclinou a cabeça para Janaio. — Dizei-me aquilo de que necessitais.

Os criados dela revelaram-se tremendamente eficientes. Orgulhosos em defenderem a honra da senhora, rapidamente trouxeram bandejas com diversos bules e chávenas de porcelana. Logo a seguir chegou um escravo, transportando apressadamente uma chaleira com água a ferver.

Janaio dispôs com grande teatralidade os seus diversos pacotes e frascos. — Primeiro — anunciou —, algo pungente e condimentado. — Despejou água num dos pequenos bules e mergulhou lá uma saqueta. — Este acepipe cresce num arbusto na zona sul do Reino, senhora. Secar e transportar as folhas é extremamente dispendioso e, como são sensíveis ao bolor, apenas os mais abastados podem pagar o pequeno fornecimento que chega às terras mais a norte. Por essa razão, a bebida que estou a preparar não se tornou muito popular na minha cidade de LaMut. Assim que a provardes, penso que tereis de concordar que isso se deverá apenas ao facto de

não ser muito conhecida. — Levantou a parte de cima do bule, cheirou o vapor e fechou os olhos. — Acredito que ides concordar que esta magnífica bebida será aprovada pelos nobres tsurani de bom gosto.

Dito isto, serviu a bebida, enchendo a sala com um aroma exótico e apimentado. Depois de encher três chávenas, assentiu na direção do criado de Mara, que pegou na bandeja e a levou para o dossel para que a senhora escolhesse uma das chávenas. Ela fez sinal ao escravo que levava o bule para provar uma. O criado passou-lhe uma do par que sobrou, e levou de novo a bandeja até junto de Janaio.

O mercador ergueu a sua chávena. — Bebei com cautela — avisou —, caso contrário podeis queimar a língua, senhora.

O aroma desconhecido deixou Mara fascinada. Ao contrário de tudo o que até então conhecera, achou-o absolutamente tentador. Sorveu a bebida. De início, o sabor revelou-se amargo e estranho, e no entanto envolvente e intenso. Mara refletiu por uns momentos antes de falar. — Penso que um pouco de mel cortaria o amargo.

O mercador sorriu. — Já ides à minha frente, Boa Serva. Em Midkemia também usamos açúcar branco feito a partir de uma planta chamada betteraba. Há quem prefira uma pinga de leite; todavia, outros optam por um sumo de um fruto ácido parecido com o *ketundi* de Kelewan.

Mara sorveu de novo e apreciou ainda mais a bebida. — Que nome dais a isto?

O homem sorriu. — Chama-se chá, Boa Serva.

Mara riu-se. — Há muita coisa que se chama chá, Janaio de LaMut. Qual é a erva que usastes na infusão?

O mercador reagiu com um encolher de ombros típico dos Tsurani. — É esse o nome da erva, ou melhor, das folhas da erva. Quando alguém em LaMut diz «chá», é a isto que se refere, e não às misturas de plantas mergulhadas em água quente que aqui bebeis. No entanto, deste acepipe, há imensas variedades, robusta, suave, doce e amarga. Uma para cada ocasião.

Mara, já fascinada, assentiu com a cabeça. — E o que mais?

Janaio pegou noutra bule dos que tinham sido fornecidos pelos Acoma e preparou mais uma infusão quente. — Esta trata-se de uma bebida bem diferente.

Um líquido preto com um cheiro intenso e capaz de causar tonturas estava a ser passado a Mara. Desta vez, Jican substituiu o provador dela, com o seu entusiasmo a deixar de lado as cautelas. Mara mal pôde esperar que o seu *hadonra* provasse a sua dose antes de ela experimentar a sua amostra. A bebida era amarga, e ainda assim picante. — O que chamais a isto? Faz-me lembrar vagamente *chocha*.

Janaio curvou-se perante o nítido prazer dela. — Trata-se de café,

senhora. E, tal como o chá, tem um milhar de primos diferentes. Isto que bebes nasce de plantas que crescem no alto das encostas de Yabon. Bom, robusto, mas não é propriamente leve. — Ele bateu palmas e um dos seus criados trouxe-lhe outro cesto, pequeno e atado com fitas coloridas. — Permitti-me que vos ofereça algo. Está aqui uma dúzia de amostras para que experimenteis à vossa vontade. Todas estão claramente catalogadas quanto ao tipo de semente usado para preparar a bebida e têm instruções de preparação.

Mara pousou a sua chávena já a meio. Apesar de aquela amostragem a estar a fazer esquecer os problemas do seu casamento, o dia esgotava-se enquanto se demorava ali. Sentia-se relutante em renunciar à hora que passava sempre com o filho enquanto ele jantava. Justin completara recentemente cinco anos, sendo demasiado novo para compreender atrasos.

Apercebendo-se da impaciência dela, Janaio ergueu uma mão, para chamar a atenção. — Ainda não vos foi apresentada a bebida mais espantosa de todas. — Rapidamente, antes que a senhora tivesse a oportunidade de se levantar e sair, fez um pedido ao criado dela. — Por favor, arranja-me leite de *needra*?

Mara poderia ter-se incomodado com a presunção daquele homem, mas já era de esperar que os Midkemianos agissem impetuosamente. Escondeu o seu cansaço e fez sinal ao criado para que fosse a correr tratar do pedido. Nesse intervalo, Saric falou ao ouvido da senhora. — Tende atenção às subtilezas — alertou. — Este homem nasceu *tsurani*. Imita a impertinência midkemiana, quase como se soubesse que em tempos nutristes apreço por tal comportamento. Não gosto da lisura deste jogo face às vossas simpatias, minha senhora. Tende cautela, por favor?

Mara encostou o leque ao queixo. O seu conselheiro estava a ser sábio em pedir contenção. — Este tal de Janaio bebe do mesmo bule que eu. De certeza que não haverá mal em provar mais uma bebida. Depois disso o encontro será dado por terminado.

Saric respondeu com um leve aceno, mas uma troca de olhares com Jican levou o pequeno *hadonra* a deter-se. Quando o criado regressou com um pequeno jarro de leite, Jican sugeriu que também ele gostaria de ter uma chávena, para provar, além do escravo que continuaria a desempenhar a sua função.

— Naturalmente — concordou Janaio, com toda a amabilidade. — Sois um homem astuto, que pretende compreender todos os pormenores dos negócios que a vossa Casa possa encetar. — Enquanto os conselheiros de Mara olhavam maravilhados, o mercador serviu porções iguais de leite e água quente no derradeiro bule. A sua corrente cintilou quando se inclinou para o cesto, enquanto continuava a falar. — Por vezes, podeis querer usar apenas leite, pois proporciona uma riqueza acrescida a esta bebida.

Os preparativos foram concluídos com um aparato cénico ainda maior do que os anteriores. Mais uma vez, passou a bandeja com as chávenas cheias ao criado, indicando que Mara deveria escolher primeiro. Ela não o fez, esperando que Jican e o provador o fizessem. O aroma daquela bebida era inebriante. O pequeno *hadonra* não disfarçou a sua ansiedade e provou. Ao queimar a língua, deu um solavanco para trás abafando um grito. O mercador teve a bondade de não se rir. — As minhas desculpas, minha senhora. Deveria ter-me ocorrido avisar-vos: esta bebida é servida muito quente.

Jican recuperou a compostura. — Minha senhora — disse, excitado —, o sabor desta preciosidade é incrível.

Tanto o *hadonra* como a senhora olharam para o escravo que estava a servir de provador. Mais cauteloso do que Jican, não queimara a língua, e estava a sorver a bebida com tal deleite que Mara fez sinal ao criado para que lhe passasse a bandeja.

Assim que ela escolheu de entre as duas chávenas remanescentes, Janaio comentou:

— Se o café vos evoca a *chocha*, então esta maravilha pode fazer-vos lembrar a *chocho-la* que preparais para os vossos filhos. Mas argumento humildemente, a *chocho-la* está para o chocolate como a minha humilde posição está para a vossa grandiosidade.

Mara sorveu da chávena e fechou os olhos face àquele sabor maravilhoso. Incapaz de ocultar a sua surpresa e o seu deleite, suspirou de pura felicidade.

Sorrindo, Janaio pegou na última chávena da bandeja e bebeu um grande trago. — Isto é chocolate, senhora.

Sem o conseguir evitar, Mara pensou em Kevin, que comentara em mais de uma ocasião que sentia a falta dos doces e chocolate das festas na sua terra natal. Ela finalmente entendeu.

Pestanejando para limpar a humidade que se acumulara nos seus olhos, e fazendo com que desse a ideia de que se tratara de vapor da chávena, Mara disse:

— É uma coisa maravilhosa.

Janaio pousou a sua chávena vazia e fez uma vénia. — Quero autorização para que me seja concedida licença exclusiva para a importação, senhora.

Mara abanou a cabeça, sem esconder o pesar. — Não vos posso conceder isso, Janaio de LaMut. O meu alvará concedido pelo Governo Imperial é limitado a determinados artigos.

Nitidamente desapontado, o mercador gesticulou efusivamente. — Então, talvez, um acordo comercial. Se a exclusividade está para lá do vosso

alcance, então pelo menos permiti-me mediar entre as maiores casas comerciais do Império.

Mara bebeu mais daquele líquido maravilhoso, lembrando-se de se manter sempre cautelosa. — E os Matawa?

Janaio tossiu depreciativamente. — A oferta deles era insultuosa, não, humilhante, e faltam-lhes os agentes experientes que tendes ao vosso serviço. Necessitam igualmente de intérpretes para efetuar negócios, uma situação desconfortável para quem esteja no mercado de artigos de luxo, como eu estou. Não desejo nenhuma via que leve ao desentendimento, ou mesmo a uma eventual oportunidade de exploração.

— Isso eu posso conceder — disse Mara, saboreando o que restava da sua bebida. O desapontamento manchou o seu tom de voz. — Não posso limitar os outros no que toca a trazerem essas bebidas para cá — explicou —, mas talvez umas aquisições sensatas em LaMut possam impedir que outros compitam eficientemente contra os nossos interesses. — Depois, satisfeita por entregar a Jican o acerto dos últimos pormenores, preparou-se para sair.

O mercador curvou-se, tocando com a testa no chão. — Senhora, a vossa sabedoria é lendária.

Mara levantou-se. — Quando ambos enriquecermos com a importação de chocolate para o nosso Império, então aceitarei os vossos elogios. Mas agora outros assuntos exigem a minha presença. O Jican preparará a documentação destinada a selar a parceria que solicitastes.

Enquanto os criados se apressavam a recolher as chávenas sujas, e o sobrolho de Jican se franzia ao confrontar-se com os intrincados assuntos do negócio, Mara abandonou a sala, auxiliada por Lujan e Saric.

No exterior, oculto da vista pela escuridão de um corredor interno, Saric lançou um olhar carrancudo à sua senhora. — Assumis grandes riscos, senhora. Qualquer mercador de Midkemia que fosse originalmente nascido tsurani poderia em tempos ter jurado fidelidade aos Minwanabi.

Algo irritada por perder o seu período de descanso, Mara respondeu mordazmente. — Todos vós vistes. Ele bebeu como nós. — A seguir, suavizou o tom. — E aquelas bebidas raras fizeram-me sentir maravilhosa.

Saric baixou a cabeça, e o seu silêncio evidenciava desgosto.

Mara dirigiu-se ao quarto das crianças, onde, mesmo numa ala distante, se ouviam os gritos enfurecidos de Justin. O suspiro dela transformou-se numa risada. — Estou atrasada, e os criados nitidamente não sabem para onde se virar. — Pousou uma mão na sua barriga incomodamente dilatada. — Estou ansiosa pelo nascimento deste bebé, embora, com mais um, nenhum de nós volte a ter sossego. — Rumou na direção do tumulto gerado por Justin com um sorriso de rapariguinha. — É bem

possível que venha a sentir a falta de ser mimada por dois jovens saudáveis quando me sento.

Lujan sorriu, dissimuladamente agradecido, e a sua expressão foi imitada por Saric. — O Hokanu dará o seu melhor, estou certo, para vos manter sempre de esperanças.

Mara riu-se, com o tom amargo a não passar despercebido aos seus conselheiros. — Assim será, não duvido, se conseguirmos acordar que o Justin deverá ser o herdeiro dos Acoma.

— Teimosa — disse Saric com os lábios ao seu primo, por cima da cabeça inclinada da sua senhora.

Depois de anoitecer, o mercador Janaio de LaMut regressou com a sua comitiva de guardas midkemianos contratados a um armazém abandonado na cidade de Sulan-Qu. Era uma hora tardia. Os pavios das candeias da zona rica ardiam lentamente, enquanto nas casas arruinadas junto à margem do rio apenas a luz projetada pelo quarto de lua proporcionava alguma iluminação. Um manto escuro como breu pairava sobre as ruas, envoltas na bruma do Gagajin. Onde em tempos a desonrosa população da cidade atacava como queria quem quer que se atrevesse a passar por ali sem guarda, agora as patrulhas do Imperador empurravam os malfeitores e os vagabundos de Kentosani para as vielas secundárias mais recônditas. Os únicos poltrões à vista eram os cães *mongrel*, à procura de restos no lixo dos mercados.

Embora calma segundo os padrões de Tsuranuanni, aos ouvidos dos midkemianos a cidade estava longe de ser pacífica. Mesmo a partir do interior do armazém, eram audíveis os gritos de uma *madame* do Boa Vida a insultar um cliente que fora bruto com uma das suas raparigas. Cães ladraram e uma ave *jiga* desperta cucuricou. Algures nas redondezas, uma criança chorava. Os mercenários contratados para acompanhar a comitiva de Janaio remexeram-se, desconfortáveis, com a lama húmida e fria do rio a lançar-lhes um odor estranho pelas narinas. Não faziam ideia do motivo de terem sido levados para aquele edifício vazio e com o telhado parcialmente derrubado; nem sequer compreendiam bem por que razão haviam sido pagos para atravessar a Brecha. O empregador interrogara-os minuciosamente e exigiu que não soubessem falar tsurani. Mas o trabalho no Reino abrandara desde a batalha de Sethanon, e para homens com poucos laços a casa, o dinheiro oferecido era bastante satisfatório.

Os transportadores pousaram os seus fardos e aguardaram por ordens, enquanto os guarda-costas se mantiveram em formação atrás de Janaio. Sem gerar ruído, cordões de seda com pontas com lastro espiralaram subi-

tamente das vigas para o chão. Prenderam e puxaram com força, cada um deles rodeando a garganta de um desprevenido soldado bárbaro.

A seguir surgiram assassinos vestidos de preto, saltando dos seus poleiros invisíveis e recorrendo ao seu peso e ao impulso para derrubar os guardas. Os pescoços de quatro homens estalaram de pronto, enquanto os outros ficavam pendurados a espernear e a sufocar enquanto eram içados e lentamente estrangulados.

Os transportadores observaram horrorizados a morte dos mercenários midkemianos. De olhos arregalados, paralisados de terror, sabiam que não se deveriam atrever a gritar. O medo deles foi de curta duração. Dois outros assassinos vestidos de negro saíram das sombras e passaram por entre as fileiras de homens desarmados como o vento por entre juncos. Em menos de um minuto, os dez transportadores de Janaio estavam mortos, com o sangue das suas gargantas cortadas a manchar o chão de madeira. Os assassinos que tinham suspenso os guardas armados soltaram os cordões. Midkemianos mortos tombaram desamparadamente e com estrondo no chão, um com os nós dos dedos dos pés a subirem até à anca, outro com a língua trincada a espalhar-lhe sangue pela barba.

Janaio libertou-se da sua roupa opulenta e lançou-a para o meio dos corpos. Um dos assassinos vestidos de negro dirigiu-lhe uma vénia e passou-lhe um pequeno saco. Janaio tirou de lá de dentro uma túnica negra e enfiou-a pelos ombros. Rapidamente tirou um frasquinho do bolso e passou um unguento de cheiro adocicado sobre as mãos. A graxa dissolveu uma camada de tinta dissimuladora; se houvesse ali mais luz, a tinta vermelha e a tatuagem de um assassino dos Hamoi seria agora revelada.

Ouviu-se uma voz profunda vinda da escuridão ainda mais forte de um recanto. — Está feito?

O homem que afinal não era mercador, e que por conveniência dissera chamar-se Janaio, curvou a cabeça. — Tal como ordenastes, honrado mestre.

Um homem entroncado com um passo demasiado leve saiu do seu esconderijo. Todo o seu corpo estalava e tinha ao andar, com os ornamentos de osso a balançar em tiras de couro aos encontrões com instrumentos de morte que usava presos ao cinto. A túnica apresentava-se cheia de botões esculpidos a partir dos crânios das vítimas; as suas sandálias tinham tiras de carne humana curada. Não se dignou a olhar para os corpos espalhados pelo chão, embora tivesse evitado pisar as poças de sangue. O *Obajan* da Seita dos Hamoi assentiu com a cabeça, com o rabo de cavalo que lhe saía da cabeça rapada a descer-lhe pelas costas. — Ótimo. — Ergueu um braço bastante musculado e retirou um frasquinho que trazia no peito da túnica. — Estais certo de que ela bebeu?

— Tal como eu, amo. — O antigo mercador fez de novo uma profunda vénia. — Coloquei a poção no chocolate, sabendo que essa seria a bebida mais irresistível. O *hadonra* dela escapou, pois teve a sorte de queimar a língua. Mas a senhora esvaziou a chávena. Engoliu veneno lento suficiente para matar três homens. — Dando o seu discurso por encerrado, o assassino lambeu os lábios. Ansioso, e a suar, dominou os nervos e aguardou.

O *Obajan* rolou nas suas palmas grossas o frasco de vidro com o antidoto para o veneno raro misturado com o chocolate. Observou com o seu olhar empedernido enquanto os olhos do seu laçao o seguiam; mas o aflito homem conteve o desespero. Não cedeu para implorar.

O *Obajan* sorriu abertamente. — Estivestes bem. — Entregou o frasquinho, que era verde, símbolo da vida. O homem que se fizera passar por Janaio de LaMut pegou com as suas mãos trementes naquela promessa de vida, arrancou o selo de cera e sorveu o conteúdo amargo. E depois também sorriu.

Um segundo depois, ficou petrificado. Foi assolado pelo medo, e pelo que de início pareceu ser um espasmo de incerteza. Os olhos arregalaram-se quando a dor lhe fustigou o abdómen, e olhou para baixo para o frasquinho de vidro vazio. Depois, perdeu a força nos dedos. O recipiente com a sua falsa oferta de vida tombou e os joelhos vacilaram. Dos seus lábios soltou-se um gemido. Desabou no chão, dobrado sobre si próprio.

— Porquê? — A sua voz soou como um coaxar, oprimida entre espasmos de dor.

A resposta do *Obajan* foi muito branda. — Porque ela viu a vossa cara, Kolos, tal como os conselheiros dela. E por servir às necessidades dos Hamoi. Morreis com honra, servindo a seita. Turakamu irá receber-vos nos seus salões com um grande festim, e regressareis à Roda da Vida numa posição mais elevada.

O homem atraído lutou contra a sua necessidade de se agitar de dor. O *Obajan* fez um comentário desapaixonado. — A dor cessará rapidamente. Neste preciso momento a vida está a esvair-se.

Suplicante, o homem moribundo revirou os olhos para cima à procura de ver a cara do outro na escuridão. Debateu-se para controlar um arquejo estrangulado. — Mas... pai...

O *Obajan* ajoelhou-se e pousou uma mão tingida de vermelho sobre a testa do filho. — Honrais a vossa família, Kolos. Honrais-me. — A pele transpirada sob o seu toque estremeceu uma vez, duas, e ficou inerte. Sobre o fedor libertado pelos músculos dos intestinos a desfalecerem, o *Obajan* ergueu-se e suspirou. — Além disso, tenho mais filhos.

O Mestre da Seita dos Hamoi fez sinal e a sua guarda vestida de negro aproximou-se. Rapidamente e em silêncio, e obedecendo à ordem dele,

escapuliram-se do armazém, deixando os mortos onde estavam. Sozinho no meio da carnificina, longe da vista dos vivos, o *Obajan* pegou num pequeno fragmento de pergaminho que guardara na túnica e colocou-o aos pés do filho. A corrente de ouro no cadáver iria atrair as atenções dos larápios; os corpos seriam encontrados e pilhados, e o papel iria aparecer em investigações posteriores. Assim que o líder da seita rodou os calcanhares para partir, o selo vermelho e amarelo da Casa dos Anasati flutuou até às pegajosas tábuas do chão, impregnadas com sangue fresco.

Mara foi açoitada pela primeira pontada de dor pouco antes de amanhecer. Acordou enroscada numa bola e reprimiu um pequeno grito. Hokanu despertou de imediato ao lado dela. Tentou de pronto confortá-la com as mãos. — Estais bem?

O incómodo passou. Mara sentou-se apoiada num braço e esperou. Nada ocorreu. — Uma câibra, nada mais do que isso. Perdão por vos ter perturbado.

Hokanu fitou a sua esposa no tom cinzento que anuncia o alvorecer. Afastou para trás o cabelo entrançado dela, com o sorriso ausente há tantas semanas a erguer os cantos da boca dele. — Foi o bebé?

Mara sorriu de alegria e de alívio. — Penso que sim. Talvez tenha dado um pontapé enquanto eu dormia. É enérgico.

Hokanu deixou que a sua mão deslizesse pela testa dela até à face, e depois assentou-a suavemente no ombro. Fez um olhar carregado. — Estais gelada.

Mara encolheu os ombros. — Um pouco.

A preocupação dele intensificou-se. — Mas a manhã está quente. — Voltou a esfregar-lhe a têmpora. — E tendes a cabeça encharcada em suor. — Não é nada — disse de pronto Mara. — Vai ficar tudo bem.

Ela fechou os olhos, pensando, preocupada, se as bebidas do outro mundo que experimentara na noite anterior a teriam deixado indisposta.

Hokanu apercebeu-se da inquietação dela. — Permitti-me que chame o curandeiro para vos observar.

A ideia da intromissão de um servo em cheio no primeiro momento de intimidade que partilhava com Hokanu em semanas exasperou Mara. — Já tive dois bebés, meu esposo. — Esforçou-se por controlar a sua aspe-reza. — Estou bem.

No entanto, não lhe apeteceu tomar o pequeno-almoço. Consciente de que Hokanu não lhe tirava os olhos de cima, conversou sobre banalidades e ignorou a ardência que, por momentos, lhe fustigou a perna. Insistiu para consigo própria que teria sido uma picadela de um nervo ao sentar-se. O escravo que lhe servira de provador pareceu-lhe saudável ao transportar as

bandejas e quando Jican chegou com as suas lousas, ela mergulhou nos relatórios comerciais, grata, finalmente, por o incômodo causado pela cãibra antes do alvorecer aparentemente ter servido para Hokanu se reaproximar. Ele foi um par de vezes verificar como ela se sentia, primeiro enquanto envergava a armadura para o seu duelo matinal com Lujan, e depois quando regressou para o seu banho.

Três horas mais tarde, a dor retornou, ainda mais forte. Os curandeiros apressaram-se a tratar da senhora enquanto ela era transportada, a arquejar, para a cama. Hokanu interrompeu a escrita de uma missiva ao pai para se juntar imediatamente a ela. Ali permaneceu, com a mão encaixada nas dela, e manteve impecavelmente a compostura, para que o seu medo não a perturbasse. Mas os remédios de ervas e as massagens de nada serviram para a aliviar. O corpo de Mara contorceu-se em espasmos, completamente transpirado devido às cãibras e às dores. O curandeiro com as mãos assentes no abdômen dela assentiu gravemente para o ajudante.

— Está na hora? — questionou Hokanu.

Recebeu uma confirmação silenciosa enquanto o curandeiro prosseguia a sua assistência e o seu ajudante rodopiava para ordenar ao mensageiro de Mara que fosse a correr chamar a parteira.

— Mas tão cedo? — quis saber Hokanu. — Tendes a certeza que não se passa nada de errado?

O curandeiro olhou para cima num desespero exasperado. A sua vénia não passou de um aceno perfuntório. — Acontece, Lorde Consorte. Agora, por favor, deixai a senhora entregue ao trabalho de parto e chamai as aias. Saberão melhor do que vós o que ela precisa para se sentir melhor. Se não conseguis ficar quieto ou encontrar uma distração, podeis pedir aos cozinheiros que aqueçam água.

Hokanu ignorou as ordens do curandeiro. Debruçou-se, beijou a face da esposa e murmurou-lhe ao ouvido: — Minha corajosa senhora, os deuses saberão por certo o quanto vos estimo. Vão manter-vos a salvo, e fazer com que o vosso trabalho de parto seja ligeiro, ou os céus, se fracassarem, terão de responder perante mim. A minha mãe sempre disse que os bebês de sangue Shinzawai eram muito apressados. Este nosso não me parece diferente. — Mara retribuiu a bondade dele apertando-lhe a mão, antes de os dedos dele serem separados dos dela por um criado que, sob as ordens claras do curandeiro, empurrou firmemente o consorte dos Acoma para o exterior dos seus próprios aposentos.

Hokanu, enquanto pôde, não desviou o olhar da esposa, até os biombo serem encerrados. Então, abandonado no pátio de entrada, pensou em pedir vinho. Instantaneamente mudou de ideias ao recordar que Mara em tempos lhe contara que o bruto do seu primeiro marido se embebedara até

perder os sentidos, por ocasião do nascimento do Ayaki. Nacoya necessitaria de esbofetear o imbecil até este despertar para comunicar a feliz nova do nascimento do filho.

Os festejos eram inevitáveis, mas Hokanu não causaria a Mara infelizes recordações chegando ao lado dela com o bafô a cheirar a álcool. Assim, andou de um lado para o outro, incapaz de pensar numa distração adequada. Não conseguiu evitar escutar avidamente, para identificar todos os ruídos que emergiam por detrás dos biombos fechados. Os passos apressados nada lhe indicaram, e ficou preocupado, devido ao silêncio, com aquilo que Mara estaria a suportar. Praguejou para si próprio e enfureceu-se por os mistérios do parto não o incluírem. E então os seus lábios formaram um meio sorriso ao concluir que esta frustração horrível de nada saber deveria ser muito aproximada da sentida por uma mulher quando o seu marido participava numa batalha.

A dada altura, a sua vigília foi interrompida por Lujan, Saric, Incomo e Keyoke, que chegaram em grupo vindos do salão grande, onde Mara não comparecera à reunião matinal. Bastou observar a inquietação de Hokanu para Incomo perceber aquilo que nenhum criado se lembrara de lhes anunciar. — Como é que está a Senhora Mara? — questionou.

— Dizem que o bebé está a chegar — informou Hokanu.

O rosto de Keyoke ficou rígido para disfarçar a preocupação, e Lujan abanou a cabeça. — É cedo.

— Mas estas coisas acontecem — apressou-se a garantir Incomo. — Os bebés não nascem respeitando qualquer regra inflexível. O meu rapaz mais velho nasceu aos oito meses. Cresceu saudável e forte, e nunca passou mal.

Mas Saric permaneceu muito quieto. Não interveio com a sua graça habitual, destinada a aligeirar a tensão quando os restantes ficavam tensos devido à preocupação. Fitou Hokanu com atentos olhos escuros, e nada disse, enquanto os seus pensamentos incidiam sombriamente no mercador que usava ouro de qualidade como se nada valesse.

As horas arrastaram-se. O dever negligenciado não afastou os conselheiros de Mara da espera. Mantiveram-se unidos, retirando Hokanu, num apoio não mencionado, para o agradável quarto existente ao lado, usado pela senhora para meditar. Ocasionalmente, Keyoke ou Lujan enviavam um criado com ordens para a guarnição, mas conforme o dia foi aquecendo, e a criadagem serviu a refeição do meio-dia a pedido de Hokanu, ninguém pareceu ansioso por comer. Não houve novidades quanto ao estado de Mara e conforme a tarde se ia esgotando e dando lugar à noite, até Incomo esgotou os lugares-comuns.

Uma realidade já não podia ser negada: o parto de Mara estava a revelar-se muito complicado. Por diversas vezes, ecoaram pelo pátio de en-

trada gemidos débeis e gritos, mas o mais frequente era os entes queridos de Mara escutarem apenas o silêncio. Apareceram criados que, com muita discrição, acenderam as candeias à noite. Jican chegou, com pó de giz ainda nas mãos, admitindo tardiamente que já não havia pergaminhos com contas para verificar.

Hokanu estava prestes a manifestar a sua simpatia quando um grito de Mara cortou o ar como uma lâmina.

Ficou tenso e depois girou sem abrir a boca e desatou a correr pelo corredor. A entrada para o quarto da sua senhora estava entreaberta; se não estivesse, ele teria derrubado o biombo. Para lá da entrada, bem iluminadas pelo brilho de duas candeias, duas parteiras seguravam a sua senhora, enquanto esta se contorcia. A pele branca e imaculada dos pulsos e dos ombros dela estava avermelhada devido às horas de tormento.

Hokanu inspirou profundamente, com medo. Viu o curandeiro ajoelhado aos pés da enxerga de dormir, com as mãos manchadas pelo sangue dela. O pânico despertou-o da concentração quando olhou para cima para pedir ao ajudante trapos frios e viu quem ali estava junto a si. — Senhor, não devíeis estar aqui!

— Não vou para mais nenhum lado — ripostou Hokanu num tom a que teria recorrido para distribuir ordens às tropas. — Explicai-me o que correu mal. Já!

— Eu... — O curandeiro hesitou, e depois desistiu de tentar falar quando o corpo da senhora se arqueou no que pareceu um espasmo de dor.

Hokanu correu de imediato para junto de Mara. Com o ombro, empurrou para o lado uma parteira fatigada, pegou no pulso torcido e sovado da esposa e inclinou o rosto sobre o dela. — Estou aqui. Tranquilizai-vos. Tudo vai correr bem, asseguro-vos com a minha própria vida.

Entre espasmos, ela lá conseguiu assentir com a cabeça. Tinha o rosto contorcido por causa da dor, e a pele pálida e recoberta de suor. Hokanu prendeu o olhar no dela, tanto para a reconfortar como para impedir que se apercebesse de danos irreparáveis. O curandeiro e as parteiras estariam a dar o seu melhor, mas a sua amada senhora parecia banhada no seu próprio sangue. As roupas da cama puxadas para cima da virilha estavam tingidas de carmesim. Hokanu já reparara, mas não se permitira a admitir a presença daquilo que os criados, soluçantes, foram demasiado lentos a tapar: o minúsculo corpo azul que jazia inerte como trapos junto aos pés dela. Se alguma vez fora uma criança, não passava agora de um destroçado pedaço de carne, esmagado, pisado e sem vida.

A raiva apoderou-se dele, por ninguém se atrever a dizer-lhe quando o seu filho, e de Mara, nascera morto.

Os espasmos passaram. Mara afrouxou o seu aperto e ele abraçou-a

gentilmente. Ela estava de tal maneira esgotada que permaneceu ali deitada, de olhos fechados, com a respiração entrecortada e sem ouvir nada. Engolindo a dor como se fosse carvão em brasa, Hokanu fez incidir o seu olhar fulminante sobre o curandeiro. — A minha esposa?

O servo abanou suavemente a cabeça e falou num sussurro. — Enviai o vosso mensageiro mais veloz a Sulan-Qu, senhor. Procurai um sacerdote de Hantukama, pois... — o pesar levou-o a abrandar antes de concluir a frase — não há nada que eu possa fazer. A vossa esposa está moribunda.

CULPADO

O mensageiro mudou de direção. Apenas semiconsciente do facto de quase ter sido derrubado, Arakasi deteve-se imóvel na estrada. O sol estava bem lá no alto, demasiado próximo do meio-dia para um mensageiro dos Acoma ir tão depressa, a não ser que a sua missão fosse urgente. Arakasi franziu o sobrolho ao recordar a expressão sombria do mensageiro. Rápido como reflexo, o Mestre Espião deu a volta e partiu a correr na direção de Sulan-Qu.

Era bastante célere, e estava vestido como um moço de recados de um mercador de segunda. Ainda assim, levou vários minutos a apanhar o mensageiro, e mesmo face à sua pergunta agitada, o homem não perdeu o ritmo.

— Sim, levo mensagens da Casa dos Acoma — respondeu o mensageiro —, mas o conteúdo não é da vossa conta.

Debatendo-se com o calor, com o piso empoeirado e desnivelado, e com o esforço despendido para acompanhar um homem que não desejava ser atrasado, Arakasi recusou-se a ceder. Observou os olhos estreitos do homem, o nariz grande e o queixo saliente e recordou-se do nome dele.

— Hubaxachi — disse, após uma pausa. — Enquanto fiel servidor da Mara, é com certeza da minha conta saber o que vos obriga a ir a correr a Sulan-Qu em pleno meio-dia. A senhora não pede aos seus mensageiros que se arrisquem a apanhar uma insolação só por capricho. Daí que só possa passar-se algo de errado.

O mensageiro fitou-o surpreendido. Reconheceu Arakasi como um dos conselheiros superiores de Mara e finalmente abrandou um pouco o ritmo de corrida. — Vós! — exclamou. — Como poderia reconhecer-vos com essa vestimenta? Essas não são as cores da associação comercial dos Keschai?

— Esqueci isso — atirou de pronto, sem fôlego nem paciência. Arrancou a fita para a cabeça que confundira o criado. — Contai-me o que se passou.

— É a senhora — arfou o mensageiro. — O parto correu mal. O filho não sobreviveu. — Pareceu estar a recompor-se antes de proferir a frase seguinte. — Está a sangrar, perigosamente. Fui enviado para procurar um sacerdote de Hantukama!

— Deusa da Piedade! — quase gritou Arakasi. Deu a volta e

prosseguiu num passo de corrida uniforme rumo à casa senhorial dos Acoma. A fita para o cabelo que completava o seu disfarce esvoaçava, esquecida, no seu punho.

Se o mensageiro mais veloz da senhora fora incumbido de chamar um sacerdote de Hantukama, isso só poderia significar que Mara estava a morrer.

As brisas agitaram as cortinas e entraram criados em silêncio. Sentado ao lado da cama de Mara, com o seu rosto a revelar-se uma máscara impassível de modo a ocultar a angústia, Hokanu desejou poder estar a enfrentar as espadas de um milhar de inimigos em vez de confiar na esperança, nas orações e nas excentricidades pouco fiáveis de curandeiros. Não podia pensar no filho nado-morto, na sua forma azul sem vida torturada pela morte. O bebé perdera-se, enviado para Turakamu sem sequer ter respirado. A senhora ainda vivia, mas por um fio.

Ela estava pálida como porcelana, e os agasalhos e as compressas frias a que as parteiras recorriam para estancar a hemorragia de pouca utilidade se revelaram. O fluxo lento e escarlate prosseguiu, inexoravelmente. Hokanu já vira ferimentos fatais no campo de batalha que o atormentaram menos do que a mancha progressiva e insidiosa que se ia renovando sempre que os panos eram trocados. Mordeu o lábio, no seu desespero silencioso, inconsciente do sol no exterior, ou dos habituais toques de trombeta que anunciavam a chegada da barca com novidades de Kentosani.

— Mara — sussurrou suavemente Hokanu —, perdoai o meu coração teimoso. — Embora não fosse um homem profundamente religioso, agarrou-se à crença do templo de que o *wal*, o espírito interior, ouviria e registaria o que os ouvidos e a mente não escutavam. Falou como se Mara estivesse consciente e a ouvir e não em coma, como uma estátua, na cama.

— Sois a última dos Acoma, senhora, tudo porque não acedi ao vosso pedido para que Justin prestasse juramento como vosso herdeiro. Agora lamento o meu egoísmo, e a minha relutância em reconhecer o perigo que corria o nome dos Acoma. — Aqui, Hokanu fez uma pausa para controlar a instabilidade da sua voz. — Eu, que vos amo, não sou capaz de imaginar um inimigo que se atreva a passar por mim a fim de vos derrubar. Não pensei na própria natureza, ou nos perigos de dar à luz.

As pálpebras de Mara não se mexeram. A boca não tremeu ou sorriu, e nem sequer franziu a zona entre as sobrancelhas. Hokanu passou os dedos pelo cabelo escuro e solto dela, espalhado pelas almofadas de seda, e combateu o impulso de chorar. — Falo formalmente — acrescentou, agora traído pela voz. — Vivei, minha forte e bela senhora! Vivei, para que possais ajuramentar um novo herdeiro dos Acoma junto ao *natami* da vossa

família. Escutai-me, amada esposa. Neste preciso momento liberto o filho do Kevin, Justin, das suas obrigações perante a Casa dos Shinzawai. Ele é vosso, para que fortaleçais o nome e o legado dos Acoma. Vivei, minha senhora, e juntos geraremos outros filhos para o futuro de ambas as nossas Casas.

Os olhos de Mara não se abriram à luz daquela vitória. Inerte sob a colcha, não se mexeu quando o esposo inclinou a cabeça e finalmente sucumbiu na batalha para suster as lágrimas. Ela nem sequer se sobressaltou face a um passo quase inaudível e a uma voz macia como seda, que disse:

— Mas ela tem um inimigo que a derrubaria, assim como ao filho no seu ventre, a sangue-frio.

Hokanu saltou como uma mola e voltou-se para enfrentar a presença umbrosa: Arakasi, recém-chegado da barca mensageira, com os olhos impenetráveis como ónix.

— A que vos referis? — O tom de Hokanu soou cortante como uma lâmina. Assimilou o aspeto empoeirado, exausto e transpirado de Arakasi, assim como a fita para o cabelo cor de ferrugem e azul ainda agarrada por uma mão tremente. — Há nisto algo mais do que um infeliz aborto?

O Mestre Espião pareceu recompor-se. E então, sem vacilar, comunicou as novidades. — O Jican contou-me assim que cheguei. O provador da Mara não despertou da sua sesta. O curandeiro viu-o e diz que parece estar em coma.

Por instantes, Hokanu pareceu um homem de vidro, com toda a sua vulnerabilidade exposta. Depois, os músculos do seu queixo retesaram-se. Falou, com uma voz firme como ferro bárbaro. — Sugeris que a minha esposa foi envenenada?

Agora, era Arakasi que se mostrava incapaz de abrir a boca. A visão de Mara ali deitada, desamparada, abalou-o implacavelmente, e só conseguiu assentir, mudo.

O rosto de Hokanu ficou lívido, mas não perdeu a compostura ao sussurrar: — Ontem passou por cá um mercador de especiarias vindo do outro lado da Brecha que propôs concessões comerciais à Mara relativas a bebidas exóticas confeccionadas a partir de ervas e arbustos de Midkemiam.

Arakasi recuperou a fala. — A Mara provou-as?

O consorte dela balbuciou uma resposta afirmativa e, em simultâneo, ambos saíram de um salto pela porta.

— As cozinhas — arquejou Hokanu quase derrubando a parteira que regressara para mudar as compressas de Mara.

— É exatamente nisto que estou a pensar — disse Arakasi, desviando-se para evitar o escravo mensageiro que aguardava no seu posto na entrada. — Há alguma possibilidade de as louças ainda não terem sido lavadas?

A casa senhorial era enorme, com quartos misturados ao longo de séculos de gostos diferentes. Enquanto Hokanu corria a toda a brida por entre o labirinto de passagens de serviço, arcadas e pequenos lanços de degraus em pedra, pensou como é que Arakasi poderia conhecer o caminho mais curto para as cozinhas, dado que era raro estar em casa; e, contudo, o Mestre Espião avançou a correr sem precisar de indicações do consorte de Mara.

Assim que os dois se depararam com um átrio com um cruzamento com ligações para cinco alas, Arakasi optou sem falhar pela entrada correta. Hokanu esqueceu o seu medo o suficiente para se deixar espantar.

Apesar da sua preocupação, Arakasi reparou. — Mapas — arquejou. — Esqueceis-vos que este foi em tempos o domicílio do maior inimigo de Mara. Seria um fraco Mestre Espião quem não conhecesse a planta da casa de um homem desses. Era necessário indicar aos agentes a que portas deveriam escutar, já para não mencionar a vez em que foi preciso fornecer direções explícitas a um assassino de uma guilda para que soubesse quais os cinco criados a abater...

Arakasi interrompeu as suas recordações, e o seu olhar tornou-se sombrio só de pensar no assunto.

— O que foi? — quis saber Hokanu quando passaram por um pórtico em laje, com as cortinas de seda a esvoaçar com a aragem levantada pela passagem deles. — O que estais a pensar? Sei que diz respeito à Mara.

Arakasi abanou a cabeça, em negação. — Tive um palpite. Quando puder fundamentar, dir-vos-ei mais.

Respeitador da competência do homem, Hokanu não o pressionou a responder. Aplicou o seu espírito e força na corrida e chegou à cozinha meio passo à frente do Mestre Espião.

Criados espantados olharam para cima, desviando o olhar da ceia que preparavam para os trabalhadores do campo. De olhos arregalados, interiorizaram o aspeto desalinhado do amo, e de imediato prostraram-se no chão.

— Às vossas ordens, senhor — gritou o chefe de cozinha, com a testa assente na tijoleira.

— Pratos, chávenas — arquejou Hokanu incoerentemente. — Quaisquer utensílios utilizados pela senhora quando aqui estive o mercador forasteiro de especiarias. Levai tudo para fora para ser inspecionado pelo curandeiro.

A parte de trás do pescoço do chefe dos cozinheiros ficou lívida. — Senhor — murmurou ele —, já estou em falta perante vós. As chávenas e os pratos de ontem foram lavados e arrumados, como sempre, ao pôr do sol.

Arakasi e Hokanu entreolharam-se, devastados. Qualquer lixo que não tivesse sido lançado às aves *jiga*, teria sido queimado, para não atrair insetos.

Não havia vestígios do tipo de veneno que poderia ter sido aplicado pelo mercador de especiarias de Midkemia. E a não ser que conseguissem descobrir que poção afetara Mara, não haveria esperança de encontrar um antídoto.

Apercebendo-se instintivamente de que Hokanu estava prestes a fazer algo intempestivo e inútil, Arakasi agarrou-o com força pelos ombros. — Escutai-me! — disse o Mestre Espião num tom que levou os criados caídos de bruços a retraírem-se. — Ela está a morrer, e o bebé morreu, mas ainda não está tudo perdido.

Hokanu nada disse, mas o seu corpo permaneceu tenso como um fio retesado sob o aperto de Arakasi.

O Mestre Espião prosseguiu mais suavemente. — Eles recorreram a um veneno de ação lenta...

— Querem que ela sofra! — gritou Hokanu, angustiado. — Os assassinos querem que todos vejamos, sem nada podermos fazer.

Arriscando-se a consequências imprevisíveis, tanto por pousar as mãos num nobre como por provocar um homem prestes a rebentar de raiva e dor, Arakasi sacudiu violentamente o amo. — Sim e sim! — berrou em resposta. — E será essa mesma crueldade a salvar-lhe a vida.

Finalmente captara a atenção de Hokanu, e grande parte da raiva do guerreiro foi-lhe dirigida. A suar, consciente do perigo que corria, Arakasi insistiu. — Não é possível encontrar a tempo um sacerdote de Hantukama. O mais próximo...

Hokanu interrompeu-o. — A hemorragia irá levá-la muito antes de o veneno concluir a sua missão.

— Tende piedade dela... não — disse Arakasi abruptamente. — Falei com a parteira ao chegar. Ela foi enviada ao Templo de Lashima para ir buscar pétalas da flor de coroa dourada. Uma cataplasma confeccionada a partir delas deterá a hemorragia. Isso dá-me uma estreita margem de tempo para procurar o mercador de especiarias.

O olhar de Hokanu voltou a mostrar razoabilidade, mas não se acalmou. — O tal mercador tinha transportadores bárbaros.

Arakasi assentiu com a cabeça. — E também se vestia com aparato. Tanto ouro não pode ter passado despercebido.

Por entre a sua preocupação subjugadora, Hokanu mostrou-se surpreendido. — Como é que sabeis? Cruzastes-vos com o homem na estrada?

— Não. — Arakasi mostrou um breve sorriso ao libertar o consorte de Mara. — Escutei os mexericos da criadagem.

— Há alguma coisa que vos passe ao lado? — comentou, espantado, o esposo de Mara.

— Muita coisa, para minha eterna frustração. — Arakasi relanceou

embaraçado para o chão, lembrando-se, naquele momento, assim como o seu amo, de que o pessoal da cozinha ainda estava rebaixado aos pés deles.

— Pelo amor dos deuses! — exclamou Hokanu. — Todos vós, por favor, erguei-vos e retomai as vossas tarefas. Os males da senhora não são da vossa responsabilidade.

Enquanto escravos e criados se erguiam do chão e retomavam as tarefas nas tábuas de cozinha e nos espetos, Arakasi ajoelhou-se diante de Hokanu. — Senhor, peço-vos autorização formal para perseguir este vendedor de especiarias forasteiras e encontrar um antídoto para a minha Senhora Mara.

Hokanu respondeu com um breve aceno, próprio de um comandante a um guerreiro em campanha. — Fazei-o, e não desperdiceis mais tempo com medidas, Arakasi.

Num abrir e fechar de olhos, o Mestre Espião já estava de pé e a dirigir-se à porta. Apenas quando a transpôs, e se viu sozinho nas sombras do corredor, é que Arakasi pôs de parte o seu rígido controlo. Claramente ansioso, ponderou nas possibilidades da situação que não revelara a Hokanu.

O vendedor de especiarias revelara-se efetivamente muito pouco discreto, com os seus transportadores bárbaros e as suas ostensivas joias; e de certeza que isso não se deveria ao acaso. Um homem nascido em Kelewan nunca usaria escusadamente metais numa via pública. Arakasi já percebera que seria fácil seguir o rasto do homem: pois a ideia do homem seria mesmo ser seguido. O Mestre Espião encontraria apenas o que o amo do homem desejava, e isso não incluiria o antídoto para Mara.

No pórtico entre o grande salão e a escadaria para os aposentos da criadagem, o Mestre Espião de Mara desatou a correr. Já tinha uma suspeita: esperava encontrar o vendedor de especiarias e os transportadores já mortos.

Num quarto pequeno e em cunha no sótão sobre as despensas, Arakasi abriu uma arca. As charneiras de couro rangeram quando encostou a tampa à fina parede de estuque, e depois remexeu lá dentro, de onde tirou as vestes cor de *hwaet* de um sacerdote itinerante de uma divindade menor, Alihama, Deusa dos Viajantes. O tecido estava manchado com velhas nódoas de gordura e com o pó da estrada. O Mestre Espião de Mara enfiou rapidamente a túnica pelos ombros despidos e apertou o cinto e as cavilhas de corda. A seguir, retirou de lá um par de sandálias fendidas, uma faixa com riscas púrpura e um toucado comprido e encapuzado enfeitado com borlas. Por fim, escolheu um turíbulo em cerâmica, amarrado com sininhos de barro e badalos de corda.

O seu disfarce de sacerdote de Alihama estava agora completo; mas, sendo Mestre Espião, acrescentou sete preciosas facas metálicas de lançar,

todas elas altamente equilibradas e afiadas como uma lâmina. Cinco, enfiou-as escondidas sob uma faixa larga, encaixando as duas últimas entre as solas das suas sandálias de pele de *needra*, sob filas de costuras falsas.

Quando passou pela entrada do seu exíguo quarto no sótão, fê-lo numa passada esgalgada e ondulada e espreitou cautelosamente ao descer a escada, pois um dos seus olhos pareceu ter desenvolvido estrabismo.

A sua transformação foi tão profunda que, ao sair da casa senhorial, Hokanu quase não o viu. Mas a faixa ampla e garrida captou a atenção do herdeiro dos Shinzawai e dado que não havia nenhum sacerdote de Alihama a ser alimentado nas cozinhas, percebeu, espantado, que Arakasi quase passara despercebido por ele.

— Esperai — gritou.

O Mestre Espião não se virou, arrastando os pés na direção do cais, com o fito de apanhar a próxima barca mensageira que partisse para Kentosani.

Envergando as botas de cano alto e as calças de montar justas que os Midkemianos usavam para cavalgar, Hokanu teve de correr, pouco à vontade, para o apanhar. Agarrou o Mestre Espião pelo ombro e ficou espantado, saltando para trás como um guerreiro, quando o homem rodopiou ao seu toque, quase demasiado rápido para ser verdade.

A mão de Arakasi afastou-se da sua faixa. Espreitou com um olhar estrábico para Hokanu e falou num tom macio como veludo. — Assustastes-me.

— Estou a ver que sim. — Estranhamente desconfortável, Hokanu apontou para a túnica de sacerdote. — Ir de barca e percorrer as estradas a pé é muito lento. Acompanho-vos, e ambos seguiremos viagem a cavalo.

O Mestre Espião ficou muito tenso. — O vosso lugar é junto da vossa senhora.

— Sei muito bem disso. — Hokanu estava angustiado, e retorceu várias vezes a mão na tira de couro de montar que tinha no cinto. — Mas o que posso eu fazer aqui a não ser olhar enquanto ela se esvai? Não. Eu também vou. — Não deu voz ao que ia em ambas as mentes — que Arakasi era um servo dos Acoma. Na qualidade de consorte de Mara, Hokanu não era legalmente o seu senhor; não lhe cabia a ele comandar a lealdade de Arakasi. — Só me resta pedir-vos — disse, com pesar. — Por favor, permiti-me que vos acompanhe. Pela saúde da nossa senhora, deixai-me ajudar.

Os olhos escuros de Arakasi avaliaram impiedosamente Hokanu, até que desviou o olhar.

— Já percebi as consequências de recusar o vosso pedido — disse calmamente. — Mas não será apropriado recorrer a cavalos. Podeis viajar, se assim o desejais, mas como meu acólito.

Hokanu revelou-se então contundente. — Fora desta herdade, quantos viram um cavalo das terras bárbaras para lá da Brecha? Achais que alguém vai reparar nos cavaleiros? Quando deixarem de estar espedados a olhar para os animais, já estaremos encobertos por uma grande nuvem de pó.

— Muito bem — concedeu Arakasi, apesar de preocupado com a incongruência entre as suas vestes e o meio de transporte escolhido por Hokanu. Bastava um homem inteligente ligar o seu rosto com um sacerdote que se comportava de modo não consentâneo com a doutrina, e com uma criatura exótica oriunda do outro lado da Brecha, para todo o seu esforço ser comprometido. Mas ao ponderar os riscos que Mara corria, percebeu: adorava-a mais do que ao seu trabalho, mais do que à sua própria vida. Se ela morresse, a aposta dele no futuro, e na formação de um Império melhor e mais forte, seria reduzida a pó.

— Será como desejais, meu senhor — disse, obedecendo a um impulso —, mas ides atar-me à sela e devo ser conduzido como se fosse vosso prisioneiro.

Hokanu, já a dirigir-se rapidamente para os estábulos, olhou surpreso por cima do ombro. — O quê? Pela vossa honra, nunca me permitiria abusar de vós dessa forma!

— Ides fazê-lo. — Avançando em passo célere, Arakasi apanhou-o. Continuava a mostrar um olhar vesgo; aparentemente, nada conseguia distraí-lo do seu disfarce. — Tem de ser. Necessitarei, mais tarde, destas vestes de sacerdote; dessa forma, temos de nos adaptar às circunstâncias. Sou um homem santo que se revelou suficientemente desonrado para me dedicar à ladroagem. Os vossos criados apanharam-me. Estou a ser escoltado de volta a Kentosani para ser entregue à justiça do templo.

— Parece-me razoável. — Hokanu, impaciente, dispensou com um aceno o criado que se apressou a abrir o portão e saltou a cerca para ganhar tempo. — Mas a vossa palavra basta. Não vos quero atado.

— Ides fazê-lo — repetiu Arakasi, com um leve sorriso. — A não ser que pretendais parar seis vezes a cada légua para me recolher da terra. Senhor, já experimentei todos os disfarces deste Império, e uns quantos que são de outras paragens, mas é tão certo como os deuses adorarem a perversidade que nunca montei. A ideia aterroriza-me.

Chegaram ao cercado onde, às ordens de Hokanu, um midkemiano livre contratado estava a postos com dois cavalos, selados e prontos a serem montados. Um deles era cinzento-escuro, o outro castanho, e embora fossem menos rebeldes do que o que pertencera a Ayaki, Hokanu viu Arakasi a espreitar assustado para as criaturas. Apesar de preocupado com a sua senhora, ainda assim ele reparou: o olhar vesgo do Mestre Espião permanecia invariavelmente pronunciado.

— Mentis — acusou o shinzawai, com o tom afetuoso a disfarçar o insulto. — Não vos impressionais com o sangue e, se não fôsseis tão inapto com a espada, teríeis dado um excelente comandante de exércitos.

— Ide buscar corda — ripostou Arakasi, muito sucinto. — Vou ensinar-vos como os marinheiros fazem nós, Senhor Hokanu. E pela saúde de ambos, espero que os aperteis com força.

Os cascos dos cavalos a galope estrondearam, com nuvens de poeira ocre a formarem-se no ar do meio-dia. O tráfego na estrada arrastava-se. *Needra* a puxar carroças de mercadoria irritaram-se e refugiaram-se, com as suas seis patas atabalhoadas, na berma. Os respetivos carroceiros gritaram, furiosos, e depois amedrontados, quando os animais de quatro patas oriundos do outro lado da Brecha passaram em corrida. Mensageiros saltaram para o lado, de olhos arregalados, e caravanas mercantis desfizeram atabalhoadamente a formação, enquanto os carroceiros e mestres ficavam boquiabertos como labregos.

— Nunca trouxestes estas criaturas para fora da herdade — presumiu Arakasi, com a voz tensa. Atado pelos pulsos à armação da sela e pelos tornozelos a uma corda enlaçada sob o perímetro do corcel, suportou um desconforto indescritível ao tentar manter a postura e a dignidade. A sua túnica de sacerdote agitou-se como uma bandeira apesar da restrição imposta pelo cinto, e o turíbulo vergastou-o na barriga das pernas a cada investida da passada do cavalo.

— Tentai desconstrair-vos — aconselhou Hokanu numa tentativa de ser prestável. Ele seguia na sela com uma simplicidade fluida, com o cabelo escuro a esvoaçar livremente e as mãos firmes nas rédeas. Não parecia um homem desgastado pelo infortúnio em locais que não se podia mencionar. Não fosse pela preocupação nutrida pela esposa, poderia apreciar o espanto que os seus animais estavam a gerar na estrada.

— Como sabeis que se deve começar por Kentosani? — questionou Hokanu conforme puxava pelas rédeas numa faixa arborizada da estrada para dar um descanso aos cavalos.

Arakasi fechou os olhos ao aguentar o safanão provocado pela montada ao reagir ao puxão na rédea, abrandando de meio galope para trote, e finalmente para um ritmo de passeio. O Mestre Espião suspirou, afastou o turíbulo do tornozelo magoado e lançou um olhar de soslaio elucidativo. Mas a sua voz não demonstrou descontentamento pela pergunta de Hokanu.

— A Cidade Sagrada é o único lugar no Império onde já residem midkemianos, onde os thuril e até os homens do deserto se movimentam com as suas vestes nativas. Calculo que o nosso negociante de mercadorias desejasse chamar as atenções, para depois optar por uma postura e

um trilho mais difícil de seguir, para que nós o descobríssemos, mas não assim tão rápido. Creio que ele tem um amo que lhe dá ordens relativas à vossa senhora e esse homem, esse inimigo, não pretende manter-se em sigilo.

O Mestre Espião não acrescentou uma segunda e mais reveladora conjectura. O melhor seria não exprimir as suas suspeitas enquanto não tivesse provas. Os dois homens cavalgaram em silêncio, sob uma abóbada de árvores *ulo*. Os pássaros esvoaçaram dos ramos ao cheirarem e avistarem os animais estranhos. Os cavalos agitaram as caudas para espantar as moscas, e ignoraram-nos.

O conforto sentido por Hokanu na sela contrastava, infelizmente, com as emoções que se debatiam dentro dele. A cada curva na rua, sob a sombra de cada árvore, imaginou ameaças. As recordações assombraram-no, desde o rosto pálido de Mara encostado à almofada, às mãos imóveis de modo tão pouco natural sobre a colcha. Por muito que se amaldiçoasse por causa daquela preocupação que lhe roubava energias, não era capaz de pôr fim a tais pensamentos. Inquietou-se, naquela imobilidade própria de um guerreiro, por nada mais poder fazer além de fornecer cavalos para que Arakasi pudesse desempenhar a sua missão mais lealmente. O Mestre Espião era competente no seu ofício; o mais certo era a companhia dificultar-lhe o trabalho. No entanto, caso Hokanu tivesse ficado na herdade, sabia que ver Mara a jazer desamparada o teria enfurecido. Teria reunido soldados para marchar sobre Jiro, sem querer saber do édito da Assembleia. Fez um ar carrancudo. Mesmo agora, tinha de se conter para não pegar no pingalim e estimular o cavalo. Para libertar a sua raiva, a sua culpa, e a sua dor, faria o corcel galopar até cair para o lado.

— Estou satisfeito por vos ter comigo — disse de súbito, e inesperadamente, Arakasi.

Hokanu despertou dos seus pensamentos agrestes e deu com o enigmático olhar do Mestre Espião fixo em si. Aguardou e, após uma pausa preenchida com o ruje-ruje do vento por entre as árvores, Arakasi explicou-se.

— Convosco ao meu lado, não me posso dar ao luxo de ser descuidado. A responsabilidade acrescida irá acalmar-me quando, pela primeira vez na vida, sentir a necessidade de ser imprudente. — Franzindo o sobrolho, absorto em pensamentos, Arakasi observou as suas mãos atadas. Fletiu as articulações dos dedos, testando os nós. — A Mara é especial para mim. Sinto por ela o que nunca senti pelo meu anterior amo, mesmo quando a Casa dele foi dizimada pelos seus inimigos.

— Não sabia que havíeis servido outra Casa — confessou Hokanu, surpreendido.

Parecendo ter despertado para o facto de ter partilhado uma confidência, Arakasi encolheu os ombros. — A minha rede de início foi montada para o Senhor dos Tuscai.

— Ah — assentiu Hokanu. Aquele facto explicava muita coisa. — Então, entrastes ao serviço dos Acoma ao mesmo tempo que o Lujan e os outros antigos guerreiros cinzentos?

O Mestre Espião assentiu com a cabeça, enquanto o seu olhar intenso seguia atentamente todos os detalhes do comportamento do consorte de Mara. Pareceu ter chegado a uma conclusão muito íntima. — Partilhais os sonhos dela — declarou.

Hokanu ficou mais uma vez espantado. A percepção do homem era quase demasiado certa para não se revelar incómoda. — Anseio por um Império livre de injustiças, de crimes autorizados e de escravatura, se é a isso que vos referis.

Os cavalos progrediram em marcha lenta, lançando a confusão numa caravana que se aproximava quando os carroceiros e o homem que dirigia a carroça-cozinha começaram todos aos gritos e a apontar. A resposta tranquila de Arakasi impôs-se naturalmente sobre o ruído. — A vida dela é mais importante do que as nossas duas juntas. Se ides prosseguir comigo, amo, tendes de compreender: por ela, arriscarei a vossa vida tão implacavelmente quanto a minha.

Consciente, de certo modo, de que o Mestre Espião falava do coração, e que não se sentia à vontade a partilhar confidências, Hokanu não tentou dar uma resposta direta. — Está na hora de voltarmos a avançar. — Cravou os calcanhares nas costelas do corcel e instigou as duas montadas a seguirem a meio galope.

As vielas escondidas de Kentosani tresandavam a lixo e às águas despejadas dos bacios dos quartos dos pobres. O Mestre Espião e o Senhor dos Shinzawai tinham deixado os cavalos aos cuidados de um assustado dono de uma estalagem, que se curvou, titubeou e gaguejou, alegando não ser digno de tratar de um tão raro par de animais. A sua expressão revelou puro medo quando o par se afastou; e o alvoroço que a presença dos cavalos gerou entre o pessoal da estalagem serviu para que a partida de Arakasi e Hokanu se tornasse mais discreta. Toda a criadagem estava no exterior, assim como a clientela, especados e a apontar para os cavalos de Midkemia enquanto ajudantes dos estábulos habituados às mais amorfas *needra* se atrapalhavam com aqueles animais muito mais ativos.

Numa irónica troca de papéis, cabia agora ao Mestre Espião comandar, enquanto Hokanu, envergando apenas a sua tanga, fazia de penitente em peregrinação enquanto servo do sacerdote, para apaziguar a divindade de

segunda ordem que alegadamente ofendera. Misturaram-se com a multidão da tarde.

A pé, em vez de transportado numa liteira, e pela primeira vez na vida sem estar rodeado pela sua guarda de honra, Hokanu compreendeu o quanto a Cidade Sagrada mudara desde que o Imperador assumira a governação absoluta no lugar do Conselho Supremo. Os grandes senhores e senhoras já não se deslocavam abundantemente defendidos por guerreiros, pois os Brancos Imperiais patrulhavam as ruas para manter a ordem. Se as principais vias públicas por norma eram mais seguras quando pejudadas de trânsito — carrinhos de mão das quintas, procissões de templos e mensagens apressadas —, as ruelas traseiras, mais escuras e estreitas, onde viviam os trabalhadores e os mendigos, ou as vielas a cheirar a peixe atrás dos armazéns no cais, não eram um lugar para um homem ou uma mulher se aventurarem sem escolta armada.

E, todavia, Arakasi tinha um conhecimento dessas vielas sombrias obtido anos antes de Ichindar abolir o cargo de Senhor da Guerra. Abriu caminho por uma passagem sinuosa que passava sob arcadas húmidas e fétidas, entre casas demasiado encostadas umas às outras para permitirem a infiltração do sol, e, logo a seguir, por entre o leito de uma sarjeta malcheirosa e pejudada de detritos.

— Porquê este caminho tão sinuoso? — questionou Hokanu numa pausa, quando um grupo de miúdos da rua aos guinchos passou a correr por eles, em perseguição a um cão escanzelado.

— Força do hábito — reconheceu Arakasi. O seu turíbulo balançou-lhe no joelho, com o incenso a conseguir apenas em parte aplacar a investida dos odores da sarjeta. Passaram por uma janela onde estava sentada uma velha cheia de rugas a descascar *jomach* com uma faca de osso. — Aquela estalagem onde deixámos as feras é uma casa suficientemente honesta, mas os bisbilhoteiros juntam-se lá para trocar informações. Não quis que fôssemos seguidos; quando saímos, um servo dos Ekamchi vinha na nossa pejudada. Viu os cavalos no portão principal e percebeu que pertencíamos ou à Casa dos Acoma ou dos Shinzawai.

— Conseguimos despistá-lo? — quis saber Hokanu.

Arakasi mostrou um pequeno sorriso, e ergueu a mão esguia numa bênção sobre o cimo da cabeça de um mendigo. O homem tinha um olhar tresloucado e murmurava, obviamente tocado pela loucura por vontade dos deuses. Com um torcer da corda que rodopiava o turíbulo e lançava no ar nuvens de incenso, o Mestre Espião respondeu:

— Efetivamente, despistámo-lo. Aparentemente, não terá desejado conspurcar as sandálias na fossa de lixo que cruzámos há dois quarteirões. Deu a volta, perdeu-nos de vista por um segundo...

— E agachámo-nos para atravessar aquela sarjeta — concluiu Hokanu, com um riso abafado.

Passaram diante do estabelecimento de um tecelão que tinha as persianas corridas e detiveram-se numa padaria, onde Arakasi comprou um pãozinho com topo amanteigado sobre o qual espalhou compota de *sã* aos ziguezagues. O padeiro atendeu outro cliente e acenou ao seu aprendiz, que mostrou ao falso sacerdote e ao penitente uma divisão nas traseiras fechada com uma cortina. Poucos minutos depois, apareceu o próprio padeiro. Fitou atentamente o par de visitantes até que por fim dirigiu a palavra a Arakasi. — Não vos reconheci com essa vestimenta.

O Mestre Espião lambuzou a compota que tinha nos dedos e disse:

— Quero novidades. É urgente. Um mercador de especiarias vestido de forma ostensiva e com joalheria de metal. Tinha transportadores bárbaros. Conseguis encontrá-lo?

O padeiro limpou o suor que se acumulara nas suas faces rechonchudas. — Se esperardes até ao sol se pôr, quando lançamos lá para fora os restos de massa, para os miúdos pedintes, posso ter algo para vos contar.

Arakasi pareceu irritado. — É demasiado tarde. Quero que useis o vosso mensageiro. — Como num passe de mágica, apareceu nos seus dedos um rolo de pergaminho. Talvez o Mestre Espião o tivesse ocultado desde sempre na manga, pensou Hokanu, mas não podia ter a certeza.

— Enviai isto ao fabricante de sandálias na esquina da Rua do Aro de Barril com a Viela do Curtidor. O dono chama-se Chimichi. Dizei-lhe que o vosso bolo está a queimar.

O padeiro não pareceu convencido.

— Tratai disso! — ordenou Arakasi num sussurro cortante que arrepiou os pelos do pescoço de Hokanu.

O padeiro ergueu as mãos cheias de farinha, com as palmas viradas para fora em sinal de submissão, e depois, aos berros, deu o recado ao aprendiz. O rapaz saiu com o pergaminho e Arakasi andou de um lado para o outro como um *sarcat* enjaulado durante todo o tempo em que ele se ausentou.

O curtidor Chimichi era um homem esguio como um chicote, com sangue do deserto, pois usava debaixo da túnica borlas engorduradas com talismãs. O seu cabelo escorrido descia-lhe até aos olhos matreiros. Tinha cicatrizes nas mãos que poderiam ter sido provocadas inadvertidamente por uma faca no seu ofício, mas o mais provável, pensou Hokanu, tendo em conta a quantidade e a localização, seria terem sido infligidas por um torturador. Enfiou-se pela cortina, ainda a pestanejar por causa da luz do sol, levando numa mão um pãozinho cheio de compota num padrão igualzinho ao de Arakasi.

— Seu idiota — sibilou para o sacerdote. — Pondes em risco o meu disfarce, ao enviar um sinal de emergência desses, e depois chamando-me aqui. O mestre vai lançar-vos à fogueira por serdes tão descuidado.

— De certeza que o mestre não o fará — disse secamente Arakasi.

O curtidor de peles deu um salto. — Sois vós! Por todos os deuses, não vos reconheci com esses trapos do templo. — As sobrançelhas de Chimichi uniram-se num olhar carrancudo, indicativo das suas origens de Tsubar. — O que se passa?

— Um certo negociante de especiarias, enfeitado com uma corrente de ouro transportado por carregadores de Midkemia.

A expressão de Chimichi aligeirou-se. — Morto — revelou num tom raso. — Assim como os seus transportadores. Num armazém da Ruela dos Agentes de Hwaet, a crer no que disse o salteador que tentou trocar elos da corrente por *centis* nos cambiadores de dinheiro. Mas só o facto de um homem daqueles estar na posse de ouro impede que ele tenha inventado tudo.

— A patrulha imperial já sabe dos corpos? — interrompeu Arakasi.

— Provavelmente não. — Chimichi pousou o seu pãozinho e esfregou no avental um nó do dedo engordurado. Os olhos encovados e astutos incidiram sobre o Mestre Espião. — Alguma vez vistes alguém que cambia dinheiro relatar aquilo que não é obrigado a dizer? As taxas sobre os metais não são pequenas, hoje em dia, pois o nosso Luz do Céu necessita de desenvolver o seu exército para fazer frente aos tradicionalistas da linha dura.

Arakasi ergueu a mão e interrompeu de pronto as divagações do homem. — Todos os segundos contam, Chimichi. O meu companheiro e eu vamos ao tal armazém inspecionar os corpos. A vossa tarefa consiste em encenar uma manobra de diversão que entretenha a patrulha do Imperador o tempo suficiente para que entremos e saíamos do edifício. Não quero que sobre um único Branco Imperial com tempo livre para investigar precocemente os crimes.

Chimichi atirou para trás o seu cabelo escuro para exhibir um sorriso rasgado e uns dentes espantosamente alvos. Os da frente estavam decorados com pontos, uma moda do deserto profundo. — Keburchi, Deus do Caos — blasfemou com visível gosto. — Já lá vai muito tempo desde que houve uma boa rixa. A vida começava a tornar-se aborrecida.

No entanto, quando chegou ao fim da frase, deu por si a falar para uma sala vazia. Piscou os olhos, espantado, e murmurou: — A mãe do homem era uma maldita sombra. — No entanto, mostrou de pronto uma expressão de concentração. Despachou-se a tratar da sua missão de transformar um dia vulgar e tranquilo no bairro comercial num absoluto caos.

...

Caiu a noite, ensombrecendo ainda mais a escuridão do já de si obscuro armazém. Hokanu agachou-se ao lado de Arakasi, segurando na mão uma mecha em brasa. No exterior, gritos e sons de coisas a partir ecoaram desde as ruas ali próximas; alguém gritou obscenidades sobre o estridor do estilhaço de louças.

— Os armazéns dos mercadores de vinho — murmurou Hokanu. — Daqui a poucos minutos vamos ter companhia. — Parou para mudar a mecha de pano enrolado, que já ardera quase até aos dedos. — As portas deste edifício não são muito resistentes.

Arakasi assentiu com a cabeça, com o seu rosto invisível sob o capuz de sacerdote. Os seus dedos moveram-se, de modo rápido e furtivo, sobre o corpo do transportador, que já há muito passara a fase do *rigor mortis* e começava a inchar. — Estrangulado — murmurou. — Todos eles.

Deslizou para a frente na escuridão, enquanto faixas estreitas da luz brilhante de fogos ou tochas brilhavam por entre as fendas nas paredes de madeira. A concentração dele nunca vacilou.

Hokanu retraiu-se quando a chama que tinha nas mãos baixou ainda mais de intensidade. Ajeitou a mecha e acendeu o derradeiro trapo de linho que conseguiu arrancar da sua tanga já reduzida. Quando olhou para cima, Arakasi andava à procura do corpo do comerciante de especiarias. A corrente do homem e as túnicas de excelente seda tinham desaparecido, pilhadas pelo salteador que Chimichi mencionara. A iluminação projetada pela mecha realçou pormenores suficientes para concluir que o homem não morrera estrangulado. Tinha as mãos contorcidas e os olhos cegos e secos exibiam anéis brancos. Tinha a boca aberta e a língua fora mordida. O sangue escurecera as tábuas e a sua barba estava ainda arranjada e perfumada.

— Descobristes algo — disse Hokanu, ao aperceber-se da rigidez de Arakasi.

O Mestre Espião olhou para cima, com um leve brilho no olhar a insinuar-se por debaixo do capuz. — Bastante. — Voltou a mão do homem, revelando uma tatuagem. — O nosso culpado pertence à Seita dos Hamoi. Ostenta a marca. A sua encenação de um homem residente no outro lado da Brecha revela um planeamento de longo alcance.

— Não é o estilo do Jiro — realçou Hokanu.

— De certeza que não. — Arakasi acocorou-se apoiado nos calcanhares, sem prestar atenção ao estrondo de uma tábua grossa a atingir as pedras da calçada bem perto no exterior do armazém. — Mas estão a levar-nos a pensar assim.

Lá fora, na noite, um marinheiro praguejou e outro homem rugiu em resposta. O barulho da população em fúria aproximou-se, sufocado pelo toque da trombeta a convocar os Líderes de Ataques do Imperador.

Hokanu também considerara o pergaminho com o selo dos Anasati como uma prova plantada. Nenhum filho de Tecuma e nenhum senhor aconselhado por um demónio tão sábio quanto Chumaka alguma vez se subjugaria ao óbvio. — Quem? — perguntou Hokanu, com a rudeza do seu desespero a impor-se. Cada minuto decorrido era um convite que fazia aumentar a probabilidade de nunca mais ver Mara com vida. A recordação dela tal como a deixara, lívida, inconsciente e a sangrar serviu apenas para lhe toldar o pensamento. — A seita pode ser contratada para outros trabalhos além de assassinar? Pensei que os contratos deles eram estabelecidos no anonimato.

Arakasi estava novamente ocupado a vasculhar a roupa interior do comerciante de especiarias. O facto de estar conspurcada pela morte não o deteve, nem sequer o fedor lhe turvou o pensamento.

— A palavra-chave, suspeito, é «contrato». E algum tradicionalista da linha dura neste Império tem riquezas suficientes para atirar correntes de ouro a pedintes só para garantir que temos um rasto para seguir? — Deteve as mãos, deu um salto e mostrou um pequeno objeto. — Ah! — O tom de voz do Mestre Espião era triunfal.

Hokanu viu um vislumbre de um vidro verde. Esqueceu o cheiro a mortos, sempre presente, e aproximou a mecha do objeto que Arakasi segurava.

Era um pequeno frasco. O interior estava revestido por um líquido escuro e pegajoso; a rolha, se algum dia existira, desaparecera. — Um frasquinho de veneno? — perguntou Hokanu.

Arakasi abanou afirmativamente a cabeça. — Tem veneno cá dentro. — Passou o objeto a Hokanu para que este cheirasse. O odor era resinoso e intensamente amargo. — Mas o vidro é verde. Os boticários por norma reservam os frascos desta cor para os antídotos. — Espreitou para o rosto paralisado do comerciante de especiarias no seu horrendo ricto. — Pobre estupor. Pensastes que a mão do vosso mestre vos estava a dar vida.

O Mestre Espião esqueceu os seus pensamentos e fitou Hokanu. — Por isso o provador da Mara nunca suspeitou. Este homem ingeriu exatamente o mesmo veneno que ela, sabedor de que se tratava de uma poção de ação lenta e tendo por garantido que ia ter o antídoto.

A mão de Hokanu tremeu e a mecha tremeluziu. No exterior, deu-se um crescendo nos gritos e o ruído das espadas a entrechocar aproximou-se.

— Temos de partir — alertou Arakasi.

Hokanu sentiu o aperto firme dos dedos no seu pulso, puxando-o para que se levantasse. — Mara — murmurou num acesso incontrolável de dor. — Mara.

Arakasi empurrou-o para a frente. — Não — disse num tom duro. — Agora temos esperança.

Hokanu voltou um olhar mortiço para o Mestre Espião. — Como? O vendedor de especiarias está morto. Como podeis falar em esperança?

Os dentes de Arakasi brilharam de pura satisfação. — Porque sabemos que há um antídoto. E o frasquinho de veneno tem uma marca de fabricante no fundo. — Puxou de novo, rebocando um entorpecido Hokanu na direção da tábua solta do lado das docas por onde haviam entrado. — Conheço o boticário que usa este selo. Em tempos comprei-lhe informações. — O Mestre Espião dobrou-se e escapou-se para o crepúsculo fumegante e odoroso da viela atrás da dos peixeiros. — Tudo o que temos a fazer é evitar a zaragata que o Chimichi começou em nosso proveito, encontrar o homem e interrogá-lo.